

João Gregório Furtado de

BIBLIOTECA MUNICIPAL
"CECÍLIA LESSA"

Tombo N.º 863

Sembrance de

Honora Ferraz

Recife - 25 de julho de 1898

DISCURSOS

E

DIVERSOS ESCRITOS

Officinas

1898, 704

1898, 706

A historia attesta-nos, que o futuro nunca é a repetição do passado.

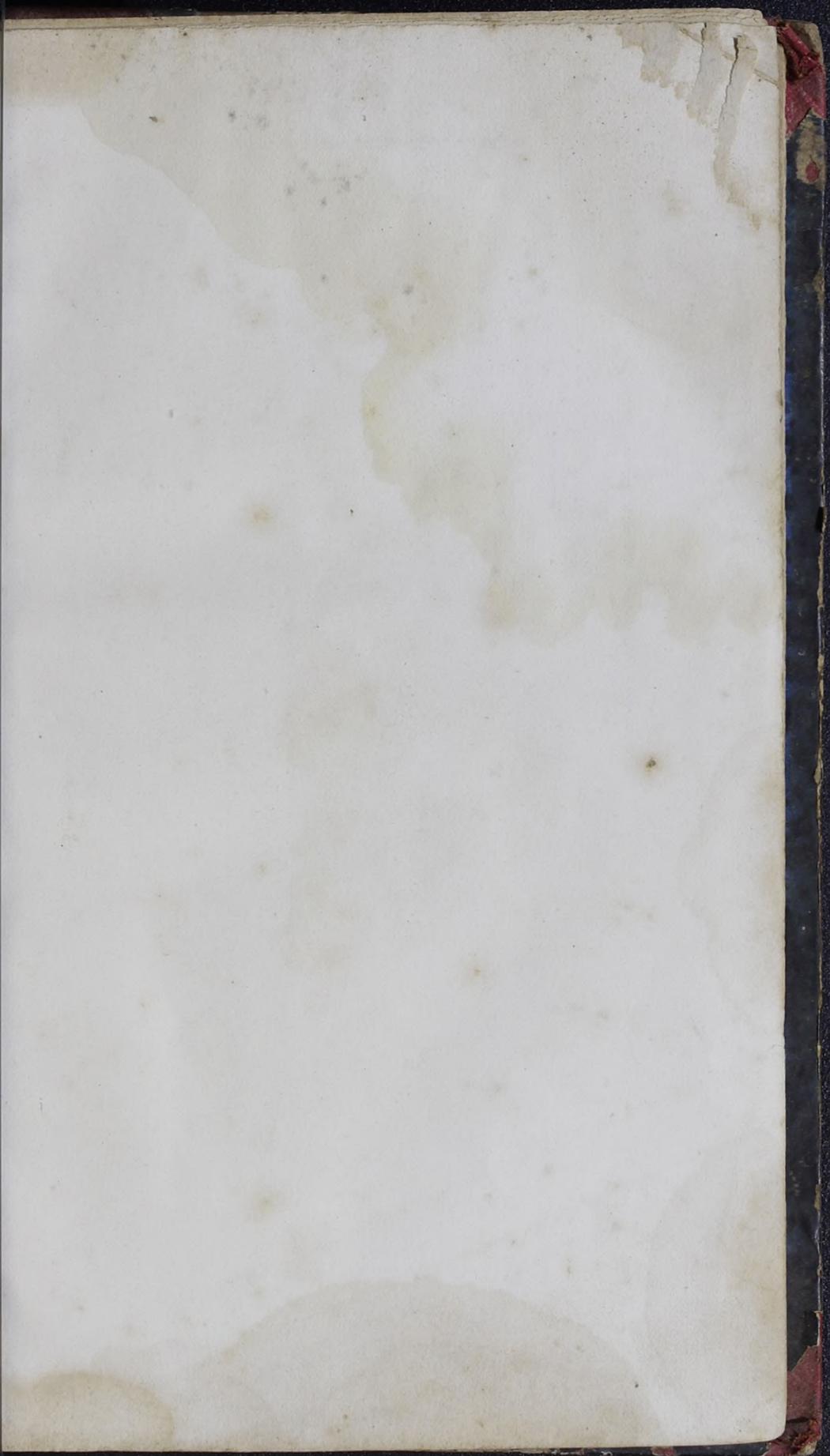
C. CANTU

Omnis dies, omnis hora te mutat.

SENECA

A perfectibilidade implica sempre, mais ou menos, a imperfeição no futuro, como no passado. Se o homem podésse um dia entrar na terra promettida do *Bem absoluto*, não teria mais o que fazer da sua intelligencia, dos seus sentidos, deixaria de ser homem Escolher, enganar-se, soffrer, corrigir-se, em summa, todos os elementos, que constituem a idéa de responsabilidade, são de tal sorte inherentes á nossa natureza sensível, intelligente e livre, são de tal sorte essa mesma natureza, que a mais fecunda imaginação não poderá conceber para o homem um outro modo d'existencia.

F. BASTIAT





Serrano 1871.

Ed. J. Lopez R. N. de los Marqueses 1871 - Edo. de

Dr. Arriago Prieto

LIBRARY

DIVERSON EN RIPTOS

BIBLIOTECA MUNICIPAL

Copyright

263



[Faint, illegible cursive handwriting]

Vicente Thomaz
S. Paulo, 20-8-1874

DISCURSOS

E

DIVERSOS ESCRIPTOS

PELO

DR. APRIGIO JUSTINIANO DA SILVA GUIMARÃES

LENTE CATHEDRATICO D'ECONOMIA POLITICA NA
FACULDADE DE DIREITO DO RECIFE

Advogado nos auditorios da mesma cidade

Natural de Pernambuco



RECIFE

1872

BIBLIOTECA MUNICIPAL

"ORIGENS LISB."

Tombo N

863

1872

PROPRIEDADE DO AUTOR

IMP. MERCANTIL — DE C. E. MÜHLERT & C.^o — RUA DO TORRES N. 10

A' MEMORIA DE MEU PAI

O GENERAL

JOSE DA SILVA GUIMARÃES

Como tenente-coronel commandante do 9.º batalhao d'infantaria, embarcado na corveta "Parnahiba", esteve a' frente do contingente do mesmo batalhao, no memoravel combate de Riachuelo, aos 11 de Junho de 1865

" Depois que eu morrer, meu filho, faze o que te parecer ; mas, até então nada de reclamações. Da campanha do Paraguay estou contente com a consciencia do dever cumprido, com haver acabado de conhecer os homens, e alcançado da Providencia o escapar ás terriveis enfermidades, que alli me atacaram, para vir acabar os meus dias junto a ti e aos nossos. "

Em quanto não uso da triste liberdade, que me foi legada, depositarei aqui alguns documentos contra uma prolongada e cobarde maledicencia, documentos que possuo authenticados, e que já foram publicados nas folhas d'esta cidade. São firmados por dignos officiaes, promovidos e condecorados, a pezar de conselhos de guerra.

E meu Pai, que não foi mandado a conselho de guerra depois do combate de Riachuelo, e sim ao commando de uma brigada, com a qual transpoz o Passo da Patria, ficou em perpetuo esquecimento!! Chego a pensar, que n'esta terra, invertida a marcha da solidariedade traçada pelas leis divinas e

naturaes, pagam os pais pelos filhos!... Devo lembrar, que um dos documentos é firmado pelo escrivão da "Parnahiba", o Sr. José Corrêa da Silva, sobre cujo heroismo nunca pairaram duvidas.

Parte do commandante da "Parnahiba" — O contingente do 9.º batalhão, sob o immediato commando do muito distincto tenente-coronel José da Silva Guimarães, portou-se como era d'esperar de soldados brasileiros. Entusiasmo no acto da abordagem, valor e esforço denodado na luta travada braço a braço com o inimigo, excedem ao melhor elogio.

Do immediato da corveta — Que por varias vezes, no dia 11 de Junho, vi V. S. na tolda da canhoneira, quer antes, quer depois de forçado o passo de Riachuelo. Que a 1.ª e a 6.ª companhias do 9.º batalhão, que formavam as divisões de abordagem da tolda e convés d'este navio, se achavam nos seus respectivos lugares, desde que se avistou o inimigo. Que na occasião em que o Taquary conseguiu lançar um golpe de gente na tolda da "Parnahiba", a 2.ª divisão de abordagem, já desfalcada, não poudo resistir; o que obrigou algumas praças, que escaparam, a refugiarem-se na praça d'armas; sendo que n'essa occasião observei, que V. S. defendeu a escotilha da praça d'armas com um revolver em punho, obstando a que os paraguayos se lançassem sobre nós, o que teriam realisado, se lhes não oppozéssemos tão séria resistencia.

Do escrivão — Que, depois de ser abordada a "Parnahiba" no dia 11 de Junho, e quando o inimigo já tinha tomado conta da tolda, vi V. S. ajudar a defeza da escotilha da praça d'armas, fazendo tiros com o seu revolver, impedindo assim a descida dos paraguayos, o que teriam logrado, se não fosse a resistencia tão decidida, que encontraram na referida escotilha.

Do commissario — Que, durante a passagem da esquadra paraguaya no dia 11 de Junho, vi sempre V. S. em cima da tolda, á frente do contingente do 9.º batalhão, dando todas as providencias que a occasião exigia. Que, quando do vapor Taquary saltou para a "Parnahiba" um grande numero de paraguayos, eu vi V. S. marchando á frente do seu contingente sobre elles, com intrepidez, o que contribuiu para que não continuassem a saltar os inimigos. O que tudo digo sob a minha palavra d'honra.

ADVERTENCIA

Os trabalhos colligidos n' este livro, se o não foram arbitrariamente, não se acham classificados por ordem de datas, nem rigorosamente por ordem de assumptos.

Como este poderia eu publicar tres ou quatro volumes, que para tanto chegariam os escriptos que hei dado á imprensa ----- scientificos, litterarios e politicos.

Fallo n' isto, para que o leitor ajuzze do meu embaraço, escolhendo entre cousas insignificantes as menos insignificantes.

Até onde era possível guardar um certo nexo
entre cousas de si desconexas, procurei chegar.

Quanto á escolha, não cabe a mim ajuizar.

Relevem-me as faltas, que serão muitas.

Não só pelas cem occupaões que me cer-
cam, mas principalmente pelas mil difficuldades
que em Pernambuco (e acredito que em todo
o Brasil) embaraçam a publicação d' um li-
vro, descanso na benevolencia de todos.

Devo agradecer antes de tudo aos subscrip-
tores do meu livro. Sem que me detenha na

descripção da ingratiſſima tarefa de colher as-
ſignaturas em noſſa terra para commettimentos
litterarios, todos comprehenderão, acredito,
quanto devo ſer grato aos que attenderam á mi-
nha ſolicitação. Nestas linhas iniciaes con-
ſagro, com toda a ſinceridade, os protestos do
meu reconhecimento.

Vão ſem alteração na ſubſtancia os discor-
ſos que já foram impressos. Serão declaradas
as notas da presente edição.

Alguns dos eſcriptos politicos, que incluirei

na segunda parte d' este livro, conforme chegar o espaço, serão artigos da "Opinião Nacional" refundidos e afeiçãoados por bem de uma melhor exposição das doutrinas: se todos esqueceram, não esquecerei eu o improbo trabalho de tres annos pela minha idéa politica.—Como na folha, no livro desfraldarei a bandeira da Liberdade, como posso e comprehendendo, sem me preoccupar um momento se estou de accordo com este ou aquelle bando politico. Entendo que na politica, como em tudo,

ninguem deve abdicar a sua personalidade ;
e não me sinto de molde para escravo de um
partido.

ॐ

ॐ

ॐ

ॐ

LINHAS DE PRECAUÇÃO

Nos discursos que vão ser lidos, em muitas passagens e em muitas notas, encontrará o leitor — ora demonstrações da minha coherencia ; ora explicações do meu pensamento de hoje, que mais d'uma vez a malignidade ha procurado torturar, para desfigura-lo ; ora os motivos de modificações que confesso sem tergiversar, porque ellas são filhas de minha consciencia, porque são os resultados de vigílias que vão me gastando prematuramente a vida, de uma reflexão que com toda a severidade procuro seja desprevenida, e alimentada exclusivamente pelo amor á verdade.

Posso ter sido infeliz em tudo ; mas, é da ultima parte que faço mais cabedal, é a ella que vou referir-me mais detidamente.

Posso não ter sido feliz estudando e reflectindo, posso apesar de tudo estar em erro — convenho ; mas, se n'isso vai o compromettimento da minha cabeça desajudada de talentos, concedam-me o sincero esforço para chegar á verdade. Façam o processo á minha intelligencia,

que deixa-lo-hei correr á revelia ; mas, não consentirei nunca, que me neguem a pureza do animo, da vontade. E se negarem, se eu perder o pleito, porque . . . porque o pleito mais justo pôde ser perdido em tribunaes d'homens, terei amplissima compensação no testemunho da minha consciencia.

Franklin, a incarnação da simplicidade ultra-sensata da democracia americana, dizia na Convenção, ao ser votada a constituição :

“ Confesso que ha certas partes d'esta constituição, que eu não approvo no dia d'hoje ; mas, não estou certo de que nunca as approvarei. Tenho vivido muito tempo, e a experiencia muita vez me tem obrigado a mudar de parecer sobre importantes assumptos. Pensava eu ter por mim a razão ; e melhores noções, estudos mais aprofundados, provaram-me que assim não era. Eis porque, quanto mais velho fico, mais me inclino a duvidar do meu proprio juizo, e a respeitar o de outrem . . .

“ Aceito, pois, esta constituição, porque não espero melhor, e porque não estou certo de que ella não seja a melhor. Sacrifico ao bem publico a opinião que tive dos seus defeitos . . . ”

Que modo tão simples e tão digno de enunciar firmemente uma opinião, dando lições de bom senso, respeitando o parecer alheio, e mantendo o proprio com toda a decisão !

Que resposta antecipada a certas figuras de hoje, que, sob os dictames da ignorancia e da ganancia, vivem — umas jungidas a um certo carro, e outras mudando de patronos, todas com a *ufania* propria da sua posição !

Na modificação d'opiniões tudo depende dos motivos : os homens de bem os declinam, e ficam firmes ; os outros esgueiram-se e estendem a mão, vergonhosamente curvados . . .

De quanta coragem, de quanto oivismo não se ha mister, tanta vez, para declinar francamente uma modificação d'opinião, e motiva-la com o accento da convicção !

Se nas relações privadas a tenacidade inconsciençiosa da opinião é um erro fatal, muita vez uma vergonha accusada pela consciencia, e por ventura um crime,

porque na sciencia e na politica não ha de ser tambem assim ?

Se é uma cobardia não recuar, em respeito a falsos pudores, quando a consciencia manda, e isto nos caminhos da vida privada, porque na vida publica não ha de ser tambem assim ?

Haverá duas consciencias, duas proibidades, uma para o homem privado, e outra para o homem publico ?

Demonstrem os homens de bem, que não obedeceram a motivos inconfessaveis, dêem contas de si, descarnem a sua convicção, e passem — deixando no caminho os aleijados e os paralyticos, sem receio de confundirem-se com os acrobatas da opinião : estes não passam, saltam ; saltam muito, é verdade, mas cahem sempre na mesma *taboa elastica*, que abstenho-me de qualificar.

Todos comprehender-me-hão : não faço aqui uma ponte para os inconsistentes pela ignorancia ou pela franqueza de caracter ; sustento apenas que *o homem anda*, e peço o respeito para as minhas sinceras convicções, respeito que hypotheco a todas as convicções sinceras e seriamente motivadas.

Poderia limitar-me a estas palavras, descansando nas passagens e notas a que alludi, e no que talvez tenha de ser comprehendido na segunda parte d'este livro ; a gravidade, porém, dos assumptos scientificos, particularmente dos assumptos religiosos, obriga-me a algumas precauções desde já. Que todos vejam n'isto, quão longe estou d'essa impiedade, d'esse indifferentismo, que adversarios os mais desleaes me têm attribuido pela imprensa, ou (o que é mil vezes peor) têm propalado hypocritamente á puridade.

N'este ponto não é tanto a minha qualidade de mestre que me obriga ; se bem que no meu entender o mestre deve á sua missão uma plena franqueza de suas opiniões *em toda a sciencia que professa*. * E' á minha

* Quero dizer—Se não excluo as especialidades (e mal da sciencia, e da industria, e de todos os ramos d'applicação da actividade humana, se ellas fossem excluidas !), não posso convir, que em corporações d'ensino as cadeiras sejam, para os cathedricos, como que umas ilhas, em que estejam confinadas as diversas partes da sciencia, julgando-se cada um dispensado de tomar a palavra fóra do seu territorio. Seja a scien-

qualidade de pai de familia, é principalmente á minha convicção e á minha fé de catholico que obedeco, detendo-me aqui alguns momentos.

A opinião politica — essa não me tira o somno, desde que nenhuma modificação póde ser-me attribuida, com vislumbre de verdade, a motivo inconfessavel; e desde que a palavra liberdade foi sempre o moto da minha bandeira, aqui ou ali.

A opinião scientifica — essa, mal de mim e dos meus discipulos, se devesse permanecer a mesma do primeiro dia, aos meus vinte e quatro annos, quando me atirei ás grandes pugnas academicas, aos meus vinte e sete annos, quando me sentei immerecidamente em uma cadeira de mestre!.. Não invejo as estatuas do deus Termo.

Mas, a opinião religiosa — essa, espero em Deus, que será sempre a de meus paes, e lhe imploro que seja sempre a de meus filhos: Christo e a sua Igreja, tal como elle a edificou sobre o Apostolado, sendo Pedro a pedra principal; isto é, a Igreja catholica-apostolica-romana.

E significará isto, que eu veja tudo com attributos de divindade na Igreja romana? Que desconheça ahi o elemento humano?

Respondo resolutamente que não. Se tal é *hoje* crime de fogo, accendam a fogueira, e chorem por mim, que morrerei impenitente.

Na Igreja nem tudo é divino. Pretender o que pretendem os ultramontanos de hoje, é cousa que muito mal se comprehende. Os arautos de semelhante pretensão me parecem mil vezes mais criminosos do que os constructores da Babel: estes, querendo resguardar-se, com a sua torre de tijollos, dos poderes de Deus, impli-

cia um archipelago, embora; resida cada um em certa parte d'elle, é de todo o ponto conveniente; mas, que todos transitem, *por direito e por dever*, em todas as partes confederadas. Uma sciencia deixará de ser, se não for uma confederação. A sciencia do Direito, por exemplo, o que ficará sendo, se cada um dos seus ramos for considerado independente dos outros, e do tronco que a todos dá seiva? E não fallo aqui dos brios delicadissimos, que são inherentes ao magisterio, na altura em que elle deve ser comprehendido... Infelizmente, para isto que digo, sobra-me a vontade, e falta-me a aptidão.

citamente lhe rendiam a homenagem do temor; os outros querem mais — querem substituir Deus e o seu Christo por uma pilha d'homens, querem com uma serie de finitos substituir o infinito.

— Desde que ha um elemento humano na Igreja, pôde haver discussão: na Igreja entra o homem com a sua razão e a sua fé, como no mundo entrou o Christo com a humanidade e a divindade.

E' isto, precisamente, o que não concedem os ultramontanos de hoje. Para elles, na Igreja tudo é de fé, porque tudo é divino. Para elles, a fé deixou de ser o *rationabile obsequium*, de que fallou S. Paulo, o Salomão do Apostolado. São novos Mafomas: *Crê ou morre!*

Posta assim a questão, resta-me harmonisar o que escrevi com o que vou escrevendo, o que não me será difficil, pois que no essencial sou coherente com o que fui.

Uma cabal demonstração de coherencia no ponto capital da questão (e em que me podem deslustrar as modificações em pontos secundarios?) uma cabal demonstração encheria centos de paginas, que talvez um dia sejam escriptas, mas que o não podem ser agora; o leitor, pois, permittir-me-ha, que não ultrapasse o strictamente necessario para o meu intuito n'estas linhas preliminares, que importam uma especie de confissão.

Tenho quasi a idade de Santo Agostinho, quando confessou-se e retractou-se. A uma intelligencia de tão alto quilate de dignidade, a uma consciencia de tão alto grão de pureza, que poderam ser a intelligencia e a consciencia de um santo venerado, e muito justamente, como uma das mais brilhantes luzes do Christianismo... a uma intelligencia e a uma consciencia como do filho de Monica, não foi dado ter sempre o mesmo pensamento e o mesmo sentimento. E assim, porque estranhar modificações d'opinião nas creaturas não-privilegiadas?

E não expliquem, os modernos santos ambulantes de sacristias e consistorios, os factos como o de Santo Agostinho, pelos influxos da Graça, e os factos como o do pobre escriptor d'estas linhas, pelos influxos satanicos. Seria um modo demasiado expedito de cortar a questão. Mas, se o fizerem... nem por isso deixarei de ir adiantando o meu caminho. Se a Igreja não julga

de *intinis*, de que serão juizes esses pharisaicos pontifices, que vemos por ahi ?

Desculpem-me a digressão, e alguma phrase com toque d'acrimonia, filha só e só do fogo da convicção: em outras, quanto mais n'estas questões, não tenho contra homens uma gota de fel no coração.

Escrevi, ha onze annos, sobre a infallibilidade e o poder temporal dos Papas.

Nas considerações preliminares ao discurso, que adiante incluirei, sobre *Liberdade de consciencia*, verá o leitor o porque justificativo da modificação das minhas doutrinas sobre a Igreja catholica, e ao mesmo tempo a demonstração da minha coherencia em certos pontos. Entretanto, farei aqui algumas observações.

O peor cego é o que não quer ver; e cegos d'esta especie são os meus adversarios, que não distinguem na Igreja o elemento divino do elemento humano, querem o mesmo tom e a mesma adhesão sobre ambos, e pharisaicamente me attribuem com relação ao primeiro, o que digo com relação ao segundo.

Veja-se o meu opusculo, que me valeu de um illustrado collega a nota de *muito allemão*, e de um dos nossos mais illustrados Bispos (em carta que conservo) uma advertencia, para não *humanisar o dogma* como José de Maistre.

Veja-se o meu opusculo.

Sustentei a these da indefectibilidade da Cadeira de Pedro, como *uma these eminentemente social*. Da necessidade, que tem o homem, de um ponto onde repouse o espirito (e do arbitro começa a traduzir-se essa necessidade nas abstracções do *estado natural*), do facto de ser a Igreja uma *sociedade na terra*, conclui e concluo pela necessidade de um ponto fixo na sociedade ecclesiastica. Mas, porque na Igreja via e vejo o Christo assistindo-a com o seu Espirito, conclui e concluo por uma infallibilidade diversa das de feitura humana. E, porque no meu conceito o homem não póde, sem blasphemia, arrogar-se attributos de Deus, eu não procurava na Igreja um homem-Deus em cada summo pontifice, mas sim, e disse-o formalmente, *um órgão da infallibilidade*. Ainda: firmado no cap. XVII vers. 20 e segs. do Ev. de S. João, eu fazia dimanar a infallibili-

dade da unidade da fé, nos apóstolos e nos discípulos, e nos que haviam de crer no Christo pela palavra d'elles, para que todos fossem um no Pai e no Filho. E dizia ainda: que a Igreja é a depositaria infallivel da verdade, e que Pedro e os seus successores são os claviculários do cofre. Finalmente: concluindo a minha demonstração estava tão longe do meu espirito erigir o papa em homem-Deus, tendo a palavra independentemente dos outros successores dos apóstolos, que repelia, por irrealisavel, a hypothese de achar-se o papa completamente só, porque então haveria apenas a pedra fundamental, e não o edificio.

Em que textos evangelicos poderá estar a minha condemnação?..

Demos, porém, que eu fosse além do que está dizendo este rapido resumo *, o que dever-se-hia concluir? — Que eu havia reconsiderado a questão, depois do celebre *Syllabus* em que o papa arrogou-se a infallibilidade doutoral em todos os assumptos; depois da triste submissão com que os bispos apagaram em si-propios o angustissimo signo de successores dos apóstolos, prostrando-se aos pés do summo pontifice (Paulos antiteticos!) como seus meros delegados; depois, em summa, de um cento de tentativas incriveis no presente seculo, que se resumem n'essa de marcar um lugar no céo ao esposo de Maria, porque una devota foi favorecida com um sonho beatifico lá n'um certo departamento da França, e porque a austeridade do Santo Precursor inhibia-lhe de oppor quaesquer embargos. . .

Preciso de resumir-me.

Sustentei a infallibilidade da Igreja, e ainda a sustento, nos termos em que acabo d'expo-la. Se, porém, sustentei alguma cousa que se pareça com as pretensões ultramontanas de hoje, pretensões segundo a quae *beim se pôde dispensar o Christo*, declaro que retiro quanto disse, porque não quero carregar a minha pedra para um edificio, em que *tudo é Deus menos o proprio Deus*.

* Confesso que, consideradas destacadamente, algumas passagens do meu livro vão por ventura além do que ahí fica; mas, em substancia é isso o que eu disse, e o leitor desapaixonado e attento pôde verifica-lo. As palavras sublinhadas são textuaes.

Quanto á soberania temporal do Papa, o que sustentei? — *Que, segundo o espirito do Evangelho, a soberania temporal não é absolutamente necessaria ao Summo Pontifice, mas tambem não lhe é interdicta.*

Isto ainda sustento; e sou coherente, quando não faço côro de lamentações, pelo que se vai passando em Roma.

Escrevi em 1860. Parecia-me então a situação romana muito outra, do que depois se me foi afigurando: era muito incompleto o meu estudo dos factos. Sendo, porém, a minha these, que — o poder temporal não é absolutamente necessario ao Papa, onde a incoherencia de não forcejar hoje, para que o Papa seja rei em Roma, fazendo execuções, coberto pelas bayonetas estrangeiras, e escoltado de mercenarios de todos os paizes?

Sustentei o poder temporal por bem da independencia do Summo Pontifice. E será independente quem, para figurar de rei, precisa de passar diariamente pelas forças caudinas, praticando actos repugnantissimos e tomando attitudes impropriissimas ao Chefe dos Evangelistas?

Prefiro um pontifice peregrino, unguido pela santidade da *desgraça*, como o mundo a entende, a um pontifice diademado por mãos estranhas para subjugar o seu povo...

Pensei mais detidamente, adiantei os meus estudos theoreticos e historicos. Posso estar em erro; mas, quem com direito de converter o erro em crime, e de pôr em duvida a sinceridade da minha convicção?

E procurarei fundamentar-me, embora apressadamente.

Conta a Igreja 257 pontifices: 95 até o anno 756, epoca em que Pepino deu a Romania, *em recompensa*, ao Papa Estevão pela sancção com que consagrara a sua usurpação; e 162 desde aquelle anno até 1867. D'aquelles 95 foram canonisados 69, isto é, sete decimos; e d'estes 162 só 10 mereceram as honras da canonisação, isto é, a decima-sexta parte.

“Eis pois a Igreja julgando-se a si-propria, diz o probo e illustrado Sr. Julio Favre *. Se não é a domi-

* Discurso no C. Leg., 2 Set. de 1867, sobre a segunda expedição de Roma.

nação temporal que ella tem em vistas, se é o poder espirital em sua pureza e em seu augusto exercicio, é ella propria que nos mostra em seus santos archivos, o que valem essa theoria e esse systema da soberania temporal. E a historia comparece, como sempre, com a sua luz: desde que sentaram-se em um throno temporal, os Papas têm esquecido muita vez a sua missão, e em muitas circumstancias têm pactuado com toda a especie de iniquidades. Se eu quizesse excavar a historia, não me seria difficil provar, que certos reinados de Papas hão sido mais sanguinolentos e maculados, que os de qualquer outra das monarchias humanas. ”

Gregorio XVI, e alguns dos seus antecessores, não quizeram, convenio, cousa muito diversa do que pretendeu o actual Pontifice com o seu *Syllabus*. Mas, confesso-o, eu não estava senhor d’isso, quando publiquei o meu livro.

Vejamos algumas das proposições contrarias ás condemnadas no *Syllabus*, isto é, algumas das *verdades* propostas pelo actual Pontifice, como condições de bom catholicismo:

— Os reis e os principes não são isentos da jurisdicção da Igreja, e são sujeitos a esta, quando se trata de solver conflictos jurisdiccioaes;

— A sciencia das cousas philosophicas e moraes, como das leis civis, póde e deve ser submettida á autoridade ecclesiastica;

— O governo temporal do Papa está de accordo com os principios liberaes da Europa;

— Em nossa epoca é util, que a religião catholica seja considerada a unica religião do Estado, com exclusão de todos os outros cultos;

— E’ sem razão que em alguns paizes catholicos a lei ha facultado aos estrangeiros, que n’elles vão estabelecer-se, o gozo do exercicio publico do seu culto;

— E’ certo, que a liberdade civil de todos os cultos, e a plena facultade conferida a todos de manifestar aberta e publicamente todos os seus pensamentos e opiniões, lança mais facilmente os povos na corrupção dos costumes e do espirito, e propaga a seita do indifferentismo;

— O pontifice romano não póde e não deve recon-

ciliar-se com o progresso, o liberalismo e a civilização moderna;

E como estas muitas outras.

Perante estas doutrinas de duas caras (uma para os paizes catholicos e outra para os acatholicos), perante estas pretensões *dominicanas* em pleno seculo XIX, qual será o amigo da liberdade e dignidade do homem, liberdade e dignidade com que tanto se conforma o Evangelho, que não sinta suscitar-se-lhe o espirito de resistencia?

Segundo o *Syllabus*, como com todo o vigor da logica argumenta o Sr. Julio Favre, os magistrados temporaes dos paizes catholicos devem ir buscar a investidura em Roma; é confiscada a sciencia, a lei civil, a liberdade de consciencia; em summa, proclama-se o divorcio do catholicismo com o progresso: de um lado a sociedade civil, com todo o seu poder que acaba de brotar, jovem por suas forças, e jovem por suas aspirações, e do outro pontifice que vem fazer-la recuar até a meia-idade *, até o esquecimento de todas as conquistas que ella pôde accumular.

E o proprio Napoleão III, aliás tão bemquisto em Roma, pelas bayonetas com que salvou o poder temporal do Papa e arruinou o seu, não disse, em carta de 20 de Maio de 1867, que — as resistencias do Santo Padre eram causa principal da desordem moral que irrompe na Europa?

Estarei *ipso facto* excommungado por esta questão da infallibilidade e do poder temporal? Pois insistirei ainda com algumas linhas, porque não pretendo voltar facilmente a esta contenda.

* O Sr. Dr. Pereira Jardim, nos seus *Estudos sobre o Direito Financiam*, transcreve o texto de uma carta do bispo de Paris, em 1242, na qual dava licença para o casamento de dous servos de diferentes senhores, *sob condição de repartirem os filhos com elle bispo*; e refere que, em aforamento do mosteiro da Santa Cruz em Coimbra apparece consignada a obrigação de *uma carreira de colo depois do jantar*, sendo que tal obrigação consistia em o colono passear S. Revm. o Sr. D. Abade ás costas, depois do jantar, quando pousava no casal. . .

Se dão em fazer colheita de dogmas na idade-media, que fortuna para a sociedade moderna!

Acabamos de ler as narrativas do grande espectáculo do concilio do Vaticano; e ahí encontro eu, com a autoridade de illustres bispos, optimas escusas para os meus erros. Declinarei algumas. Quando escrevi o meu livro, mal comprehendia eu o que era *materia de costumes*; achei na doutrina a expressão *fé e costumes*, tentei em uma nota a explicação, e passei adiante. Agora esperava, que no concilio se fizesse a luz para tudo; e entretanto ninguem em consciencia, supponho eu, poderá dizer, á vista da discussão, até onde vai a infallibilidade, o que é materia de fé, o que é materia de costumes.

Ora folhas ultramontanas aventuram, *que a bocca infallivel do Papa proclamará, de accordo com seus irmãos, as vontades divinas sobre o mundo*. Parece que os designios providenciaes passam a ser devassados, que já se não trata das doutrinas de Christo sobre o homem, mas dos planos de Deus sobre o mundo. E' a estrada franca para a supremacia pontifical em tudo, é a refutação d'aquella sublime distincção feita pelo Salvador entre Deus e Cesar. *

Ora é monsenhor Deschamps, *um dos chefes da maioria no Concilio*, explicando as condições da inerancia no pontifice romano, e dizendo que a infallibilidade não é — *nem pessoal, nem absoluta, nem exclusiva*. Mas, acodem outros, tambem infallibilistas, fazendo distincções incompreensiveis; por exemplo: Jesu-Christo constituiu os bispos *juizes da fé*, serão elles *sempre consultados nas questões de grande importancia*, mas o seu concurso não é *absolutamente* necessario e essencial.

E o que ficam sendo estes *juizes* constituídos pelo Christo?

Monsenhor Maret sustentou a infallibilidade na Igreja, sendo o Papa o seu orgão, mas sem dispensa dos Bispos. Não, acodem os puritanos, os Bispos têm um *direito divino* nas materias de fé, mas esse direito não adhere *essencialmente* á infallibilidade.

Quem pôde comprehender esse *direito divino*, que não é divino?

* Tenho á vista o *Rosier de Marie*, folha insuspeitissima para os ultranontanos, folha religiosa de mais circulação na França, e que tem merecido toda a especie de distincções da Sé de Roma.

Eis a synthese:

— A infallibilidade não é *pessoal*, posto que resida no pontifice romano *verdadeira e realmente*.

— Não é absoluta, porque o Papa nada pôde definir, que não esteja no deposito da divina revelação, e que não esteja *na consciencia da Igreja*, pela acção do Espirito Santo.

— Finalmente, não é exclusiva, porque a *maioria dos Bispos* estará sempre com o Papa pela virtude do Espirito Santo, que influe *nos juizes da fé*, ao mesmo tempo que influe n'aquelle que é a bocca da Igreja.

Quem pôde comprehender isto? Quem pôde comprehender o Espirito Santo influindo nos *juizes da fé*, e deixando espaço a luctas, a maiorias e minorias? Quem pôde comprehender o Espirito Santo influindo a verdade ao Papa, e a duvida (ou o erro?) á *minoría* dos Bispos? Quem pôde comprehender esses homens, que impugnam, e com razão, que a maioria seja sempre a expressão da verdade e do direito na sociedade civil, e fazem depender de uma maioria a verdade na Igreja?

Uma nova Babel se levanta. E porque criminar a mim e a outros, que nos confundimos com a diversidade das linguas?

Affectando querer fazer do homem um anjo, a Igreja trata-o como a um irracional. Isabel d'Inglaterra admittia a liberdade da palavra, a qual, dizia ella (santa mulher!) que consistia na faculdade de dizer sim ou não. A Sé de Roma como que pretende tirar-nos, o que tão generosamente nos deu a rainha ingleza: a athmosphera anda impregnada d'excommuniões por qualquer monosyllabos...

E agora, povos, applicai os ouvidos e aprendei: reis e pontifices, deuses e cesares, entendem-se, ainda que sejam cesares prussianos.

“ Assim como ha atheismo e blasphemia, dizia o piedoso Jacques I da Inglaterra, em disputar a creatura sobre o que Deus pôde fazer, tambem ha presumpção e sedição em disputar um subdito sobre o que o rei pôde fazer. ”

Mais do que nunca esta é agora a doutrina politica de Roma. Seja um Jacques I, que negou a liberdade religiosa aos Irlandezes, seja um Guillierme da Prussia

incarnação do lutheranismo, seja uma Isabel d' Hespanha presenteada com a rosa d'ouro *por suas virtudes*, seja um Napoleão III perjuro e hypocrita, todo o rei é bom, todo o rei é divino, se não é Victor Emmanuel, se não embarga, que o Papa seja rei *contra a vontade do seu povo*.....

Devo ir caminhando para a conclusão, pois como que sinto o agulhão da impaciencia do leitor.

Fui um ultramontano *enraivado*, e sou hoje um renegado? — Deus ha de julgar-nos a todos. . .

E porque não me acompanharam para a extirpação do paganismo no ensino? *

Contra a opinião de S. M. I. o Sr. D. Pedro II, opinião que se dignou de communicar-me, na mesma occasião em que me communicou que consentia em ser inscripto o seu nome á frente do meu livro †, publiquei dous volumes impugnando o ensino paganico, que até nos seminarios e nas escolas de jesuitas de todas as côres se ministra, sob o nome philosophico de humanidades; e ninguem me acompanhou: fui a voz clamando no deserto!

Essas não foram arrhas sufficientes de um espirito christão; mas, é prova abundante de um espirito satânico, uma que outra observação sobre a marcha temporal da Igreja, sobre a sua condição como sociedade *militante*, sociedade d'homens!

Ainda que todas as gerações do seculo XIX fossem d'estupidos peixes, não seriam os modernos Antonios, que os convocariam á tona d'agua. . .

O que pretendem os ultramontanos do dia d'hoje,

* Acaba de annunciar-me um laborioso e intelligente amigo da Parahyba, que sob o titulo *Ensino Christão* vai publicar um livro para uso das classes secundarias, no sentido da propaganda de Gaume, Ventura e outros. Será ainda um leigo, provocando os padres a que deixem o paganismo!

† Primeiro do que ninguem, S. M. ficou de posse da minha idéa, pois que tive a honra d'entregar-lhe em manuscrito a dedicatória, que se lê á frente do primeiro volume dos *Estudos sobre o ensino publico*. Não continuei as publicações, porque enormes foram e seriam os sacrificios, e prompta foi a convicção, de que pregava e pregaria no deserto.

com a sua idolatria de pontífices e sub-pontífices, com o seu ridiculo *noli me tangere* a respeito de todos os que vestem sotaina ou se filiam a uma certa seita, em cujo labaro se inscreve *Devoção ao Papa?*

Nem tanta ira em ânímos celestes. . . Não reduzam tudo a dogmas, que acabarão com os dogmas. . . Não esqueçam o *rationabile obsequium*, não cavem muito fundo no campo da fé, que bem podem chegar á agoa da duvida. . .

Nada estou dizendo, que já não tenha dito. Se ha mudança hoje, é nas formas, porque tambem o *tempo mudou*. Nunca fiz da razão humana um brinco em mãos de padres, antes sempre defendi-lhe os fóros, sem excluir a fé, que tinha e tenho, e espero em Deus terei sempre, no Christo e no seu Evangelho. Nunca fiz do catholicismo um irmão gémeo do absolutismo, antes preferi sempre conjunctamente Evangelho e Liberdade.

E provo.

Fallando aos alumnos de Direito Ecclesiastico em 1860, * dizia-lhes eu :

“ O Christo das ruas e praças de Jerusalém, o mestre dos pobres, das mulheres, dos meninos, dos grandes e dos pequenos, o primeiro araigo do homem, deixaria de ser o Salvador, se fosse o continuador do empenho dos despotas, a *reducção do homem a bruto pela eliminação da razão*. E pois, penso eu, nos sacerdocios do pulpito, da cadeira de mestre, ou da imprensa, deve-se dizer ás ovelhas ariscas: — Prego a fé de Bourdaloue, aproximai-vos, e não temais pela vossa razão. ”

Vê-se que foi sempre o meu empenho conciliar a razão com a fé, como é hoje o meu empenho conciliar a liberdade com a religião: em substancia reduzem-se a um os dous empenhos.

Disse ainda no mesmo discurso, comparando, com um grande vulto das letras sagradas, a razão e a fé á nuvem milagrosa, que servio de guia aos Israelistas no deserto — luz d’um lado, sombra do outro :

“ Fé e razão, luz e trevas! A fé — inspiração, graça; a razão — o vaguear do homem desajudado nos

* Discurso impresso no 1.º vol. dos *Estudos sobre o ensino publico*.

domínios do infinito! A fé — a luz que espanca o horror das trevas da razão; a razão — *as trevas que amparam do offuscamento da luz da fé.* ”

Nunca levei, pois, o meu ultramontanismo ao ponto de eliminar a razão, *mesmo nos domínios do infinito*, isto é, mesmo onde o homem é com a simples razão não pôde penetrar: ahí a fé, mas conjunctamente com a razão; as sombras amparando do offuscamento da luz. Foi sempre para mim a fé o *rationabile obsequium*; que no meu conceito Deus não havia esquivado a nuvem milagrosa aos Israelistas da Nova Lei. Nunca entrou nos meus planos honrar o Creador com o aviltamento da obra prima da criação, com o aviltamento d'aquelle que traz em si o signo augustissimo da Trindade, como tão eloquentemente explica Ventura de Raulica.

Disse finalmente:

“ Eis a razão catholica, a razão do homem. Nem tão alta que pretenda invadir os domínios de Deus, nem tão baixa que perca o predicado de dom nobilitador do homem. Nem tudo fé, porque o homem passaria a ser anjo, nem tudo razão, porque o homem passaria a ser bruto. *

“ A razão serve da fé, *como o homem é servo de Deus.* Assim como Deus *tem attenções* com o homem, e lhe deu *a liberdade*, sem deixar de ser senhor do céu e da terra, assim a fé, esclarecendo a razão, *não aniquila os foros desta.* ”

Vê-se que, se eu invocava *as attenções* do Supremo Senhor nos influxos da sua Graça, como ensina a mesma theologia, jámais poderia convir n'esses modos *autocraticos*, com que a Sé de Roma pretende levar hoje as questões de fé. O que falta para accender as fogueiras?

Mais positivamente dizia eu em 1862, † fallando

* Discurso que foi impresso em folheto.

† Porque pensava, e *penso*, que o homem puramente racional seria o homem sem um élo, que o prendesse intima e substancialmente ao seu Creador; seria consequentemente o bruto: E' claro que, se repillo o *ultramontanismo* que foi repellido pelo virtuoso Montalembert nos seus ultimos dias, não queimo incensos ao *racionalismo*. Posso estar em erro; mas, não me domina o espirito de seita: procuro acertar.

na mesma Cadeira de Direito Eclesiastico, por bem do consorcio entre a religião e a liberdade:

“ Os politicos de hoje têm procurado fazer passar, que catholicismo é inimigo da liberdade... Deus me permitta poder um dia debellar esta falsidade... ”

E accrescentava, com a autoridade de Montalembert: *

“ A liberdade dos povos está muito e muito nos interesses da Igreja... Sob o regimen parlamentar a Igreja não domina na ordem politica, o que aliás não está nos seus designios, nem nos seus interesses; mas, tem o que vale muito mais do que o poder, tem direitos. ”

Data, pois, de longe a minha ancia de alliar a religião á liberdade; intuito por força do qual concluia em 1862 o meu discurso, dizendo aos meus dissipulos:

“ Tratai de plantar a arvore da Religião. Quando esta dêr fructos vereis que *todos são fructos de Liberdade.* ”

Finalmente, no meu discurso lido em 1864, na Cadeira de Direito Publico e Constitucional, acha-se declinada a minha aspiração de *liberdade em tudo*, acha-se comprovado o meu esforço para a prova de fraternidade entre christianismo e liberdade.

Em substancia, pois, abstracção feita dos detalhes e dos modos de ver alguns pontos secundarios, ha muito quero o que hoje quero, liberdade e cruz. E aliás, quando mesmo assim não fosse, onde estaria a sensatez e a probidade do firme proposito em ser marco de pedra? Bemaventurados os que nunca pensaram e nunca escreveram, que d'esses é o privilegio da coherencia: não mudam de opinião, porque nunca tiveram opinião. .

.....
Que agora trabalhe a congregação do Index sobre estas pobres linhas.

Felizmente (é crenga minha e de todo o bom catholico) os homens, de sotaina ou não, jámais poderão metter a pique a barca de Pedro. Se o podessem, já o teriam feito, e em Roma, o mais abrigado dos portos d'essa barca!

* *Des intérêts catholiques au dix-neuvième siècle.*

Ameaçam a cada momento todo e qualquer que não diz *amen* aos artefactos jesuiticos, que tão grosseiros são quasi sempre! Vivem pharisaicamente a dar diplomas de bons e máos catholicos, como se a Igreja de J. C. fosse uma propriedade por elle *doadada*, sem condições, á certa gente! Como se elle houvesse abdicado plenamente em homens a sua ineffavel e nunca suspensa prerogativa de Salvador!

É porque tudo isto, Santo Deus?

— Porque não vemos um milagre, em cada vez que o Papa se restabelece de una enfermidade; * porque não consideramos reliquias sagradas pedaços de seus vestidos; porque. . .

Nem tanto!

Figura no cathalogo dos Santos um homem que se chamou Carlos-Magno, e que foi rei (o que é meio caminho para ser Santo).

Ora, Carlos-Magno redigia muita vez as suas capitulares por modo de simples interrogações.

Por exemplo:

“ Alcançai dos bispos e dos abbades, que nos declarem com verdade, o que significam estas palavras de que elles tanta vez servem-se — *renunciar o mundo*; e quaes os signaes por onde se possam bem distinguir, os que renunciam dos que não renunciam o mundo. Consistirão taes signaes nos simples factos de trazer ou não trazer armas e de ser ou de não ser *casado* publicamente? Perguntai tambem, se renunciou o seculo quem trabalha todos os dias, *por todos os modos*, em augmentar as suas posses, *ora promettendo a bemaventurança do reino do céu, ora ameaçando com os supplicios eternos do inferno*; ou quem aliás, *em nome de Deus ou de algum santo*, despoja um homem rico ou pobre, *d'espírito simples e pouco avisado*. ”

Como se vê, diz um conspicuo historiador que tenho á vista, Carlos-Magno não podia ser mais significa-

* Um correspondente de Roma para o *Rosier de Marie* cita factos (sempre sem os nomes dos agentes, e em logarejos) de mães que offereceram a Deus a vida de seus filhinhos pelo restabelecimento do Papa; e Deus acceitando a offerta, pois os meninos morriam, quando a Papa levantava-se. . . Que Deus! Que mães! Que Papa!

tivo nas suas prescripções do que nas suas insinuações. Era preciso, que a corrupção e a dominação dos padres já tivessem assumido no seu tempo um caracter muito grave, para que elle se houvesse deliberado a dirigir-lhes tão severas mercuriaes .

Em outras passagens Carlos-Magno recommenda aos padres (note-se bem) que não jurem, que não se embriaguem, que não frequentem os máus lugares, que não sustentem mulheres, e que *não vendam muito caro os sacramentos* ; e a usura, que era então um abuso commum nos clerigos e nos seculares, é reprimida sempre e sempre nas capitulares.

Não só o rei de hoje que *legislasse* taes cousas, mas tambem o simples fiel que as *dissesse*, seria réo do fogo... do Vaticano. Victor Emmanuel não está excomungado? A Montalembert não foram disputados os ultimos suffragios?

Pois Carlos Magno foi mais feliz. Elle que tinha indubitavelmente muitos dos vícios do seu tempo (falla o historiador), elle cujos costumes não estão sempre d'accordo com a rigidez das suas capitulares, mereceu da Igreja em sua vida o nome de Grande, e depois de morto o nome de Santo.....

Vejo que sigo um caminho mais longo do que tendia, e do que me é licito em uma simples introdução. Para quem e para que ia eu prolongando indefinidamente estas explicações? Cumpre-me repetir o que escrevi, ha mais de dez annos; — “Applaudam-me ou não, o meu primeiro juiz é a minha consciencia; se a cabeça não viu o bom caminho, o coração quiz vê-lo.

O que pensei — está escripto; o que penso — vou escrevendo. Este sim, confesso-o, é o meu grande peccado. Porque não fiz e não faço, como tantos *prodigios de coherencia* que por ali passam? Nada pensaram e nada pensam, nada escreveram e nada escrevem, e estão chegando aos astros...

Não sei se estou em máo caminho, não querendo emparelhar o dogma da Conceição ao dogma da Infalibilidade, porque vejo ali o *quod semper et ubique et ab omnibus*, que não vejo aqui...

Não sei se estou no melhor caminho; mas, Deus,

que lê nos corações, sabe que digo com toda a convicção, como ha dez annos: — “ Os poetas enganaram-se na data: a idade d’ouro está muito longe, no futuro, symbolisada n’uma cruz de páo. ”

Quando em 1861 publiquei um discurso d’abertura do curso de Direito Ecclesiastico, disse: — “ A observação ainda não está completa, o estudo ainda não está adiantado, o systema ainda não póde traduzir-se no papel: só faço por ora tomar apontamentos. ” Póde haver maior franqueza?

Combati contra a impiedade? — Ainda combato.

Fiz acto de submissão ao Christo e á sua Igreja? — Ainda estou no mesmo posto. Salvo se querem erigir em dogma cada gesto e cada palavra do Summo Pontifice, cada cartilha e cada concepção de convento ou confraria ou *collegio*, com o visto das congregações romanas...

Quero hoje algum despropósito, querendo alliar o Evangelho á Liberdade? — Pois sempre o quiz, e provo. Em 1862, como já notei, fallando aos meus discipulos de Direito Ecclesiastico, eu lhes dizia: — “ Tratai de plantar a arvore da Religião. Quando esta arvore dê fructos, vereis que todos são fructos de Liberdade. ” Recebendo o grão de doutor na Faculdade de Direito do Recife em 1856, o meu primeiro brado foi pela Liberdade, escudada com a Religião. Fallando pela primeira vez como Lente, em 1859, hastei o lábaro da Liberdade, affirmando que sempre seria a minha primeira e a minha ultima palavra — Deus! Em 1864, fallando aos alumnos de Direito Publico e Constitucional, no discurso a que já me referi, dizia-lhes: — “ Sigo a bandeira do Sr. de Montalembert, com a seguinte divisa: *Igreja livre no Estado livre*. Esta divisa, como diz o grande escriptor e o sincero catholico, é a salvaguarda dos catholicos, e como que a pedra de toque dos liberaes. Esta divisa distingue claramente os *catholicos liberaes*, dos catholicos intolerantes que não querem *Estado livre*, e dos liberaes inconsequentes que não querem *Igreja livre*. ”

Em substancia, pois, procuro resolver ainda o mesmo problema: — Dar a Deus o que é de Deus, e a Cesar o que é de Cesar: alliar a Religião á Liberdade.

Procuro apanhar uma sombra? Tremeria pelo catholicismo, no dia em que me convencessem da impossibilidade da alliança. Felizmente, porém, tal convicção nunca me entrará, pois com toda a alma creio na divindade do Christo, e para mim o Deus-Homem significa — no céu a Gloria e na terra a Liberdade. O que pôde significar o dogma da Incarnação, a não ser a nobilitação de *todo o homem*? E o que é o homem nobilitado, se não é o homem libertado? *

O leitor tem direito a perguntar-me, porque e para que tão longa justificação; e corre-me a obrigação de responder.

Em máo dia de 1867 dispuz-me a prestar com serio esforço o meu tenue contingente á idéa liberal: fiz-me jornalista politico. Por tres longos annos foi-me a *Opinião Nacional* cavallete de torturas. Não fallo de sacrificios pecuniarios. Na imprensa encontrei sempre, desde o primeiro até o ultimo dia, n'esta terra de Pernambuco, tão diversa do que já foi, adversarios que me negaram pão e agoa, e tentaram ferir-me em todos os sentidos: de nada me serviu o pretender sempre elevar a questão de principios, o declinar e analysar os factos evitando quanto possivel os nomes proprios; foram tantas e taes as investidas, que, máo grado meu, em mais de uma occasião fui levado a investir tambem, que a paciencia tem limites.

Desde *analphabeto* até *miseravel e sem pudor*, tudo me jogaram, e tudo resvalou pelo escudo do meu desprezo: o escriptor, o advogado, o lente, o politico, o pai de familia, o parente, o amigo, em summa — até as mesmas relações particulares e o meu modo de trajar, tudo

* E' crença que se me enraiza mais e mais no fundo do coração, que o Christo humanisou-se por todo o homem, e para todo o homem. Como, fóra mesmo da Igreja que elle fundou, operam os influxos da sua Graça, não sei eu, nem ninguem soube nem saberá; mas, não comprehendí nunca, nem nunca comprehenderia, um Deus-Homem redemptor *de poucos*, conforme certos explicadores da sentença *Extra Ecclesiam nulla salus*. Estreitar a acção do Christo á meia duzia d'homens, que blasphemia! O rio de sangue do Calvario vai por occultos meatos confundir-se no oceano da misericórdia de Deus.

serviu de pasto a entes, que não qualificarei... Sinto hoje, não ter feito uma lista dos convícios que me foram arremessados, para exara-la aqui.

Desprezei tudo: só de longe em longe respondia (aos amos, que aos lacaios da imprensa adversaria nunca responderia), e seguia o meu caminho a serviço da idéa liberal: não perdoaria a mim-proprio o haver-me perdido, por attender aos brados de certos entes...

Mas, *a calunnia quando não fere tisna*, diz o povo; e eu sempre tive e tenho em vistas dar opportuna e cabal resposta. Zelarei sempre para os meus filhos, como unico legado, a sinceridade dos meus sentimentos, a inteireza da minha consciencia, a convicção das minhas opiniões; e não esquecerei um só dia este empenho sagrado.

Eis o porque de tão longa justificação.

A questão politica não tem aqui muito cabimento; e, pois, limitar-me-hei a alguns factos, que por mim fallam muito alto, dizendo por ventura que fui um politico de fracos alentos, mas nunca que fui um politico interesseiro: concedam-me a ultima, que não faço questão pela primeira.

Formado ha quasi vinte annos, o que tenho sido eu *aqui em Pernambuco*, terra do meu nascimento, *theatro das minhas torpezas?*

Tive assento na assembléa provincial, legislatura de 1854 — 1855; e isto por virtude d'uma eleição que correu quando me achava no Ceará, alcançando por intermedio dos meus amigos d'alli quasi unanimidade no collegio do Ouricury, sem o que teria baqueado a minha candidatura. D'então á vante, só em 1863, quando ainda alliado ao partido progressista, do qual em breve me separei, voltando aos *malditos* arraiaes liberaes que eram os meus desde 1860, só em 1863 tive a honra do eleito-rado. E nada mais.

Se eu era politico interesseiro, se me fazia *ad imaginem* de dominadores, a quem se diz que eu *servia*, e que sabem muito bem do contrario, como explicar que por vinte annos nada tenha eu merecido dos favores politicos em Pernambuco?

Militei no partido conservador do Ceará em 1852, é verdade; mas, ao menos em quanto vivem certos che-

fes conservadores, quererão fazer d'isto uma questão comigo ?

De 1854 a 1856 tive assento na camara dos deputados, como representante *pelo Ceará*. Occupei a tribuna por mais de uma vez em cada uma das sessões. Desafio a que me apontem um só discurso que não fosse de reparos opposicionistas : lembra-me até que, vencendo considerações de profundo respeito e decidida amizade, fallei contra um projecto de reforma judiciaria do Sr. conselheiro Nabuco, para desviar, dizia eu, *os golpes contra a imprensa, cuja repressão se queria tirar da competencia do jury, e contra o jury que se queria subordinar a planos autoritarios*. Graças a Deus, foi sempre assim a minha bandeira *conservadora*.

Tambem na assembléa provincial de Pernambuco não estive mudo. Que me apontem uma palavra ao menos, que me faça, ainda que de longe, solidario com uma certa olygarchia de provincia, a que desde estudante, e como podia, declarei guerra. Se procurarem bem, hão de achar que fui ali cobardemente desfeitoado por quem, *desde o primeiro dia*, irritou-se com a tempera do meu character, porque *tudo deve cessar perante Jupiter*. Graças a Deus, que nada vejo para envergonhar-me, na minha antiga e rapida attitude *conservadora*. *

Repugna-me continuar n'este assumpto, que tão pouco pôde interessar o leitor ; e concluindo lembrarei o seguinte : — A minha unica distincção, e a garantia do parco pão de meus filhos, é o lugar de lente, depois de tres annos de uma luta infernal, em que ficou por uma vez compromettida a minha saude, depois de uma quasi reprovação na defeza de theses, depois de quatro concursos por entre um cento de sacrificios, que não devem sahir da arca das tradições do meu pobre lar. †

* Quando um dia for eu obrigado a uma autobiographia politica, farei todas as revelações, direi toda a verdade, escreverei todos os nomes proprios que sejam precisos, para que me julguem com toda a segurança : confessarei sempre os meus erros ; mas, demonstrarei sempre que n'elles nunca foi d'envolta a minha dignidade.

† Não vai n'isto uma desattenção ao illustrado collega Dr. Manoel do Nascimento Machado Portella, que foi proposto quando eu fui reprovado ; nem ao não menos illustrado collega

N'este ponto continuem a fallar á vontade; não cabe aqui, repito, mais prolongada resposta, que um dia achará ampla oportunidade, eu o espero.

Quanto á questão scientifica, que tão intimamente se prende á minha dignidade de lente, o meu unico thesouro e a tanto custo adquirido, e quanto á questão religiosa em que não perco de vista os meus filhos, essas deviam merecer-me a amplitude com que as tratei.

Tão seguro estou da acquiescencia do leitor, que ousarei ainda escrever algumas linhas.

Esta foi a vez dos salteadores das lettras; contem comigo um dia os salteadores da politica.

Montesquieu é arrastrado e joguetado por idéas contrarias. Ora defende a liberdade, ora as prohibições; e as suas obras, diz um economista, têm servido de arsenal a todos os partidos — philosophicos, economicos e politicos, porque ali se encontram argumentos favoraveis a todas as causas. Conclusão dos meus adversarios de Pernambuco: Montesquieu foi um *miseravel*.

Nas obras economicas de J. J. Rousseau deparam-se as mesmas contradicções e as mesmas incertezas de Montesquieu. Conclusão dos meus adversarios de Pernambuco: J. J. Rousseau foi um *analphabeto*.

Say, o grande J. B. Say, o rival de A. Smith, em má hora sustentou, que o trabalho dos escravos era mais productivo que o dos homens livres; e teve a boa fé, diz Blanqui, de reconhecer *publicamente* que se havia enganado, pois elle não perdoava a *perseverança no erro*. Conclusão dos meus adversarios de Pernambuco: J. B. Say foi um *miseravel* e um *analphabeto*.

Com os miseraveis e analphabetos tenho eu tido paciencia, e espero em Deus tê-la sempre. Acho de grande alcance o dito de Epicteto:— “ Quem não é senhor de si, ainda que o fosse do mundo inteiro, seria sempre um escravo. ”

Robert Peel em 1835 impugnava o *income-tax*; e em 1842, sete annos depois, era um convertido ás dou-

Dr. João José Pinto Junior, que sempre justamente me precedeu na lista de proposta. Quero mostrar apenas, que na minha ousada pretensão encontrei sempre stricta e rigorosa justiça, e nunca um favor.

trinas da troca livre, tinha abjurado as suas convicções sobre a lei dos cereaes, e dava o seu voto ao *income-tax*. Foi um miseravel ?

Ninguem pensará, que preparo o terreno para os saltimbancos da politica : bem comprehendo, que *nobreza obriga*. Todo o homem deve ter a coragem e a boa fé das suas opiniões ; ninguem, que tenha consciencia de si, quererá systematicamente representar de marco de pedra. Entretanto, póde haver occasião, em que á modificação de opiniões devem andar annexos certos protestos e certos actos. Um homem, por exemplo, combatendo em linhas de opposição a um governo, e convertendo-se ás idéas d'esse governo, deve ter a coragem civica de publicar a sua conversão ; mas, deve ter a nobreza de protestar e fazer certo que d'esse governo não accètará um só favor pessoal. Nas fileiras de um partido de opposição, um homem de bem adiará antes a realisação da sua idéa politica, do que irá pedir auxilio a adversarios que estão no poder. Compreendendo, porém, a inversa : que um homem deixe com todo o desassombro, e sem grandes cautellas por sua dignidade, a Cápua do poder pelas regiões caniculares da opposição.

Pela minha parte (será defeito de organisação) quasi toda a minha vida de homem publico se tem passado em arraiaes opposicionistas.

E ainda bem, que n'isso fundo principalmente a defeza da minha dignidade.

Comprehendo Robert Peel votando com os seus amigos o *income-tax* ; e comprehendo Robert Peel deixando o poder, para não accètar o auxilio dos seus radicaes adversarios. N'este ultimo caso, dar a sua demissão, diz lord J. Russell, foi o unico meio de sahir da difficuldade : se assim não fizesse, deixaria em duvida a honestidade de seus motivos, e perderia a tranquillidade da sua consciencia.

Tudo isto escrevo para os homens de bem de todos os partidos ; que á certa casta d'individuos deixo plena liberdade de pensar a meu respeito. Como Phocion, quando foi applaudido em certa occasião, eu duvidaria de mim-mesmo, e acreditaria ter commettido alguma indignidade, se merecesse applausos de certos entes.

Concluirei, e o leitor que me julgue.

Em sciencia — procuro conscienciosamente a verdade, sem se me dar da minha individualidade, com o animo sempre desencalmado, e nunca me torturando em nome de uma coherencia, que n'este caso seria uma perversidade e uma estupidez.

Em politica — trabalho pela liberdade em todas as relações. Sou da escola de J. Simon: Uma liberdade nunca é um perigo; e quando parece perigosa, é que lhe falta o contrapeso d'alguma outra.

Em religião direi mais pausadamente a minha ultima palavra, pela magnitude que sobre todas tem aos meus olhos a questão religiosa.

Disse o Sr. Guizot na *Revista Franceza* :

“ Em nossos dias, pelo curso dos acontecimentos e por culpas reciprocas, a religião e a sociedade deixaram de comprehender uma á outra, e de marchar parallelamente. As idéas, os sentimentos, os interesses que prevalecem agora na vida temporal, hão merecido e merecem todos os dias a reprovação, em nome das idéas, dos sentimentos, dos interesses da vida eterna. *A religião profere anathema sobre o mundo novo, e affastase: o mundo está prompto a acceitar o anathema e a separação.* ”

Contra este desenlace tenho trabalhado e hei de trabalhar, eu, fraco operario.

— Que a Igreja e o mundo se entendam.

— Que o mundo não pretenda fazer do homem pura materia.

— Que a Igreja não queira fazer do homem puro espirito.

— Que a Igreja e o mundo se consorciem, como no Christo consorciaram-se as naturezas divina e humana.

Eis o que tenho pretendido, pretendo e pretenderei, quando tenho bradado, brado e bradarei :

— Religião e Liberdade —

— Liberdade e Cruz —

— Deus e Liberdade —

Sempre a mesma idéa.

Não recuarei um passo, que sinto inabalavel a convicção, e pura a intenção.

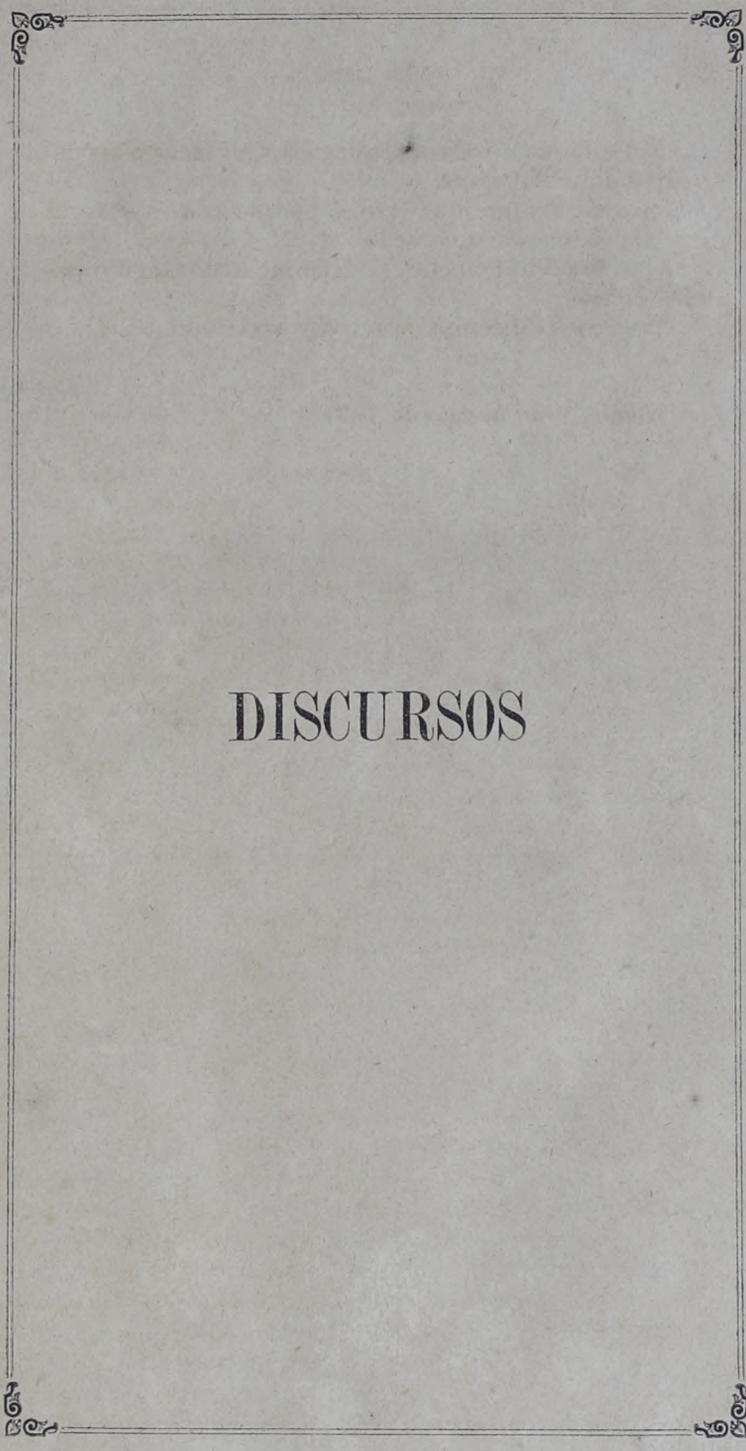
Fio e fio com toda a segurança, que Deus não pune os erros conscienciosos.

Se erro, sempre que erro, é porque obedego á minha cabeça e ao meu coração.

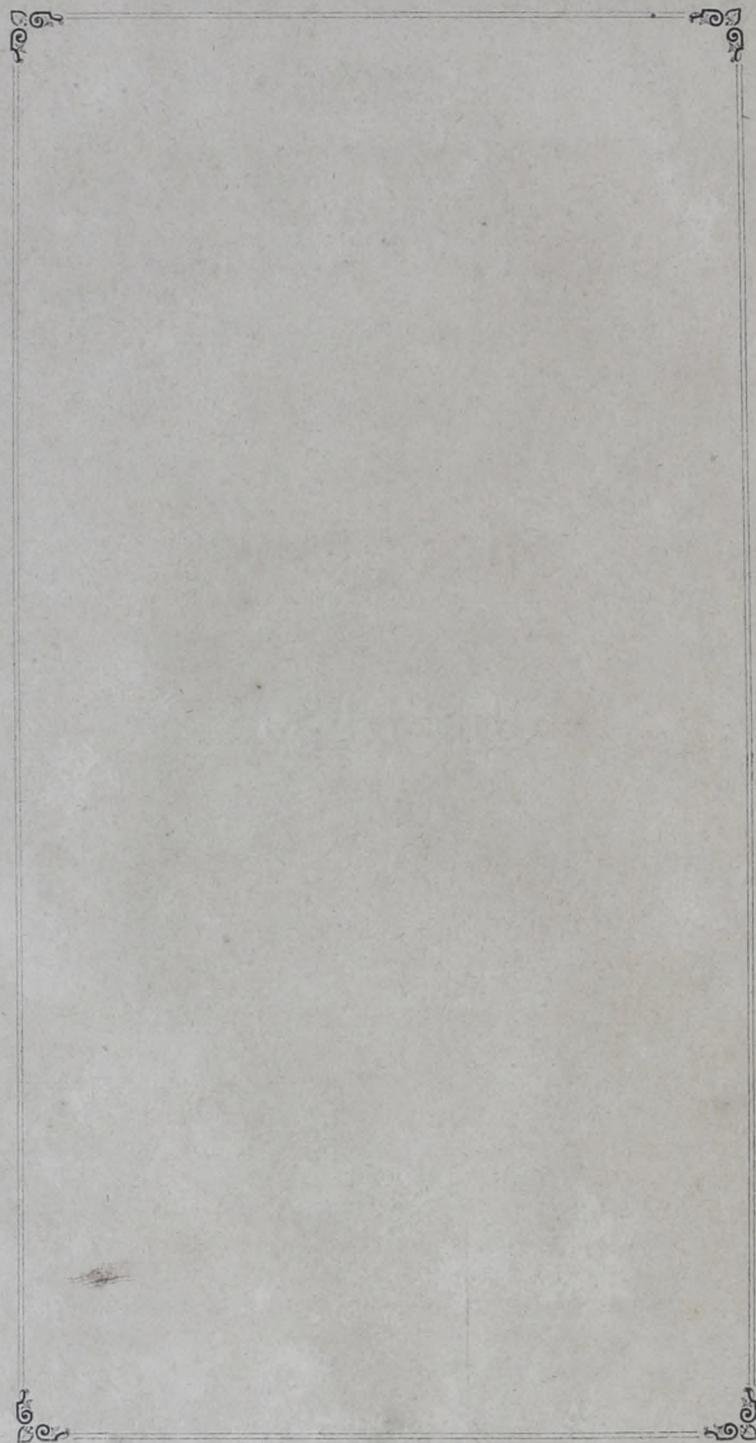
Que bradem homens . . . Não me atterram tempestades de pó.

Havemos de comparecer todos no tribunal de Deus.

Recife, 9 de Março de 1871.



DISCURSOS



DISCURSOS

NA CADEIRA D'ECONOMIA POLITICA, AOS 24 DE SETEMBRO DE 1859

Cheguei, Senhores. Cheguei porém, feitas as devidas distincções, como Silvio Pellico de volta das suas prisões: a fadiga ia consumindo-me o corpo, o scepticismo ia devastando-me o espirito. . . .

Mas, Deus quiz que eu chegasse, e cheguei. Esta Cadeira, que era o meu sonho dourado, este dia de que eu pretendia fazer o marco milliaro de minha vida litteraria, este momento que eu esperava como um dos mais jubilosos de minha vida, tudo agora me atterra e me confunde! Assim são as pobres aspira-

ções terrestres : no cabo sempre a desillusão, a realidade só no seio de Deus !

Ha 34 mezes, Senhores, dispuz-me á uma batalha intellectual. Quão longe estava eu então de pensar, que montaria tantas vezes á brecha sem resultado! . . . Não me queixo, nem faço recriminações ; converso com os que vão ser meus discipulos, consigno aqui um exemplo : foi uma lição fertilissima para mim, póde ser uma lição aproveitavel para muitos. . . .

Affeito á longa benevolencia em 21 provas de minha vida d'estudante, eu vim encontrar na 22^a, e pela primeira vez, votos de reprovação. Não desanimei, apresentei-me em concurso, rejeitaram-me. Eu havia lido em escripto de um de nossos sabios bispos *, que — ha um quasi-contracto com os chamados a concurso, para que o provimento se faça no mais digno ; e, quando tal não aconteça, ha obrigação de restituir. — E' que os meus juizes, disse eu comigo, ainda fóra das trevas do inquisitorial escrutinio secreto, têm razões valiosas para me declararem não-digno. . . . E se assim não fôr, quem me fará a restituição ? Eu-mesmo, tendo por patronos o trabalho e a perseverança. E se porventura em mim postergouse a justiça, o que haverá ahi para admirar ? Data de velhos tempos o máu resultado dos concursos : Davezan e dous outros doutores foram rejeitados pela Universidade d'Orleans, para admissão de outro candidato, que acceitava as theorias do dia † ; mas então, embora no seculo XVI, de que zomba o das luzes, interpuzeram os rejeitados seu recurso para o parlamento de Pariz, e o escandalo não vingou. A mim, porém, só me restava trabalhar. . . .

Apresentei-me em segundo concurso, achei-me só, retirei-me. Em terceiro já fui mais feliz, e coube-me o segundo lugar. Em quarto mantiveram-me n'esse posto.

* Monte — *Theol. Mor.*

† Troplong — *Du pouv. de l'Et. sur l'enseign. pub.*

Atinal, depois de tão longa fadiga, a Justiça Imperial coroou meus esforços, como eu esperava, porque nunca d'ella duvidei. Eis-me no começo de realisação de meu sonho dourado!

Do alto d'esta Cadeira seja meu primeiro brado solemne uma acção de graças a Deus, que me ajudou, uma fervorosa supplica, para que me continue seu auxilio!

A missão é grande, Senhores, e como tal atterra a minha fraqueza. Tendo contra mim perante vós as terríveis prevenções das reprovações, que me fulminaram, enfraquecida a minha palavra, já tão fraca, para marcar-vos o norte n'um oceano, onde não ha absurdo, que não possa apadrinhar-se com o nome de algum philosopho *, nem iniquidade, que não se escude com a opinião d'algum doutor †, que difficuldades não tenho a vencer! Dizem, que os professores novos estudam e aprendem á custa de seus discipulos, fazem *experimentum in anima vili* ‡; não accetto a dureza da phrase latina, que ali fica, mas confesso, que venho estudar comvoseo. Não sou piloto nos mares da Sciencia, mas tenho n'elles navegado como passageiro por muitas vezes, posso dar-vos uteis informações: vosso talento e os livros dar-vos-hão o resto. E demais, por propecto que seja o mestre, dispensará elle os trabalhos solitarios do talento do discipulo no seu gabinete?

Não trago para aqui vaidades infantís, só proprias dos que não comprehendem a magestade da Sciencia; repillo a deshonorosa asseveração, de que os Lentos têm prazer ao verem defendidas suas opiniões, ainda que mal, e desprazer, se as combatem, ainda

* Cic. — *De Divinat.*

† Gama — *Dec.*

‡ F. B. Saint-Prix — *Guia para o est. dos exam. de D.*

que bem *: isto é só proprio dos espiritos acanhados, e eu procuro elevar o meu. Dou-vos plena liberdade; terci sempre um abraço fraternal para o talento e para o estudo, quér elles se colloquem a meu lado, quér á minha frente.

A missão é grande, repito. O grande Leibnitz dizia: Fazei-me arbitro do ensino, e encarregar-mehei de mudar a face do mundo. A tarefa assusta, as difficuldades estão nas mesmas proporções.

O mestre, ao meu ver, deve partir dos principios geraes. Os principios geraes de uma sciencia estão muito perto da evidencia; e disse um mestre † que — quanto mais perto se está da evidencia, mais os meios de demonstração escapam á razão. Mas, sendo o Direito uma sciencia essencialmente philosophica, tudo n'elle reclama demonstração, ou ao menos tentativa de demonstração. Que empenho tão desesperado para um obreiro, como eu?

Descendo aos detalhes ha um perigoso escolho a evitar. Deve o mestre acautellar-se do desdem pela explicação, do que lhe parece de simples intuição: — o que é clarissimo, para o que está senhor da materia, está bem longe de o ser para outros, principalmente para aquelles que apenas conhecem os primeiros rudimentos: é este o inconveniente, que torna sobretudo difficeis de preencher as funcções do magisterio. ‡

O mestre não deve ser exclusivamente logico ou poetico, jamais deve ligar-se por voto á unidade ou á variedade. Devem-se conciliar estas, e para isto servirão as comparações, figuras, imagens, e exemplos. A luz terá mais intensidade. E' sobretudo pelas com-

* V. Saint-Prix — *Ob. cit.*

† Bellime — *Ph. do D.*

‡ Rocha — *D. Civ.*

parações, imagens e exemplos, que se fica accessivel a todas as intelligencias ; mas, não leve isto ao defeito brilhante, e tão commum hoje, de pôr imagens no lugar das cousas, comparações no lugar das razões, como em politica e em moral é commum substituir solidas acções por brilhantes principios. O que não passa de poetico, é quasi sempre ignorante ; o que não passa de logico, é sempre frio : precisão e concisão, sem prejuizo da clareza e abundancia ; sal e dignidade ; a profundez theorica allemã, a solidez pratica ingleza, a pompa italiana, a gravidade hespanhola, e toda a vivacidade, lucidez e originalidade francezas. Finalmente, no fundo de cada quadro uma grande idéa, uma grande imagem moral, um d'esses vastos pensamentos, que abraçam a humanidade. *

E, Senhores, para completar o quadro, verterei textualmente um tracto brilhante do author, que me tem servido † n'este cathecismo, que faço para meu uso, n'este compromisso, que subscrevo ante a sociedade brasileira, n'estas credenciaes, com que me apresento a vós, com que vos estendo a mão d'amigo para a encantadora viagem do estudo. O leme é meu, a lei e as normas sociaes assim o querem ; mas, não sou exclusivista : grande contentamento terei um dia, dizendo — Aquelles tão habéis timoneiros aprenderam comigo a manobra, e hoje alternam comigo nos quartos !

“ Se alguém se sente com força bastante para
“ consagrar-se ao ensino do Direito, e devorado d'uma
“ sede violenta de justiça para ousar ser o seu ponti-
“ fice, prepare-se muito d'antemão por innumeraveis
“ trabalhos, e principalmente por uma pratica severa
“ de todas as virtudes ; porque um dia deverá dar,
“ não só o preceito, mas o exemplo, e dispender em
“ suas lições, não só essa sciencia profunda, que satis-
“ faz o espirito, mas tambem essas reflexões philoso-
“ phicas e essa unção moral, que insinuam tão po-

* Baillet — *Guia int. e mor. do estudante de D.*

† Idem.

“tentemente o amor do bem em todos os corações. Que mais alta missão, que a de formar cidadãos, que deverão um dia governar, defender e julgar seus irmãos! Que immenso alcance n'uma palavra, que deverá um dia traduzir-se em tantos lugares, e sob tantas fórmãs! Que responsabilidade! Que deveres! Que direitos! Quem não sente, quanta exactidão, zelo, benevolencia, imparcialidade e caridade deve o professor aos seus discipulos! Quanto não deve elle felicitar-se por consagrar-lhes suas vigílias e sua vida! Quem não sente, que entre todos os professores, como entre todos os discipulos, deve reinar a mais sancta fraternidade! E quanto as rivalidades, os ciumes, os odios e todas as dissidencias que têm outros motivos, *que não o amor da verdade*, devem desapparecer ante o sentimento do dever! Estas idéas devem animar todas as relações dos estudantes e dos professores nas lições e nas provas; devem animar os candidatos e os juizes d'um concurso, porque os thesouros do coração devem ser pesados, como os do espirito, quando se trata de confiar a um só homem tamanha influencia sobre os destinos de tantos mancebos, de tantas familias, de tantos cidadãos.”

São os sentimentos, que trago para esta Cadeira. Se tenho as aptidões, o tempo o dirá: por agora o que sei é, que tenho a boa vontade. Quanto ao trabalho, tenho trabalhado. . . . Quanto ás virtudes. . . . E' certo, Senhores, que as contradicções acrisolam o homem, e a experiencia do mundo aperfeiçoa-o. O espaço percorrido é muito limitado, mas foi cheio de lições, e a ultima depurou-me como o fogo! . . . Desgraça sobre mim, quando as lições recebidas não me valem, para que jámais se me apague da lembrança, que

não devo fazer a outrem passar, pelo que passei! D'esse dia em diante eu seria um cobarde perante minha consciencia, se conservasse este lugar. Só ha uma vingança nobre contra qualquer offensa recebida : a demonstração, de que se é sacerdote do dever. . . .

Não pretendo, Senhores, ser um reformador do ensino, não pretendo atirar a barra mais longe do que os outros; mas, por outra parte não aceito estylos, porque iguaes são as minhas bullas ás dos fundadores d'esses estylos : observarei a lei, que nos rege ; e no que fica ao esclarecido arbitrio do mestre, irei abrindo os caminhos, que a experiencia me aconselhar.

Qualquer que seja a Cadeira, que se-me-destine n'esta Faculdade, encontrareis sempre em mim um apostolo da philosophia e da moral, procurando sempre a razão de ser das instituições humanas.

Aos espiritos frios, aos amigos do passado e inimigos do futuro, que me disserem — Ou se tracta de Direito, ou de Moral e Philosophia.... O que quereis ? Escolhei — a esses responderei : — Quero que se adocem as bordas do vaso, e se cubra de flores a areia do deserto ; quero, que se dê á Sciencia uma utilidade mais variada e mais attractiva ; que se indigitem de tempos a tempos o fim moral dos nossos trabalhos, e os fructos immediatos a colher d'elles para a felicidade de nossos irmãos e nossa. Quero, que se mostre por vezes, em duas d'essas palavras que penetram a alma, as relações da caridade com a justiça, e a belleza idéal de sua fusão ; que se despertem a proposito grandes sentimentos ; que se nutra o fogo de nossas almas, em vez de apaga-lo ; que, fallando de cidadão, patria, pai, esposo e filho, e mil outras relações sociaes, se ponha á luz toda a poesia dos direitos e deveres, que nascem d'estas relações ; que se ensine a moral e

a eloquência, ao mesmo tempo que a sciencia do fôro ; em summa, que se innovem por toda a parte os meios de regeneração. *

Sim, Senhores, cahir de chofre d'Homero e Platon sobre Toullier e Merlin, é choque, ao qual mais d'uma bella intelligencia não tem podido sobreviver. † Ainda tenho muito frescas as recordações d'esses bancos, em que vos sentais, ainda conservo muito viva a impressão das torturas, que n'elles soffri, e não pretendo vingar-me em vós. Fallar aos moços, como quem falla a moços ; ao contrario o mestre pregará no deserto. O mancebo respira, por assim dizer, o futuro ; baldada tentativa do que lhe disser — Volta ! ou — Não passarás além ! Mas, isto não significa, que não viajarei comvosco nas eloquentes e férteis ruinas do passado : combinaremos, porém, a grave cogitação do philosopho com a fascinante curiosidade artistica. Já lêstes Chateaubriand, contemplando o *ager romanus*, e visitando as ruinas do Colysêo ? Já lêstes Ortolan, devassando os *mysterios* da Jurisprudencia romana ! Em companhia d'ambos, quem se enfadaria das antiguidades romanas ? Quem não colheria n'esse passado morto ampla provisão para o futuro, que nasce ?

Quando o viajante visita alguma cidade, que a actividade moderna transformou, pára com prazer diante dos restos dos monumentos outr'ora famosos, e agora sem significação para o vulgo. E' um fuste de columna, um capitel, uma metade de portico, um arco d'abobada, embuçados em alguma construcção nova : curiosas ruinas, ás quaes elle não cuida de pedir um abrigo, mas que nem por isto deixam de servir-lhe d'ensino ! Assim nos apparece, o que nossas leis conservaram de velhas formulas e de velhos symbolos, que já não são a salvaguarda do Direito, e sim apenas o élo, que prende o Direito antigo ao Direito novo. ‡

* Baillet — *Ob. cit.*

† Thiercelin — *Litt. do D.*

‡ Thiercelin — *Ob. cit.*

Finalmente, Senhores, lembro-vos o que mais d'uma vez tenho dito no meio d'alguns de vós. * A especialidade insulada é uma chimera, é uma moeda falsa. Do estudo do Direito se póde dizer, o que o nosso Magalhães disse com relação á philosophia : “ O estudo das especialidades, sem nexo, sem unidade, proveitoso sómente ás sciencias phisicas, é a morte da philosophia, que si não comprehende a harmonia geral de todas as cousas, Deus, o homem, o genero humano e o mundo phisico, não passa de uma psychologia abstracta, de uma logica inutil, de uma moral casuistica. Não é uma vã curiosidade, uma aspiração de alguns espiritos ociosos este desejo do conhecimento harmonico de todas as cousas. O homem mesmo é uma harmonia, um microcosmo, que em si resume as leis do universo todo ; e si o estudo particular de cada uma de suas partes é necessario para o seu completo conhecimento, não podemos ahí parar sem grave erro, sem destruir a unidade harmonica, que constitue o homem. ” †

Eis, Senhores, a minha profissão de fé. Está ella de accordo com o que até hoje tenho escripto, mas certamente o futuro a modificará em algumas de suas partes : o verdadeiro programma é, o que deixa margem ás reformas da experiencia, e não o que loucamente é cimentado, para que a acção do tempo ahí não entre.

Procurarei honrar a Imperial Firma, que aqui me collocou, a Sciencia que professo, a Cadeira em que me sento. Ajude-me Deus, não me falte o concurso da vontade dos que aqui vierem buscar a Sciencia, e conseguiremos o fim.

* No Atheneu Pernambucano.

† *Factos do espirito humano.*

Quereis ser grandes, e o mestre vos-parece pequeno, não é assim? Não desanimeis; — o ensino só dá o topographia da Sciencia, só indica os caminhos, e os modos de por elles transitar; e o viajante, que quizer bem conhecer o paiz, não será dispensado de visital-o. * Tomai animo para a viagem, que é isto o essencial; quanto a mim, procurarei não faltar-vos com a topographia.

Ab Jove principium. Jovis omnia plena. — Assim começa e acaba a *Sciencia nova* do grande Vico. Eu tambem, Senhores, que antes de haver lido isto, já havia lido a Biblia, terei sempre por minha primeira, como por minha ultima palavra — DEUS!

* Tiercelin — *Ob. cit.*

NA CADEIRA DE DIREITO PUBLICO, EM MARÇO DE 1864

Senhores,

Vamos estudar o Direito Publico Universal, vamos estudar a Constituição do Imperio.

Deduzir da natureza e fim do Estado a melhor organização dos poderes publicos, por bem do imperio da justiça no seio da sociedade, e determinar os direitos e deveres dos cidadãos para com esses poderes, e d'esses poderes para com os cidadãos * — eis um grandioso assumpto para todo o homem que respira na athmosphera da liberdade.

Aferir depois, pelos principios préviamente assentados, a Constituição politica do proprio paiz, verificando a conformidade d'esta com os pontos cardeaes da sciencia, e demonstrando a justeza dos trilhos abertos para a governação do Estado, de accordo com as exigencias da situação geographica, indole, costumes, tradições e gráo de civilisação do paiz, eis tarefa de maxima utilidade e de maximo encanto para o pensador.

* Vid. Sr. Conselh. Autran, *Elem. de D. Pub. Univ.* § 1.

Attendei bem, mancebos. No terreno especulativo da sciencia do publicista podemos chegar até a rigidez das formulas e demonstrações mathematicas ; mas, a sciencia não existe para mero desporto d'espectulações : descendo ao terreno pratico, aquella rigidez desaparece, porque ahi chegam as exigencias e imposições do modo de ser actual de cada paiz dado, sobre que as theorias devam realisar-se. *

Assim, pois — nada de paixão cega pelas theorias, ou nunca chegareis a estadistas, ou nunca fareis do Direito Publico uma realidade. Não ha fórmula de governo, não ha instituições perfeitamente adaptaveis a todos os paizes, completamente capazes de felicitar qualquer nação : devem ser sempre subordinadas ás exigencias, que deixei apontadas.

Entretanto aqui, como em tudo (porque em tudo está o sello providencial), ha seus pontos fixos, ha suas cardinalidades, cuja preterição será sempre um crime, um attentado contra a humana dignidade, quacsquer que sejam as condições de um paiz dado.

Não ha, pois, risco de que nos percamos sobre os mares, que vamos navegar : viajaremos sempre com a bussola da dignidade humana, apontando para o norte do destino do homem social.

A todas estas proposições, algumas das quaes ora poderão parecer-vos abstrusas, darei a seu tempo o devido desenvolvimento: por hoje basta-me, que as fixeis no espirito.

O estudo que vamos fazer, Senhores, é da primeira utilidade para um paiz qualquer. Desde que, por incuria ou por ignorancia, o cidadão não sabe

* Stuart Mill, *Le govern. représ.* — Este pensador expõe com summo talento, em que sentido o systema representativo pôde ser considerado o idéal d'uma fórmula de governo.

fazer valer os seus direitos perante o poder publico, e n'este abdica em ordem a constitui-lo tutor absoluto da gerencia social, desde que o poder publico, favorecido pela incuria ou pela ignorancia dos cidadãos, vai eliminando no Estado toda a acção individual, póde-se dizer, que a escravidão politica está perto : porque a acção collectiva do governo, em tudo, é a absorpção da individualidade do cidadão ; e na sociedade politica, em que o individuo desaparece, o despotismo é certo.

O cidadão inspeciona o poder, o poder vigia o cidadão. E' da combinação da acção collectiva, com a individual, que surgirá a liberdade. A acção individual só — seria a licença, a acção collectiva só — seria o despotismo : a verdade, isto é, a liberdade está no centro.

E a proposito, paraphrasearei algumas linhas, que o Sr. de Tocqueville refere a certos paizes da Europa, e que, se não têm perfeita applicação ao nosso, podem servir-nos de salutar aviso.

Longe de mim, mancebos, *fazer politica* n'esta Cadeira : seria uma deshonna e uma desgraça para mim, porque trahiria a minha consciencia, arrastrando-vos para um campo que não convém á vossa idade, e que aliás poderia attrahir-vos com seus traidores prados de flores envenenadas.

N'esta Cadeira (Deus ha de ajudar-me) nunca enxergareis em mim o homem d'este ou d'aquelle partido, dos que se debatem na nossa terra ; nunca achareis uma allusão apaixonada aos callidos debates politicos da occasião.

N'esta Cadeira (Deus ha de ajudar-me) nunca esquecerei os tributos de consciencia e sinceridade, que devo aos meus discipulos.

Feito este protesto, para que não tomeis as minhas palavras em sentido, que nunca lhes darei, volto a encontrar o Sr. de Tocqueville, pintando com as mais vivas cores a necessidade d'equilibrar a acção

individual do cidadão com a acção collectiva do poder.

— Ha nações, em que o cidadão considera-se uma especie de colono, indifferente ao destino do lugar que habita. As mais profundas mudanças sobrevém ao seu paiz, sem o seu concurso, sem que elle saiba precisamente o que se passou : desconfia, ouviu fallar no acontecido. . . . Ainda mais : a fortuna de sua aldeia, a policia de sua rua, a sorte de sua Matriz, nada d'isto move-o. Pensa que d'isto nada lhe diz respeito, que tudo incumbe a um estranho poderoso chamado — governo. Goza dos bens, que o cercam, como usufructuario, sem espirito de propriedade, e sem idéas de qualquer melhoramento. Vai tão longe este descuido, este abandono, que se a sua própria segurança ou de seus filhos vem a ser compromettida, em vez d'occupar-se de desviar o perigo, cruza os braços, esperando que a nação inteira venha em seu auxilio. E este homem, que assim fez completo sacrificio de seu livre arbitrio, está muito longe de distinguir-se por seu amor á obediencia. Submette-se sem réplica a qualquer beleguim ; mas, affronta a lei com o despeito de um inimigo vencido, desde que a força se retira. E a consequencia de tudo é — estar sempre oscillante entre a licença e a escravidão. Quando as nações têm chegado a este ponto, é forçoso — ou que modifiquem as suas leis e costumes, ou que pereçam, pois a fonte das virtudes publicas estancou n'ellas : ha subditos, mas não cidadãos.

Eis, Senhores, o triste quadro de um paiz, em que a acção collectiva do poder abafou a acção individual, do cidadão ; eis o lastimoso resultado do desconhecimento das leis primarias do Direito Publico Universal.

Onde predominar em excesso a acção individual, a licença, a anarchia estará prestes a devastar tudo ; e depois dos furacões populares (é lei da Providencia, que os furacões têm curso e duração limitada) virá a

triste bonança de uma espada ou de um bastão, com o nome de sceptro.

Onde predominar em excesso a acção collectiva, o despotismo, a oppressão estará á porta do cidadão ; haverá a triste paz dos tumulos, até que a trombeta popular (é lei da Providencia, que se não embarga impunemente o curso das leis moraes, como o das leis physicas) até que a trombeta popular convoca para o comicio nacional, e vai-se uma espada quebrada, uma corôa derrubada de uma cabeça, uma cabeça derrubada d'uns hombros ; e a nação, passada a febre da gestação revolucionaria, produz os germens da reorganisação social, e entra em trabalho regenerador, trabalho sempre cançado e penosissimo.

Tudo isto digo vos, Senhores, para indicar-vos a importancia da sciencia que refere-se ao governo, ao modo de ser da humanidade em associações politicas.

A nação em que todos, grandes e pequenos, governantes e governados, tivessem conhecimento das leis primarias da vida politica, soubessem conter-se na orbita das leis sociaes, possuissem a *virtude politica* de que nos falla Montesquieu, estaria sempre longe das garras horriveis do despotismo, como das convulsões não menos horriveis da anarchia : nunca chegaria o *casus belli* para o poder publico, nem para o povo.

Eis a conveniencia do estudo do Direito Publico Universal ; eis porque (di-lo-hei por incidente) não posso comprehender, que em paizes livres não existam cursos publicos e gratuitos de Direito Publico geral e particular. Luz para todos, como o reclama a liberdade. O governo d'um paiz livre não teme, que o cidadão se instrua sobre seus direitos e sobre seus deveres ; o cidadão d'um paiz livre garante-se e ao poder publico, estudando as leis geraes da governação politica do seu paiz.

Fallei da combinação da acção individual com a acção collectiva. Em que dóse devem entrar uma e outra na combinação politica de um paiz dado? Esta a questão, que diversificará de solução conforme o paiz dado, segundo já vos disse; mas, nem por isso o principio deixa de permanecer firme: sempre a presença e moderação reciproca das duas acções, sob pena de não existir nação ou Estado, isto é vasta associação d'homens para o fim da coexistencia social, sob o imperio da lei e da justiça, e sim rebanho d'homens sob a direcção de um ou mais pastores.

Só a acção individual, e dentro em pouco — grupos que se entredevorariam, disputando o imperio da força (situação sempre transitoria e ephemera); só a acção collectiva, e ahi haveria uma manada, uma collecção de irrationaes dirigidos por um ou mais lobos disfarçados em pastores (situação infelizmente duravel, por deshonra da humanidade: a historia justifica este e o anterior parenthese).

Firmado o principio, a sua applicação varia (sem que, todavia, jámais o principio desapareça) varia de paiz a paiz: aqui, conforme as condições de um povo, maior dóse de acção individual, alli maior dóse de acção collectiva. E' esta a origem da eterna questão dos paizes livres entre o principio da autoridade ou da acção collectiva, e o da liberdade ou da acção individual.

Esta luta é salutar nos paizes livres, porque as duas forças estão assim sempre attentas, e uma não póde jámais absorver a outra.

Eterna questão, disse eu. Eis-aqui como Aristoteles, * ha mais de dous mil annos, estabelecia o problema da sciencia social, e a solução que apontava; vereis, que a questão do tempo d'Aristoteles era a mesma de hoje:

— A associação politica é uma communhão. A questão é saber até onde a communhão deve estender-se. Uns estendem-n'a a tudo, e sacrificam a liber-

* Vid. J. SIMON, *La Liberté*.

dade; outros a eliminam, e dissolvem o corpo politico; outros finalmente (e n'este meio termo está a verdade), comprehendendo a necessidade d'uma conciliação entre as duas soluções extremas, fazem consistir a sciencia politica na determinação exacta dos direitos do Estado e dos direitos do individuo.

Já entrevêdes, Senhores, o meu modo de ver a sciencia do Direito Publico Universal, e isto me basta: não cabem nos limites d'uma conversação preliminar a um curso desenvolvimentos d'um tratado.

Já entrevêdes não admittir eu, que o homem abdique a sua personalidade entrando na associação politica, além da restricta medida sufficiente para o imperio da justiça, sem o qual a coexistencia é impossivel.

Não trago, pois, para esta Cadeira idéas de poder uno, de sociedade politica formada pelo molde da familia, porque não vejo na sociedade, como vejo na familia, um individuo determinado com o cunho providencial da superioridade e do governo: as idéas, de que fallo, são affins, se não consanguineas, do despotismo.

Não trago para esta Cadeira as idéas de que o individuo em communhão politica póde allegar direitos d'uma sonhada *liberdade nativa*, isto é, póde julgar o poder publico, quér em abstracto quér em concreto, como uma criação possivel ou real de sua vontade, sujeito a leis e gozando de prerogativas filhas todas d'essa vontade: estas idéas são affins, se não consanguineas, da anarchia.

Sou sectario do meio termo d'Aristoteles. Podem não chegar-me as forças (e creio mesmo que não chegarão) para convencer-vos de meu pensamento, dando-lhe a possivel expansão com os impulsos do racio-

cinio ; espero porém em Deus, que me farei entender quanto baste, para que não leveis d'estes bancos um conceito que vos incline, quér para o despotismo, quér para a anarchia.

Devo algumas palavras á Constituição do Imperio, cuja analyse seguir-se-ha immediatamente ao estudo do Direito Publico Universal.

O Brasil possui uma Constituição sabiamente liberal : será sempre a these que me vereis sustentar perante vós. * N'esta protestaçoão, porém, não vai o compromisso de queimar incenso idolatra e hypocrita a uma obra de homens, concebida no tropel de commoções politicas. Não entendi jámais, que esta beca poderia escravisar-me a intelligencia ; e, se o entendêra, nunca a houvêra vestido.

O que me parecer defeituoso na Constituição do Imperio, di-lo-hei francamente. Respeitando os seus principios cardeaes, porque, felizmente para todos, são principios de liberdade e felicidade, não quereirei ser mais constitucional do que a propria Constituição, que nasceu confessando a possibilidade de sua reforma, isto é, de seu aperfeiçoamento, e consignando os meios praticos de realizar essa reforma.

E aliás, o que importava para o bem do paiz, que n'esta Cadeira fosse eu um mercenario comprado para fazer perennes genuflexões a cada virgula da Constituição ?

Será desconhecer e injuriar o espirito generoso da mocidade. No dia em que percebesseis, que eu era um servo da letra constitucional, lançariéis á conta da minha posição d'escravo, quanto dissêsse de bem respectivamente á Constituição.

Tenho muito presente o juramento, que mais d'uma vez prestei ; mas, esse juramento só me obriga quanto ás bases fundamentaes da Constituição ; e estas serão sempre por mim defendidas, porque são penhores de liberdade, e consequentemente de publica feli-

* O estudo e a observaçoão dos factos me têm modificado n'este ponto. (*Nota da presente edição*).

cidade. Perante a minha consciencia, e perante a mesma Constituição, assim entendo o juramento prestado.

Feita esta razão d'ordem relativamente á Constituição, enchamos a hora em palestra d'amigos, discorrendo sobre principios e doutrinas, que não ter echo a seu tempo.

Bem vejo, que já não é possível subordinar estas linhas a um systema; mas, nem por isto o meu fim deixará de ser attingido: — dar-vos, por assim dizer, a chave do meu pensamento n'esta Cadeira.

A occasião não me consentiu melhor disposição ás minhas idéas; porém, apesar d'isto não vacillei em ler-vos estas palavras. Temos um anno, se Deus o consentir, para organizar o nosso systema: por hoje contentemo-nos com habilitar-nos para o começo da obra.

Vivemos politicamente sob o systema representativo.

A indole d'este systema é tal, diz o Sr. Guizot, que a ninguem concede determinadamente a soberania; que todos os poderes se agitam em seu seio para investigar a verdade e a justiça. Veremos como isto se applica perfeitamente à nossa Constituição.

Todo o poder, continúa o mesmo publicista, é poder de facto. Para ser de direito deve obrar conforme a razão, a justiça e a verdade — unicas fontes do direito. Nenhum homem, nenhuma reunião d'homens conhece plenamente a razão, a justiça e a verdade; mas, está ao alcance do homem entrevê-las, e com ellas harmonisar mais e mais o seu procedimento. E, pois, todas as combinações da maquina politica se encaminham: por um lado, a extrahir da sociedade o que n'ella ha de razão, justiça e verdade, para fazer applicação ao seu governo: por outro lado a estimular

os progressos da sociedade na razão, na justiça e na verdade, fazendo que taes progressos se transmittam da sociedade ao seu governo. . . . Certo de que a razão, a verdade, e conseguintemente a soberania, não residem plenas e perennes em parte alguma sobre a terra, o governo representativo presume-as apenas na maioria : não faz da maioria uma infallibilidade. Isto é, ao mesmo tempo que presume na maioria a razão, presume que pôde não tê-la ; e, pois, trata de assegurar á minoria todos os meios de provar, que a razão está de seu lado, e de tornar-se maioria.

E d'aqui, Senhores, a maxima, que — as oppozições, as lutas d'opinião são da indole de systema como o nosso ; d'aqui os partidos, d'aqui a necessidade dos partidos, d'aqui os direitos da minoria, direitos que não podem ser conculcados, sem que o systema seja profundamente falseado.

Assim se entende na Inglaterra, onde as liberdades publicas são uma realidade. Diz o Sr. Guizot : — A necessidade de não excluir de todo a opposição, de acceitar por toda parte a sua presença e influencia, é tão sentida na Inglaterra, que até nas commissões das duas Camaras, no theatro dos triumphos da maioria, têm sempre assento membros da opposição.

E como assegurar esta inspecção reciproca de parte da nação pela outra parte ? Ouçamos ainda o profundo pensador já tão citado : — As precauções eleitoraes, as discussões das camaras, a publicidade d'estas discussões, a liberdade d'imprensa, a responsabilidade ministerial, todas estas combinações têm por objecto verificar com segurança onde está a maioria, constrangel-a a legitimar-se mais e mais, e fornecer á minoria proporções para contestar o poder e o direito da maioria. D'aqui tres condições necessarias ao governo representativo : divisão de poderes, eleição, publicidade. *

* N'estas referencias a Guizot servímo-nos mais d'uma vez de um resumo publicado entre nós, e attribuido á pessoa, que hoje se acha altamente collocada. Aconselhamos, porém,

Opportunamente iremos verificando, como todos estes principios acham applicação em nossa Constituição.

Agora uma noção capitalmente necessaria. O que é o governo representativo? E' o governo da razão nacional, extrahida e representada pelos processos e combinações, que temos apontado. Como diz o Sr. Guizot, — a representação não se funda em direito inherente a todas as vontades ao exercio effectivo e pratico do poder; mas, no principio opposto: nenhuma vontade tem por si direito ao poder, sendo que aquelle que o exerce ou pretende exerce-lo, deve provar que fá-lo ou fá-lo-ha, não segundo a vontade, mas segundo a razão.

São idéas, que a seu tempo terão todo o desenvolvimento. Entretanto, já vêdes, pelo que hei dito, que o principio paganico da maioria, como representando absolutamente a verdade e a justiça, não é cabivel no systema representativo perfeitamente entendido. N'este systema *a autoridade é uma lampada, a lei uma luz, a correcção da disciplina o caminho da vida* (Prov. IV, 23); e *o poder terrestre é estabelecido para gloriosa manifestação do poder de Deus* (Exod. IX, 16): tudo isto, entretanto, sem que jámais se chegue a essas theorias, pelas quaes uma nação ficava enfeodada a uma familia, porque ácima de tudo e de todos está a razão e a justiça, está o imperio da lei de Deus, escripta em caracteres divinos na dignidade da natureza humana.

Eis, Senhores, o espirito com que entrarei na analyse da nossa Constituição, a nossa *lex regni*, como falla o 1.º liv. *dos Reis*, dizendo-nos — que Samuel leu perante o povo a *lei do reino*, que havia escripto

aos nossos discipulos a leitura da *Hist. das orig. do gov. repres.*, especialmente na 10.ª lição do 2.º vol., onde o assumpto é lucida e concisamente exposto.

em um livro, *guardando depois esse livro na presença do Senhor*. Tal a profunda veneração, que as letras sagradas nos inspiram pela lei primaria de uma nação!

Até onde chegarem as minhas fracas luzes, verme-heis sempre, repito, não prestando á Constituição um culto idolatra e hypocrita, não ensinando-vos a decorar a letra que mata, mas procurando convosco o espirito que vivifica, aferindo á luz dos principios as nossas disposições constitucionaes.

As verdades, que se deduzem da natureza das cousas, têm, para o homem que pensa, valor muito mais subido do que as verdades de pura convenção, baseadas unicamente no capricho do legislador (*Bon-jean*).

E pois, mesmo quanto ás chamadas *ficções do governo representativo*, expressão que, entendida á letra, poderia suscitar tão sérias prevenções contra o *systema*, mostrar-vos-hei, que não seriam admissiveis, se desdissessem das imposições da razão, da sã philosophia politica.

A este proposito não posso furtar-me a transcrever as seguintes palavras de Hello, na sua excellente obra sobre o *Regimen constitucional*: “ Em direito as ficções não são filhas do arbitrio: têm sua regra na razão e na justiça universal. O seu objecto é supprir a realidade, com vistas em um grave interesse social; e assim consideradas têm ellas sua verdade relativa, tornando-se illegitimas se ferem a razão e a justiça. Assim, a lei póde fingir, que uma pessoa representa uma outra em todas as cousas, nas quaes esta póde ser representada, e tem necessidade de sê-lo; mas, não póde fingir tal representação nas cousas que, como a responsabilidade penal, respeitam essencialmente á pessoa: verdade rigorosa, que só ha sido desconhecida onde o tem sido o Direito Natural. Em Roma o accusado provava a sua innocencia torturando o seu escravo; mas, para isto era preciso a escravidão ”.

.....

O espaço de tempo decorrido entre a designação para esta Cadeira e o momento em que vos leio estas linhas, não me consentiu, como já disse, ordem nem systema algum; entretanto, estou que alguma cousa hei conseguido, entregando-vos a chave do meu modo de pensar, fornecendo-vos a medida das explicações que vos darei sobre o Direito Publico, geral e privado. E para que, ao menos sob este ponto de vista, o meu trabalho não seja completamente defeituoso, insistirei em uma idéa, sobre a qual aliás já alguma cousa vos disse, em ordem a que de futuro me comprehendais: refiro-me á Liberdade.

Liberdade! palavra magica, fonte de tantos bens e de tantos males, conforme o sentido que se lhe ha dado! talismã e sautelmo dos bons cidadãos, arma devastadora nas mãos dos sophistas politicos!

Liberdade! palavra magica, que por si só arroja aqui milhares de cidadãos a uma heroica devotação, coroada com os louros do triumpho, e importa allí por si só um decreto de condemnação!

Liberdade! palavra magica, que envolve uma noção celeste, muíta vez deturpada pelas interpretações terrestres!

Felizmente, Senhores, esta palavra ecoa no Brasil como em athmosphera sua. Um principe proferiu-a no momento supremo da nossa emancipação politica, e escreveu-a com a sua propria mão em o nosso codigo governamental, * para um povo que de longa data offerecia ao mundo heroicas demonstrações de seu amor á vida livre, vida unica que póde viver uma associação d'homens, que têm consciencia da dignidade humana!

* Tambem aqui o estudo e a observação modificaram-me.
(Nota da presente edição).

Ha, porém, no vago da noção expressa por tal palavra, mil perigos, como já deixei entrever. Convém, pois, principalmente n'este lugar, fixar quanto possível essa noção nos limites da razão, para que não seja ella como a miragem, que illude o viajante do deserto, até faze-lo estalar de sede.

E' o que passo a fazer. A palavra, de que muitos hypocritas fingem medo, tem lugar aqui, tem lugar em cada angulo do Brazil, porque, desprendida dos degraus d'um throno, achou echo até a ultima choupana. Estas auras da patria, santificadas pelo sopro livre dos nossos antepassados, estacariam, desde o momento em que deixassem de ser vivificadas pela liberdade.

Fallemos sobre a liberdade sem medo da anarchia, como fallámas e fallaremos sobre a autoridade sem medo do despotismo.

Os que affectam medo da liberdade por causa da anarchia, não pesam o conceito do Sr. de Cormenin, esse homem de bem, esse liberal probo, de que — o medo da anarchia gera a anarchia; e, almas vis, não vêem, que o exclusivo amor da autoridade gera necessariamente o despotismo. As duas noções devem equilibrar-se, como equilibradas estão em nossa Constituição. *

Prefixemos, quanto o permite a occasião, a noção de liberdade: evitarei assim, que mal me comprehendais; e vós evitareis assim escolhos, que, fazendo-vos naufragar agora como estudantes, far-vos-hiam naufragar depois (naufragio muito mais terrivel!) como cidadãos.

Agora, mais do que nunca, procurarei autoridades. E' tão grave o assumpto, que agora, menos do que nunca, confio em minhas idéas. Palavras de pensadores autorisados levar-vos-hão muito mais seguramente a convicção ao espirito, do que as minhas.

* Não me parece hoje tão perfeito o equilibrio. (*Nota da presente edição.*)

Sou feliz offuscando-me, desapparecendo mesmo, para que tireis maior dôse de proveito.

A liberdade (diz Mgr. Rendu, bispo d'Annecy) é o homem tal qual sahiu das mãos de Deus, o homem com a sua razão e a sua vontade; o homem, a quem foi dito sob a arvore da sciencia — Eis o bem, eis o mal, podes escolher; mas, eis a minha lei, e, se a violares, morrerás — E' pois, na liberdade moral, que se deve ir buscar a origem da liberdade, a cujo gozo o homem tem direito entre os seus semelhantes.

O poder de cada cidadão na sociedade é o que se chama liberdade. E como este poder manifesta-se em circumstancias diversas, pôde-se e deve-se mesmo dizer, que a liberdade tem nomes diversos. E d'aqui:

1.º A liberdade religiosa, que envolve a liberdade de consciencia, de culto e de proselytismo;

2.º A liberdade civil, que envolve a liberdade da pessoa, do domicilio, da propriedade, e consequentemente a acquiescencia ao imposto;

3.º A liberdade politica, que assegura ao cidadão o seu concurso na confecção das leis, na vigilancia sobre a fortuna publica;

4.º A liberdade do ensino;

5.º A liberdade administrativa na familia, no municipio, na provincia e no Estado;

6.º Finalmente, a liberdade d'associação, que comprehende as nacionalidades, a associação dos capitães para as grandes empresas, dos braços para o trabalho, dos corações e das consciencias para a oração, para o exercicio da caridade, e mesmo para o praser. Desta ultima fórmula da liberdade depende mais especialmente o progresso da civilização.

Agora, particularmente sobre a liberdade politica,

ouçamos o Sr. conde de Montalembert na constituinte franceza em 1849 :

“ E’ preciso não confundir a liberdade politica com a agitação, a ruina, a miseria, a desordem. Quanto a mim, a liberdade politica é o governo da discussão, o governo da tribuna, o governo das assembléas ; o governo que faz com que, mais ou menos, ha trinta e quatro annos, venhamos nós Francezes a esta tribuna discutir os grandes interesses do paiz com independencia, com altivez, com eloquencia quando é possível. Sim, é esta grande fórmula de governo, que receio ver enfraquecer-se, despopularisar-se nas almas de certo numero de Francezes, mui justamente assustados pelas agitações que acabamos de soffrer . . . este regimen, este governo da tribuna e das assembléas, do qual sou humilissimo instrumento, porém o mais sincero admirador e o mais fervoroso partidista. ”

Os receios, que o Sr. de Montalembert tinha em França, devem ter em toda a parte os amigos da liberdade. Por toda parte devem estes fundar uma propaganda para a demonstração, de que a liberdade é a garantia suprema do direito e da religião, as duas idéas cardeaes para o ente racional: só assim serão quebradas as armas desleacs dos inimigos da liberdade.

No intuito d’esta propaganda transcreverei algumas linhas do supracitado orador, resumindo-as porque este trabalho já vai longo. Vejamos o direito e a religião enlaçadas com o sagrado vinculo da liberdade.

— Quantos jornalistas, exercendo o *direito* da imprensa, não têm dito, que o *direito* jámais deve ser invocado pelos povos, porque a palavra não se acha uma só vez nas Escrituras ? * E os ouvintes applaudiram : e eram tambem jornalistas, homens que de-

* Sirva, o que segue, de padrão para medir essa doutrina *subtil*, que vai entrando em voga, na qual todas as honras são para a palavra *dever*, e todos os anathemas ou pelo menos desconfianças são para a palavra *direito*.

viam a sua fama ao exercicio do *direito* da imprensa. Entretanto, abra-se a *Concordancia*, e ahi achar-se-ha a palavra *direito*, *jus*, não uma, mas trinta vezes; o nome e a idéa do *direito* figuram na Biblia em todas as accepções: na Biblia falla-se até em *direitos dos cidadãos*, *direitos da humanidade*.

A historia dos Maccabeus, enumerando os crimes d'um dos tyrannos, contra os quaes sublevaram-se os judeus, exproba-lhe o haver desconhecido os *direitos dos cidadãos*, instituindo leis perversas, e consagrando instituições depravadas (II MACC. IV. 14); e Assuero, no manifesto endereçado ás cento e vinte e sete provincias do seu imperio sobre os crimes d'Aman, começa assignalando a cegueira dos maus ministros, que julgam poder escapar aos olhares de Deus, depois de haverem violado os *direitos da humanidade* (ESTH. XVI. 4).

Podem, pois, os catholicos de hoje restabelecer a divisa de Ricardo, rei-cruzado: *Deus e meu direito*.

E' um absurdo dizer, que a liberdade politica é antipathica á religião. E' sim o absolutismo, da turba ou de um, que ha em todas as epochas exposto a Igreja aos maiores perigos. A omnipotencia é uma tentação fortissima para a fraqueza humana. O que tudo póde — tudo quer; e cedo ou tarde é levado a invadir o dominio espirital, unico dominio fóra do alcance da sua mão, unica força erguida á face da sua força... Póde-se affirmar, com o dedo sobre a historia, que a idéa moderna do poder absoluto, tão imprudentemente adoptada por certos theologos e catholicos, nasceu unicamente da guerra contra a Igreja.

A meia-idade catholica não tinha a minima idéa da soberania moderna, isto é, d'uma dominação, d'uma tutela sobre todos os corpos e individuos que constituem a sociedade. Foi o *direito* moderno e racionalista, que resuscitou esta idéa, morta com o Baixo-Imperio, para opprimir a Igreja a pretexto de contela. Por toda parte a sujeição da Igreja e a baixa de sua influencia têm andado na razão directa dos progressos

do despotismo. Isto ha sido visivel, principalmente em França, onde a realza, desde Richelieu, tem violentamente separado o paiz de suas instituições nacionaes, que eram baseadas na idéa da liberdade hierarchica e tradicional. Mas, os principes, declarando-se omnipotentes contra a Igreja, bem depressa voltaram a doutrina contra tudo o que podia e devia resistir-lhes na ordem temporal; e n'isto triumpharam, como no ecclesiastico, com o auxilio dos legistas e theologos gallicanos. E assim fundaram o poder absoluto.

.....
A liberdade tem dous inimigos — a revolução e o despotismo; ou antes tem um inimigo só, sob duas fórmulas diferentes. A religião é a sua salvaguarda, o seu contrapeso legitimo e natural. Os que fazem pender a religião para uma das forças inimigas, fazem-lhe um damno irreparavel: quando a religião parece abençoar o despotismo arremessa a liberdade para a revolução, e o mundo consternado perde o equilibrio.

De todos os despotismos o mais intoleravel para as nações é, o que se exerce ou parece exercer-se com o concurso da religião. Fere os melhores sentimentos da nossa alma, porque n'isto vê-se a exploração d'uma cousa sagrada em proveito d'um interesse profano. E em tal jogo a Igreja é sempre a victima. . . .*

O governo representativo nunca fez e nunca fará tanto mal á Igreja, como muita vez, mesmo sem o querer, o poder absoluto; e, pois, os catholicos não têm interesse algum em associarem-se ás diatribes dos lisongeiros da força contra esta fórmula de governo.

Quasi sempre os poderes, que hão pretendido proteger a Igreja, associando a causa d'esta á da monarchia absoluta, acabaram por compromette-la e escravisa-la.

Excepção feita das grandes explosões revolucionarias, em que a Igreja segue a sorte da sociedade in-

* Assim me parece ter sido o jogo entre Napoleão III e Pio IX. E ambos cahiram a um tempo. . . (*Nota da presente edição*).

teira, a experiencia mostra, que nos tempos modernos, como na meia-idade, os seus soffrimentos hão sido obra das vontades absolutas.

Eis, Senhores, como um publicista, tão catholico como o melhor catholico, entende a liberdade. Que consoladoras theorias!

Continuemos n'este caminho matizado de flores: vejamos agora, como as verdadeiras theorias liberaes são — Christianismo, e as theorias absolutistas — paganismo; vejamos como o mesmo publicista localisa a questão ao governo representativo, demonstrando afinal que a liberdade politica é um dos interesses catholicos.

— Não ha governo perfeito, não ha governo absolutamente bom em si. Em politica *tudo é relativo*. * O governo representativo, tal como o havemos visto realisado entre nós (falla o Sr. de Montalembert), não é certamente a realisação do ideal do bom em materia politica. Encontra na baixa universal dos caracteres, resultante dos nossos costumes democraticos, causas de ruina desconhecidas em sua origem na meia-idade. Estas causas, porém, ameaçariam qualquer outra forma politica. Dado o estado actual do mundo, é certo, que o governo representativo não tem mais defeitos

* Esta proposição, assim em termos absolutos, não me parece verdadeira; e as razões estão em outros lugares d'este discurso. Entretanto, embora com certa liberdade de quem resume, eu não podia aqui eliminar a mesma proposição, sem damnificar o pensamento do autor. Sirva esta nota de protestar, que me não acho em contradicção. Devo dizer, que julguei-me dispensado de citar os titulos e as paginas das obras de Montalembert, de que me servi, porque taes obras andam nas mãos de todos; entretanto, direi sempre, que é facil verificar se sou fiel, recorrendo aos seus discursos politicos, e ao seu opusculo — *Interesses catholicos no seculo XIX*.

nem mais culpas, do que qualquer outro governo contemporaneo ; e quando mesmo assim não fosse, seria forçoso supporta-lo, sob pena de perder a liberdade ; porquanto não ha na Europa moderna outra combinação para melhor garantir a mesma liberdade.

A mór parte dos thronos cercados d'instituições representativas ficaram de pé em 1848 : exemplos — a Belgica, a Hollanda, a Baviera e a Hespanha ; e a mór parte dos que na mesma occasião cahiram ou foram ameaçados de ruina, nada tinham de commun com o systema parlamentar : sirva agora d'exemplo a Austria.

Seguramente a quédá do poder em Vienna foi tão vergonhosa e tão completa, como a da monarchia franceza um mez antes ; mas, allí a sociedade reergueu-se muito mais vagarosamente do que em França, e a atrocidade do assassinato do general de Bréa foi excedida pela do supplicio do conde de la Tour.

E entretanto tudo no vasto imperio d'Austria era dirigido em sentido absolutamente contrario ás idéas parlamentares, constitucionaes ou liberaes ; liberdade alguma era allí admittida ou praticada : nada de tribuna, nada d'imprensa livre, nada d'assembléas mesmo consultivas, nada de mudanças de ministerio, nada de oradores *briguentos*, nada de chefes de partidos, nem a minima eleição livre, nem discussão de qualquer natureza, excepto sobre theatros e caminhos de ferro ; finalmente, nada de todos esses *flagellos* de que nos livraram.

Nada constrangia a iniciativa governamental. Por trinta e nove annos esse paiz havia sido governado pelo mesmo chefe, o principe de Metternich ; isto é, por um homem que todos concordam em collocar na primeira linha dos estadistas do continente. A censura era rigida, a policia universalmente temida e obedecida, a administração muito regular e muito fiel. Ainda mais : nada havia, absolutamente nada, do que

se podia exprobar ao governo de Julho sob a relação religiosa.

O ministro director não fazia mysterio de suas convicções religiosas; e duas vezes, sob sua administração, a Santa Sé havia sido salva da revolução pelas armas austriacas. A solicitude pelos interesses religiosos ia tão longe, que o imperador Francisco imaginára collocar um ecclesiastico em cada administração e chancellaria, comprehendido o seu conselho d'estado. Em uma palavra, era o idéal do systema que nos gabam, salvo a munutenção das leis de José II sobre a Igreja; mas, bem cedo veio a demonstração de que — aspirar a liberdade para a Igreja e a servidão para tudo mais, é hojeindia comprehendere o impossivel. . . E o governo d'Austria cahiu como um castello de cartas!

Em quanto os governos modernos das nações christãs faltarem á fidelidade ao Christianismo, conservarão em seu seio o germen de morte, quaesquer que sejam as galas de que se ataviem. *

De presente falla-se muito na necessidade de uma reacção contra o paganismo, e ha carradas de razão, uma vez que saiba-se guardar a medida conveniente a todas as reacções, mesino as mais legitimas, uma vez que se não passe d'um extremo ao outro, uma vez que se não renegue a *tradição constante* † do ensino catholico, e que se não chegue á proscricção de tudo quanto não está nos Padres do Evangelho, como o califa Omar queimava quanto não estava no Corão.

Nunca se repetirá demais o mal, que fez a renascença do paganismo na ordem social, moral e litteraria; mas, em facto de paganismo, o mais repulsivo, enraizado e perigoso, é o paganismo politico, que erige em dogma a unidade do poder ‡, a omnipotencia

* E o mesmo acontecerá ao governo do Christianismo, se faltar á fidelidade ao espirito do Evangelho. (*Nota da presente edição*).

† A esta proposição de Montalembert o autor poderia oppor sérias duvidas.

‡ Vid. *retro* o que dissemos sobre o poder *uno*.

do Estado, a idolatria monarchica, o governo sem contraste e sem contrapeso, sobre as ruinas das franquezas e barreiras, que a antiga organisação da Christandade oppunha ao despotismo.

O governo d'um homem, que pretende obrar por todos, fallar por todos, pensar por todos, eis o idéal do paganismo, tal como foi realisado no imperio romano. As victorias e os excessos da democracia fizeram descer então o genero humano a essa extrema miseria; mas, a meia-idade christã foi fundada sobre a negação completa e absoluta d'um tal estado de cousas. Depois da renascença das lettras alguns reis do Occidente, Luiz XIV á frente, poderam sonhar a volta d'esse estado, mas não resuscita-lo. A Russia é o idéal moderno. Ha cem annos, os progressos do racionalismo e da democracia entre nós têm-nos incontestavelmente preparado para este regimen; e já temos visto, como sob os imperadores romanos, juriconsultos complacentes e disertos, que sonham o triumpho da democracia no accesso do despotismo, restaurando a formula abjecta do direito pagão: *Quod principi placuerit, legis habet vigorem.*

A liberdade politica, cujo unico fim legitimo é garantir a liberdade civil e moral, não é senão uma reacção, muita vez desvairada em sua fórma, mas profundamente legítima em seu fundo, contra a exaggeração triumphante da doutrina do poder: razão porque é a liberdade politica necessariamente favoravel ao interesse catholico. A religião repelle a revolução, mas não a liberdade.

Agora, Senhores, já que tanto fallei no Sr. Guizot, não finalisarei sem fallar no Sr. Thiers, o rival, em nome da liberdade, d'aquelle grande publicista. Thiers, está de volta na tribuna franceza; Luiz Napoleão, faltando á logica, pretende concluir com as normas da li-

Sou feliz offuscando-me, desapparecendo mesmo, para que tireis maior dôse de proveito.

A liberdade (diz Mgr. Rendu, bispo d'Annecy) é o homem tal qual sahiu das mãos de Deus, o homem com a sua razão e a sua vontade; o homem, a quem foi dito sob a arvore da sciencia — Eis o bem, eis o mal, podes escolher; mas, eis a minha lei, e, se a violares, morrerás — E' pois, na liberdade moral, que se deve ir buscar a origem da liberdade, a cujo gozo o homem tem direito entre os seus semelhantes.

O poder de cada cidadão na sociedade é o que se chama liberdade. E como este poder manifesta-se em circumstancias diversas, pôde-se e deve-se mesmo dizer, que a liberdade tem nomes diversos. E d'aqui:

1.º A liberdade religiosa, que envolve a liberdade de consciencia, de culto e de proselytismo;

2.º A liberdade civil, que envolve a liberdade da pessoa, do domicilio, da propriedade, e consequentemente a acquiescencia ao imposto;

3.º A liberdade politica, que assegura ao cidadão o seu concurso na confecção das leis, na vigilancia sobre a fortuna publica;

4.º A liberdade do ensino;

5.º A liberdade administrativa na família, no municipio, na provincia e no Estado;

6.º Finalmente, a liberdade d'associação, que comprehende as nacionalidades, a associação dos capitaes para as grandes emprezas, dos braços para o trabalho, dos corações e das consciencias para a oração, para o exercicio da caridade, e mesmo para o praser. D'esta ultima fôrma da liberdade depende mais especialmente o progresso da civilisação.

Agora, particularmente sobre a liberdade politica,

ouçamos o Sr. conde do Montalembert na constituinte franceza em 1849 :

“ E’ preciso não confundir a liberdade politica com a agitação, a ruína, a miseria, a desordem. Quanto a mim, a liberdade politica é o governo da discussão, o governo da tribuna, o governo das assembléas ; o governo que faz com que, mais ou menos, ha trinta e quatro annos, venhamos nós Francezes a esta tribuna discutir os grandes interesses do paiz com independencia, com altivez, com eloquencia quando é possível. Sim, é esta grande fórma de governo, que receio ver enfraquecer-se, despopularisar-se nas almas de certo numero de Francezes, mui justamente assustados pelas agitações que acabamos de soffrer . . . este regimen, este governo da tribuna e das assembléas, do qual sou humilissimo instrumento, porém o mais sincero admirador e o mais fervoroso partidista. ”

Os receios, que o Sr. de Montalembert tinha em França, devem ter em toda a parte os amigos da liberdade. Por toda parte devem estes fundar uma propaganda para a demonstração, de que a liberdade é a garantia suprema do direito e da religião, as duas idéas cardeaes para o ente racional: só assim serão quebradas as armas desleaes dos inimigos da liberdade.

No intuito d’esta propaganda transcreverei algumas linhas do supracitado orador, resumindo-as porque este trabalho já vai longo. Vejamos o direito e a religião enlaçadas com o sagrado vinculo da liberdade.

— Quantos jornalistas, exercendo o *direito* da imprensa, não têm dito, que o *direito* jámais deve ser invocado pelos povos, porque a palavra não se acha uma só vez nas Escrituras ? * E os ouvintes applaudiram ; e eram tambem jornalistas, homens que de-

* Sirva, o que segue, de padrão para medir essa doutrina *subtil*, que vai entrando em voga, na qual todas as honras são para a palavra *dever*, e todos os anathemas ou pelo menos desconfianças são para a palavra *direito*.

viam a sua fama ao exercicio do *direito* da imprensa. Entretanto, abra-se a *Concordancia*, e ali achar-se-ha a palavra *direito*, *jus*, não uma, mas trinta vezes; o nome e a idéa do *direito* figuram na Biblia em todas as accepções: na Biblia falla-se até em *direitos dos cidadãos*, *direitos da humanidade*.

A historia dos Maccabeus, enumerando os crimes d'um dos tyrannos, contra os quaes sublevaram-se os judeus, exproba-lhe o haver desconhecido os *direitos dos cidadãos*, instituindo leis perversas, e consagrando instituições depravadas (II MACC. IV. 14); e Assuero, no manifesto endereçado ás cento e vinte e sete provincias do seu imperio sobre os crimes d'Aman, começa assignalando a cegueira dos maus ministros, que julgam poder escapar aos olhares de Deus, depois de haverem violado *os direitos da humanidade* (ESTH. XVI. 4).

Podem, pois, os catholicos de hoje restabelecer a divisa de Ricardo, rei-cruzado: *Deus e meu direito*.

E' um absurdo dizer, que a liberdade politica é antipathica á religião. E' sim o absolutismo, da turba ou de um, que ha em todas as epocas exposto a Igreja aos maiores perigos. A omnipotencia é uma tentação fortissima para a fraqueza humana. O que tudo póde — tudo quer; e cedo ou tarde é levado a invadir o dominio espirital, unico dominio fóra do alcance da sua mão, unica força erguida á face da sua força... Póde-se affirmar, com o dedo sobre a historia, que a idéa moderna do poder absoluto, tão imprudentemente adoptada por certos theologos e catholicos, nasceu unicamente da guerra contra a Igreja.

A meia-idade catholica não tinha a minima idéa da soberania moderna, isto é, d'uma dominação, d'uma tutela sobre todos os corpos e individuos que constituem a sociedade. Foi o *direito* moderno e racionalista, que resuscitou esta idéa, morta com o Baixo-Imperio, para opprimir a Igreja a pretexto de contela. Por toda parte a sujeição da Igreja e a baixa de sua influencia têm andado na razão directa dos progressos

do despotismo. Isto ha sido visivel, principalmente em França, onde a realeza, desde Richelieu, tem violentamente separado o paiz de suas instituições nacionaes, que eram baseadas na idéa da liberdade hierarchica e tradicional. Mas, os principes, declarando-se omnipotentes contra a Igreja, bem depressa voltaram a doutrina contra tudo o que podia e devia resistilhes na ordem temporal; e n'isto triumpharam, como no ecclesiastico, com o auxilio dos legistas e theologos gallicanos. E assim fundaram o poder absoluto.

.....
 A liberdade tem dous inimigos — a revolução e o despotismo; ou antes tem um inimigo só, sob duas fórmãs diferentes. A religião é a sua salvaguarda, o seu contrapeso legitimo e natural. Os que fazem pender a religião para uma das forças inimigas, fazem-lhe um damno irreparavel: quando a religião parece abençoar o despotismo arremessa a liberdade para a revolução, e o mundo consternado perde o equilibrio.

De todos os despotismos o mais intoleravel para as nações é, o que se exerce ou parece exercer-se com o concurso da religião. Fere os melhores sentimentos da nossa alma, porque n'isto vê-se a exploração d'uma cousa sagrada em proveito d'um interesse profano. E em tal jogo a Igreja é sempre a victima. . . .*

O governo representativo nunca fez e nunca fará tanto mal á Igreja, como muita vez, mesmo sem o querer, o poder absoluto; e, pois, os catholicos não têm interesse algum em associarem-se ás diatribes dos lisongeiros da força contra esta fórmula de governo.

Quasi sempre os poderes, que hão pretendido proteger a Igreja, associando a causa d'esta á da monarchia absoluta, acabaram por compromette-la e escravisa-la.

Excepção feita das grandes explosões revolucionarias, em que a Igreja segue a sorte da sociedade in-

* Assim me parece ter sido o jogo entre Napoleão III e Pio IX. E ambos cahiram a um tempo. . . (Nota da presente edição).

teira, a experiencia mostra, que nos tempos modernos, como na meia-idade, os seus soffrimentos hão sido obra das vontades absolutas.

Eis, Senhores, como um publicista, tão catholico como o melhor catholico, entende a liberdade. Que consoladoras theorias!

Continuemos n'este caminho matizado de flores: vejamos agora, como as verdadeiras theorias liberaes são — Christianismo, e as theorias absolutistas — paganismo; vejamos como o mesmo publicista localisa a questão ao governo representativo, demonstrando afinal que a liberdade politica é um dos interesses catholicos.

— Não ha governo perfeito, não ha governo absolutamente bom em si. Em politica *tudo é relativo*. * O governo representativo, tal como o havemos visto realisado entre nós (falla o Sr. de Montalembert), não é certamente a realisação do ideal do bom em materia politica. Encontra na baixa universal dos caracteres, resultante dos nossos costumes democraticos, causas de ruina desconhecidas em sua origem na meia-idade. Estas causas, porém, ameaçariam qualquer outra forma politica. Dado o estado actual do mundo, é certo, que o governo representativo não tem mais defeitos

* Esta proposição, assim em termos absolutos, não me parece verdadeira; e as razões estão em outros lugares d'este discurso. Entretanto, embora com certa liberdade de quem resume, eu não podia aqui eliminar a mesma proposição, sem damnificar o pensamento do autor. Sirva esta nota de protestar, que me não acho em contradicção. Devo dizer, que julguei-me dispensado de citar os titulos e as paginas das obras de Montalembert, de que me servi, porque taes obras andam nas mãos de todos; entretanto, direi sempre, que é facil verificar se sou fiel, recorrendo aos seus discursos politicos, e ao seu opusculo — *Interesses catholicos no seculo XIX*.

nem mais culpas, do que qualquer outro governo contemporaneo ; e quando mesmo assim não fosse, seria forçoso supporta-lo, sob pena de perder a liberdade ; porquanto não ha na Europa moderna outra combinação para melhor garantir a mesma liberdade.

A mór parte dos thronos cercados d'instituições representativas ficaram de pé em 1848 : exemplos — a Belgica, a Hollanda, a Baviera e a Hespanha ; e a mór parte dos que na mesma occasião cahiram ou foram ameaçados de ruina, nada tinham de commum com o systema parlamentar : sirva agora d'exemplo a Austria.

Seguramente a quéda do poder em Vienna foi tão vergonhosa e tão completa, como a da monarchia franceza um mez antes ; mas, alli a sociedade reergueu-se muito mais vagarosamente do que em França, e a atrocidade do assassinato do general de Bréa foi excedida pela do supplicio do conde de la Tour.

E entretanto tudo no vasto imperio d'Austria era dirigido em sentido absolutamente contrario ás idéas parlamentares, constitucionaes ou liberaes ; liberdade alguma era alli admittida ou praticada : nada de tribuna, nada d'imprensa livre, nada d'assembléas mesmo consultivas, nada de mudanças de ministerio, nada de oradores *briguentos*, nada de chefes de partidos, nem a minima eleição livre, nem discussão de qualquer natureza, excepto sobre theatros e caminhos de ferro ; finalmente, nada de todos esses *flagellos* de que nos livraram.

Nada constrangia a iniciativa governamental. Por trinta e nove annos esse paiz havia sido governado pelo mesmo chefe, o príncipe de Metternich ; isto é, por um homem que todos concordam em collocar na primeira linha dos estadistas do continente. A censura era rigida, a policia universalmente temida e obedecida, a administração muito regular e muito fiel. Ainda mais : nada havia, absolutamente nada, do que

se podia exprobar ao governo de Julho sob a relação religiosa.

O ministro director não fazia mysterio de suas convicções religiosas; e duas vezes, sob sua administração, a Santa Sé havia sido salva da revolução pelas armas austriacas. A solicitude pelos interesses religiosos ia tão longe, que o imperador Francisco imaginára collocar um ecclesiastico em cada administração e chancellaria, comprehendido o seu conselho d'estado. Em uma palavra, era o idéal do systema que nos gabam, salvo a munutenção das leis de José II sobre a Igreja; mas, bem cedo veio a demonstração de que — aspirar a liberdade para a Igreja e a servidão para tudo mais, é hojemdia emprehender o impossivel. . . E o governo d'Austria cahiu como um castello de cartas!

Em quanto os governos modernos das nações christãs faltarem á fidelidade ao Christianismo, conservarão em seu seio o germen de morte, quaesquer que sejam as galas de que se ataviem. *

De presente falla-se muito na necessidade de uma reacção contra o paganismo, e ha carradas de razão, uma vez que saiba-se guardar a medida conveniente a todas as reacções, mesmo as mais legitimas, uma vez que se não passe d'um extremo ao outro, uma vez que se não renegue a *tradição constante* † do ensino catholico, e que se não chegue á proscricção de tudo quanto não está nos Padres do Evangelho, como o califa Omar queimava quanto não estava no Corão.

Nunca se repetirá demais o mal, que fez a renascença do paganismo na ordem social, moral e litteraria; mas, em factos de paganismo, o mais repulsivo, enraizado e perigoso, é o paganismo politico, que erige em dogma a unidade do poder ‡, a omnipotencia

* E o mesmo acontecerá ao governo do Christianismo, se faltar á fidelidade ao espirito do Evangelho. (*Nota da presente edição*).

† A esta proposição de Montalembert o autor poderia oppor sérias duvidas.

‡ Vid. *retro* o que dissemos sobre o poder *uno*.

do Estado, a idolatria monarchica, o governo sem contraste e sem contrapeso, sobre as ruinas das franquezas e barreiras, que a antiga organização da Christandade oppunha ao despotismo.

O governo d'um homem, que pretende obrar por todos, fallar por todos, pensar por todos, eis o idéal do paganismo, tal como foi realisado no imperio romano. As victorias e os excessos da democracia fizeram descer então o genero humano a essa extrema miseria; mas, a meia-idade christã foi fundada sobre a negação completa e absoluta d'um tal estado de cousas. Depois da renascença das lettras alguns reis do Occidente, Luiz XIV á frente, poderam sonhar a volta d'esse estado, mas não resuscita-lo. A Russia é o idéal moderno. Ha cem annos, os progressos do racionalismo e da democracia entre nós têm-nos incontestavelmente preparado para este regimen; e já temos visto, como sob os imperadores romanos, jurisconsultos complacentes e disertos, que sonham o triumpho da democracia no accesso do despotismo, restaurando a formula abjecta do direito pagão: *Quod principi placuerit, legis habet vigorem.*

A liberdade politica, cujo unico fim legitimo é garantir a liberdade civil e moral, não é senão uma reacção, muita vez desvairada em sua fórma, mas profundamente legítima em seu fundo, contra a exaggeração triumphante da doutrina do poder: razão porque é a liberdade politica neccessariamente favoravel ao interesse catholico. A religião repelle a revolução, mas não a liberdade.

Agora, Senhores, já que tanto fallei no Sr. Guizot, não finalisarei sem fallar no Sr. Thiers, o rival, em nome da liberdade, d'aquelle grande publicista. Thiers, está de volta na tribuna franceza; Luiz Napoleão, faltando á logica, pretende concluir com as normas da li-

berdade, o que foi começado com as normas d'uma espada. e o Sr. Thiers está de volta na tribuna: não sei porque, mesmo ditas com tino e moderação, as palavras do grande orador soam-me aos ouvidos como um canto funereo pelo regimeu imperial. . . Deixemos o caminho, em que estas linhas iam internando-nos, e vejamos o que, segundo o citado orador francez, constitue o *necessario* em liberdade politica:

“ Bem sei que a palavra liberdade tira a todos a calma, o sangue frio. Em uns desperta desejos illimitados, em outros — receios chimericos. Mas, Senhores, consultando unicamente a experiencia, limitando-nos ao que é incontestavel, indiscutivel, não será possível determinar, uma vez por todas, o que chamarei o *necessario em materia de liberdade?*”

“ Sim, Senhores, o necessario: ide á Vienna, Berlim, Haya, Madrid, Turim, e vereis que ninguem disputa hoje a este respeito. Sim, ha o necessario em materia de liberdade.

“ Quanto a mim, depende este de cinco condições. A primeira é a segurança do cidadão. Importa, que o cidadão descance tranquillamente em sua casa, percorra todas as partes do Estado, sem que esteja exposto ao minimo acto arbitrario. * Para que fim se reúnem os homens em sociedade? Para resguardar a sua segurança. Mas, se, precavidos contra a violencia individual, podéssem ser victimas dos actos arbitrarios do poder destinado a protege-los, o fim seria frustrado. Importa, que o cidadão tenha garantias contra a violencia individual, e contra o arbitrio do poder.

“ Não insistirei sobre a liberdade individual. . . Mas, obtida pelos cidadãos a segurança, não devem elles com isto contentar-se. Se adormecessem tranquilllos, em breve perderiam a segurança obtida. Cumpre, que cada cidadão inspeccione a causa publica; e para isto é preciso, que pense sobre ella, e que não

* O Sr. Thiers não falla do direito d'enigração, que é o complemento d'este ponto.

pense isolado, pois aliás chegaria apenas a uma opinião individual; importa, que os seus concidadãos pensem também, e haja permuta d'idéas para chegar-se ao pensamento commum chamado opinião publica, o que só é possível por meio da imprensa. Releva, pois, que a imprensa seja livre. . . .

“ Assim, a segunda liberdade necessaria é a permuta d'idéas, creadora da opinião publica. Mas, uma vez manifestada a opinião publica, importa, que esta não seja um vão rumor, e que se transfigure em acto. Para isto cumpre, que homens escolhidos venham trazer-la ao centro do Estado (*á tribuna*), e d'aqui a liberdade eleitoral. . . .

“ E ainda não disse tudo. Uma vez aqui chegados os mandatarios da opinião publica, os encarregados d'exprimi-la, importa que elles gozem de completa liberdade; importa que possam opportunamente exercer uma util fiscalisação sobre todos os actos do poder. . . Esta a liberdade da representação nacional, sobre a qual adiante me explicarei. . . .

“ Emfim, eis-nos chegados á ultima liberdade (não direi que a mais importante, porque todas o são igualmente), á ultima, cujo fim é o seguinte: fazer que a opinião publica, bem manifestada aqui pela maioria, torne-se a directora dos actos do governo.

“ Para chegar a esta liberdade imaginaram os homens dous meios: a republica e a monarchia. Na republica o modo era simples: mudava-se o Chefe do Estado no periodo de quatro ou seis ou oito annos. Os partidarios da monarchia quizeram por sua vez ser tão livres, como os da republica; e para isto imaginaram fazer convergir o esforço da opinião publica, não sobre o Chefe do Estado, mas sobre os depositarios da sua autoridade, estabelecendo o debate com estes e não com o Soberano. De sorte que, resguardada a permanencia do poder, ha uma cousa que muda—a politica; e assim realisa-se o bello phenomeno do paiz com um monarcha elevado ácima de qualquer debate, do paiz

governando-se a si-mesmo, por seu proprio pensamento e por sua propria opinião.

“ Eis-me chegado á liberdade, que chamei de representação nacional. Não fallo da liberdade, que temos sempre a certeza de achar aqui, graças á imparcialidade do presidente que dirige os nossos trabalhos; outra é a liberdade, a que me refiro.

“ Concedo (nunca me vereis abandonar as máximas do governo) concedo ao poder a iniciativa em tudo * . . . até mesmo em materia de legislação; . . . mas, é forçoso que por sua vez o poder nos conceda o exame de todas as cousas; e para que possamos exercer este exame opportuna e utilmente, cumpre que possamos, como se pratica em todas as assembléas da Europa, agitar aqui uma questão, quando ella nos parecer necessaria, se acharmos urgente examina-la . . . Penso, que não teremos verdadeira liberdade, em quanto não tivermos a faculdade, estabelecida pelo uso, de suscitar aqui todas as questões, que a maioria julgar dignas de serem tratadas, e que o governo não declarar perigosas. † ”

Eis, Senhores, desenhado em ligeiros traços o quadro das minhas vistas sobre o estudo do Direito

* Transcrevo este topico, unicamente para dar com as palavras de Thiers uma idéa do que seja liberdade de representação nacional, e não porque acceite esta liberdade nos estreitos limites, em que é desenhada: muito mais ampla é ella pela nossa Constituição.

† Vê-se de todo o periodo, e particularmente d'estas ultimas palavras, que Thiers *vai devagar, pede licença* ao regimen de Napoleão III. Esta theoria sobre a liberdade da representação nacional é de um sectario *ultra* do principio da autoridade. Como vai a França, que um velho e probó liberal toma todos estes atalhos para fallar em liberdade!!!

Publico, e particularmente sobre a questão da liberdade.

Fallando da liberdade, talvez conviêsse, como consecretario das opinões emittidas, fallar do direito de revolução; muito de proposito, porém, abster-me, pelo perigo de tratar semelhante assumpto em poucas linhas. Teremos occasião competente e asada.

Epilogando quanto hei dito:

Respeito á dignidade humana, symbolisada na liberdade. Soberania nacional: não para erigir em infallibilidade o principio paganico da maioria, a qual em si só considerada pôde ser traduzida por força bruta; mas, subordinada a mesma maioria ás noções da justiça e da razão: e consequentemente ampla manifestação do pensamento, e tudo quanto concorrer possa para que se opere livremente o trabalho da opinião, e para o consequente predominio d'esta. O Estado para o homem, e não o homem para o Estado: isto é, sempre a acção individual nas maiores proporções possíveis. E adejando sobre tudo o sol divino da Moral do Evangelho.

Liberdade em tudo. * Não essa liberdade convulsa, que tem por crise a licença, e por desastrosa consequencia o despotismo; mas, a liberdade reclamada pela natureza do homem, escripta pelo dedo de Deus n'essa natureza, assim no foro externo como no foro interno, assim no Estado como na Igreja. Em summa, o homem sempre de pé, como rei da criação, preso pelos pés á terra, e pela cabeça e coração ao Céu, feitas as strictas limitações urgidas pela coexistencia social.

Eis o grandio trabalho da humanidade!

Quando um dia se poder dizer, que da acção in-

* Segundo o Sr. J. Simon: na sociedade domestica—a liberdade do lar, do capital, da officina; na sociedade politica—a liberdade civil, a liberdade publica; na sociedade religiosa (ou sciencia)—liberdade de cultos, liberdade de pensamento. Transcrevi a enumeração; mas, não me hypotheco a todas as premissas e conclusões do autor.

dividual faz-se no mundo apenas o sacrificio strictamente necessario, quando por toda parte Cesar só exigir aquillo a que tem direito, e o homem fôr por toda parte completamente livre de dar a Deus o que é de Deus, a obra do Evangelho estará completa, e de toda a creação partirá um hymno unanime e perfeitamente accorde, que chegará ao Throno do Creador.

Não examino, se é ser utopista exprimir tal aspiração como susceptivel de realisar-se um dia nos quatro pontos cardeaes; o que sabemos todos é, que ao impulso de tal aspiração tem andado e andarâ a humanidade, em incessante trabalho. Poderá ser a têa de Penelope; mas nem por isso deixará de ser certo, que esse trabalho é a suprema tarefa humana.

Sigo, pois, a bandeira do Sr. de Montalembert, com a seguinte divisa — *Igreja livre no Estado livre* — divisa, como diz o grande orador e o sincero catholico, que é a salvaguarda dos catholicos, e como que a pedra de toque dos liberaes; divisa que distingue claramente os catholicos liberaes dos catholicos intolerantes, que não querem *Estado livre*, e dos liberaes inconsequentes, que não querem *Igreja livre*.

E' possivel, Senhores, que não tenha fallado com sufficiente clareza; affirmo-vos, porém, mais uma vez (e tomo a Deus por testemunha), que as minhas intenções são as mais sinceras a bem do cidadão e a bem do Estado, sem eiva de paixão politica, ou de qualquer sentimento que não seja — o de cumprir os deveres de mestre e de cidadão d'um Estado livre, como por fortuna de todos nós é * o Imperio do Brasil.

Pelo art. 3.º dos nossos Estatutos, além do que ha sido objecto das presentes linhas, isto é, além do

* No dia d'hoje eu escreveria — *deve ser*. (*Nota da presente edição*).

Direito Publico Universal e da Analyse da Constituição do Imperio, pertencem a esta Cadeira o Direito das Gentes e a Diplomacia.

O Direito Internacional, ou — o complexo de regras conformes á justiça, deduzidas da natureza da sociedade entre as nações, comprehendidas as modificações que o uso e o consenso geral podem estabelecer sem quebra dos principios cardeaes * ; e a Diplomacia, que é a sciencia das relações exteriores, a *objectivação* do Direito Internacional, a arte d'encaminhar as negociações politicas † : eis o complemento da série de principios incetada com o estudo do Direito Natural.

Não sei, se teremos tempo para estes dous ramos d'estudo, ou se acontecerá este anno, como em tantos outros, ficarem elles prejudicados. Procurarei realisar o primeiro membro da alternativa ; entretanto, pela extensão com que já vos tenho fallado, reservarei as observações preliminares sobre o Direito das Gentes e a Diplomacia.

Em conclusão :

Procurarei assentar na Moral do Evangelho, quanto tenha de dizer-vos sobre a natureza do homem e da sociedade.

O estudo da sociedade, como o do homem, deve ser presidido pela luz do Christianismo.

O quebrantamento da Moral do Evangelho atraz a physica e moralmente as nações, com os individuos.

Segundo um pensador francez — uma cousa ha sido esquecida em todos os calculos : o producto da virtude ou do vicio em um povo no correr dos tempos.

* Vid. Wheaton, *D. Intern.*

† Marthens, *Guid. diplom.*

Que Deus nos ajude a todos, Senhores, para que
bem cumpramos os nossos deveres.

NO DOUTORAMENTO DO SR. GRACILIANO DE' PAULA BAPTISTA, AOS
20 DE AGOSTO DE 1866

Algumas palavras apenas. E' o que me consente uma tardia convalescença d'enfermidade, que divorciou-me de séria applicação intellectual, não sei até quando.

Congratular-me comvosco, meu joven collega, pelo feliz resultado dos vossos esforços — eis a primeira parte da minha incumbencia legal na presente occasião.

Para mim é isto facil e grato.

Apreciador das vossas qualidades e da vossa aptidão intellectual; sabedor dos esforços, que dispendestes, para alcançar as insignias que n'este momento começaram a adornar-vos; tendo uma amarga experiencia do que são essas alternativas de susto e prazer, de dor e alegria, que trazem consigo as pugnas da intelligencia, quando se encontram no caminho os cardos da contradicção — legitima ou illegitima; fi-

nalmente, reconhecido á honra que me fizestes, escolhendo-me para acompanhar-vos n'esta grande solemnidade: eis outros tantos motivos, para que me seja facil e grato congratular-me comvosco.

Assim, sob a relação de quanto levo dito, não foi, de todo, infeliz a vossa escolha; pois que não era eu o mais inhabilitado para ler no vosso coração. Posso dar-vos um abraço, que corresponda ao compendio das vossas commoções nos pleitos litterarios até este momento: um abraço de quem, um dia acariciado pelo jubilo que hoje vos possui, sentiu tambem o espinho que hontem vos punziu. . . .

Mostrar-vos a importancia do gráo que acabais de receber, e indicar-vos o uso que na sociedade deveis fazer das vossas lettras — esta á segunda parte da tarefa, que me incumbe o art. 104 do Reg. das Faculdades de Direito.

N'este ponto (eu vo-lo digo, sem assomos d'alambicada modestia) foi infelicissima a vossa eleição. Qualquer dos meus illustres collegas, n'esta linha de mestres, onde é meu o ultimo lugar, saberia fallar-vos, como eu jámais fallaria, ainda quando não actuasse contra mim a triste circumstancia, que ao começar mencionei.

Espero de vós, e de quantos me ouvem, toda a benevolencia.

Só para que se não diga, que os Estatutos não foram observados, ensaiarei algumas considerações sobre a importancia do vosso gráo e o uso das vossas lettras.

Não obedecerei a systema, e limitar-me-hei a suscitar-vos algumas idéas: o vosso criterio fará o resto.

O gráo, que acabais de receber, Sr. Dr. Paula Baptista, importa a vosso favor a presumpção de sciencia.

Legitimar mais e mais esta presumpção — eis a tarefa que deve occupar-vos até o ultimo dia da vossa vida.

Um titulo scientifico, a que não correspondam merecimentos intellectuaes de seu dono, assemelha-se a uma lousa de sepultura: por fino e trabalhado que seja o marmore, todos vêem (póde-se dize-lo) através d'esse marmore o repugnante mysterio da materia em dissolução, ou a expressão desanimadora do vacuo; ninguém se illude. Assim do titulo scientifico, que não é correspondido pelo verdadeiro merecimento; ninguém se illude, porque afinal o *sexto sentido* das multidões, como disse, parece-me, E. de Girardin, esse instincto do que chamam *publico*, instincto que mais parece uma providencial intuição, faz plena justiça ás gralhas implumadas a pavão.

E assim como val mais gyrar em esphera modesta e acanhada, do que repousar sob uma lousa do mais fino e bem trabalhado marmore, val mais transitar n'este mundo com o simples auxilio do bom senso, do que assumir o serio compromisso de carregar o peso de condecorações scientificas, quando para tanto não chegam as forças.

Para vós, porém, Sr. Doutor, já é tarde: a vossa escolha está feita; o peso já está sobre os vossos hombros, que felizmente promettem ganhar ainda muitas forças.

Amanhã começa a sociedade a bradar-vos imperiosa, que deveis ser *douto*, pois que sois *doutor*.

E não podeis furtar o corpo, nem aparar o golpe: o vosso titulo obriga, como em passadas éras se dizia da nobreza.

De que importancia, pois, de que gravidade não é o gráo, que acabais de receber!

Disse eu, que esse gráo valia para vós a presumpção de sciencia, e que o vosso trabalho incessante pas-

sava a ser — legitimar mais e mais essa presumpção. Explicar-me-hei.

A sciencia é para nós, Sr. Doutor, o que o oceano é para o navegador do alto mar : uma planicie, que parece não ter principio nem fim.

Eis porque fallei em presumpção de sciencia, e não em sciencia.

A sciencia completa, no rigor da expressão, é Deus : o homem da sciencia, esse navega em vaso de madeira, arribando aqui e ali, até que um dia vai ao fundo. Fortuna é d'elle, quando no momento supremo e derradeiro, sabe humilde resumir toda a bagagem intellectual na aspiração, que é commum ao cren-te mais ignorante ; sabe, do centro de seu nada, bater nos peitos, e levantar olhos supplices para a grandeza de Deus . . . Magestosa democracia da hora da morte !

Estudar, pois, Sr. Doutor ; mas, estudar calmo e tranquillo : mal do piloto, que não tem sangue frio no meio das procellas ! Não se deixar levar pela *ancia da sciencia*, não armar laços a um imaginario saber feito ás pressas : fôra insano designio. Estudar até morrer ; e bom Deus, quando ao cabo da vida se tem legitimado a presumpção, de que ácima fallei !

Essa sciencia fatua, que incha seu dono, essa sciencia, que não tem rumo, pois que, debatendo-se toda n'este mundo, vai dar no vasio do tumulo, essa sciencia, cuja pratica não leva para o céo, que não é insuflada pelo amor de Deus e do proximo, que não se empenha na pesquisa conscienciosa da verdade, é uma sciencia satanica, é taça de fel — adoçada nas bordas . . .

Antonio, santo monge do oriente, tinha o espirito naturalmente fecundo, o habito de contemplar a natureza, de meditar nas santas Escripturas, de cuja substancia se havia apossado, e com isto suppria abundantemente a falta de cultura humana, e d'instrução scientifica. Sabia fallar a todos, letrados ou não, e a todos sabia consolar. A dous philosophos gregos, que tinham-n'o procurado para tenta-lo, disse elle : — *Por-*

que procurar um insensato? — Não sois insensato, responderam os dous sabios. — N'este caso, sêde como eu sou, replicou Antonio. Riam-se, porque elle não sabia ler; e Antonio perguntava: — O que é superior, o espirito ou a letra? — O espirito, respondiam-lhe. E Antonio concluia: — Aquelle que é dotado d'um espirito são, necessidade não tem da letra; lê no grande livro da natureza, escripto pela mão do proprio Deus. (ALZOG, Hist. da Igreja).

Está ou não aqui stereotypada a sciencia humana? Com esta recordação quiz fazer-vos sentir, meu collega, quanto é santo procurar a sciencia, que humilha, quanto é satânico procurar a sciencia, que incha.

Ha uma humildade d'intelligencia, como ha uma humildade de coração, ha uma consciencia e uma prohibidade no trabalho scientifico, como em qualquer outra applicação da actividade humana.

Se este lugar, em que tão infelizmente me collocastes, me habilita a dar-vos um conselho, o conselho está dado. Humildade e consciencia, e tereis salvo a importancia do vosso gráo. O homem sensato sabe — o que se póde pedir a outro homem: ninguem póde pedir-vos a infallibilidade scientifica; mas, todos têm direito, correspondente ao dever do vosso gráo, de pedir-vos o constante esforço na procura da verdade e do bem.

E quando houverdes demonstrado, que sois tenaz no trabalho, tereis honrado o vosso gráo.

Para isto, porém, que lida incessante!

Trabalhar, Sr. Dr. Baptista, trabalhar — lendo e meditando. Os livros e a razão individual. Offuscar de todo a propria personalidade, para fazer o officio da formiga no cellheiro das bibliothecas, seria uma insanía: ha nas bibliothecas, a cada passo, o pro e o contra; e demais, a vida do homem não chegaria para percorrer o millesimo dos raios. O Sr. Guizot, pensador profundo, abrindo o seu curso d' historia moderna, proferiu a seguinte sentença: — “ O homem, na igno-

rancia e fraqueza a que o condemnam os limites da sua vida, recebeu a razão para supprir o saber, como a industria para supprir a força.”

Vejo, Sr. Dr. Paula Baptista, que estou perdido na magnitude do assumpto, e perante o vago do preceito dos Estatutos.

Em tal conjunctura satisfaço o desejo de quantos me ouvem, que é tambem o meu desejo: vou apressar a conclusão d'estas linhas, arriscando algumas palavras sobre o uso que deveis fazer das vossas letras, só para que se não diga, que a lei foi profundamente infringida.

Magistrado, advogado, mestre, qualquer que seja a vossa carreira, o uso das vossas letras deve ter uma norma, um alvo: o vosso aperfeiçoamento moral, produzindo proximamente o bem do centro em que viverdes, e remotamente o bem da humanidade.

Só ha uma sciencia — a que procede de Deus, e caminha para Deus: o mais é insciencia, é cegueira.

Debaixo d'esta relação, fallhou a agudeza do Sr. Guizot (digo-o com profundo respeito), quando negou á sciencia a qualificação de meio moralizador.

O general Cavaignac, no mais forte das orgias intellectuaes de 1848, pediu á Academia, que edificasse os espiritos, sustentando em opusculos, profusamente espalhados, os principios fundamentaes da ordem social — o casamento, a família, a propriedade, o dever.

“ Era, diz o illustre publicista, illudir-se grandemente sobre a natureza dos trabalhos d'uma tal corporação, e sobre o alcance de sua acção: não é dado á sciencia reprimir a anarchia nas almas, nem reconduzir ao bom senso e á virtude espiritos desvairados; para taes obras, potencias mais universaes e profundas — Deus e a desgraça!”

E porque? ousarei eu perguntar . . .

Porventura, bem elucidar perante as intelligencias as harmonias da ordem social, não será levar a luz ás almas desvairadas, a luz do dever, o conhecimento da economia da Providencia? Não será assignalar como origem á desgraça, actual ou possível, a aberração da lei divina, sempre presente, mesmo nas relações que parecem puramente mundanas? Não será, como quer o Sr. Guizot, fallar em nome de Deus, e em nome da desgraça?

Convenho, Sr. Dr. Baptista, que a sciencia não prega com a autoridade do pulpito; mas, deveis convir comigo, que a verdadeira sciencia não prescinde de Deus e da sua economia, e é por conseguinte pregadora.

A sciencia trouxe pela mão A. Thierry ao regaço do catholicismo, e vem já adiantada no mesmo caminho (é licito e grato pensa-lo) com o illustre Sr. Guizot.

Como ver em consciencia o dedo de Deus escrevendo por toda a parte no campo scientifico, no campo da sciencia desprevenida e conscienciosa, e não acabar prostrado e humilhado ante a economia providencial?

Já vêdes, qual é, no meu fraquissimo conceito, o uso, que deveis fazer das vossas letras: olhos em Deus, e indagação sincera da verdade, que é o bem da humanidade.

Combater o bom combate, segundo escrevia um illustre Bispo honrando-me com as suas letras, como um leigo que sois: batendo caminhos, desenvolvendo actividade, e tomando attitudes, que mal assentariam nos ungidos do Senhor; embora sempre a caridade e a moderação.

Nada de exagerações; nada de assumir, muita vez ridiculamente, os ares do sacerdote, como este não deve tomar as vestes do leigo: cada um combata com as suas armas, que só assim será a alliança reciprocamente proveitosa.

Acceitar o seculo, que sois do seculo. Longe essas declamações, embora pomposas, com que Donoso

Cortés declarava maldita a civilisação do seculo XIX, este seculo, em que o catholicismo ha contado tão serios triumphos. . . .

Repito : combata cada um com as suas armas. O livro e a tribuna dos homens da sciencia, como vós, não são, nem podem ser, o cathecismo e o pulpito do padre. Tudo a seu tempo, cada um em seu lugar. . . .

Sinto, Sr. Dr. Graciliano de Paula Baptista, que é tempo de deixar-vos partir para o gozo ineffavel das doces emoções da familia: demais hei abusado d'esta cadeira, que me déstes. Perdoai-me.

Talvez houvesse eu andado mal: talvez fosse mais proprio dissertar sobre a sciencia do Direito, para d'ahi concluirdes a importancia do vosso gráo, e qual o uso a fazerdes das vossas lettras. . . . Mas, o que me seria dado adiantar, a quem possui um mestre de todas as horas em um extremoso pai?

Ide agasalhar a vossa corôa nas quatro paredes domesticas, unico recinto sereno, unico porto seguro, nos vaivens d'esta vida.

S. Felipe Nery ouvia um joven, que se expandia em maré de rosas, planejando todas as felicidades que lhe promettia o futuro. O santo varão provocava o mancebo ás effusões encantadas dos projectos da mocidade; e, a cada uma phase de venturas, applaudia jubiloso. O moço tomava ao serio o jubilo do santo, e foi ás ultimas terminações dos seus sonhos. Então, abraçando-o ternamente, disse-lhe S. Felipe Nery ao ouvido — *E depois?* Estas palavras, diz o Sr. abbade Gaume, ficaram tão profundamente gravadas no espirito do mancebo, que, de volta á sua casa, não podia elle deixar de repeti-las a si-mesmo. A cada um de seus sonhos de fortuna voltavam as inexoraveis palavras — *E depois?* — E depois? . . . Deixar

tudo!.... morrer!.... ser julgado!.... absolvido ou condemnado por um juiz eterno!.. Vaidade de tudo o que passa!

De coração vos desejo, meu collega e amigo, todas as felicidades; mas, que por entre os risos da ventura sempre vos seja presente o *depois* de S. Felippe Nery.

NO DOUTORAMENTO DO SR. JOSE' JOAQUIM TAVARES BELFORT,
AOS 17 DE AGOSTO DE 1867

A justiça é antes o amor de todas as virtudes do que uma virtude particular : é um amor geral do bem honesto . . .

Não sei porque, Sr. Doutor, comecei por estas palavras, aliás d'escriptor autorisadissimo, pois é da predilecção de severos caracteres, que trazem sempre os olhos no céu . . .

Para que dizer vos, e a este illustrado auditorio, que a justiça só existe onde existe a pureza do coração e a elevação do espirito? Todos o sabem.

Entretanto, confesso-o, estou hoje tomado de uma vaidade pueril, eu que não tenho grande pressa de ser velho e que infelizmente não posso ter a pretensão de ser menino. . . estou hoje tomado de uma vaidade pueril : quero fazer de Pilatos uma vez na minha vida (excommunhões á parte) e quero tambem ter o meu dia de *quod scripsi* ; embora começando de novo, embora ensaiando segundo exordio tenha de offender profundamente as cinzas do nosso velho amigo Quintiliano.

E' milicia a vida do homem sobre a terra. Segundo o grave Montalembert, só ha um meio de evitar a luta — supprimir a vida.

Vós, Sr. Doutor, acabais de uma batalha, e a corôa do triumpho vos está conferida. Se por entre os louros, que enramam a fronte do triumphador, se deixa ver a cicatriz do golpe honrosamente recebido, razão de mais para uma justa ufanía . . .

Sois homem politico, sabeis o alcance da verdade das maiorias, e deveis estar contente com a que obtivestes. E para que um dia não venham dizer-vos, que a vossa maioria foi uma ficção, continuai a trabalhar para que a minoria se não legitime. Chegará o momento, eu o espero, em que o vosso caso julgado por verdade será tido : verdade verdadeira, e não — convencional, até onde, n'este oceano da sciencia, ha verdades verdadeiras, no sentido em que venho falando.

Não vos contenteis com o vosso passado escolastico. E' verdade, que um bacharelado em letras com applausos e premios constantes, que um quinquennio juridico sem nota, no gozo da boa reputação de mestres e condiscipulos, constituem um titulo muito valioso de aptidão intellectual ; porém, podeis e deveis fazer muito mais.

Não vos contenteis com offerecer o vosso passado social ; com esse apreço extremo dos comprovincianos que aos vossos 24 annos vos haviam conferido todos os cargos electivos que vos podiam conferir ; com esse papel corajoso e desinteressado que desempenhastes no seio da representação nacional, coragem e desinteresse que vos importaram o sacrificio da vossa posição politica ante a compressão governamental nas urnas . . . Podeis e deveis fazer muito mais.

E' preciso trabalhar e trabalhar sempre, sem temer os espinhos do caminho. A adversidade, disse um piedoso pensador, é a estrada dos fortes : só os eleitos da Providencia atravessam a pé descalço os ardentés caminhos da vida.

E conseguireis, eu o espero, supprir abundantemente as folhas que vos faltam n'essa corôa. N'esta solemne occasião apraz-me dar bem alto o testemunho, de que vos reputo um talento das mais viçosas esperanças, e uma illustração bastantemente adiantada para os vossos poucos annos. E' valioso fiador d'estas minhas palavras o bello discurso que acabais de ler. .

Vejo que tenho lido muitas linhas, traçadas todas em desordem, sem que, em minha consciencia, possam ellas ser reputadas um exordio, segundo as regras da oratoria.

O que fazer? Quando me tivesse sobrado tempo para começar de novo, aquella preocupação de ser uma vez Pilatos actua sobre mim. Assim, ainda com risco de eterna disputa entre a minha e a sombra de Quintiliano, passo sem mais exame a cumprir o preceito dos Estatutos.

E direi pouco, pois que fallo sem exordio: o alongar-me seria aggravar o meu peccado.

Congratular-me comvosco pelo resultado feliz dos vossos esforços, e mostrar-vos a importancia do gráo que acabais de receber e o uso que na sociedade deveis fazer das vossas letras — eis a tarefa que me incumbem os Estatutos: ha aqui themas para mais de um tratado; e com elles me sobrecarregastes, Sr. Dr. Belfort, n'uma quadra em que estou incapaz de um prefacio, como já cabalmente demonstrei.

A congratulação já foi por ahi involta n'essas palavras a esmo, que tenho proferido.

A importancia do vosso gráo ser-vos-hia revelada pelo juramento que acabais de prestar, por todo este apparatus que vos cerca, se a vossa propria illustração já vos não tivesse ensinado, que ha gravissimas difficuldades em ser douto para corresponder ao titulo de

doutor, que o compromisso uma vez tomado para com um título scientifico impõe obrigações até o momento derradeiro.

Quanto á importancia do gráo que acabais de receber e ao uso que deveis fazer de vossas lettras, porque o dizer-lo implica de alguma sorte uma questão pratica de actualidade e futuro da sociedade brasileira, arriscarei algumas palavras mais, para que se não entenda, que assustou-me o ponto mais delicado da minha tarefa: entretanto, reconhecido á bondade de tão conspicuo auditorio, limitar-me-hei a muito menos do que seria preciso para externar todo o meu pensamento.

N'esta confusão intellectual e moral que ameaça d'espessas trevas a nossa chara patria, para qualquer lado que volteis as vistas, meu joven collega, achareis tarefa espinhosa para o emprego dos vossos talentos e illustração.

Olhai para o vertice. . . Transtorno completo das normas representativas: extravio de boa vontade capaz de inspirar a confiança pela taça d'Alexandre; intenções as mais puras com apparencias de erros conscientes e funestos. . .

Olhai para base. . . As multidões debatendo-se por entre um scepticismo estragador, nada de crenças religiosas devidamente encaminhadas, nada d'educação politica, um anachronismo perenne entre os principios liberaes, com que fomos alimentados pelas auras americanas, e esse delirio insensato que se vai desenvolvendo pelo amor dos ouropéis da monarchia, erguido na praça publica um bazar de nobreza onde se compram brazões. . .

E nos pontos intermedios:

Magistratura mendiga e escrava;

Episcopado e clero tratados pelos poderes publicos com prevenção e desconfiança;

Sciencia que leva ao protestantismo ou ao fanatismo;

Estadistas que jogam ás claras na alça e baixa dos brios publicos ;

E finalmente, envolvendo tudo isso — descrença absoluta das instituições, dos partidos, dos individuos, das virtudes publicas e particulares !

Se me permittissem a approximação — só ha o Espirito de Deus levado sobre as aguas . . .

E pois, que vasta seara para quem queira empregar utilmente as suas lettras !

Com a mão na consciencia, zelando os generosos impulsos da mocidade, evitando que a onda revólta vos abysme, considerando que Deus é — a verdade, a belleza e o bem, aspiração suprema do homem e da humanidade, escolhei o caminho que vos aprouvér, que vos dictarem as vossas predilecções intellectuaes: tereis o escudo garantidor da victoria ao combatente.

Talvez digam, que tratando da nossa actualidade esbocei um quadro demasiadamente carregado . . . Appéllo para os homens de consciencia: todos sentem e dizem á puridade muito mais do que acabo de dizer: apenas falta a muitos a coragem de fallar alto . . .

E aliás, é preciso muita coragem, em um paiz livre, para alçar a voz conscienciosamente pelo bem commum? Pasmará esta geração moderna, que fazamos alguns hoje com palavras, o que hontem nossos pais fizeram com seu sangue ?

Não o creio, e não acceito o epitheto de pessimista: eu não disse, que descreio da Providencia, e d'ella espero a salvação para a patria, por intermedio da nova geração . . .

D'esta, Sr. Dr. Belfort, sois uma viçosa esperança, e espero ainda applaudir os vossos triumphos.

Leio em vosso coração, que vos tarda a conclusão d'este meu toscó . . . discurso (já que é nome official).

Ide communicar a vossos pais, que bem longe pensam agora em vós, que Deus ajudou-vos a fazer-lhes a vontade.

Ide abraçar vossa mimosa esposa, typo angelical de prudencia e discrição. Ide no seu lar, que é tambem vosso, abraçar todos aquelles que por ella fazem suas as vossas glorias.

E que a minha ultima palavra seja um conselho animador para vós (e posso aconselhar-vos, que já estou a meio caminho entre a juventude e a velhice).

Deus e a vossa consciencia; e nada de desanimar, nem com as calumnias, nem com as reprehensões hypocritas d'esses falsos Mentores que abundam em nossa sociedade, verdadeiros mochos, que simulam hypocrita recolhimento á luz do dia, e alçam o vôo nas trevas. . .

Timon, o Misanthropo, depois de participar aos candidatos ao suicidio que ia cortar a sua figueira, foi comprimentar Alcibiades, porque entrevia n'elle o autor da futura ruina d'Athenas.

Em nossa terra (salvo honrosas excepções) quando vejo velhos cercando moços, afiguram-se-me ordinariamente Timons e Alcibiades. . .

A' vante, pois, que já não ha pilotos, quando o naufragio está perto!

Sois, repito, em meu humilde conceito, um ornamento da actual geração; e aos moços de coração só aconselho — a linha recta e confiança no futuro da patria; que elles são os novos cruzados da civilisação, cujo escudo deve ter por unica divisa: Deus e a propria consciencia!

NO DOUTORAMENTO DO SR. ANTONIO CARNEIRO ANTUNES
GUIMARÃES, NO 1.º DE SETEMBRO DE 1870

Congratulo-me comvosco, Sr. Dr., pelo resultado feliz dos vossos esforços. Sou naturalmente propenso a apaixonar-me pelos nobres commettimentos — feliz compensação que me dispensou a Providencia, havendo-me negado os alentos para realisal-os. Amo apaixonadamente o verdadeiro, o bello, o bem, taes como elles se me afiguram em minha pobre comprehensão, venham d'onde vierem e qualquer que seja a fórma que os revista, como uma homenagem, a mais sublime, da creatura ao Creador.

Ha tambem uma grande satisfação — nobre, nobilitadora satisfação — nas linhas dos simples espectadores das grandezas e nobrezas humanas: a de applaudir com a alma estreme de qualquer sentimento menos confessavel, a de applaudir como quem proclama, pelos verdadeiros brazões do homem, a Gloria de Deus.

E, pois, sinto-me nobre e satisfeito nas modestas linhas dos espectadores, das quaes bem sei que nunca devo sahir; porque sinto nobre e satifeita a consciencia, porque nunca o elogio me foi arrancado por uma

fraca e vil condescendencia, porque nunca a censura me foi dictada por odienta ou invejosa inspiração.

Isto disse-vos, Sr. Dr. Carneiro Guimarães, para que bem possais aquilatar a sinceridade, com que me congratulo comvosco na presente occasião; e com a maxima segurança poderieis avalial-o, se eu vos podesse aqui declinar as ponderosissimas razões, que me haviam decidido a por longo tempo não occupar esta cadeira, razões que foram vencidas por vossa benevola insistencia. . .

Chegar de cabeça erguida para um certamen tão difficil como são os da intelligencia, trazendo por unica bagagem e por unicas armas o talento já enriquecido por um aproveitado estudo, e sustentar no pleito a sobrançeria de quem não descrê de si nem dos juizes, porque sente o vigor do esforço feito e do que ainda pôde fazer, e acredita na efficacia dos dictames do justo, tudo isto sem os arrosos da fatuidade que tanto enojam, e fortalecido pelos condimentos da modestia que tanto encantam, e que nunca entram em conflicto com os reclamos da propria dignidade — eis o que hontem me fez estimar-vos, o que hoje me faz abraçar-vos com toda a effusão da alma, o que amanhã talvez me faça ter pena de vós, se, quando chegar a hora do desengano, deixardes apagar-se o fogo de Vesta, se faltar-vos o alento para carregar a braga do estudo, *só por amor ao estudo*. . . Engana tanto a linha recta em nossa terra! . .

Impunha-me a lei, que eu comvosco me congratulasse, e o coração impunha-me que eu fundamentasse essa congratulação.

Cumprida a primeira parte do preceito legal, passo a fallar-vos da importancia do gráo que acabais de receber. *

O gráo que acabais de receber, Sr. Dr. Carneiro

* Algumas das proposições contidas na segunda e na terceira parte d'este discurso foram por mim enunciadas no doutamento do Sr. Graciliano de Paula Baptista. O quadro é o mesmo: alarguei-lhe apenas as proporções.

Guimarães, importa a vosso favor uma presumpção de sciencia; mas é isto, ai de vós se o não conhecerdes! antes um onus do que uma prerogativa.

E que tremendo onus! Legitimar mais e mais essa presumpção, procurar eleva-la á cathegoria de prova provada, eis tarefa para todos os dias da vossa vida.

Dado o passo que acabais de dar, onerado com o grande peso d'essa presumpção, a respeito da qual não ha meio termo — deve importar em grande honra ou grande vergonha — dado o passo, qual será o homem de brio que não se resignará a ser um calceta perpetuo do estudo?

Um titulo scientifico, a que não correspondam merecimentos intellectuaes de seu dono, é como uma lousa de sepultura: por fino e trabalhado que seja o marmore, todos vêem (póde-se dizê-lo) através da pedra o pavoroso trabalho da materia em dissolução, ou a expressão desanimadora do nada; ninguem se illude. Assim do titulo scientifico, que não é correspondido por vero merecimento: ninguem se illude, e mais cedo ou mais tarde o *sexto sentido* das multidões faz justiça ás gralhas implumadas a pavão, enchotando-as para o seu bando.

Felizmente, Sr. Dr. Carneiro Guimarães. o peso não me parece demasiado para os vossos hombros, que promettem ganhar ainda muitas forças.

Fallei em — presumpção de sciencia, fallei em — procurar elevar essa presumpção á cathegoria de prova provada, e não fui além. Explicarei porque fico na presumpção, porque não vou além do esforço para eleva-la á prova, embora a prova se não faça, pois que a vida do homem é curta para fazê-la.

A sciencia é para nós, Sr. Doutor, o que é o oceano para o navegador do alto: uma planicie sem principio nem fim.

A sciencia, no rigor da expressão, é Deus: o que chamamos homem da sciencia, esse é um navegante em vaso de madeira, arribando aqui e alli, até que um dia vai ao fundo. Fortuna é d'elle, quando no mo-

mento derradeiro sabe humilde resumir toda a sciencia e toda a virtude, no que é commum ao mais ignorante tocado pela graça: levantar olhos e mãos supplices para a misericordia de Deus!.. Magestosa democracia da hora da morte!

Estudar, pois, meu joven amigo; mas, estudar calmo e tranquillo: mal do piloto que não tem sangue frio no meio das procellas! Não se deixar levar pela *ancia da sciencia*, não armar laços a um triste saber feito á pressa: fôra insano designio. Estudar até morrer, pedindo sempre a Deus que no cabo da vida se tenha legimitado a presumpção, se tenha provado o esforço. Para mais não chega o homem.

Nada d'essa sciencia fatua que incha seu dono, que não tem rumo, que debate-se toda n'este mundo, que vai dar no vasio do tumulo.

Sciencia que não leva para o céo, sciencia sem consciencia, que não é inspirada pelo amor de Deus e do proximo, que não importa uma conscienciosa pesquisa da verdade, é sciencia satanica, é taça de fel — adoçada nas bordas. . . .

Ha uma digna humildade da intelligencia, como ha uma humilde dignidade do coração; ha uma consciencia e uma probidade no trabalho scientifico, como em qualquer outra applicação da actividade humana.

Se este lugar, em que tão infelizmente me collocastes, me habilita a dar-vos um conselho, foi este enunciado nas minhas ultimas palavras. — Humildade e consciencia — e tereis salvo, com o labor de todos os dias, a importancia do vosso gráo.

Fallei, porém, em *digna humildade*, e devo explicar-me. Tendes direito a toda a minha franqueza, e é só com esta que posso pagar-vos a divida de benevolencia em que me constituistes.

Nunca, Sr. Doutor, no meu intuito está qualquer doutrina, que avassalle o homem ao homem; e, na sciencia, eis como posso externar o meu pensar e o meu sentir, eis como entendo que se possa fugir da

fatuidade sem cahir no servilismo, eis como no laborar scientifico sei conciliar a autoridade com a liberdade, eis como sinto em mim a *dignidade humilde* de que fallei, na área do estudo :

— Sempre a cabeça curvada perante Deus ; sempre erguida, embora fraternal ou respeitosamente erguida, perante o homem. Trabalhar, trabalhar sempre, lendo e meditando. Entrar nas bibliothecas, com toda a veneração pelo que ahi ha architectado para a obra do futuro, para a viagem da humanidade ; mas, sem a creença aviltante de que a ultima palavra está escripta. A humanidade é como o homem : terá sempre o que fazer até a sua ultima hora. Ler e meditar : os livros e a razão individual. Offuscar de todo a propria personalidade, para fazer o officio da formiga no celleiro das bibliothecas, não fôra simplesmente uma insania, fôra uma indignidade. Sob nenhuma relação o homem foi feito para esquecer-se de si, para ser cadaver ambulante. Ha nas bibliothecas, a cada passo, o pro e o contra, e a vida de um homem mal chegará para percorrer o millesimo dos raios. Esta só consideração não nos está provando, que jámais devemos abdicar a nossa razão ? Reputo um apostolo da dignidade humana, sob a relação scientifica o profundo Sr. Guizot, quando proferiu o seguinte conceito :

“ O homem, na ignorancia e fraqueza a que o condemnam os limites da sua vida, recebeu a razão para supprir o saber, como a industria para supprir a força. ”

Finalmente, Sr. Doutor, quero a sciencia, como a quer o actual Sr. Arcebispo de Cambraia, nas seguintes palavras da carta que acaba de dirigir ao seu clero :

“ A sciencia verdadeiramente digna de tal nome, a que illumina sem incendiar, sem desmoralisar, sem blasphemar. A sciencia que aceita todos os aperfeiçoamentos da civilisação, *uma vez que deixe aos caracteres SUA VIRILIDADE, aos costumes publicos e priva-*

dos sua integridade santa, E NÃO SE LIMITE A COLORIR COM BRILHANTE VERNIZ OS AVILTAMENTOS, AS VERGONHAS E TODAS AS CORRUPÇÕES DO ANTIGO MUNDO PAGÃO. ”

Talvez na mente do Sr. Arcebispo sejam diferentes das minhas as conclusões d'essas palavras ; entretanto, taes quaes sôam, eu as acceito, porque perfeitamente se adaptam ao que sinto e ao que penso.

O uso que deveis fazer das vossas lettras, Sr. Dr. Carneiro Guimarães, está implicito no que vos hei dito.

Deveis ter uma norma, um alvo : o vosso aperfeiçoamento moral, produzindo proximamente o bem do centro em que viverdes, e remotamente o bem da humanidade.

Só ha uma sciencia — a que procede de Deus e caminha para Deus, sem que o homem degrade em si e no proximo o signo de Deus, que nos quiz livres e dignos até para os influxos da sua Graça !

A sciencia é um meio moralizador para o individuo, para as nações, para a humanidade.

E porque não ? já ousei perguntar d'este lugar ao profundo Sr. Guizot. Por ventura, bem elucidar perante as intelligencias as harmonias providenciaes da ordem social, sob todas as suas relações, não será levar a luz ás almas desvairadas, a luz do dever e do direito, a divina economia das leis da Providencia ? Como ver em consciencia o dedo de Deus escrevendo por toda a parte no chão scientifico, e não prostrar-se e humilhar-se profundamente perante Deus ?

Eis, no meu fraquissimo conceito, o uso que deveis fazer das vossas lettras : olhos em Deus, e indagação sincera da verdade.

Combater o bom combate, como um leigo que

sois. Nada de exagerações; nada de assumir, muita vez ridiculamente, os ares do sacerdote, como este não deve tomar as vestes do leigo; cada cousa a seu tempo e em seu lugar; divida-se o trabalho no campo do pensamento, como no campo da industria; combata cada um com as suas armas, que só assim a alliança será reciprocamente proveitosa.

Acceitar o seculo, que sois do seculo. Longe essas declamações, embora pomposas, com que Donoso Cortés declara maldita a civilisação do seculo XIX.

Repito: combata cada um com as suas armas. O livro e a tribuna do homem da sciencia não são, nem podem ser, o cathecismo e o pulpito do padre. Tudo a seu tempo e em seu lugar.

Chegado a este ponto, meu esperançoso amigo, sinto que vos devo algumas linhas syntheticas sobre a nossa sciencia, que serão a corôa do meu pensamento sobre a importancia do nosso gráo, e o uso que devemos fazer das nossas letras.

A este proposito é muito grato para mim compendiar o que a 20 de Dezembro de 1856, na cadeira que acabais de deixar á minha direita, disse eu sobre a nossa sciencia, tal como deve ser comprehendida á luz do presente seculo. Não é só pelas dulcissimas saudades que me despertam, hoje que já muito se me avizinham os gelos e os desenganos da idade, os tempos em que a mais risonha esperanza e a mais energica decisão do animo como que me agigantavam aos meus proprios olhos (lêdo engano que os vaivens do mundo dissiparam!); não é só por isso que me é grato recordar essas linhas... E' tambem porque, reledo-as, pouco acho que subtrahir ou addicionar, embora todo o caminho feito desde então. Se hoje, que

não sou tão pobre como n'esse tempo, o meu ponto de partida não variou, é que ao menos no tempo da extrema pobreza já era firmemente assentado o meu plano d'enriquecer. Não quiz a sorte que eu fosse opulento; mas, os que um dia me tomarem contas, hão de confessar que não faltou-me o sincero esforço. Ninguém me julgue vaidoso: é pela toga do magisterio, que tanto venero e tanto procuro e procurarei não deshorrar, que ás vezes refiro-me á minha pessoa; porquanto diz-me a consciencia, que na qualidade de mestre, embora o ultimo, pertengo aos meus discipulos, pertengo á patria, não tenho licença de embuçar-me no manto de tranquilla obscuridade.

Eis, Sr. Dr. Carneiro Guimarães, o que pensava eu sobre a sciencia do Direito em 1856. Em substancia é ainda o mesmo o meu pensamento de hoje. Attendei-me; desculpando-me, vós e todos os que me honram, a prolixidade, que aliás não está nos meus habitos.

No seculo das luzes, digo com o grande Mirabeau, os velhos archotes esmorecem.

A liberdade individual, sob todas as relações, ha de ser uma realidade, a despeito do que têm dito ou possam dizer os parasitas sociaes, que acreditam os outros homens feitos *para seu uso*. Com a liberdade, com o reconhecimento da igualdade natural do homem, ha de impôr-se por toda a parte, como já se vai impondo, a necessidade de reformar as legislações, de abrir todas as cancellas do progresso, algumas das quaes são guardadas pelo despotismo. Póde-se dizer que a luz está feita no cháos social, que a influencia do Christianismo se faz sentir, tanto mais energica e vivaz, quanto mais tardia ha sido em desenvolver-se plenamente; o nivel de Deus vai passando sobre as cabeças; e hoje vemos, que dous terços de seculo nos separam do finalisar do passado, como se muitos seculos houvessem decorrido. E' que a estrada foi larga e recta, depois que abriu-se o verdadeiro estudo da Philosophia do Direito, depois que a natu-

reza humana tornou-se o ponto capital das investigações da sciencia, depois que foi-se o jurar nos codigos do despotismo. . . do despotismo para o qual os governados são as almas vis das experiencias viciosas e criminosas dos governadores.

Disse-nos Deus, pela bocca de Moysés: *Eu sou aquella que é.* * Bossuet, a aguia soberba que devassou as fertes planicies do Christianismo, repetiu em voz altiloqua a divina definição. Fenelon, o typo de candura pastoral da Igreja do Christo, definiu a lei de Deus a *lei que é*, e a lei dos homens a *lei que é feita.* †

D'aquí, entendo eu, o ponto de partida do Direito moderno.

Hoje a natureza humana é a lei das codificações, com a modificação, salva sempre a substancia, do gráo de cultura e condições de um povo dado.

Hoje não se estudam mais as instituições do passado para copial-as, mas para aprender n'ellas as phases da rotação da humanidade, para assignalar os parcéis e escolhos, para accender os pharóes.

O centro actual da Jurisprudencia é o estudo da natureza humana, é a lei de Deus gravada n'essa natureza.

Hoje poucos philosophos, que pretendam ficar enlevados nas regiões da abstracção, e poucos praticos que pretendam reduzir tudo á materialidade dos factos, ao mechanismo das fórmulas e dos termos scientificos, que não são a sciencia, e que no dizer do Bispo d'Hermopolis, exprimem quasi sempre charlatanismo.

Sim, não me cançarei de repetil-o: hoje a regra suprema das legislações cifra-se em conciliar *a lei que é feita* com *a lei que é*; em formular a lei social de accordo com a lei de sociabilidade que o Eterno gravou em a natureza do homem, sem quebra da sua personalidade, que é o signo da Divindade, que é o *spiraculum vite*.

* *Exod.* III, 14.

† *Ensaio sobre o governo civil.*

O Direito Romano, o Direito de Justiniano, todas essas immensas compilações do tempo em que o grande imperador fazia derogar por Justino, seu tio, as leis matrimoniaes para contrahir casamento com uma prostituta famosa de Constantinopla, do tempo em que o grande imperador fazia parte dos *azues* do circo e quasi que é trucidado na conspiração dos *verdes*, do tempo em que Triboniano, segundo alguns, fazia assignar constituições por dinheiro — o direito d'esse povo, que certamente possuiu o genio juridico, mas fatalmente devia inquinar, como inquinou, a sua legislação com as barbarias da epoca, esse direito é hoje e será sempre consultado com proveito, offerece abundantes subsidios ás codificações modernas, mas não póde avassallar-nos, que o não consentem as luzes de hoje.

N'esta conformidade se tem emancipado o Direito Civil moderno das nações civilizadas; e felizmente no Brasil já está instaurado o processo d'emancipação. Em verdade, já é tempo de tirar o Direito Civil Patrio d'essas complicações indigestas de codigos rançosos; é tempo de pô-lo ao geito de hoje, de fazer para nós o que Justiniano fez para os romanos com as Institutas; é tempo de desvendar as bellezas philosophicas que elle encerra; é tempo de fazer com que a nossa mocidade não fuja, com tedio, do estudo do Direito Civil, é tempo de poupar aos mancebos as continuadas torturas dos textos das Ordenações em phrase de 1,600.

Como o Direito Publico e o Direito Civil, o Direito Internacional, o Direito Criminal, o Processo, a Economia Politica, todos os ramos da nossa sciencia, estão sob o dominio da Philosophia do Direito.

A regeneração da Jurisprudencia está sendo trabalhada por toda a parte; e ao menos no ponto de partida encontram-se os grandes pensadores — conciliar *a lei que é feita com a lei que é*.

Paguei-vos a minha divida, meu joven amigo, procurando gravar em vosso espirito grandes idéas, para cuja realisação pouco posso concorrer, e a favor das quaes muito podereis fazer, quando forem realidades as brilhantes promessas do vosso talento, já tão felizmente aproveitado.

Entrai affiuto na pugna intellectual; e hoje que o grande escandalo de uma grande guerra ali está affrontando o mundo, sejam os vossos primeiros brados — Paz na humanidade! Religião e Liberdade!

Como entristece o ler em de Maistre, que — em certas epochas a terra tem sêde de sangue!

Religião e Liberdade, meu bom amigo, e teremos paz na humanidade, e desaparecerão esses cancos chamados exercitos permanentes, transitando desarmadas as nações, como desarmados transitam os individuos.

Religião e Liberdade — e não teremos povos jogueteados contra povos, a capricho de usufructuarios das nações, que especulam com a fibra generosa do povo a quem chamam então de gigante e de heróe, dando-lhe o nome de salteador quando sobe os degrãos de um throno para vingar direitos naturaes!...

Vêde a França... Se fosse livre, teria sido agora arremessada com suas glorias seculares ás planicies da Allemanha do Norte? E porque? E para que?... Negar-se a palavra a uma nação, quando se trata do gravissimo negocio da guerra! Deixar a questão ao capricho das vaidades de reis e dos servilismos de ministros!.. Se a França fôra livre, teria sido attendida a 15 de Julho a palavra autorisada do venerando Sr. Thiers, pedindo em favor da nação tempo para deliberar, ella a primeira interessada em uma resolução, na qual se jogam milhares de vidas, da qual dependem os seus destinos... E tudo se fez de chofre, e com sombras de mysterio, porque d'esta vez convinha ao governo de um rei especular com paixões generosas,

embora imprudentes... Se houvesse liberdade, as cousas se passariam de outra sorte: todo o cidadão, como queria o Sr. Thiers, *expressaria a sua duvida*; e o tremendo negocio, que é hoje de poucos, seria de todos. *

Religião e Liberdade — harmonisadas, consorciadas, para que o despotismo não passe das mãos dos reis para as mãos dos padres de qualquer seita. Liberdade para viver na terra; religião, crença, para erguer olhos ao céu. Liberdade e religião, para transitar como digno passageiro no mundo, e bater conscienciosamente á porta da eternidade, que é o nosso destino.

Deveis consumir, como Montalembert, a vossa vida no consorcio do crer com o ser livre, pois n'aquelle grande coração, que ha pouco deixou de bater, religião e liberdade não separavam-se, e na harmonia das duas divindades resumem-se todos os seus principios, e está a explicação de toda a sua vida.

Liberdade em tudo, liberdade plena, nada de meias liberdades. Para que servem estás?

“ Só a liberdade plena póde curar os males procedidos da meia liberdade... Em tudo e sempre a meia liberdade não é mais do que o arbitrario, e este para os governos é o verme, que faz o fructo cahir da arvore. ” †

Religião e Liberdade, e haverá paz na humanidade. É o que póde ser a espada, a não ser o ministro provisório da liberdade? Assim o entendia o grande Washington, quando, investido pelo congresso da dictadura militar, escrevia a um amigo:

“ Longe de me crer dispensado de todas as obrigações civis, pela prova de confiança que me dá o congresso, jámais esquecerei que, se a espada foi o nosso ultimo recurso para salvar as nossas liberdades,

* E o autor estava então longe d'esperar o assombroso desenlace da guerra franco-prussiana... (*Nota da presente edição*).

† E. de Girardin.

" d'ella devemos desfazer-nos, logo que essas liberdades estejam solidamente estabelecidas. "

Que vasto campo para uso das vossas letras, Sr. Dr. Carneiro Guimarães!

Entrai na pugna civilisadora com os generosos alentos, que vos confortam ; e se perderdes batalhas, nem por isso deveis esfriar no esforço. " O que faz hoje a grandeza de Chatam, são as batalhas perdidas em defeza da justiça e da humanidade. " *

Amor á dignidade do homem. Um preito á magestade divina pela dignidade humana. Nunca doutrina nem theoria, que importe — abdicção do homem em homenagem a um homem. Seria a escravidão das almas, hoje que se ergue um brado universal e unisono contra a escravidão dos corpos.

Proclamar a verdade, o que nos parece verdade, e nos é dictado por detida reflexão e sincera convicção, sem medo de gritas, sem medo de phantasmas d'escandalos, gerados pela hypocrisia. Não o digo por mim. repito apenas palavras de S. Bernardo: *Melius est ut scandalum oriatur, quam veritas relinquatur.*

Não teve medo do escandalo o veneravel Bartholomeu dos Martyres, quando disse em pleno Concilio de Trento: " Os illustrissimos cardeaes precisam de uma illustrissima reforma. "

Não teve medo do escandalo o piedoso Borromeu, quando deixou-nos a synthese de um livro, que lançou ao fogo, synthese porventura mais preciosa do que fôra o livro: " O zelo e a dôr, que me causam as desordens de Roma, obrigaram-me a escrever um volume da grossura de tres dedos ; mas, depois de ter

* E. Laboulaye.

visto as portas fechadas á reforma, queimei o livro. As verdades causariam escandalo, revelando os excessos dos que não querem mudar de vida, e tornaram-se mais politicos do que ecclesiasticos. ”

Finalmente, não teve medo do escandalo o santo e sabio Gregorio Nazianzeno, escrevendo: “ Nunca vi concilio reunido sem perigo e sem inconveniente. . . Se me é licito dizer a verdade, evito quanto posso as assembléas de padres e bispos, pois nunca vi acabar nenhuma com felicidade, ou sem que tenha servido mais para aggravar os males, do que para cural-os. ”

Estudo e coragem, perseverança e culto sincero da consciencia — e tereis, Sr. Dr. Carneiro Guimarães, honrado o vosso gráo.

Amor a Deus e ao proximo, o que significa amor tambem a vós-mesmo, como está no Decalogo, porque sois creatura de Deus, porque sois igual ao proximo.

Uma vez na linha recta do dever, tal como vos dictar uma pura consciencia, uma convicção profunda e procurada com os olhos em Deus — deixai que bradem certos Aristarchos improvisados do genero humano. Para estes, como para todos nós, tudo se resumirá um dia nas quatro taboas do esquiife; e na hora extrema podem os homens de consciencia repetir, com um illustre martyr (Savanarola), já sobre a fogueira ateadada pelo facho da intolerancia, ao ouvir a sentença de degradação, que o retirava da igreja militante e da igreja triumphante: “ Da igreja militante, sim; mas, da igreja triumphante não podem homens excluir homens! ”

Deus vos ajude, meu joven collega. A quadra é canicular, e a luta annuncia-se tremenda. Deus vos ajude.

Cumprir o dever e esperar.

“ Um homem tem sempre a sua hora ; basta que a espere, e nada faça contra a Providencia. ” *

Para os homens de boa consciencia a hora chega sempre ; se não sôa aos seus ouvidos, sôa aos de seus descendentes, quando para aquelles já nada valem horas, porque já receberam o premio no seio de Deus, e lá o relógio aponta sempre e sempre — Eternidade !

* Lacordaire.

NA SESSÃO MAGNA DO ATHENEU PERNAMBUCANO, AOS 5 DE SE-
TEMBRO DE 1858

Senhora,

Alguns momentos de vossa benevola e illustrada
atenção.

Chamado, ha quarenta e oito horas, para fazer
parte d'este Instituto, não me foi possível, na effusão
do reconhecimento, deixar passar a occasião solemne,
que logo após se me apresentava, de principiar a amor-
tisar a grande divida, com que me sobrecarregaram.
Ha honras, que se não solicitam, mas que não se re-
cusam: eu não podia recusar esta, que, pela esponta-
neidade com que me foi conferida, é mais um brado
d'animação á minha fraqueza.

Para que me chamastes a vosso gremio, meus jo-
vens collegas do Atheneu? Para não perderdes o
mais obscuro confessor das esperanças, que a patria
libra em vós, em vossos talentos, em vossa fé no fu-
turo? — Pois bem! Acudo ao vosso reclamo: falla-

rei de vós, de vossa instituição, de nossa sciencia ; por bem vosso serei breve em tudo. Perdoai-me, se eu ficar muito abaixo dos assumptos : levai-me em conta a confissão, que faço, de que não seria capaz, mesmo em mais favoraveis condições, de subir até os mesmos assumptos.

“ Viva a mocidade, com tanto que não dure sempre ! disse Lamartine. * Todo o mundo lhe sorri ; mas, porque ? — Porque a mocidade é uma graça, uma esperança, ainda mais — uma promessa. Se fica eternamente graça, nunca será força ; se eternamente esperança, nunca será realidade ; se eternamente promessa, nunca será fructificação . . .

“ Se é bello florecer, é mais bello amadurecer, transformar a mascula adolescencia em forte virilidade ; é mais bello descobrir horisontes mais severos, mais tristes porém mais verdadeiros, sem empallidecer, nem recuar no caminho : ver, sem chorar, pallidas e seccas as rosas da aurora ; avançar sempre corajosamente, tingindo com o sangue de seus pés as rudes asperezas do caminho. Se é bello ser menino, é mais bello ser homem, filho, esposo, pai, pendido gravemente sobre os deveres penosos da existencia, artista serio, cidadão util, philosopho pensativo, soldado da patria, martyr d'uma razão desenvolvida pela reflexão e pelo tempo . . .

“ Quando os antigos quizeram exprimir em uma só figura a suprema belleza physica do homem, esculpiram Apollo aos trinta annos ; quando a suprema força, Hercules aos quarenta ; quando a suprema belleza moral e intellectual, o velho Homero. ”

Estas verdades, meus jovens collegas, talvez sem perceberdes, vos trouxeram á organização d'este Ins-

* Curs. fam. de litt.

tituto. Eu vos saúdo moços, porque vos preparais a ser velhos; eu vos saúdo promessas, porque inauguraes as realisações.

Apollo, Hercules, Homero, eis a trilogia, em cujo prologo figuramos. Deus vos leve á ultima scena, e que eu de longe, espectador invalido, bata palmas pelos vossos triumphos, que serão os da humanidade e da nossa patria!

Se me é dado, a mim neophito entre vós, epilogar os fins, que visais em vossas reuniões, direi que são: fazer estudos sobre a Sciencia, que professamos, e exercicios sobre a arte de fallar em publico. Rendo-vos o melhor preito, expondo a meu tosko modo a importancia, que ligo a taes fins.

O primeiro intuito é trabalhoso, e por conseguinte glorioso para vós, porque o trabalho é gloria para o homem. Fixais aqui o que aprendeis de nossos sabios mestres. Isto valerá muito para o futuro; mas, permittí, que sinceramente vo-lo diga, — pouco avultará no presente. Digo-vo-lo com a sinceridade d'amigo, para que vos não aconteça o que me aconteceu; que, partindo da estulta sufficiencia com que sahi dos bancos, trabalhei e trabalhei, e hoje estou chegado á conclusão, de que apenas me acho preparado para começar a estudar a Sciencia do Direito.

O profundo, o sabio Carré de Rennes escrevia o seguinte a um seu antigo discipulo: “ Se tem dito com razão, que em tempo, nem em paiz algum, um estudante aprendeu o seu estado nas escolas. N'estas, com effeito, se não devem procurar, e se não podem achar senão os meios d'aprender. D'isto estais vós convencido, porque, tendo por brilhantes provas mostrado quanto soubestes aproveitar as instrucções elementares, que recebestes na nossa Faculdade, sol-

licitais do meu zelo pelos mancebos estudiosos o plano d'um estudo profundo das leis do processo. ”

Significará isto, que fazeis uma inutilidade? — Significa o que vos diz Carré de Rennes : — que vós procurais aperfeiçoar os meios d'aprender, e por tal vos dou os parabens. Fugí o mais possivel da sufficiencia estulta, que tem atacado a tantos ; deixai passar os Cujacios improvisados, ficai estudando e trabalhando, e quando levantardes a cabeça, tereis passado por elles sem vê-los. . .

E para deixar este terreno, em que sinto não poder demorar-me muito tempo, concedei, que, sempre na intimidade d'amigo, eu vos faça mais uma reflexão :

No corpo d'uma mesma Sciencia não se devem marcar preferencias ; nada de abandonar pelas harmonias do Direito Ecclesiastico as modestas sublimidades, se posso assim fallar, do Direito Civil ; não desdenhar as bellas combinações economico-sociaes pelo grandioso da organisação politica. Acredito e não acredito nas especialidades. Uma especialidade, sem ajustada vista synthetica do todo, nunca passará de charlatanismo. Eu bem sei, que quatro vidas seriam poucas para aprofundar toda a nossa Sciencia ; mas sei, que n'ella tudo se encadeia, e só podemos marchar com vantagem para a especialidade, depois de termos contruido nossa synthese imparcial.

Nem vos assuste a tarefa. O tempo nunca falta a quem sabe dividi-lo, e para os talentos superiores não ha ilhas no oceano dos conhecimentos humanos. O presidente da Academia de sciencias da França, em sessão de 2 de Maio de 1857, dizia o seguinte : “ Foi com satisfação, que a Academia viu d'esta vez dois magistrados obterem — um premio, e uma menção honrosa. Posto que tenham applicado seus talentos sobre assumptos, que poderiam parecer estranhos ás occupações ordinarias de sua vida, a superioridade, com que os tractaram, mostrou uma vez mais, que para os espiritos elevados não ha estudo especial, que

exclua os outros; que as letras, a economia politica, podem, como se viu n'este caso, ligar-se perfeitamente com a sciencia das leis; e que mesmo aquelles, que cultivam esta com mais fructo, são de ordinario os homens cujo saber, longe de ser restricto a um certo circulo de conhecimentos, se estende mais e mais, e se generalisa.

A animação resultante d'estas palavras não me aproveitaria; não perdi, porém, meu tempo em guardá-las, visto que hoje as offereço a jovens de tantas esperanças: em terra tão fecunda a semente não deixará de ser fructo.

Agora duas palavras sobre a arte de fallar em publico.

“ A eloquencia não póde morrer. O genio immortal das nações a protege, e bani-la das discussões publicas seria como retirar o sol do mundo. Ella existirá, em quanto existirem abysmos a explorar na imaginação do homem, desejos de gloria em seu coração. A gloria! Sem duvida sonhastes com ella, e bom foi, porque é ella a recompensa concedida a todos os generos de preeminencia, todas as superioridades intellectuaes a ella têm direito: desdenha-la é desdenhar as virtudes, que a ella conduzem, não fazer conta da alta estima da humanidade. Pois bem! Se amais a gloria, esta seiva generosa que fecunda a vida, todo o esforço para obter a eloquencia escripta ou fallada, porque em nossos tempos apaixonados, é com a eloquencia, que se conquista a gloria. ” *

Eu bem sei, meus jovens collegas, que não tenho credenciaes para aconselhar-vos; mas, usando do direito proveniente de que as rosas da minha aurora

* E. Paignon — *Eloq. et Improv.*

estão quasi murchas e inodoras, ao passo que as vossas estão em todo o seu viço e perfume, deixai, que vos exhiba alguma cousa, do que no meu lidar improficuo sobre os livros tenho colhido a respeito do assumpto.

Quintiliano dizia, que os poetas nascem, e os oradores fazem-se. Quintiliano não tinha razão em ambas as partes do apophtegma: não é por mim só, que o digo; tenho em parte o escudo d'alguem muito mais authorisado. * Tanto o poeta como o orador usam d'elementos gratuitamente fornecidos pela natureza, e d'outros, creados pelo seu esforço: é a lei do trabalho sempre e em tudo presente á pobre humanidade, é a espada do Anjo sempre levantada á porta do Eden.

“ Sei perfeitamente, que n'isto (em materia de eloquencia), disse o ab. Bautain, † como em tudo mais, e talvez ainda mais, cadaum deve seguir o seu genio, o instincto de seu talento, e as suas disposições naturaes; cadaum deve ir, como pôde, o melhor que pôde, e este melhor é sempre relativo ás suas condições pessoaes; mas, sei tambem por experiencia propria, que um bom conselho pôde poupar penosas tentativas, e que muita vez pouco auxilio faz grande bem. ”

Se isto é verdade, como eu creio, o que nos cumpre fazer? — Indagar o que nos deu a natureza, e o que devemos buscar por nós mesmos; e esta indagação, Senhores, ficará sempre muitissimo incompleta, se a quizermos fazer no silencio do gabinete. E' preciso fallar; e “ todo aquelle que não tiver coragem de fallar mal, nunca fallará bem. ” ‡

E, pois, meus jovens collegas, a vossa tarefa, sob este ponto de vista, é immensa. Interrogais a vossa sensibilidade, a vossa intelligencia, a vossa razão, a vossa imaginação, o vosso character, o vosso dom da

* Vid. E. Léfranc — *Rhet. et Eloq.*

† *Art de parler en public.*

‡ E. Paignon — *Ob. cit.*

palavra, voz, pronunciação, gesto, fazeis vossos estudos de orador, estudos difficeis em si, de espinhosa realisação. “ A palavra em publico é cousa, que envolve tanto azar, que não se póde prever o resultado. ” * Mas, não desanimeis; os vossos esforços n'este intuito são já uma gloria. Passai os abrolhos do caminho, se quereis ser homens.

Lí n'um dos livros mais eloquentes, que hei lido, e repito-o áquelles de vós, que ainda o não tenham feito: “ A eloquencia, a civilisação e a liberdade são irmãs. ” †

O que vos tenho dito, meus jovens collegas, é muito, e é nada. E' nada, porque vós já estaveis possuidos, do que tão grosseiramente enunciei; é muito, porque é a expressão das impressões, de que me posuo, quando vos vejo reunidos, do prazer que inunda o vosso companheiro da retaguarda, quando vê a brilhante vanguarda do Imperio da Santa Cruz.

'Avante! A mocidade de hoje tem muito a fazer. A materia tem estrenuos apologistas, e sua clava é — que o homem é espirito e materia. Esperai o tempo, levantai-vos, e ide dizer-lhes, que se não deve abrir a luta entre os dous elementos do homem; e que luta abrem elles, quando querem collocar no pé de igualdade o espirito e a materia, se não dar superioridade a esta.

Dizei-lhes, que o primeiro acto do grande Colombo, ao calcar as plagas do Novo Mundo, foi entoar humildemente, joelho e face no chão, um cantico d'adoração á grandeza de Deus: não serão os filhos da terra da Santa Cruz, que deixarão de honrar perennemente aquella magestosa inauguração!

E se o dia tardar, não desanimeis. Tambem para

* Bautain — *Ob. cit.*

† Paignon — *Ob. cit.*

Colombo escoaram-se vinte annos, d'aquelle em que viu o Novo Mundo com os olhos do espirito, até aquelle em que o viu com os olhos do corpo.

Uma ultima reflexão. No vosso ardor de servir a nossa patria, fugí da soffreguidão. Depois d'este tirocinio das escolas, ha outro talvez mais longo, e mal d'aquelle que o não faz! Partidos d'aqui cheios dos sanctos pundonores da juventude, se vos atirais logo no torvelinho social, tropeçareis e tropeçareis, e sem calma bastante para recuar a tempo, quando o fizerdes, trareis na alma uma dóse de scepticismo, que vos quebrará por muito tempo o animo: fareis depois, por vosso castigo, muito mais trabalhosamente, o que teríeis conseguido suavemente, se o houvesseis emprehendido a tempo. O que vos convém é observar, como espectador tranquillo, o movimento social, fortificar-vos pelo estudo e pela reflexão; quando entrardes no combate, a victoria pertencer-vos-ha: o grande capitão do seculo disse d'um dos seus mais gigantescos combates, que, se houvesse atacado meia hora mais cedo, o sol d'Austerlitz teria visto a sua derrota.

Quereis exemplos comprobatorios do que levo dito? — Não vámos muito longe; não saíamos de nossa casa.

Deixando os bancos academicos, atirei-me aos embates sociaes, sem bussola, com toda a inexperiencia dos meus jovens annos. Sabeis o que colhi? — As picadas da calumnia, e uma boa parte do meu melhor tempo perdida para o estudo: bem caro hei pago, e vou pagando os futeis prazeres d'uma ephemera representação politica. . . . Hoje, que quero rehabilitar-me ante o Senhor do Tempo por esse desperdicio do tempo, aquelle turbilhão, em que me involvi, ainda me susurra aos ouvidos, e ainda me empece o caminho!

Em contraposição, vêde o nosso Presidente Honorario *, cuja ausencia não deploro, porque está

* Dr. Braz Florentino Henriques de Souza.

muito bem supprida, e porque sua presença me faria calar o que vou a dizer-vos, em homenagem á sua modestia! Deixando os bancos não muitos annos antes de mim (pois que tive a fortuna de ser ainda seu contemporaneo), enquanto eu me gastava n'uma sociedade, que não entendia, e que não me entendia, elle zelava o fogo de Vesta, estudava e trabalhava, e hoje ei-lo distante de mim triplicadamente do que já o era, cingindo a auréola da Sciencia com seus brilhantes consecrarios, vivendo vida propria, marchando para a gloria n'um carro, cujas rodas os necios não sabem, nem poderiam encravar!

Vou concluir, e peço-vos perdão, Senhores, da esteril prolixidade.

Sabeis, meus jovens collegas, o que me parece o grande segredo, a grande difficuldade da vida individual: é cadaum conhecer e pôr a caminho a aptidão em si predominante. O erro n'este ponto, se não é irreparavel, é de difficil reparação!

“ Deus esparge seus dons, como lhe apraz, e cada arvore dá fructos segundo sua especie. O importante é bem discernir o dom, que se recebeu, para faze-lo valer com usura, e corresponder fielmente á vocação do Alto. ” *

Tal o vosso fim n'este Instituto, meus jovens collegas, e, ainda uma vez — Parabens!

* Baintain — *Ob. cit.*

NA SESSÃO MAGNA DO ATHENEU PERNAMBUCANO, AOS 11 DE
AGOSTO DE 1859

Cicero pensava, que o orador não devia ser estranho á sciencia alguma, pois em todas acharia poderosos meios d'agradar, interessar, e convencer. Não se poderia dizer outro tanto do magistrado e do jurisconsulto ?

(A. Séguier)

Ha um anno, Senhores, que d'esta tribuna fallei-vos do orador e do escriptor; hoje fallar-vos-hei do advogado, do jurisconsulto, do litterato. Se, como então, agora não ponho o intento, em dar-vos conselhos, agora, como então, reparto convosco, mancebos esperançosos do Atheneu, os fructos, que hei colhido do meu imperito laborar: a offerta só val pela boa vontade, com que é feita.

A mocidade é como a tocha do proverbio indiano, cuja flamma, por mais que se volte a mesma tocha, aguça sempre para o céo; a mocidade ama os

grandes assumptos, como os que lhe annunciei. . . . Mas, perdoar-me-ha a do Atheneu a illusão de sua expectativa n'este momento? Não posso, Senhores, dar mais de quatro palavras sobre cada ponto do plano de meu discurso: a occasião foi para mim das menos asadas para um trabalho digno de vós. . . .

Attendei-me, porém; não tereis os atavios da oratoria, mas tereis a segura expressão da consciencia. Em mim é facil encontrar o erro da intelligencia; mas, é difficil apontar o sophisma da maldade, a semsaboria da reproducção d'idéas materialmente apanhadas com a orelha, o arrojo do plagio, cousas em que requintam os flibusteiros litterarios de hoje. Quando estudo, peço a Deus a inspiração, tenho a Biblia á direita de minha livraria; quando escrevo ou fallo, o meu maior desejo é, que seja reconhecida a minha sinceridade, no que digo. . . .

Perdoai-me estas linhas sobre a minha obscura personalidade. . . . Este recinto desperta-me proposições, que fóra d'elle talvez não tenham sentido. . . .

A profissão d'advogado, meus jovens collegas, é a primeira que se vos abre depois do vosso tirocinio escolastico, é o primeiro titulo, com que todos ou quasi todos se adornam. Por um feliz presentimento consagrais o synthetico dito do grande Pasquier: — Ha lugar para todos no fôro.

Livre das exigencias, que captivam os outros homens, altivo demais para ter protectores, demasiado obscuro para ter protegidos, o advogado seria o homem em sua dignidade original, se tal homem existisse ainda sobre a terra. Eis como falla Henrion de Pansey, eis como em tão simples e conciso periodo se acha nos mais luminosos traços desenhada a profissão d'advogado.

Segundo Delacroix-Frainville, ao mesmo tempo que o advogado deve fallar e escrever como um orador, deve pensar e raciocinar como um jurisconsulto : sendo sempre a primeira parte da definição d'advogado a base, que dava Catão á de orador, — a qualidade d'homem de bem. *

O tirocinio é longo, meus jovens collegas ; mas, não ha sacrificio, que sóbre para tão grande fim. E em que ponto póde o homem chegar á perfeição (até onde lhe é dado) sem a pertinacia da perseverança ? — O homem perde pela inacção o fogo sagrado, que houve do Deus do trabalho ; elle eleva-se ou precipita-se, segundo trabalha ou não trabalha ; é uma lei fatal, inevitavel, providencial. †

A alma é fogo, que nutrir devemos,
E que se apaga, se não cresce a flamma. †

Não posso, nem quizera, por não ser a occasião, fazer o desenho acabado da profissão ; tomarei emprestados ligeiros traços, os que bastem para demonstrar-vos, quanto a considero elevada, e quanto me parecem sagrados os deveres, que ella impõe.

Os honorarios, na quadra metallica que atravessamos, perderam o antigo character, e isto ha de ser o aviltamento da profissão. Vergonha aos advogados, que fazem dos escriptorios casas de mercado, em que a viuva, o orphão, o proprio mendigo, vão depositar o seutil, que houveram da caridade, quando de lá não voltam com a tristeza no coração, por não terem achado *generos* do valor d'esse seutil ! A recompensa da nobre profissão d'advogado é a mesma, que a da virtude : os honorarios são o presente, pelo qual o cliente reconhece os esforços despendidos no exame de seu negocio. Se o presente não póde passar além da lagrima de gratidão, que mais póde querer o advogado ?

* Dupin — *Prof. d'advog.*

† Paignon.

‡ Voltaire.

E a esperança dos thesouros do céo, que são a paga da caridade?

Hoje o advogado se acha desapossado de antigos privilegios; mas, tal perda nem mareou o brilho da profissão, nem deve ser lamentada: o imperio do direito *commum*, que proclama a igualdade perante a lei, deve ser mais profundamente saudado pelo jurisconsulto, do que por qualquer outro.

O pharol mais vivo do advogado, para honra da profissão e triumpho da justiça, é a escolha da causa justa, segundo sua consciencia e modo de ver; disse o grande Dupin-aîné, que não conhecia bom advogado n'uma má causa; e por outra parte, desde que os debates judicarios se explanem com a boa fé e sinceridade das convicções, as decisões terão mais solidas bases. Todavia, por mais robusta que seja uma convicção, nada de asseverações absolutas ao cliente, quanto ao resultado; a modestia, que é uma belleza, uma amenidade de trato em qualquer, no advogado é cumprimento d'um dever: o advogado, que assevera ao cliente o ter elle razão, torna-se garante do successo; e se engana-se, compromettidas ficam aos olhos do cliente, ou a sanctidade da lei, ou a inteireza do magistrado, ou a dignidade do advogado — tres arcaes, de que este deve ser zeloso levita.

No fôro criminal a liberdade da defeza é o direito supremo do advogado; todo o direito, porém, tem o germen da propria limitação. O papel do patrono não significa traição á verdade, embargo á luz meridiana: seria uma indignidade, e demais inutil para o cliente, porque seria uma pretensão louca. . . . E' uma proposição, que aventuro a medo, mas que não soaria mal a alguns ouvidos, se me sobrasse tempo para dar-lhe todo o desenvolvimento.

Abusa-se todos os dias da parte da defeza, que os antigos chamavam *laudationes*; este abuso, quando não compromette a sorte do cliente, ridicularisa a posição do advogado. Nem todos, muito poucos podem defender-se como Pericles ou Scipião Africano; o clo-

gio do accusado deve vir como inesperado incidente, e só com esta condição terá poderoso effeito. Bonet, patrono de Moreau, a uma interrupção acrimoniosa do accusador publico, exclamou, tomado d'indignação :

— Sr. procurador geral, nem vós nem eu eramos cousa alguma, e já o general Moreau havia vencido o archiduque na Hollanda, e ganho as batalhas de Memmingen, Biberack e Hohenlinden !

Eis, Senhores, os caminhos brilhantes dos Dupin, Berrier, Berville, Chaix-d'Est-Ange, Favre, Duvergier, Bethmont, e tantos ! Que sacrificio será demasiado para a honra de ter taes collegas ?

Passou em julgado entre nós, salvo honrosas excepções, que a litteratura é indigna das graves cogitações, das trabalhadas lidas do advogado. Fatal preconceito, que attesta uma deploravel victoria das cabeças mechanicas, dos leguleios d'aldeia, que iniciaram entre nós a profissão, e dos quaes ainda ha emperrados representantes ! Falle por nós um dos mais bellos luzeiros da jurisprudencia franceza * : — Não é possivel ter gosto pela eloquencia sem tê-lo pela litteratura ; esta é util para aperfeiçoar a eloquencia, ornar o discurso, dar-lhe riquezas e graças. Util mesmo para o juriconsulto, porque adoça a aspereza dos outros estudos A amenidade e a polidez perdem-se, quando se fica circumscripção a materias abstractas e sérias Successos imprevistos podem tornar inuteis longos e sérios estudos : as letras são então ficis companheiros, que não abandonam os que lhes consagraram algumas de suas vigalias. Ellas não eram estranhas aos Pasquier, Chopin, e outros advogados celebres de seu tempo, aos quaes as linguas sabias eram familiares. Se justamente se exprobou a esses terem alguma vez prodigalisado flores, é mister evitar tambem o excesso opposto : o abuso da erudição deve cessar por effeito do gosto, que não por ignorancia.

* Camus.

Vistes, meus jovens collegas, nos traços grosseiros, unicos que sei traçar, a sublimidade da missão do advogado; vistes, que não ha ahi, se posso assim fallar, um sublime horrivel, que assuste os risos da juventude, um grito de guerra ás estradas matizadas, que a mocidade se compraz de percorrer. O nosso Juvenal, Gregorio de Mattos, tem suas sentenças inseridas como modelos nas notas ás Ordenações pelo consummado praxista Pegas.

O fôro (falla um escriptor francez) é uma nobre e fecunda escola, que em toda parte tem sido um viveiro de grandes homens, porque é n'elle principalmente, que se encontram essas naturezas ardentes para o estudo, e cuja vida póde resumir-se em tres palavras:—Solidão, Trabalho, Virtude. . . . Sem os advogados o que teria sido da eloquencia n'esses tempos de perturbações e discordias civis, em que o direito e o dever obscurecidos pareciam banidos da terra? Elles a recolheram em seu seio; e, quando ella, tornou-se necessaria para fundar a liberdade politica, trouxeram-n'a á tribuna, e o mundo estremeceu. Em compensação foi grande e bella a parte do advogado na distribuição de honras e glórias: o fôro deu aos governos consules, ás republicas presidentes, á administração ministros, á magistratura chancelleres, ás representações nacionaes oradores, á imprensa publicistas, ás letras escriptores, aos reis defensores, emfim ao cadafalso nobres victimas! Que profissão terá mais bella historia?

Cultores da Sciencia do Direito, a não subirmos ás regiões elevadas do juriconsulto, a ficarmos nos areaes do leguleio, melhor fôra, mancebos, que jámais houvessemos travado o estudo d'esta Sciencia!

Na phrase candida do cysne de Cambraia, a lei de Deus é a lei que é, a lei dos homens a lei que foi

feita ; mas a lei que foi feita não pôde aberrar-se impunemente da lei que é, a lei que foi feita tem apenas uma existencia d'emprestimo, tomada á lei que é. Desgraçado do paiz, em que uma se divorcie da outra ! Triste jurisconsulto, o que pensa ter a lei dos homens uma existencia propria, e não sabe de sua lettra subir á sua suprema razão de ser ! Este, Senhores, é como o mechanico, que afeiçoa as peças d'uma machina, e passa-as pelas mãos, sem consciencia do todo que irão formar. Se a intelligencia ha mister de seus mecha-nicos, é certo que a mechanica não deve ser partilha dos verdadeiramente intelligentes. . . .

Não demos curso ao celebre *Quid hoc ad Edictum Prætoris* ? de Cujacio ; derrubemos essa trincheira, com que os praticos de hoje querem manter-se radicados nos factos e na experiencia. Sem a theoria * nada se pôde fazer de permanente, porque não é pelas collecções d'arestos, que a Sciencia ha de prosperar.

Se ao cidadão se pôde aconselhar, que obedeça sem raciocinar á lei do paiz, ao cultor da Sciencia do Direito o raciocinio nunca é dispensavel ; para elle a lei não é lei sem a sua razão de ser.

O jurisconsulto deve ter uma critica sua, um juizo proprio ; nada está ácima do seu contraste, nem mesmo um aresto dez vezes confirmado. Haveria orgulho e imprudencia em collocar, como pensador, sua razão ácima da razão commum, e em precipitar-se, como jurisconsulto pratico, n'uma derrota certa ; mas, do respeito á opinião d'outrem, que tem por si as apparencias da verdade e de facto o poder coercitivo, ao servilismo do rabula, que numera os arestos, e não pésa as razões, a distancia é grande : no dia, em que os processos do leguleiro tivessem tornado dispensaveis as meditações do jurisconsulto consciencioso, a Sciencia do Direito estaria morta. †

* Bellime.

† Thiercelin.

Philosophia do Direito, pois. Uma vez de posse dos grandes principios da Sciencia, o mais é pouco, porque muito se facilita : alguns annos de paciencia, e o edificio do juriconsulto se levantará soberbo, com seu magestoso portico, solidos arcobotantes, elevadas agulhas.

Mas, passar a vida alinhando renques de datas de leis, fazendo da propria cabeça um armazem de drogas com seus rotulos, é construir apenas um barracão apovisionado. onde o juriconsulto pouisa por vezes, para haver o de que precisa no seu alcaçar.

A medicina tem seu appendice obrigado, a pharmacia : o medico investiga e determina, é a funcção intelligente e elevada ; o pharmaceutico prepara e executa, é a funcção quasi-mechanica. Em nossa Sciencia tambem temos pharmaceuticos, são os leguleios. Alli, póde-se dizer-lo. as funcções não se devem accumular, e aqui a perfeição está na accumulacão ; mas, n'uma como n'outra Sciencia, consideradas as funcções em separado, quem hesitará na escolha ?

A jurisprudencia não é como Jano ; anda e olha sempre para a frente. A separacão do passado e do futuro está feita. Não é revolvendo cinzas mortas, que acharemos o symbolo dos progressos, que resta fazer. E' no coração, é na razão do homem, é no seu estado presente, que se deve procurar esse symbolo. *

Roubo-vos o tempo, Senhores ; antes, porém, de concluir, uma venia. Hei citado profusamente, assemelhando-me assim aos autores do tempo de Gaio, que julgavam o homem incapaz de crer o testemunho dos proprios sentidos, faltando uma citação de Cicero ou de Tito Livio ; mas, quem sou eu para tratar grandes assumptos com a autoridade isolada do meu raciocinio ? Com esta interrogacão justifico-me.

* Bellime.

Já vo-lo disse, meus jovens collegas, com Chopin, Pasquier, Camus, que a litteratura não é, como tão desagradavelmente para os moços se tem dito, uma inimiga das graves cogitações do juriconsulto. Na área dos conhecimentos humanos tudo se encadêa, as intelligencias superiores não conhecem illas nos domínios da intelligencia: digo-o com a respeitavel autoridade da minha epigraphic.

As intelligencias de taboada têm um riso de mofa para os litteratos. Pobres rãs da fabula! . . . E V. Hugo! e Lamartine? e Goethe? e Hoffmann? e Balzac? e Bastos? e Byron? e A. Herculano? e Garrett? e Castilhos? . . . O que achais d'esta galeria, illustres trapeiros d'artigos de codigos e textos das Institutas?

A sciencia é um jardim, a litteratura é a flor. Sem a flor, que belleza terá o jardim?

Quando, percorrendo os campos da lei que foi feita, se quer subir ás regiões da lei que é, quando n'essa inebriante ascensão o espirito se expande, e a expressão sahe colorida e animada pelos reflexos da magestade de Deus, que se tentou entrever, perscrutando as grandes leis de seu dedo omnipotente, bradam em desespero os enfezados mechanicos — *palavrões!* * Sim, palavrões. . . mas, não diz palavrões quem quer. . .

“ Eu quizera, diz o inspirado Lamartine, que na vida publica se mesclasse a litteratura em tudo. Nada me parecia realmente bello, nos campos de batalha, nas vicissitudes dos imperios, nos congressos das côrtes, nas discussões da tribuna, senão o que podesse ser magnificamente dito, ou magnificamente contado pelos litteratos. A propria historia me parecia mesquinha e trivial, quando não referia os acontecimentos com o accento sobre-humano da philosophia, da tragedia, ou da religião; a historia para mim não passava da poesia dos factos, do poema epico da verdade.

* Historico. . .

Não me desdigo hoje. Ha nos negocios humanos, em apparencia os mais communs, um aspecto intellectual e oratorio, para o qual os espiritos mais positivos devem sempre tender, sciente ou inscientemente, se querem *dignificar* sua obra. O que não póde ser litterariamente dito, não devêra ser feito. ”

Vós o quizestes, meus jovens collegas, e era-me quasi impossivel satisfazer-vos. Soffrei o justo castigo : ahi tendes uma flor secca entre os vossos vigorosos ramalhetes.

NA INAUGURAÇÃO DA SOCIEDADE ACADEMICA — ONZE D'AGOSTO,
AOS 6 DE SETEMBRO DE 1862

Não tenho o que dizer-vos, Senhores do *Onze d'Agosto*.

Na brilhante festa da inauguração d'este Instituto a minha voz (digo-o sem affectação de modestia) seria uma nota desafinada, a quebrar o encanto de suasvissimas harmonias.

O tempo de ajustar esses ramalhetes, assim mesmo de flores murchas e fanadas como eu soia faze-los, parece-me haver passado de todo. . . .

Não é affectação de modestia, repito-o: seja a idade, seja a applicação a estudos profundamente serios, seja emfim. . . .

Mas, o que vos interessa o estado do meu ser, a minha individualidade, aqui perdida nas sombras projectadas pelos persis d'esta brilhante festa?

Affirmo-vos, e deveis crer-me: — Não tenho o que dizer-vos.

Escolheria por assumpto as recordações, que desperta o titulo da vossa sociedade?

Vem tão cantado, tão preconisado em eloquen-

tissima prosa e bellissimos versos, desde os tempos saudosos d'Olinda, o *Onze d'Agosto*, agora mesmo tem sido e será elle tão galhardamente saudado, que sinto e comprehendo não pertencer-me semelhante tarefa.

Faria do sete de Setembro o assumpto do meu discurso?

Será entrar no campo da politica, Senhores; e perante vós tenho minhas razões para ter medo da politica. . . .

Demais, a este respeito, como a muitos outros, tenho inteira fé nos impetos generosos da vossa mocidade. Apenas dir-vos-hei, como sincero amigo, que deveis zelar esses impetos, como as vossas mais firmes credenciaes para fazerdes a entrada solemne no templo do futuro.

Desgraça vossa e nossa, se não souberdes quebrar as malhas das redes d'esta geração de hoje! . . .

Dirigir-me-hia ás illustres Senhoras, que engrinaldam este festim litterario? E' verdade, que eu poderia, sem peccado e sem ridiculo, depôr aqui o meu tributo a essas flores as mais primorosas do mundo physico e do mundo moral, quando o proprio S. Domingos, fazendo a publica confissão da sua castidade, confessou ao mesmo tempo o encanto, que experimentava na pratica com as jovens mulheres. . . * E' verdade, que ainda não renunciei, nem jámais renunciarei as suavidades, que um coração bem formado (sem que faça aqui o elogio do meu coração) encontrará sempre no commercio sincero e bem intencionado com esse sexo, que os nossos cavalleiros ascendentes, que a linguagem sempre philosophica do povo chamou *bello!* . . . Aborrece tanto lidar sempre e sempre com homens! . . .

Mas, já não sei (se algum dia soube-o) moldurar d'essas phrases, que provocam o rubor enthusiastico da donzella, que fazem arfar ao sopro d'inspiração da eloquencia o casto seio da esposa.

* Lacordaire, *Vida de S. Domingos*.

Os que podem colher esta gloria, que o façam ; e consintam, que eu não vá enlanguecer de tédio e displicencia esses semblantes tão bellos e tão risonhos.

Quem poderia supportar um psalmo de mortos em festim de nupcias ?

Dirigir-me-hia aos alumnos do Imperial Instituto de Nossa Senhora do Bom Conselho, * iria abrigar-me sob as azas da innocencia, junto á gente predilecta do Salvador, e em cuja imitação consiste a condição de nossa entrada no reino do Céu ? †

O que poderia eu dizer-lhes ?

— Se quereis ser homens de letras, estudar, estudar sempre, estudar até morrer.

Nada de illusões com os triumphos da vossa vida de discipulos: trabalhar e trabalhar.

“ O melhor espirito ha mister de ser formado por um trabalho perseverante, e uma cultura assidua: os grandes talentos tornam-se facilmente grandes feitos, quando abandonados a si-mesmos. ” ‡

Chamam *das luzes* este seculo.... Cuidado ! Agora que ainda estão muito vivas, meninos christãos, as lições de vossas mães, quero fazer-vos uma denuncia.

Este seculo ha de pretender um dia convencer-vos, de que nos regaços maternos vos mentiam !

Começai de hoje as trincheiras para a defesa de vossas mães.... —

Mas.... Perdoai-me a inconveniencia, Senhores. Esquecia-me a praticar com os alumnos do Bom Conselho, quando nada lhes poderia dizer, que não esteja dito, e muito bem, pelos dignos Directores d'este Instituto.

Volto-me de novo para vós, Senhores do *Onze d'Agosto*.

Quasi que á força me collocastes aqui, e vêdes a

* A sessão celebrou-se no salão d'este Instituto.

† Matt.

‡ D'Aguesseau.

que torturas me sujeitaram as vossas benevolas instancias

Poderia, e mesmo deveria dizer-vos alguma cousa, porque a mocidade academica habituou-se a soffrer-me complacientemente, pelo que sou muito e muito agradecido.

Mas, sobre que fallar-vos?

Dêstes-me tres dias, dos quaes eu só poderia dar-vos tres horas; e mais do que isto gasta muitas vezes a minha rebelde cabeça para escolher um assumpto.

E n'esta occasião fomos infelizes, vós e eu: as tres horas passaram inultimente em procura do ponto do discurso.

Apenas, lembrando-me ter ouvido ou lido, de um dos vossos consocios, que a vossa divisa é — *Avante e sempre!* — assentei, que, se tivesse mais tres horas, poderia dizer-vos a respeito d'ella algumas palavras

Avante e sempre!

Cuidado com esta divisa, mancebos!

Lembra-me, dos meus tempos d'Olinda, que um dos jornaes academicos d'então tinha a seguinte epigrapha — *Surge et ambula!*

Esta não abria espaço a equívocos; mas, aquell'outra

Ha uma audacia, como aquella com que o martyr subia á fogueira, ou affrontava a sanha das feras, que é uma audacia abençoada por Deus, porque tem Deus por origem e por fim.

Mas, é uma *audacia humilde*, que não deixa curvar a fronte, porém que afugenta d'esta todas as tintas, que possam exprimir confiança temeraria nas proprias forças. E' a audacia do paralytico, quando fez o primeiro esforço para levantar-se e carregar o leito.

Ha, porém, uma audacia paganica, mundana, que transvia aquelles de que se apodera; e o *Avante e sempre!* se não desdiz substancialmente do *Surge!* do Evangelho, eu o reconheço, póde ser invertido no

sentido de temerarios vôos, sempre acompanhados de fataes quedas. . . .

Audacia e sempre audacia, dizia Danton, e a audacia abriu-lhe o caminho da guilhotina.

Audacia e sempre audacia, pensava Cromwell ser o condão, com que produzisse perpetuos resultados para a Inglaterra. . . . Cromwell, esse homem d'incrível profundeza d'espírito, segundo Bossuet, hypocrita refinado, quanto habil politico; capaz de tudo emprender e de tudo dissimular; igualmente activo e infatigavel na paz e na guerra; tão vigilante e agil, que nunca perdeu uma occasião offerecida pela fortuna; finalmente, um d'esses espiritos moveidos e audazes, que parecem destinados a mudar a face do mundo. . . .

Pois bem: o *audacioso* Cromwell abriu caminho aos triumphos tranquillos e solidos do *pausado* Monk!

Mesmo tomado o assumpto pelo lado puramente mundano, o *Avante e sempre* carece de logica, não sendo recebido com certas restricções.

A audacia fóra da occasião, sem a protecção d'este Deus da antiguidade, é a ruina de quem a possue.

Sempre! . . . Tudo tem seu tempo debaixo do sol, dizem as lettras sagradas,

E vêde:

Luiz Napoleão representa a sua comedia de Strasburgo, e as apupadas foram seguindo-o até a fortaleza de Ham. Não era a occasião.

Em 1849 dizia o visconde d'Arlincourt, proclamando a solidez dos principios que advogava, e tratando de refutar quaesquer previsões que os contrariassem, dizia d'Arlincourt sobre Luiz Napoleão: — “ Como reconhecer n'elle o herdeiro de Carlos Magno? O prisioneiro de Ham precisava de uma força d'Atlas para domar as revoluções, para as subjugar com suas mãos, como o fazia o heróe das Pyramides. Napoleão tinha o direito das victorias e do genio; esse direito poderia dar-lhe a corôa, mas não a faculdade de transmitti-la a outrem. ”

E quando isto se escrevia, a occasião estava bem perto, e nem d'Arlincourt, nem o mesmo Luiz Napoleão o sabiam.

Olhai: é o Imperador dos Francezes!...*

Vêdes, Senhores do *Onze d'Agosto*, a maneira pela qual comprehendo, que deve ser audaz a mocidade.

.....
Trabalhai, mancebos. Segundo um formoso proverbio indiano — é o trabalho que faz conhecer o exacto valor do homem, como o fogo desenvolve os perfumes do incenso.

Conclui, e nada vos disse, Senhores.

Pelo que, resta-me a ufania de ter sustentado a minha palavra, podendo repetir:

— Não tenho o que dizer-vos.

* Não se entenda aqui cousa alguma de favoravel á pessoa e ao papel de Luiz Napoleão, a quem o autor, desde o golpe d'estado de 2 de Dezembro, votou funda ogeriza, que mais d'uma vez manifestou. (*Nota da presente edição*).

NA SESSÃO MAGNA DO CONGRESSO LITTERARIO JUVENIL, AOS 7
DE NOVEMBRO DE 1862

Não quiz faltar á vossa festa, jovens do *Congresso Litterario*.

Solemnisais o anniversario do Imperial Instituto de Nossa Senhora do Bom Conselho, e eu ainda não solvi uma divida de gratidão para com a directoria d'este Instituto.

Pretendeis annunciar á nossa patria, que o espirito de associação para os estudos universalisou-se em Pernambuco, e domina até os que ensaiam as suas primeiras armas no combate das letras, e não quizéera, que jámais dissésseis — haver eu negado o meu tenuous contingente, para que tão feliz annuncio fosse feito com a merecida solemnidade.

Demais, com prazer e enternecimento recebi de todos ou quasi todos vós uma visita, na qual, com a encantadora franqueza e sinceridade dos primeiros annos, solicitaveis a minha presença n'esta occasião. . .

Não quiz faltar.

Venho dizer-vos algumas palavras, a vós e só a vós, meninos do *Congresso Litterario*.

E' bella, é risonha esta quadra, em que vos achais.

Ha nos primeiros annos da vida um encanto, uma fascinação, que é forçoso passar, um dia, para nunca mais voltar.

Estais ainda na primeira quadra, mas já tendes caminho feito para a segunda.

Dir-vos-hei algumas palavras, que vos sirvam de preparo para a transição, e de auxilio na quadra do serio: a do riso, occupem-se d'ella os que possuem dons, que não possuo — os poetas.

Os grandes rios, as grossas arvores, as plantas medicinaes, e os homens de bem, não nascem para si, mas para o serviço dos outros.

E' um proverbio indiano, sobre que deveis um dia meditar.

A vida é sacrificio, e o sacrificio é virtude.

Inaugurado o sacrificio com o vagido da hora do nascer, jámais deve acabar.

O que fazeis aqui, pensionistas do Bom Conselho? — Um sacrificio. Privados das ternas affeições domesticas, estais aqui atarefados e cuidadosos, em busca da cultura intellectual e moral. E para que?...

Os que têm de ser homens de bem, inauguram aqui o sacrificio, e nunca mais o concluirão. Os velhos pais, a esposa, os filhos, a patria, a humanidade, estarão sempre a exigir, e vós sempre a servir.

E um dia velhos, a maior gloria, a melhor corôa, será ter servido a Deus e á humanidade.

E se não é para isto, para que serve a vida? Se n'esta officina, a que dão o nome de mundo, não se tivesse em vistas a remuneração do Alto, o que seria a vida, senão um problema immundo, que se resolveria nos vermes da sepultura?

Um dia, meninos hoje tão alegres e risonhos, a ruga do sacrificio se vos desenhará na frente, e ai de vós se essa ruga se apagar!

Os annos do homem contam-se pelos serviços a Deus e ao proximo. Os que passaram de outra sorte não são vividos, são menos do que vegetados. Os homens, que transitam sacrificando ao egoismo e á mentira, são menos do que o verme, porque o verme não falta ao seu destino.

Ha individuo de cem annos, que morreu desde o seu nascimento. (1)

O que é uma vida longa? — A que foi plena do cumprimento do dever. O que valem oitenta annos esgotados na indifferença e na inercia? — Um viver assim não é vida, é passagem pela vida. Quem assim viveu, não morreu tarde, porém gastou muito tempo a morrer. (2)

E pois — olhos fitos na pyra do sacrificio. Desde o primeiro dia é tempo de começar. Lembrai-vos de que — nascendo começamos a morrer, e á proporção que o homem cresce sua vida decresce. (3)

Aproveitar o tempo. Um dia, mais um dia, e mais um dia, eis a vida. Qual de nós, ao alvorecer, sabe se será esse o seu ultimo dia?

Morremos todas as noites, e nascemos todas as manhãs: cada dia é uma vida completa e differente. Tal differença escapa-nos, e confundimos o dia que nos lúz, com aquelle que o precedeu. E assim como ninguem se banha duas vezes nas mesmas aguas de um rio, ninguem acorda duas vezes na mesma vida. O rio e a vida mudam incessantemente, sem que pareçam mudar. (4)

Perder o tempo é perder mais do que o sangue, é mutilar o proprio ser, é commetter um verdadeiro suicidio. (5)

Sem virtude morre-se moço depois de um seculo

(1) Rousseau.

(2) Senec. — Epist. X, c. 3,—cit. por Oudot.

(3 a 10) *Noites*, de Young.

de vida. Apaguemos das datas dos tumulos os annos, que foram estereis para a virtude, porque estes não viveu o homem. (6)

Um dia fareis vossa entrada no que se chama sociedade. Silencio e cuidado!

Sei, que a mocidade é apaixonada; sei, que a paixão, segundo Plutarco, é o vento sem o qual o navio não poderia andar. Mas, se por um lado é certo, que sem o vento a viagem não seria feita, por outro é tambem certo, que sem piloto para dirigir o leme, o vento daria com o navio á costa, ou leva-lo-hia a porto differente do seu destino, e isto um milhão de vezes contra uma.

Nada de ambições desregradas, nada de pretender levantar edificio sem base: ambições assim serão desvarios satanicos, imporão o supplicio de Tantaló.

O ambicioso desdenha os seus proprios successos, e a sua propria gloria faz-lhe compaixão. *Cifra-se tudo n'isto?* exclamou Cezar ao subir o throno do universo! (7)

Ainda que possuisseis todos os thesouros do mundo, restando-vos ambição e desejos serieis pobres. (8)

Tambem um dia sereis visitados pela adversidade. Preparai desde hoje a coragem, com os olhos em Deus e na virtude.

O tempo da adversidade é a estação da virtude. (9)

A virtude é a força dos talentos, e o remedio efficaz contra a ambição.

Sem a virtude os talentos não passam de instru-

mento brilhante, porém criminoso, nas mãos da ambição, que emprega esse instrumento na perpetração de crimes celebres. (10)

Nada de ambição, nem mesmo na procura do saber. Este, como tudo o que respeita ao homem, tem o seu limite.

Ha de um dia acariciar-vos os ouvidos a voz adocicada de um monstro chamado — racionalismo. Esta ambição intellectual é a insania e a degradação do talento. Assim como ha terra e Céu, homem e Deus, deve haver — razão e Fé....

Contra o racionalismo, contra todos os escolhos do mundo — a religião.

N'esta existe a verdadeira elevação do homem, a sua sobrenatural nobilitação. E como? Quem não vê no extraordinario dos seus meios, que ahi existe o dedo de Deus?

— A religião eleva o homem pelos meios, de que o mundo se serve para avilta-lo. Faculta-lhe a liberdade pelas praticas da escravidão, fa-lo rei crucificando-o. (11)

.....

Quizéra dizer-vos muito mais, porém o tempourgia : ha poucos instantes deixei a penna, com que traçava estas linhas.

Não peço desculpa aos illustrados, que aqui se acham, porque não escrevi nem falei para elles.

(11) Lacordaire, *Vid. de S. Dom.*

Unicamente para não faltar ao vosso pedido, jovens do *Congresso Litterario*, vim ler-vos estas linhas.

Guardai as minhas palavras, que, senão todas, muitas poderão servir-vos em vossa vida de homens.

E possa eu, já invalido, ouvir da bocca de algum de vós, soldado de animo vigoroso na luta, a confissão de que d'estas linhas algumas vos serviram nas procellas do mundo.

Terá sido este de hoje um dos felizes dias da minha vida.

NA SESSÃO SOLEMNE DA ARCADIA PERNAMBUCANA, AOS 11
D'AGOSTO DE 1869

Senhores da Arcadia Pernambucana,

Algumas palavras apenas, dictadas pelo dever.

O Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano devia cumprimentar-vos pelo fraco orgão do seu Orador.

Fraco, disse eu, e hoje deveria dizer — fraquissimo, sem que podésseis accusar me de sedicã modestia ; porque . . .

Sei o que devo ás conveniencias, Senhores, não vos assusteis : não serei eu, quem vá empanar os fei-ticeiros sorrisos das gentis Senhoras que engrinaldam a vossa festa ; não serei eu, quem amortega os lam-pejos d'esperançosa animação, que, fulgindo dos vossos olhos, estão agora mesmo allumiando para mim e para todos o magestoso templo do futuro da patria ! . . .

Só o dever aqui me traz, quando uma soffrega

espontaneidade arrastou-me sempre para a convivência dos moços que se congregam em torno das sagradas pyras das letras ; e o meu orgão é ainda mais fraco do que de costume, bem sabeis porque . . .

Direi sómente, parodiando um sublime conceito de Pascal : — A razão tem seus sentimentos, que o coração bem conhece . . .

Senhores da Arcadia Pernambucana, nós do Instituto parecemos os vossos antipodas.

Em quanto vós, com a fronte erguida, mirais os horisontes do futuro, e marchais ousados ao clarão da aurora das idades por vir, nós, curvados nas ruínas do passado, caminhamos vagarosos pelas suas regiões, para as quaes já se pôz o sol da vida.

Entretanto, nós do Instituto, e vós da Arcadia, somos irmãos, e vamos o mesmo caminho.

Só os desattentos, que vos vêem com a face para o futuro, e a nós com a face para o passado, poderão attribuir-nos rumos oppostos.

Vamos o mesmo caminho : é que nós, como os remadores, damos as costas para o ponto a que nos dirigimos.

Ai de vós, se em vossa viagem para o futuro não levásseis as provisões do passado !

Tristes de nós, se em nossas excursões pelo passado não tivéssemos na mente trabalhar pelo futuro da patria !

O que serieis os paladinos do futuro, se pretendesdes quebrar a têa providencial da marcha da humanidade ?

O que seriamos os romeiros do passado, se não fôssemos os mineiros, em busca das pedras preciosas para as corôas do futuro ?

Para que despertamos nós as gloriosas tradições pernambucanas, senão para dizer á geração que co-

meça: — Sus! E' preciso caminhar como os nossos pais! Conquistai o futuro dos vossos filhos, como elles conquistaram o vosso, que é o nosso presente!?. . .

Sus! mocidade brasileira!

Se nos caminhos do futuro encontrardes abrolhos, pisai e passai consagrados pelo sangue e pela dôr. . . . A conquista será mais segura.

Sus! e fazei a vossa lenda!

A este proposito tomo emprestado um raio d'eloquencia, já que o não possuo:

“ Para crear as suas lendas a humanidade não escolhe os que marcharam no meio d'exercitos triumphadores, perante as multidões prostradas: vai a uma fogueira, recolhe as cinzas de uma pobre moça chamada Joanna, e crea a lenda nacional; vai a uma rua estreita de Pariz, vê um homem chamado Henrique, jazendo ao golpe do punhal de um miseravel, e crea a lenda bourbonica; vai a um rochedo solitario, onde o maior genio dos tempos modernos expia e confessa os seus erros, e crea a lenda napoleonica. Para a humanidade, *vincit qui patitur*. O dominador é o que sabe soffrer. ” (E. OLLIVIER)

Avante! e coragem! moços da Arcadia. Eis n'este brado o feudo sincero, que vos offerecem os velhos do Instituto.

Na memoravel batalha de Pharsalia, Cesar, que foi grande porque soube explorar e aproveitar as fraquezas alheias, ordenou ás suas hostes, que ferissem de preferencia no rosto os soldados de Pompêo. Com este achava-se a mocidade elegante de Roma, a qual, conhecendo o proposito e receiando ser desfigurada, recuou espavorida, e cobriu de confusão o grande rival de Cesar. . . .

Deus não permitta, jovens batalhadores do futuro, que algum novo Cesar colha contra vós os fructos de tão miseravel astucia!

Não recuar nunca, quasquer que sejam as astucias de quasquer Cesares, e vencereis.

E se o sangue correr-vos das faces, serão os vossos
gilvazes — diplomas de vossa gloria, e traços de luz no
caminho de vossos filhos !

NO GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA, AOS 15 D'AGOSTO DE 1868

Senhores,

Em nome do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, como seu Orador, venho dirigir-vos algumas palavras congratulatorias, hoje que a vossa associação se engrinalda e esparge flores, em commemoração do seu anniversario.

Nós lá do Instituto, Senhores, somos alguns brasileiros que accendemos nossos cirios no altar das glorias da patria, glorias que infelizmente parecem hoje tão deslembradas : somos os romeiros das regiões do passado, por ventura ignorados pelas turbas do presente, mas alegres e modestamente ufanos, porque contamos com as palmas do futuro, por esse pouco mesmo que temos feito e poderemos fazer.

Vós d'este Gabinete sois alguns portuguezes, que, longe da patria, sagrais cultos ao pensamento, erigis um asylo á idéa, preparais um remanso para o estudo, construis uma colméa, onde se póde trabalhar em todos os ramos d'applicação do espirito humano; e aqui acharão como que fragmentos da patria os homens dos quatro ventos da terra: concepção cosmopolita, pensamento anodyno para os que respiram fóra das auras da patria; idéa, estudo e meditação, revestindo as fórmulas sublimes da universal fraternidade evangelica, pelos caminhos da razão — a faculdade excellente do homem.

Nós e vós poderíamos entender-nos perfeitamente, e o Instituto far-vos-hia hoje eloquentissimas saudações, se outro fosse o seu orgão.

Nós — romeiros do passado, em cujas trevas procuramos a luz para allumiar o futuro da patria do nascimento.

Vós — estendendo mesa lauta para o banquete das meditações e estudos, e, por indole da vossa instituição, procurando a luz, que do embate de todas as idéas deve surgir para o futuro do mundo, que é a patria do pensamento.

Se nós não nos internamos no recinto da patria até perder de vista a humanidade, o que seria um crime, por sagrado que seja esse recinto, tambem vós, n'esta immensa colméa do pensamento, tendes o lugar d'honra para a patria O patriotismo chinez é a perversão do senso humanitario, como o puro cosmopolitismo seria a perversão do senso patriotico, a eliminação do santo amor da patria, que se imprime nas almas bem formadas pelas auras respiradas no berço, pelas recordações dos brincos da infancia, pelas balbuencias das orações aprendidas no regaço materno, pela lembrança da escola e do presbyterio, e por esses mil nada, que se vão tornando sublimidades, ainda nos grandes momentos da vida, quando vão chegando os gelos da idade

Repito-vos, Senhores, o Instituto poderia fallar-vos eloquentemente, se outro fosse o seu orgão.

Devo, porém, ausentar-me sem dizer-vos algumas palavras, que attemem o meu desejo de cumprir o mandato do Instituto?

Celebrais, Senhores do Gabinete Portuguez, a vossa festa, quando ainda estamos mui vivamente estremecidos d'entusiasmo pelos triumphos de uma causa nacional; e eu devo aqui consignar, em nome do Instituto, o jubilo de que nos achamos possuidos pelas victorias das nossos armas em terras e agoas do Paraguay.

Humaytá, a soberba Humaytá, que já se ia tornando legendaria na historia da America do Sul, é hoje quartel dos exercitos alliados; e se ahí não entrámos á força d'armas, foi que o legendario Osorio, esse gigantesco symbolo da bravura brasileira, havia mostrado ao exercito, por entre prodigios de valor, a porta d'entrada do baluarte do despotismo!... Só o vulto do Ney brasileiro, do bravo dos bravos do nosso exercito, enfraqueceu as hordas paraguayas!

Que a liberdade penetre no Paraguay, e amplamente compensados serão todos os sacrificios dos heroicos brasileiros do exercito e da armada.

“ Um meio seculo de liberdade, diz lord John Russell, sobre a extensão de algumas milhas d'um solo ingrato, leva á perfeição um maior numero das qualidades eminentes da nossa natureza, desenvolve mais plenamente as faculdades humanas, offerece mais exemplos d'heroismo e magnanimidade, faz irradiar mais luminosamente, com um brilho divino, a poesia e a philosophia, do que em milhares d'annos e entre milhões d'individuos, reunidos no maior imperio do

universo, póde acontecer sob a tenebrosa influencia do despotismo. ”

Que não haja na America, Senhores, uma só nesga de terra escrava, que por toda a parte reine e governe a opinião, e a America dará leis ao mundo.

Citarei o mesmo estadista inglez, o estadista de uma nação que todos consideram mestra em materia de liberdade constitucional :

“ Até nas nações despoticas a opinião tem peso. Foi ella que derrubou Squillace do governo d’Hespanha, e que fez morrer o imperador Paulo, o autocrata da Russia. Diz-se tambem que na Turquia, quando o povo está exasperado, lança fogo sobre algumas casas. Era ou é costume do Sultão assistir aos incendios ; e então apparecia oportunidade de dizer-lhe verdades, que aliás nunca chegariam aos seus ouvidos. ”

Sim, Senhores, o seculo é da opinião. Quer a alliança dos povos por bem da liberdade, e repelle a alliança dos reis por bem do despotismo. E’ passado o tempo, em que os reis se declaravam *divinos* arbitros da opinião. A linguagem sacrilega dos soberanos da Russia, Austria e Prussia, que ao despotismo do grande Napoleão, o despotismo de um genio, queriam dar por substituto um despotismo *divino*, na accepção do absolutismo, o tempo em que, n’uma circular de reis e imperadores, se declarava que — as mudanças uteis ou necessarias na legislação e na administração dos estados só devem emanar *da vontade livre, do impulso reflectido e esclarecido d’aquelles* QUE DEUS TORNOU RESPONSÁVEIS PELO PODER, esse tempo já passou : o proprio Napoleão III já tem dado testemunho, de que a marcha natural da opinião é ascensional — da base para o vertice, dos povos para os reis. *

* Deu tarde o testemunho, quando a onda da corrupção já havia assoberbado a França, e devia em breve prostra-la na desgraça, affogando a elle rei na infamia, e votando-o ao desprezo da historia. (*Nota da presente edição*).

Jacques I, da Inglaterra, dizia o seguinte :

“ Da mesma sorte que ha atheismo e blasphemia em uma creatura, no facto de disputar sobre o que Deus póde fazer, assim ha presumpção e sedição em um subdito, no facto de disputar sobre o que o rei póde fazer no exercicio da soberania. Os bons christãos contentam-se com a vontade de Deus, revelada em sua Escripura ; os bons subditos não devem ter outra vontade senão a do rei, revelada em sua lei. ”

Quem poderia comprehender hoje semelhante lingoagem ?

Quem poderia comprehender hoje aristocracias, todas sempre com o característico d'esses vassallos voluntarios dos principes germanos, collocados pelas leis ácima dos seus concidadãos, e não exercendo por seu titulo funcção alguma determinada ?

Hoje os povos só comprehendem a igualdade perante a lei. Delolme felicitou-se ante a seguinte inscripção no recinto da residencia real de Windsor : — “ Todo o que não respeitar esta propriedade, soffrerá os rigores da lei. ” A inscripção reclamava para o rei a seguridade devida ao mais humilde aldeão. E' que os reis d'Inglaterra comprehenderam a final que eram homens, ou antes o povo inglez a final ensinou-lhes esta verdade, que não é de tão facil comprehensão como parece. . . .

Perdoai-me a digressão, Senhores.

Fallava de Osorio, fallava da liberdade do Paraguay. . . .

Osorio, em cujo braço potente lampeja uma espada sempre a serviço da liberdade, que no seu peito ha o coração do verdadeiro liberal brasileiro. . . . O Paraguay ali sojugado ainda ás furias de um despota. . . . Eis os motivos que me levaram a essas linhas de panegyrico á santa causa liberal, que é a causa da humanidade.

Sem me alongar do assumpto, algumas palavras de conclusão.

Volvo os olhos para a patria

Volvo os olhos para esta provincia

Não devo, porém, sahir d'este recinto.

Aqui, n'este mesmo lugar em que me acho, o meu illustre antecessor no Instituto, o meu esforçado chefe nas lutas liberaes da provincia, fallou-vos muitas vezes, com aquelle accento convencido do philosopho patriota, do desinteressado lutador da idéa. *

Consagro a minha ultima palavra ao liberal pernambucano, de quem muitas recordações ter-vos-hão acudido, contrastando as suas forças pela minha fraqueza E será esta a occasião mais feliz para a minha fraqueza, que terá servido de realce a um nome justamente venerado nas linhas do povo pernambucano.

O meu illustre antecessor trazia-vos sempre — na direita a Cruz, e na esquerda o lábaro da Liberdade.

Como elle (e ufano-me de imita-lo) levanto agora a minha mão direita, e mostro-vos a Cruz, a Cruz que é principio e fim, emblema do berço e da tumba, do tempo e da eternidade !

Nos primeiros seculos da Igreja, no domingo das Palmas ou dos Ramos, os solitarios e todos os religiosos se reuniam em certos pontos para a solemnidade, e esses pontos eram marcados por Cruzes.

Ai das festas triumphaes da humanidade, em todos os tempos, se as Cruzes não forem os pontos de reunião !

O signal sublime da redempção, diz um illustre escriptor, depois de haver dado a salvação á humanidade, foi durante o saque de Roma um refugio contra o furor dos barbaros ; alguns seculos depois vemo-lo erguido nos caminhos publicos, para abrigo dos que fogem diante d'inimigos sedentos de vingança.

E será sempre assim !

Nos tempos idos, como nos tempos d'hoje, tudo começa e acaba no Calvario.

* Dr. Antonio Vicente do Nascimento Feitosa.

Só ha grande luta, seguida de grandes resultados, onde preside o grande pensamento do Evangelho!

Não ha grande lutador, pacifico ou armado, se, tendo na sinistra a espada ou a penna, não ergue na dextra o symbolo do futuro, o symbolo da eternidade!

E com a esquerda, Senhores do Gabinete Portuguez, apresento-vos o estandarte do meu antecessor n'este lugar.

E já que não posso honrar devidamente esse estandarte, escreverei apenas n'elle o seguinte moto:

— LIBERDADE E CRUZ! —

NO GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA, AOS 31 D'OUTUBRO DE 1869

ADVERTENCIA *

Não era possível em um discurso, e feito á pressa por entre um cento de occupaões impreteriveis, tratar com alguma extensão assumpto de tanto momento, como o da liberdade de consciencia.

Nem ponho o intento em preencher aqui as lacunas: apenas quero tornar ainda mais patente, que no Gabinete Portuguez de Leitura em Pernambuco nada aventurei, que não fosse idéa minha, já muito assentada; e quero tambem mostrar, que nenhuma razão de ser tem essa ira *posthuma*, de que foi tomado *um certo círculo*, e que chegou ao meu conhecimento na fórma de uma ridicula ameaça....

* Da primeira edição, sob o titulo LIBERDADE DE CONSCIENCIA, dedicada aos assignantes da *Opinião Nacional*, fazendo-se distribuição gratuita. Até isto serviu contra mim de arma politica, como o leitor comprehenderá! (*Nota da presente edição*).

Ei-lo ahi vai esse discurso, cuja publicação foi com certo *quichottismo* provocada, como se o autor não houvesse dado sobejas provas, de que não teme os *Quichottes*, mesmo de sacristia. . . . Até hoje ainda não fallei, que não fizesse correr pela imprensa a minha palavra. E seriamente entenderia o circulo a que alludi, que me faria medo?

Ei-lo ahi: discutam as minhas idéas, que não as faço publicas para outro fim; mas, por Deus! fiquem entendendo, que não responderei a anonymos, nem a *testas de ferro*. Não será á minha custa, que se façam lucrativas especulações de cera benta. . . .

E para que não me preocupe demasiado a lembrança dos publicanos e phariseus, os maiores inimigos com que ha de lutar a religião do Christo até a consumação dos seculos, por ventura para que se não perca a memoria das suas origens de Jerusalem, já que não poderam elles, como Pilatos, entrar no *Credo*. . . . para que não me desvie do intuito que levo n'estas linhas, esqueço os Paulos de Pernambuco, e peço a attenção do leitor.

— Advogar a liberdade de consciencia e de cultos, ser liberal em tudo, obedecendo á logica, porque este mundo não teria sido creado por Deus, se a logica não governasse tudo — não é atacar o catholicismo.

Este o pensamento capital do discurso, pensamento que pretendo reforçar aqui.

Tenho ou não tenho razão? . . . O mais é secundario, e muito secundario: se pensei sempre assim ou não, é cousa que importa pouco aos outros e mesmo a mim; porque ninguem, a não ser um idiota, ou um maniaco, ou uma estatua do deus-termo, pensará sempre a mesma cousa, identicamente, por longos annos, quando o mundo anda, quando os estudos e a meditação devem fazer na intelligencia do homem successivas transformações, como a acção do tempo deixa vestigios no seu corpo.

A verdade, porém, é que ha muito penso como pensei no Gabinete Portuguez, e só agora a ira ecclesiastica ameaça-me de ferro e fogo. . . . *pelo braço secular*, entenda-se. A verdade, porém, é que só agora

chegaram para a Igreja pernambucana estes tempos *caureos*, que começam a passar . . .

Sou *catholico apostolico romano*, e a Deus imploro a graça de morrer como tal; mas, isto para mim nunca significou nem jámais significará, que eu veja em cada padre um santo, em cada pontifice um senhor universal, dispondo de céu e terra, decidindo infallivelmente do espiritual e do temporal, impondo ao mundo o seu *Syllabus* político, fazendo-se arbitro das nações.

Entretanto, o contrario do que penso vai sendo condição indeclinavel da qualidade de bom *catholico*!

Vêde as minhas *Licções sobre a infallibilidade dos Papas*.

Sustentei o que ainda sustento: que na Igreja, por influxo do Espirito Santo, permanece o elemento divino, dá-se a infallibilidade *em materias de fé*, compendiada a voz da Igreja no verbo de Pedro; porque, como S. Ambrosio, não comprehendendo Igreja onde não está Pedro; porém, não desconheci, nem poderia desconhecer, na mesma Igreja o elemento humano, fallivel e perituro, nem a sua limitação ao que é espirital, como ordenou o proprio Christo nos termos os mais explicitos.

No entanto, hoje o *Syllabus* corta largo; quer decidir de tudo e sobre tudo. Pelas proverbias e ampliações e restricções jesuiticas, tudo é espiritual: o homem nasceu para uma vida ulterior, cada passo que dá o approxima á tumba, o mundo é uma mera ponte para a eternidade — logo, theologia em tudo, como dizia Donoso Cortés, ageitado pelas interpretações da Companhia. Quem pôde encarar, sem fundados sustos pelo futuro da Igreja, tão caricatas pretensões de uma theocracia, que vai além das aspirações e dos factos da idade média?

Sustentei o poder temporal dos Papas como uma conveniencia, e no presuppuesto da acquiescencia dos povos dos Estados da Igreja (o que já acreditei muito mais do que hoje); mas, nunca de um modo absoluto fiz dependente, graças a Deus, de uma corôa de rei de Roma a efficacia do pastorado do vigario de Christo; e menos ainda esteve jámais em meu pensamento, que o pontifice-rei fosse o rei dos reis, o monarcha universal.

Entretanto, o que se pretende hoje (por ora sob uma fôrma doutrinaria) é uma universal supremacia temporal, verdadeiramente assustadora!

Destacando aqui ou ali algumas das minhas phrases, se me pôde apresentar contraposto ao que sou, e desde muito tenho sido.

As harmonias da Igreja catholica no seu elemento divino encantaram-me e ainda me encantam. Demorava-me então quasi exclusivamente ahi: — eis o que fiz.

Hoje os tempos estão mudados, é preciso acautelar contra o elemento humano sem desacatar o divino: — eis o que faço.

De mais, sempre a idéa de Liberdade predominou em meus escriptos.

E aliás só agora esse movimento desusado que ahi vai pela Igreja, essas tentativas que se me afiguram de uma preponderancia toda politica, e completamente alheia aos fins e á indole da mesma Igreja, me estão impondo sahir a combate para resalvar a minha consciencia.

Pelo que respeita a Pernambuco, como se não bastasse a pastoral, onde o Sr. bispo D. Francisco dividiu-nos em — *clero, nobreza e povo* — ei-lo que nos diz agora em sua despedida: *

“ A fôrma dos governos representativos, que vai substituindo em quasi todo o mundo a dos absolutos, tem dado aos impios occasião de abrirem suas escolas de incredulidade e da mais ousada impiedade, pelo abuso da imprensa livre, e da liberdade da palavra nas publicas assembléas. ”

Pôde-se mais francamente fazer a apologia do absolutismo? †

* *Carta pastoral* de 14 de Setembro de 1869, por occasião da partida de S. Ex. Rev. para Roma, a sentar-se no Concilio do Vaticano.

† Com toda esta saudade do absolutismo, S. Exc. Rev. passa logo a dizer-nos, que ao Evangelho devemos a *liberdade intellectual do homem, d'antes absorvido no Estado, a dignidade da mulher* etc. Ou S. Exc. quer escarnecer de nós, o que não é crível, ou, com a devida venia, não reflectiu no que escreveu. O que é o governo representativo senão a tentativa mais adiantada, sob a fôrma monarchica, da emancipação po-

Como hei declarado sempre, a Igreja catholica vem-ha sempre submisso ao seu ensino *em materias de fé*: é o seu lado luminoso, divino.

Mas, combatarei sempre a theocracia absolutista, as tentativas impertinentes de reduzir tudo a pontos de fé, de regular tudo, até as artes industriaes — tentativas que muito prejudicam a mesma Igreja: é o seu lado opaco, humano.

E Deus nos julgará a todos, pastores e ovelhas: *de intimis non judicat Ecclesia.*

Agora alguns excerptos.

Em 1862 repetia eu, com o sincero Sr. de Montalembert: *

“ A liberdade dos povos está muito e muito nos interesses da Igreja. Onde a escravidão d’esta existe ou existiu, é ou foi obra do poder absoluto, e nunca do governo parlamentar. E’ verdade, que este regimen não quebrou suas cadeias em toda a parte; libertou-a, porém, em França, Inglaterra e Belgica, e já não é pouco; e nos outros paizes lhe ha fornecido os meios para a futura emancipação, como a queixa, a luta, a reclamação. Sob o governo parlamentar a Igreja não domina na ordem politica, o que aliás não está nos seus desejos, nem nos seus interesses; mas, tem o que vale muito mais do que o poder, tem direitos. Entretanto,

litica e administrativa do individuo? Se o Evangelho é isso que o Sr. bispo diz, e eu creio, e se os governos representativos são taes como se lhe afiguram, a consequencia é que elles devem ser considerados como transição para novas conquistas, até que o Evangelho, como diz Lamartine, se encarne nas instituições, por essa autonomia da individualidade de que falla o S. bispo; e jámais que devemos voltar ao absolutismo, pois o mais luminoso absolutismo, como o de Luiz XIV, ha de repetir sempre pela bocca do rei que o consubstanciar — *O estado sou eu.* E o Sr. bispo e a sua Igreja, e eu, a minha familia e a minha cidade, todos nós, que somos homens, havemos de cair aos pés do homem! Ora, o Evangelho não quer isso; e pois o Sr. bispo, assim agastado com as fórmulas representativas, deveria appellar para as puramente democraticas, declarando-se francamente republicano.

* *Discurso* de abertura do Curso de Direito Ecclesiastico, em 1862 — Impresso na Typ. Commercial, 1862.

sob o poder absoluto só tem o que lhe é concedido pelo bel-prazer da occasião: seu unico apoio é o braço secular, que abandona-a no momento mais critico, ou só se levanta para feri-la. Por demonstração ahi está toda a historia moderna. ”

E concluia eu:

“ Tratai de plantar a arvore da Religião. Quando esta arvore dér fructos, vereis, que todos são fructos de Liberdade ! ”

Em 1864 insistia, ainda com o mesmo Sr. de Montalembert: *

“ A Liberdade tem dous inimigos — a revolução e o despotismo; ou antes tem um inimigo só, sob duas fórmás diferentes. A religião é a sua salvaguarda, o seu contrapeso legitimo e natural. Os que fazem perder a religião para uma das forças inimigas, fazem-lhe um damno irreparavel: quando a religião parece abençoar o despotismo, arremessa a liberdade para a revolução, e o mundo consternado perde o equilibrio.

“ De todos os despotismos o mais intoleravel para as nações é o que se exerce ou parece exercer-se com o concurso da religião. Fere os melhores sentimentos da nossa alma, porque n’isso vê-se a exploração d’uma cousa sagrada em proveito d’um interesse profano. E em tal jogo a Igreja é sempre a victima. . . .

“ O governo representativo nunca fez e nunca fará tanto mal á Igreja, como muita vez, mesmo sem o querer, o poder absoluto; e, pois, os catholicos não têm interesse algum em associarem-se ás diatribes dos lisongeiros da força contra esta fórmula de governo.

“ Quasi sempre os poderes, que hão pretendido proteger a Igreja, associando a causa d’esta á da monarchia absoluta, acabaram por compromette-la e escravisa-la.

“ Excepção feita das grandes explosões revolucionarias, em que a Igreja segue a sorte da sociedade inteira, a experiencia mostra, que nos tempos modernos, como na meia-idade, os seus soffrimentos hão sido obra das vontades absolutas. ”

* *Discurso* de abertura do Curso de Direito Publico e Constitucional — Impresso na Typ. Commercial, 1864.

E dizia ainda:

“ Respeito á dignidade humana, symbolisada na liberdade. Soberania nacional: não para erigir em infallibilidade o principio pagânico da maioria, a qual, em si só considerada, pôde ser traduzida por força bruta, mas subordinada a mesma maioria ás noções da justiça e da razão; e consequentemente, ampla manifestação do pensamento, e tudo quanto concorrer possa para que se opere livremente o trabalho da opinião, e para o consequente predominio d’esta. O Estado para o homem, e não o homem para o Estado; isto é, sempre a acção individual nas maiores proporções possíveis. E adejando sobre tudo o sol divino da moral do Evangelho.

“ Liberdade em tudo. Não essa liberdade convulsa, que tem por crise a licença, e por desastrosa consequencia o despotismo; mas, a liberdade reclamada pela natureza do homem, escripta pelo dedo de Deus n’essa natureza, assim no fôro externo como no fôro interno, assim no Estado como na Igreja. Em summa, o homem sempre em pé, como rei da criação, preso pelos pés á terra, e pela cabeça e coração ao céu, feitas as strictas limitações urgidas pela coexistencia social.

“ Eis o grande trabalho da humanidade!

“ Quando um dia se podér dizer, que da acção individual fez-se no mundo apenas o sacrificio strictamente necessario, quando por toda a parte Cesar só exigir aquillo a que tem direito, e o homem fôr por toda a parte completamente livre de dar a Deus o que é de Deus, a obra do Evangelho estará completa, e de toda a criação partirá um hymno unanime e perfeitamente accorde, que chegará ao Throno do Creador.

“ Não examino, se é ser utopista exprimir tal aspiração como susceptivel de realisar-se um dia nos quatro pontos cardaes; o que sabemos todos é, que ao impulso de tal aspiração tem andado e andarâ a humanidade, em incessante trabalho. Poderá ser a tea de Penelope; mas, nem por isso deixará de ser certo, que esse trabalho é a suprema tarefa humana.

“ Sigo, pois, a bandeira do Sr. de Montalembert, com a seguinte divisa — *Igreja livre no Estado livre* —

divisa, como diz o grande orador e o sincero catholico, que é a salvaguarda dos catholicos, e como a pedra de toque dos liberaes; divisa que distingue claramente os catholicos liberaes—dos catholicos intolerantes, que não querem *Estado livre*, e dos liberaes inconsequentes, que não querem *Igreja livre*.

“ E’ possivel, Senhores, que não tenha fallado com sufficiente clareza; affirmo-vos, porém, mais uma vez (e tomo a Deus por testemunha), que as minhas intenções são as mais sinceras a bem do cidadão e a bem do Estado, sem eiva de paixão politica, ou de qualquer sentimento que não seja—o de cumprir os deveres de mestre e de cidadão d’um Estado livre, como por fortuna de todos nós é o Imperio do Brazil. ”

Vê-se, principalmente d’estas ultimas linhas, que o discurso no Gabinete Portuguez não foi nenhuma novidade; que ali affirmei apenas as minhas idéas, já muito francamente enunciadas.

No prospecto da *Opinião Nacional* (10 de Maio de 1867) disse eu:

“ Em religião — plena obediencia ao ensino da Cadeira de S. Pedro, *refutação d’essas doutrinas, que fazem do catholicismo um antagonista do liberalismo*: o que não significará, que sejamos sectarios da INTOLERANCIA em materia religiosa. ”

E’ sempre o mesmo pensamento.

No 3.º numero da mesma folha (30 de Maio de 1867), instigado por um periodico religioso que logo sahiu a campo amedrontando-nos com o *Syllabus*, eu disse, depois de haver discutido o sentido do mesmo *Syllabus*:

“ Que ha um liberalismo onde os principios degeneram, como pôde haver um pseudo-patriotismo e um pseudo-catholicismo, n’isto estamos de accordo; e que não professamos esse liberalismo degenerado, que é realmente irreconciliavel com a cadeira do Pedro, isto ficou evidente das palavras do nosso prospecto.

“ Em these, porém, accitarmos que o espirito da liberdade é inimigo do espirito do catholicismo, isto nunca! JAMAIS SERA’ A’ NOSSA CUSTA, QUE O CORCUNDISMO LEVANTARA’ OS SEUS MEDONHOS CASTELLOS, LIBRADO NAS SANTAS DOCTRINAS DO CALVARIO.

“ Onde está o Christo, ahi está o espirito liberal.

“ O Senhor é espirito; e onde está o espirito do Senhor ahi estará tambem a liberdade.

“ *Dominus autem spiritus est; ubi autem spiritus Domini, ibi libertas* (II Ep. Paul. ad Cor. III, 17).

“ O liberalismo, que na dignidade humana respeita a obra prima do Creador, este achou, e achará sempre, nas letras sagradas o seu mais forte escudo.

“ Este o liberalismo que professa a redacção da *Opinião Nacional.* ”

Não mais fatigarei o leitor.

Tenho dito, quanto é sufficiente para o meu intuito n'estas linhas preliminares.

DISCURSO

Meus Senhores,

E' ainda, e espero em Deus que sê-lo-ha sempre, com o estandarte do meu antecessor no Instituto, que me apresento para saudar-vos.

Liberdade e Cruz — foram as ultimas palavras do meu discurso antecedente, e são as primeiras d'este, com que vou roubar-vos alguns momentos d'attenção.

Lá no Instituto, Senhores, são os nossos habitos — revolver archivos carcomidos do passado, e tirar d'ahi animação para o presente, e ensino para o futuro.

Em tempos remotos da nossa nacionalidade, que era então a portugueza, vemos os nossos antepassados combatendo pela Liberdade e pela Cruz; e se venceram, foi que o consorcio das duas divindades não era desagradavel ao Omnipotente.

Quando o Batavo audaz e astucioso pisou terras do Brasil, os nossos antepassados de Pernambuco reclamaram para logo a liberdade das suas crenças; e o conde Mauricio, vencendo escrupulos e preconceitos de seus companheiros d'administração, cedeu ás leis da justiça, obedeceu ás exigencias da lei natural da liberdade de consciencia.

Sentiam os nossos antepassados, sentia o conde Mauricio, que pôde-se viver á luz do sol, tomar assento no banquete da vida, abstracção feita do grande negocio, intimo e espirital, * dos nossos caminhos para uma vida ulterior. Em verdade, Senhores, isto sente-se mais do que discute-se!

Com effeito, se a meu lado um homem respeita a minha vida, a minha propriedade, a minha honra, se esse homem obedece como eu ás leis instauradas para uma boa coexistencia social — o que importa a mim, sob o ponto de vista social, que elle adore a Deus d'este ou d'aquelle modo? A caridade será satisfeita, se eu, sem tom autoritario (só Deus tem autoridade sobre as consciencias pela Graça) procurar convence-lo da *minha* verdade, salvo a esse homem igual direito quanto á *sua* verdade; mas, affligi-lo na terra por seu modo de pensar nas cousas do céo, cercear-lhe direitos e prerogativas sociaes por semelhante motivo, eis o que nunca comprehendí!

Assim o sentiram os nossos antepassados, assim o sentiu o conde Mauricio. E se este sentira o contrario, quão vivas não seriam ainda hoje as nossas reprovações!

Entretanto, uma vez senhores do campo, os

* Tão intimo, que a respeito d'elle a Igreja não profere juizo definitivo: *De intimis non judicat Ecclesia.*

nossos antepassados não quizéram imitar o conde Mauricio; esqueceram na ventura os principios que lhes haviam sido santélmo na desgraça! Contradições humanas!

Liberdade e Cruz!

Eu disse, meus Senhores, nunca haver comprehendido outra cousa que não o consorcio entre a religião e a liberdade. Devo provar-vo-lo, compendiando aqui um dos meus trabalhos academicos, datado de Fevereiro de 1857.

Antes, porém, uma profissão de fé; que chegaram para o nosso Pernambuco tempos caniculares n'estas questões de religião e consciencia. . . .

— A Igreja de Christo, com seu vigario o successor de Pedro, teve e terá sempre para mim o elemento divino, em tudo o que respeita ás *materias de fé*, aos *meios exteriores de salvação*, em tudo quanto é, n'uma palavra, espiritual: aqui a infallibilidade, a divindade. Mas, composta d'homens, tem a sua parte fallivel e peritura: aqui a possibilidade do erro, a humanidade. Que não pretenda a Igreja, porque tem o elemento divino, invadir todas as áreas da vida terrestre; e que não pretenda o Estado, porque a Igreja tem o elemento humano, pesar sobre ella com a mão de Cesar. Igreja livre no Estado livre — formula do grande Montalembert, que fiz minha nas cadeiras em que ensino.

Agora as minhas idéas de 1857, * que são as minhas idéas de hoje.

A fé — dom divino. O pensamento, como disse um sabio publicista, só conhece as leis impostas pela convicção.

* Dissertação para o concurso que teve lugar, na Faculdade de Direito do Recife, em Março de 1857.

Em politica *liberdade de pensamento* é uma expressão elliptica, porque nada poderia fazer que o pensamento não fosse livre: com semelhante locução o publicista e o legislador referem-se á manifestação do pensamento.

Em religião *liberdade de consciencia* é expressão igualmente elliptica. * A consciencia não recebe imposições: impõe, sim, de modo irresistivel. A força dos dictames da consciencia é lucidamente expressa por S. Thomaz:—*Qui habet erroneam conscientiam . . . credit id, quod est contrarium suæ conscientie, esse contra legem Dei; et ita conscientia, quantumcumque erronea, obligat ad peccatum.* †

Disse Mirabeau, o Paulo da liberdade politica: “ Não venho pregar tolerancia; a liberdade illimitada de religião é aos meus olhos um direito tão sagrado, quanto me parece tyrannico o termo, com que pretendem exprimi-lo: quem *tolera, poderia* não tolerar. ”

A religião de Christo ordena tão expressamente a caridade universal, que não se pôde excluir do seu espirito a tolerancia, mesmo no sentido das phrases de Mirabeau.

Psychologicamente não é livre ao homem, feita a sua convicção, muda-la a seu arbitrio: os dictames da consciencia são leis, que não é dado ao homem dominar. Póde elle illudir aos outros com a palavra; mas, nunca poderá illudir a si-proprio, que a sua consciencia falla-lhe mais alto do que a sua palavra. A consciencia é o olho que acompanha a Caim, no alto da torre ou no amago da terra, segundo as bellas phrases cantadas de V. Hugo, na sua *Lenda dos seculos*.

Jesus Christo pregou a tolerancia a respeito dos samaritanos, e mesmo dos gentios. Ordenou aos seus

* Firme-se aqui o sentido, em que deve ser tomado o titulo d'estas linhas.

† Tom. XII, *Quest. disp.*, pag. 784 — Cit. por BELLIME, *Philos. do D.*

discipulos, que soffressem a perseguição, e nunca a excessessem. Os apóstolos repetiram esta lição, e os primeiros christãos seguiram-na fielmente.

Como, pois, reclamar a Igreja e convir o Estado — que *direitos sociaes* sejam facultados ou recusados por motivo de religião? Que desgraça, que fatal cegueira não é — querer *humanisar* o que de si é divino?

E' verdade, que Jesus ordenou aos pastores, que velassem accuradamente sobre seu rebanho, que affastassem d'elle os lobos e os falsos prophetas, que mantivessem a mais rigorosa unidade na fé; mas, tudo isto se consegue sem a minima invasão contra a vida *temporal*, quero dizer, social do homem. E aliás, n'esse consorcio infeliz do espirital com o temporal, de que serviriam profissões mentidas, com o fito de não perder vantagens terrenas? * Poderia jámais o Christo ter querido semelhante meio de engrossar o seu rebanho?

A' face do Evangelho nunca a liberdade do homem, por qualquer lado que se a considere, ficará compromettida. O que veio para remir o homem, jámais attentaria contra a liberdade do homem. O *Ecce Homo!* de Pilatos foi a consagração da personalidade humana. † A consciencia de quem quer seja, do christão como do gentio, tem seu amparo no Evangelho.

Da liberdade de consciencia é consectario a liberdade dos cultos.

* Sirva d'exemplo o juramento. Quantos, pela necessidade d'uma investidura em cargo publico, ou à força d'exigencias sociaes, não repetem por ahí a formula de um juramento, cujo sentido e força obrigatoria desconhecem ou soberanamente despresam? E' a lei civil, de mãos dadas com a lei ecclesiastica, ensinando a hypocrisia!

† Grandes reparos *chistosos* excitou esta proposição, aliás de si tão clara, para quem sabe alguma cousa da theologia da Paixão. Remetto o meu censor para a conferencia do P. Ventura sobre o *Ecce Homo* de Pilatos. Um bom acolyto póde ser um critico ignorantissimo. (*Nota da presente edição*).

E com esta nada perderia a religião de Jesus Christo, que é como o sol: espalha a sua luz sobre toda a terra, sem que lhe maculem o brilho os lugares impuros, sobre que dardeje.

Na revolução, quando em França o furor reactionario invadia tudo, e se tratava d'estabelecer plena liberdade de cultos, como uma luva atirada ao clero privilegiado, espiritos timoratos, ou interessados na luta por esse clero, declinaram receios de futuras bacchanaes, de resurreição do paganismo.

Por essa occasião o homem potente, que sabia reduzir a palafrens os ginetes fogosos da revolução, Mirabeau, esse genio que só se curvava ás proprias leis, exclamou:

“ A pretexto de religião, dizeis vós, pregar-se-hão dogmas nocivos, destruidores da sociedade, contrarios á moral. Engano! Onde muitas religiões velam-se reciprocamente, todas se apuram; são rivaes, que não têm condescendencia entre si. Não se póde receiar a corrupção senão do facto de uma religião dominante, que nada tem a temer; não se podem pregar doutrinas licenciosas senão em segredo, pois que taes doutrinas jámais ousarão affrontar os raios da publicidade. ”

Sim, a religião de Christo, magestosa e potente como elle, é para affrontar toda a luta. Nós catholicos devemos pugnar pela liberdade dos cultos. Que saiam á luz todas essas religiões de fabrica humana, dispam os mysterios e a impostura, e serão vencidas.

Quanto ao Estado, só póde elle ingerir-se em assumptos que respeitem á consciencia, com vistas na ordem publica. que é seu dever garantir. *

* Estas linhas escriptas em 1857 não valeram ao autor o labéo de suspeito em materia de catholicismo, não prejudicaram a provincia de Pernambuco em seus foros de metropole brasileira do sentimento religioso. . . . Era que nos tempos *pacíficos* do bispo D. João havia de mais uma certa simpleza evangelica e pastoral, que hoje não temos, e de menos uma propaganda jesuitica, um espirito mercantil e politico, um furor de ganancia e preponderancia, que por ahí vemos. . . .

O que diríeis vós, padres do Brasil, se amanhã os poderes publicos em desvario decretassem — a religião protestante passa a ser a religião do Estado, e fica prohibido o culto catholico, que não seja com o character domestico ou particular, em casas para isso destinadas, sem fôrma alguma exterior de templo? — Bradarieis como na Irlanda, como nas Indias, como em toda a parte onde não tendes *a posse*. . . . E porque haveis de ter uma doutrina—Jano, com uma cara para os paizes em que domina o catholicismo, e outra para os paizes em que não domina?

Sois muito contentes aqui, e descontentes na Inglaterra, por exemplo, com uma *religião do Estado*. E d'onde auferiria o Estado o direito de proteger uma religião contra as outras, o que importa ser arbitro da verdade religiosa?

E não me falleis da *maioria*, que invocais aqui e rejeitais na Inglaterra. N'estes negocios de vida ulterior, a minha consciencia de um lado val a consciencia de um milhão de homens, de toda a humanidade, do outro lado. Perante Deus não ha maiorias nem minorias: ha o pó, ha o homem. *

Não é d'estranyhar, pois, que os mudos d'então sejam hoje tão loquazes, que os inertes d'aquelle tempo façam hoje prodigios de actividade, que estejam mudados os nomes ás pessoas e ás cousas. . . .

Aquelle, que sonda os rins e o coração, nos julgará a todos.

* Se o principio da individualidade triumphou contra o da collectividade na familia, e o *direito de primogenitura* foi sentenciado e condemnado; se no mundo economico o poderoso e esplendido principio da associação foi julgado no sentido de não eliminar o principio da individualidade, pena de socialismo, pena de degradação da pessoa humana; se no mundo politico as minorias já vão conquistando para si, e apesar de minorias, o direito de representação, o que é sem duvida um triumpho do principio individual contra o colectivo; se a sciencia da administração já tem por corrente e rudimental, que o direito de um só sobreleva ao interesse de milhões, de uma sociedade inteira. . . . como n'este negocio de vida ulterior, com vistas n'esse Josaphat, onde *cada um será julgado segundo as suas obras*, pretender reduzir a humanidade, a golpes

Combate-se agora a separação da Igreja e do Estado, e isto me espanta, Senhores! Já é uma impiedade pretender o que pretenderam os apóstolos, o que pretenderam os christãos dos primeiros seculos!

Uma religião politica me faz tanto horror, como uma politica religiosa!

Vêde a França: a Igreja catholica tem pago alli, com odientas perseguições, seu longo reinado politico. Em 1789 expiou as suas amplas condescendencias com o vil despotismo. Em 1830 soffreu ultrages por sua alliança com o poder: saquearam o paço archiepiscopal de Paris, porque viram nas ultimas pastoraes do arcebispo allusões ao golpe d'estado; estragaram a igreja de S. Germano, porque, depois de uma cerimonia pela alma da duqueza de Berry, um mancobo imprudente suspendeu à eça o retrato do duque de Bordéos; as cruces de missões foram derrubadas, porque os missionarios muita vez, em suas predicas, haviam mesclado a religião com a politica, ao passo que a cruz *antiga*, a cruz sem emblemas, foi sempre respeitada. *

Estes, e mil outros factos, o que nos estão dizendo? — Politica e religião, espheras separadas: Igreja livre no Estado livre.

Concedei-me ainda alguns momentos da vossa attenção, Senhores. Vou recordar o meu pensamento de 1857 sobre o artigo 5.º da Constituição.

“ A religião catholica apostolica romana *continuará* a ser a religião do imperio. ”

Foi um reconhecimento do sentimento religioso

d'excommunhões e privações terrenas, a um regimento, que só saiba receber o santo e a senha, e obedecer?

* Por abreviar deixo de reproduzir citações, feitas no meu escripto de 1857.

da universalidade dos brasileiros (por felicidade nossa), e não um prescripto. Se fôra um prescripto, procederia a asserção de Mirabeau: a expressão *religião nacional* é sem significação ou ridicula.

“Todas as religiões serão permittidas com seu culto *particular ou domestico*, em casas para isso destinadas, *sem fôrma exterior de templo*. ”

E' que o legislador brasileiro contava com a protecção de Deus, para que o schisma nunca nos dividisse. Se amanhã tal acontecesse, quem sabe se aquella disposição de culto domestico ou particular, se o mysterio autorizado da impostura não nos acarretaria grandes males? — A melhor maneira de vencer a mentira é trazer-la para a luz do sol. *

Quem sabe, em quantos espiritos não tem abalado a fé esse culto protestante, que entre nós se exerce dentro de grades, com aquelle alinho sem significação e impostor, com aquelle gravidade fôfa — unico caracteristico do sentimento religioso dos protestantes? — Se esse protestantismo viesse á frente, os padres do nosso paiz dobrariam de esforços, os nossos seminarios e os nossos vigarios dobrariam de zelo, as ovelhas não teriam risco de tresmalhar-se, novas ovelhas poderiam engrossar o rebanho, e a religião do Calvario campearia ainda mais entre nós, para gloria do imperio da Santa Cruz.

A liberdade dos cultos, com certas restricções (de pura fôrma) que sirvam de garantia á moral e á ordem social, não é só um dogma politico, é tambem um dogma religioso.

Quando S. Paulo viu-se no meio das superstições do paganismo d'Athenas, não vociferou, não praguejou, nem cobriu a face: observou, e foi no Areopago pregar o *Deus desconhecido*.

* Reconheço mal cabida a *acrimonia* das phrases, que por aqui vão contra o protestantismo. 'A *Imprensa Evangelica* e ao *Correio Nacional*, que na côrte reclamaram, dei satisfação na *Opinião Nacional*. Citava, devia ser fiel. (*Nota da presente edição*).

Eis externado todo o meu pensamento de hontem, todo o meu pensamento de hoje.

Eis como entendo consorciados no moto da minha bandeira — Liberdade e Cruz.

Mas, Senhores, porque roubei-vos tantos momentos, arrazoando assumpto que poderia parecer estranho á occasião?.....

Hontem apresentei-vos aqui uma bandeira, e não tereis levado a mal, que armasse á vossa estima arvo-rando-a de novo: — Liberdade e Cruz!

Parti do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, e querendo trazer-vos de lá uma recordação da historia patria, acudiu-me á mente a luta dos nossos antepassados, sob a dominação bá-tava, em defeza da sua consciencia: — Liberdade e Cruz!

Vinha para esta colméa do pensamento, cons-truida por cidadãos do reino fidelissimo, e onde se proporciona ao pensamento o salutar aguilhão do contraste de todas as opiniões: — Liberdade e Cruz!

Finalmente, como que magnetizado pelos fluidos violentos d'este ultimo terço do grande seculo XIX, uma voz intima bradou-me deverem ser as minhas primeiras e as minhas ultimas palavras:

— LIBERDADE E CRUZ! —

NO GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA, AOS 21 D'AGOSTO DE 1870 *

Ha um anno, Senhores do Gabinete Portuguez, o Orador do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano veio saudar-vos, e começou e concluiu com o moto, que resume toda a sua philosophia, ou com relação ao homem, ou com relação aos aggregados d'homens — que se chamam nações, ou com relação ao aggregado de nações — que se chama humanidade: —LIBERDADE E CRUZ.

* Sob o titulo LIBERDADE E CRUZ, foi este discurso publicado por meus discipulos. Dediquei-o ao meu illustre amigo o Sr. conselheiro José da Silva Mendes Leal. Como signal de gratidão aos jovens alumnos da Faculdade de Direito, escrevi as seguintes linhas :

“ Aos meus discipulos nada sei recusar, quando elles pretendem testemunhar-me o reconhecimento — de que é da convicção, e da convicção a mais escrupulosa, o pouco que lhes dou.

“ Não ambiciono, que os meus discipulos me proclamem sabio, pois cada um dia que passa vem depositar, em minha banca d'estudo, um attestado de pobreza intellectual.

“ Não ambiciono, que me proclamem eloquente, pois sinto muita vez apagar-se-me na bocca a faísca, que me partiu d'alma, deixando-a incendiada. . . .

E porque, as idéas enlaçadas n'esse moto cada dia mais vivamente se me afiguram, nas regiões da metaphysica, o equivalente do enlace redemptor entre o homem e Deus, nas regiões da Palestina, hoje, como hontem e como sempre, repetirei perante vós, para começar e para concluir — Liberdade e Cruz.

Não é sem motivo plausibilissimo, que insisto e insistirei, ainda com risco de ser monotono. Ides vê-lo.

Ao sahir da vossa festa solemne do anno passado assaltaram-me a invectiva, a injuria, o sophisma. . . . E porque, Santo Deus?

— Porque em nome de uma philosophia chamada catholica, se pretende dar direito de cidade a doutrinas de duas caras, a uns feios Janos, que tanto degradam a humanidade, quanto affrontam a Divindade! Porque á força se quer tornar suspeita a palavra liberdade! Porque se pretendem para as sotainas de hoje umas prerogativas divinas, uns privilegios sybillinos ou cabalísticos, como em tempos aureos da Igreja ninguem pretendeu para os cajados dos Paulos e Agostinhos! Porque, em nome de Deus, os homens querem fazer deuses na terra, e querem avassallar o pó ao pó!

“ Mas, tenho uma ambição de todos os dias e de todas as horas, confesso-o: — que meus discipulos reconheçam a sinceridade das minhas convicções; reconheçam, que posso estar em erro por fraqueza do entendimento, mas nunca por me faltar o amor á sciencia e o esforço para alcançal-a; reconheçam, em summa, que o meu norte é a verdade, que em busca d'esta consumo as horas que lhes devo. . . . *cercando il vero*, como dizia o Dante, e como é a divisa de um dos mais illustres publicistas e jornalistas da Europa.

“ Se eu reputo a mais fervente oração, que posso fazer a Deus, para que abençoe meus filhos, o tenaz esforço que dispendo na cadeira do magisterio, por bem dos filhos de meus irmãos! . . .

“ Explico assim a promptidão com que accedi aos desejos dos meus bons discipulos, e a effusão d'alma com que lhes agradeço a fineza — estreme, de parte á parte, de qualquer sentimento que não seja digno do discipulo e do mestre. ”

Por ventura, quando fallamos em liberdade, nós, os homens da escola a que pertengo, pretendemos eliminar a consciencia, eliminar o dever, eliminar a Providencia, eliminar o Supremo Juiz do rei e do pastor, do Summo Pontifice dos catholicos como do ultimo dos crentes de Mafoma? — Não, que seria uma insanía! Bem sabem os nossos adversarios, que resguardamos apenas, sob a relação religiosa, o que ha de personalissimo e providencialmente invisivel nas relações entre o homem e Deus, ou esse homem seja o primeiro dos pastores ou a ultima das ovelhas no rebanho da humanidade. Bem sabem os nossos adversarios, que, sob a relação politica, é o mesmo principio que resguardamos, para que o homem, sem perder nunca a sua individualidade, na familia ou na cidade ou na humanidade, ache sempre espaço franco para tratar esse negocio supremo, intimo e personalissimo entre o homem e Deus. *

Porque, pois, tanta ira nos arraiaes contrarios? — Porque ali combate-se para reduzir o mundo a um convento sob a relação religiosa, e a um quartel sob a relação politica. Satanico intento!

E os hypocritas, os socialistas da Igreja como os socialistas do Estado, repetem sempre, não obstante as suas damnadas intenções:—O homem não deixará jámais de ser livre!

Sim! livre como o escravo, que póde caminhar, até onde lhe consentem os élos da cadeia forjada por mãos de barbaros senhores, dos quaes pretendem fazer os deuses da terra, na religião como na politica!

Estranha fraternidade! Teria o Christo aberto os braços na Cruz, em attitude de apertar ao peito toda a humanidade, para que ainda hoje discipulos d'Aristoteles digam em politica—uns são senhores e outros

* Ainda voltaram á carga os meus Aristarchos, dizendo que eu havia fallado muito de Liberdade e muito pouco de Cruz. *Para fazer-lhes a vontade* pretendia e pretendo aproveitar a primeira oportunidade, e fazer um discurso sob o titulo — CRUZ E LIBERDADE. (*Nota da presente edição*).

são escravos? E discipulos de Caiphás digam em religião—nós, os deuses da terra, declaramos estes os eleitos, e aquelles os reprobos?

E o insondavel juizo d' Aquelle, unico que sabe sondar os rins e o coração? Pois não somos todos, ou judeus ou turcos ou christãos, o mesmo pó que ha de voltar ao pó? Seremos nós os catholicos uns judeus de nova especie, para nos considerarmos um segundo povo escolhido? A tragedia do Calvario, o oceano do sangue de um Deos, não terá os seus occultos meatos, por onde vá alimentar todas as fontes e mananciaes, e fertilisar toda a terra? Que insania é essa de querer o padre de hoje, como o Prometheo do paganismo, arrebatat o fogo do céo, devassar os arcanos de Deus, fazer-se Deus na terra?

— Indifferentista! Atheo! Deista! . . .

Eis o que talvez se esteja rumorejando n'algum angulo d'este recinto, eis o que talvez me espere amanhã pelos sons de certas tubas da imprensa. . . .

Felizmente, já sei affrontar semelhantes tormentos! Já sei, que desprezo merecem injurias d'hypocritas e phariseus!

Se nunca hei de degradar o signo da Divindade impresso em cada homem, tambem jámais serei, o que instigações pharisaicas pretendam que eu seja. Deus ha de ajudar-me a não perder o equilibrio n'esta luta corpo a corpo, a não sahir do terreno social e humanitario fóra do qual não quero combater.

Catholico por educação, e ousarei mesmo dizer — por indole, tendo ajoelhado junto ao cadaver de meu Pai perante o Martyr do Calvario, será este, espero-o da Providencia Divina, o Deus da minha ultima hora. . . . Mas, é por esse mesmo pavor santo que ao filho inspira o cadaver de seu Pai, por esse vivissimo estimulo de amor ao Deus que o filho cré acompanhar seu Pai na tremenda viagem da eternidade, que eu sinto um invencivel respeito pelas crenças de todos! Sinto que nunca poderei dizer ao judeu ou ao mahometano ou a qualquer homem — Foge de mim, não

tens assento comigo no banquete da vida social, não partilharás comigo d'estes e d'aquelles direitos na vida temporal, na vida civil ou politica, porque não pensas em religião como eu, porque eu sou um eleito e tu és um reprobado !

Não, nunca farei semelhante affronta ao Supremo Juiz ! Diz-me o coração, que não somos nós os catholicos os unicos homens, os unicos filhos . . . Diz-me o coração, que não é patrimonio exclusivo nosso a veneração devida por todo o homem á sua consciencia, ao cadaver de seu Pai !

Que a luz se faça para os que estão connosco, rógó sempre, devemos rogar todos ; mas, além das armas da persuasão e da oração, nem um só passo ; que qualquer tentativa seria sacrilega. Nem inquisição na Igreja nem no Estado, nem fogueiras lá nem cá ; e como que fogueiras no Estado seriam esses muros de separação, verdadeiros ardis dos que pretendem hoje trucidar as almas, já que não podem mais trucidar os corpos.

Creio ter expressado o meu pensamento : na Igreja zélo, como posso, a arca santa da verdade religiosa, e não subscreverei transacção d'especie alguma ; mas, fóra da Igreja estendo a mão ao judeu, ao mahometano, a qualquer homem ; em todos vejo filhos de Deus como sou, e sinto que com elles devo curvar igualmente a cabeça ao Juiz Universal.

Entendida assim a liberdade de consciencia nas relações temporaes, o que poderá haver ahi de anti-christão, de anti-catholico ?

Arreatou-me o assumpto. Senhores, e sem querer quebrei o fio, que devia* guiar-me. Reatal-o-hei do melhor modo que me for possivel.

Em nome do Instituto rememorei, na vossa festa

do anno passado, um episodio das nossas lutas com o Hollandez; e n'esse episodio fundei, pela autoridade da logica da historia e pela veneração devida á rigidez dos principios philosophicos, fundei a liberdade de consciencia.

Disse eu :

“ Lá no Instituto, Senhores, são os nossos habitos revolver archivos carcomidos do passado, e tirar d'ahi animação para o presente e ensino para o futuro.

“ Em tempos remotos da nossa nacionalidade, que era então a portugueza, vemos os nossos antepassados combatendo pela Liberdade e pela Cruz; e se venceram, foi que o consorcio das duas divindades não era desagradavel ao Omnipotente.

“ Quando o Batavo audaz e astucioso pisou terras do Brasil, os nossos antepassados de Pernambuco reclamaram para logo a liberdade das suas crenças; e o conde Mauricio, vencendo escrúpulos e preconceitos de seus companheiros d'administração, cedeu ás leis da justiça, obedeceu ás exigencias da lei natural da liberdade de consciencia.

“ Sentiam os nossos antepassados, sentia o conde Mauricio, que pôde-se viver á luz do sol, tomar assento no banquete da vida, abstracção feita do grande negocio, intimo e espirital, dos nossos caminhos para uma vida ulterior. Em verdade, Senhores, isto sente-se mais do que discute-se!

“ Com effeito, se a meu lado um homem respeita a minha vida, a minha propriedade, a minha honra, se esse homem obedece como eu ás leis instauradas para uma boa coexistencia na sociedade, o que importa a mim, sob o ponto de vista social, que elle adore a Deus d'este ou d'aquelle modo? A caridade será satisfeita, se eu, sem tom autoritario (só Deus tem autoridade sobre as consciencias pela Graça) procurar convence-lo da *minha* verdade, salvo a esse homem igual direito quanto á *sua* verdade; mas, affligi-lo na terra por seu modo de pensar nas cousas do céo, cer-

cear-lhe direitos e prerogativas sociaes por semelhante motivo, eis o que nunca comprehendí!

“ Assim o sentiram os nossos antepassados, assim o sentiu o conde Mauricio. E se este sentíra o contrario, quão vivas não seriam ainda hoje as nossas reprovações!

“ Entretanto, uma vez senhores do campo, os nossos antepassados não quizeram imitar o conde Mauricio, esqueceram na ventura os principios que lhes haviam sido santélmo na desgraça! Contradições humanas!”

Contestaram-me este ponto historico, de haverem os portuguezes d'então reclamado pela liberdade das suas crenças; isto é, contestaram o que por si mesmo se demonstra, pois não fôra crível, que portuguezes d'aquelle tempo guardassem silencio sobre a tyrannia exercida contra as suas crenças.

Não pondo o intento em refutar a longa e sophistica argumentação que se oppoz a todo o meu discurso do anno passado, porque em tempo declarei o que ha muito tenho assentado—não responder aos mascarados nem aos testas de ferro da imprensa, occupar-me-hei apenas, pelo que vos devo e pelo que devo a mim proprio, em liquidar o ponto historico.

Em livro moderno, de autor hollandez * e por conseguinte insuspeito de favor aos portuguezes, livro baseado em documentos que se guardam nos archivros da Hollanda, lê-se:

“ O historiador Barlceus reconhece, que a pilhagem, a impiedade, o roubo, o assassinio e uma licença desenfreiada, tinham desmoralisado as tropas hollandezas. O soldado pretendia, que nada era crime áquem do equador, e n'esta fé entregava-se sem remorso a todos os excessos.

“ João Mauricio curou o mal, fazendo a mais rigorosa applicação da justiça. Alguns dos maiores culpados foram executados; e muitos funcionarios

* *Os Hollandezes no Brazil*, por P. M. Netscher — 1853.

civis e politicos, que mal haviam procedido, ou tinham abusado do seu poder, sem que todavia se lhes podesse fazer um processo concludente, foram demittidos e mandados para a Hollanda. Erigiram-se estabelecimentos para alimentar e curar os doentes, os pobres e os orphãos. As leis hollandezas respectivas ao casamento fizeram-se extensivas aos indigenas e aos portuguezes. *Os catholicos tiveram liberdade de celebrar, sem que fossem perturbados, todas as ceremonias de seu culto; foi-lhes permittido fazerem procissões pelas ruas por occasião das festas, e conciliou-se a população judaica autorizando a guarda do sabbado.*

Eis o que fez o conde Mauricio, com applauso dos portuguezes d'então. Mas, os hollandezes d'aquelle tempo faziam, o que fazem os filhos dos portuguezes de hoje: tinham ciumes do culto estranho, pretendiam o imperio exclusivo do protestantismo. E aquillo que nos hollandezes era um crime para os portuguezes d'aquelle tempo, será uma virtude para nós hoje? Deve-se ter uma doutrina, quando se é conquistado, e outra quando se é conquistador?

Falle ainda o historiador hollandez:

" Em recompensa de seus bons serviços (principalmente na cathechese dos indios) os ministros protestantes, que tinham formado uma especie de consistorio no Recife, exigiram do governador, que limitasse a *plena e inteira tolerancia* concedida ás outras seitas religiosas. Foi preciso que Mauricio, máo grado seu, se prestasse a taes exigencias. D'então á vante foi prohibido aos catholicos fazerem procissões pelas ruas; a benção dos engenhos devia ser lançada por um ministro protestante, foram fechadas as synagogas, etc. "

Com isto não teriam soffrido os portuguezes d'então? Como acreditar, que não tivessem elles provocado, como um direito, as primeiras medidas de tolerancia do conde Mauricio? Será preciso alguma excavação historica, para documentar um facto de si

tão natural, e cuja effectividade deveria ser imposta pela força das cousas, de um modo irresistivel? — Pois existe nos archivos da Hollanda o autographo da carta, que em data de 24 de Setembro de 1642 dirigiu aos Estados-Geraes o conde Mauricio. Vejamos o resumo d'essa carta pelo escriptor hollandez, a quem me tenho referido :

“ Ahi traçou Mauricio novamente o quadro da situação do Brazil ; *significou o descontentamento dos portuguezes por se verem privados dos seus conventos, por haverem sido banidas muitas das suas ordens religiosas, E POR SE LHES TER PROHIBIDO O EXERCICIO PUBLICO DO SEU CULTO NO RECIFE.* ”

O que pôde haver de mais explicito ? Como esse descontentamento dos portuguezes manifestou-se, se não foi por meio de reclamações publicas e solemnes ?

Reclamaram, sim, os nossos antepassados sojogados pelo hollandez : devemos dizel-o bem alto, por honra d'elles e por honra nossa. Reclamaram, queriam tudo, queriam toda a liberdade ; e tanto, que requeriam á Companhia autorisação para que fosse erecta uma igreja catholica no Recife, autorisação que foi negada a despeito dos conselhos de Mauricio, porque *a Companhia tinha receios de que fosse insensivelmente perdendo terreno a religião protestante.*

E nós hoje, catholicos, seculares ou padres, não teremos pejo de declinar contra a liberdade de consciencia a mesma razão, que era declinada pela Companhia das Indias Occidentaes ? Teremos igualmente receios, de que a religião catholica vá tambem *insensivelmente perdendo terreno ?* — Pedros de pouca fé, porque duvidais ?

Finalmente, em 1643 ainda os Estados-Geraes por uma resolução de 28 de Março, firmaram o principio da Companhia, o que demonstra que não haviam cessado as reclamações dos nossos antepassados.

Reclamavam, reclamavam com energia, reclamavam sempre ; e se o não fizessem, seriam máos christãos, máos catholicos !

Mas, o culto falso que não empestava o culto catholico, em quanto dominou o hollandez, tornou-se pestifero depois que dominou o portuguez.... E' o uso de medidas differentes conforme as zonas e as conveniencias, em materia substancialmente sempre identica a si-mesma.... E' o predominio das doutrinas bifrontes, que tenho combatido e combatarei sempre....

Dêem-me o nome que quizerem, e eu ficarei sempre tranquillo na minha consciencia perante Deus. Aos que continuarem a oppor-me o que eu possa ter pensado ou escripto, já que não tenho (darei com o illustrado Sr. Laboulaye) a felicidade de ter vivido sempre na sombra e no silencio, sem pensar ou sem expressar de publico o pensamento, aos que assim me offerecerem combate, opporei, em quanto não faço mais detido *exame de consciencia* em philosophia e em politica, as seguintes palavras de uma carta do sabio e virtuoso Montalembert, * a ultima que dictou, em Fevereiro do anno presente :

* Carta dirigida a um respeitavel advogado, datada de 28 de Fevereiro do corrente anno. O illustre publicista catholico impugnou, que houvesse contradicção entre as opiniões do antigo par de França, e a sua moderna e enthusiastica adhesão ás doutrinas do Sr. Bispo d'Orleans e do reverendo Gratry. A carta foi publicada em todos os jornaes da Europa, e um d'elles diz: — " N'este documento terão os leitores o fiel retrato do eminente publicista, do assombroso athleta, a quem inimigos desleaes, vendo-o á beira do tumulo, acreditaram poder apresentar ao mundo em contradicção consigo-mesmo; mas, o enfermo era mais valente do que muitos validos e robustos; e ás bordas da sepultura carregou tremendas responsabilidades, que muitos evitam no vigor da vida." — E ao illustre autor dos *Monges do Occidente* quiz Roma... quiz o Jesuitismo apresentar como suspeito ao mundo christão, e ao mundo catholico! — Como se não houvesse historia! — Como se, mesmo entre os contemporaneos, não houvesse muito quem aquilatasse devidamente as *visagens* jesuiticas! — O jogo immoral, e até sacrilego, das chancellarias e congregações romanas em torno do esqueleto de Montalembert, será uma eterna vergonha, um monumento de ingratição selvagem... — O que esperar, porém, da pureza de roupetas que canonizam a doutrina de S. Thomaz,

“ Agradeço-vos (dizia elle a um illustre advogado) o me haverdes proporcionado ensejo para discorrer sobre assumptos velhos, occupando-me ao mesmo tempo de questões novas.

“ Tende a bondade de considerar que o gallicanismo, do qual era eu resolutos adversario ha 25 annos, só na denominação se parece com o que attribuis ao reverendo Gratry. O gallicanismo, que eu dizia ser uma *mumia*, era esse, de que o meu velho collega e amigo o conde Daru mofava ha poucos dias, dizendo ao Sr. Rouland : — *Da vossa parte ha engano de seculo.* Era essa interferencia importuna e oppressiva do poder temporal nos assumptos espirituaes, intervenção que parte do nosso antigo e illustrado clero de França havia sido demasiado facil em acceitar.

“ Creio, porém, que não encontrareis nos meus discursos de 1847, nem em outros, e muito menos em meus escriptos, uma palavra, uma só, que seja conforme com as doutrinas ou pretensões dos ultramontanos de hoje ; e isto por uma razão fortissima : *que ninguem tinha sustentado taes doutrinas e pretensões, inteiramente desconhecidas desde o começo da minha vida publica até o do segundo imperio.*

“ Graças a Deus, jámais pensei nem escrevi coisa alguma favoravel á infallibilidade pessoal ou individual do Papa, *tal como nol-a querem impôr ;* nem á theocracia ou dictadura da Igreja que reprovei, do melhor modo que me foi possivel, na historia dos *Monges do Occidente ;* nem finalmente, ao *absolutismo de Roma.*

“ Certo, se alguem tivésse a liberdade de indicar-me alguma cousa, que eu devesse corrigir ou de que fosse preciso retractar-me, no que proferi, quér na tribuna do Luxemburgo, quér na do palacio Bourbon, e eu me convencesse do erro, nada me custaria a confissão ; por quanto, *que homem politico seria esse, a*

com expressa reserva de ser susceptivel de modificações conforme as épocas e as conveniencias? — Porque seria mais bem tratado o conde de Montalembert ?

quem 23 annos d' experiencia e revoluções não houvéssem ensinado alguma cousa ? ”

Assim fallou o finado Montalembert; e eu não quero outro mestre em materia de coherencia e dignidade, a não ser S. Agostinho, que aos 40 annos d' idade publicou as suas *Retractações*

E se ao ultramontanismo, qual hoje não aceito, quizerem oppor o ultramontanismo, tal como hontem se me figurou e abracei-o, quando a inexperiencia não me deixou ver *no pontificado de Pio IX a protecção a certas doutrinas descommunaes e offensivas do senso commum e da honra do genero humano*, * responde-rei com o mesmo illustre finado: — “ Quem podéra suspeitar em 1847, que o pontificado *liberal* de Pio IX, acclamado pelos liberaes de ambos os mundos . . . redundaria na immolação da justiça e da verdade, da razão e da historia, em holocausto *ao idolo* que se erigiu no Vaticano ! ”

E se a palavra do historiador dos *Monges do Occidente* é suspeita para muitos, porque os jesuitas assim dizem ao mundo, depois que morreu o gigante, ouçamos o que ao mesmo historiador escrevia monsenhor Sibour, veneravel arcebispo de Paris, da mais extensa diocese da christandade, aos 10 de Dezembro de 1853:

“ A nova escola ultramontana leva-nos a uma *dupla idolatria*: a do poder temporal e a do poder espirital. Em outro tempo, Sr. Conde, quando fizés-tes publica profissão d' ultramontanismo, por certo que não o entendieis assim. Defendiamos, nós os ultramontanos d'então, contra as pretenções e obices do poder temporal, a independencia do poder espirital; mas, respeitavamos a constituição do Estado e a constituição da Igreja. Não conspiravamos para o desaparecimento de todo o poder intermedio, de toda a hierarchia, de toda a discussão razoavel, de toda a re-

* Palavras de Montalembert, no mesmo documento alludido.

sistencia legitima, de toda a individualidade, de toda a espontaneidade. Papa e Imperador não significavam para nós — um toda a Igreja, e outro todo o Estado.

“ Por certo ha momentos, em que o Papa pôde sobrepor-se a todas as regras que regem em tempos ordinarios, e então o seu poder vai até onde vão as necessidades da Igreja. Sabiam d'isto os ultramontanos velhos; mas, não convertiam a excepção em regra. Os novos ultramontanos têm levado tudo ao extremo, e offerecem guerra de morte a todas as liberdades, tanto do Estado como Igreja.

“ Semelhantes doutrinas e systemas, se por sua natureza não compromettessem os mais graves interesses da Igreja, no presente e principalmente no futuro, poderíamos deixal-os entregues ao verme roedor da refutação, que em si envolvem, e despresal-os; quando, porém, pre-sentimos os males que se nos preparam, é difficil a resignação e o silencio. E, pois, bem fizéstes, Sr. Conde, estigmatizando taes doutrinas e systemas. ”

Finalmente, Senhores, se não basta monsenhor Sibour, se não basta nenhum raciocinio, nenhuma autoridade que não tenha o carimbo de certos deuses pretos de Roma, então . . . passagem aos califas do jesuitismo, que vão queimar todas as bibliothecas, e ficarão como Deus pairando sobre as agoas do cahos do mundo modernô!

E' muito abusar da vossa attenção, meus Senhores! E' muito desbotar o colorido e enfraquecer o perfume d'esta brilhante festa! Sinto que há muito devia ter cedido o lugar a outro; mais algumas palavras, porém, se a tanto chega a vossa benevolencia.

Rendi, conforme a minha pobreza, o preito que vos devia o Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano: avivei um traço do glorioso passado

da Provincia, e defendi a honra do fraco, mas consciencioso, orgão do mesmo Instituto. Procurei honrar o Instituto, porque assim tenho procurado honrar a vossa festa. E pois, d'involta com o que hei dito, e que aos menos attentos pôde parecer estranho ao lugar e á occasião, vai a saudação que vos era devida.

Aqui, n'este enlace civilizador d'uma festa pacifica, verdadeira festa do progresso pela intelligencia, caberiam expressões de patriotico, de humanitario pensar, por esse combate de palavra que se fere em Roma, por esse combate de braço que se fere entre a França e a Prussia. Farão outros o que já não posso fazer; e o farão, estou certo, muito mais vantajosamente para vós e para os assumptos.

Mas, para dar-vos a synthese das minhas idéas sobre a violenta ebullicão da sociedade moderna, tanto em politica como em religião, subscreverei os seguintes conceitos do venerando chefe da grande propaganda — Igreja livre no Estado livre, do venerando Montalembert, que é hoje meu padrinho, como deve ser de todos no duello a que os homens do passado provocam-nos, a nós os homens do futuro, na guerra de morte que o despotismo, sob a peor das fórmulas — a theocratica, offerece á liberdade, á filha primogénita do Martyr do Calvario :

“ A despeito de tudo, tenho inteira confiança no futuro — disse o virtuoso Montalembert á hora da morte.

“ Na ordem politica já estamos livres do regimen, que tantos espiritos falsos e servis haviam proclamado como o requinte da ordem e do progresso: vemos com a liberdade renascer a vida publica. Na ordem religiosa acredito que, *apezar de todas as apparencias em contrario*, a religião catholica, sem quebra

da magestosa immutabilidade dos seus dogmas e da sua moral, *saberá adaptar-se na Europa, como já o fez na America, * ás condições inevitaveis da sociedade moderna*; e continuará, como sempre, sendo a magna consolação e o immenso pharol do genero humano. ”

Tambem tenho fé no futuro, Senhores !

Tambem espero, que um dia amadureçam todos os fructos da arvore do Calvario.

Então, para honrar as cadeias que manietaram o Christo, a humanidade inteira erguerá um hymno, cujo estribilho será, em consonancia com o nome de Jesus :

— LIBERDADE E CRUZ ! —

* Exceptuado o Brasil. Ainda não ha muito, um juiz municipal, que o presidente do conselho de ministros declarou *illustrado e probó*, deixou de ser reconduzido (disse o mesmo ministro), porque havia escripto um folheto, advogando a liberdade religiosa. E era um ministro liberal ! (*Nota da presente edição*).

NO INSTITUTO ARCHEOLOGICO E GEOGRAPHICO PERNAMBUCANO,
AOS 27 DE JANEIRO DE 1867 *

ADVERTENCIA

Precisamente, porque não posso dizer, como o illustre Sr. Bispo de Orleans, que estou habituado aos perigos da publicidade, devo, mais do que elle, acautellar-me contra as malignas interpretações, de que sejam susceptiveis as minhas palavras. Faltando-me aquelle habito, e muitos outros predicados, não posso, como o

* Dediquei este discurso ao Exm. Monsenhor Francisco Muniz Tavares. Aos Srs. Drs. Pereira da Silva e Pereira Pinto pedi venia : o primeiro não se dignou de responder-me ; o segundo gratificou-me com uma longa carta, na qual insistiu em suas apreciações historicas, e protestou por sua sinceridade de perfeito homem de bem, do que aliás nunca duvidei. A primeira edição d'este trabalho foi nas columnas da *Opinião Nacional*, bem como a *advertencia* que aqui reproduzo. (*Nota da presente edição*).

illustre bispo, prevenir tudo a propósito ; entretanto procurarei acautellar-me, quanto poder e soubér.

Monarchista de coração e de cabeça, no Brasil actual, ninguém deve interpretar-me no sentido de velleidades republicanas, velleidades que, Deus louvado, não me atacaram na minha meninice, quanto mais hoje que já tenho alguma lição e experiencia.

Monarchista, porém, eu não o sou d'esses, que a todo instante estão de joelho em terra, adorando, não o principio do qual pouco se lhes dá, mas a pessoa que o symbolisa, qualquer que ella seja, qualquer que seja a sua norma de procedimento.

Monarchista, porém, eu o sou rigorosamente na esphera dos principios liberaes, encarando o rei a serviço da nação, e não esta a serviço d'aquelle ; e ácima de tudo o pacto fundamental e o principio da opinião nacional.

Se entro em apreciações um tanto severas do passado, não faço cousa, que não tenha sido feita por pessoas mui justamente acreditadas nas regiões officiaes. Haverá differença no modo de dizer (cada um falla como sabe) ; mas, a substancia é a mesma.

Eis-aqui palavras do illustrado Sr. Dr. T. Bastos referindo-se a D. Pedro I, isto é, á situação politica que originou o 7 de Abril :

“ Somos um povo de indole pacifica ; mas, certamente a paz sería perturbada, si o exigissem motivos serios, como o exigiram em 1831 o desprestigio dos altos cargos, a immoralidade da côrte, a corrupção dos functionarios, o desprezo da constituição jurada, o alarde de validos despresiveis, o despotismo exercido por tribunaes militares e commissões de devassa, a ignorancia dos administradores, e a pobreza d'idéas, maior ainda que a pobreza material. Hoje, porém. . . . ”

E' n'este final, que desafina a orchestra. Quando estudo os males do passado, quero fazer applicação ao presente, e não offereço este como um paraizo de delicias, á sombra de cujas arvores podemos repousar tranquilllos. . . .

Quem dirá, que das esmeradas palhetas do S. Dr. T. Bastos, pintando 1831, não sahiram alguns traços, que são principio do retrato de 1867 ?

Não entrarei em desenvolvimentos, pois que só tenho em vistas revelar todo o meu pensamento, no discurso que segue (e em outros escriptos, que antecederam ou seguir-se-hão), e não — entrar aqui em discussões historico-politicas : apenas tomo precauções.

Apreciando os movimentos políticos pernambucanos, digam embora, que me acho eivado do espirito de seita : o certo é, que apreciando esses movimentos (como os de qualquer outra parte do imperio) não sou prevenido, não levo caso pensado, contra nem a favor das revoluções ; julgo-as, como posso, á vista da época em que se deram.

Sigam o seu caminho, os que pretendem fazer da sociedade politica um mar morto : eu fico no meu posto, servo da philosophia dos factos e da marcha providencial da humanidade.

N'este ponto servem-me d'evangelho as seguintes palavras de H. Baudrillart, apreciando a obra de E. Quinet sobre *A Revolução* : se não dispenso, sempre que me é possível, a autoridade de um nome illustre, vai n'isto simplesmente uma reiterada confissão da consciencia da propria fraqueza, e porventura, leitor, uma certa experiencia da terra em que vivemos. . . .

“ Hontem eram approvadas todas as revoluções ; julgavam-se todas fecundas. Hoje alguns espiritos distinctos tendem a julgal-as todas estéreis ; como se os abusos mais reconhecidos cedessem, por si-mesmos, o lugar ; como se o bem podésse ser colhido com a facilidade, com que se colhe um fructo maduro ; como se os privilegiados e os proprios governos não tivéssem paixões, e não se obstinassem em recusar a passagem ao direito mais averiguado ! ”

Eis os presuppostos d'imparcialidade, com que estudarei sempre os movimentos politicos em geral ; e, quanto aos nossos, quero sempre, com a força das cousas no passado, bradar alerta á força dos homens no presente.

Diz Chateaubriand, que, quando a força dos homens e das cousas se contrapoem, nada se faz. Eu ousarei dizer : quando essas forças se contrapoem, tudo se fará em breve, porque do embate dos escudos d'esses dous contendores gigantes sahem as faiscas, que produ-

zem inevitavelmente o incendio da revolução. As boas idéas hão de abrir sempre seu caminho; porque, pois, homens obstinados hão de querer sempre, que esse caminho seja regado com sangue? . . .

Assim, quando o humilde escriptor d'estas linhas parece ter certa condescendencia com as revoluções do passado, não é que appelle para iguaes no futuro: prefere que a força dos homens não abra aggressão á força das cousas, e que tudo se faça sem violentas commoções; ao mesmo tempo, porém, adverte com o passado ás gerações de hoje, que as boas idéas querem um caminho, e hão de abri-lo afinal, qualquer que seja a força, com que se supponham os homens. Digam o que quiserem esses *estadistas* sem fé, esses egoistas do presente, esses directores interesseiros, para os quaes o mundo começa de seu berço, e acabará quando lhes abrirem o tumulo.

Cabem aqui as seguintes palavras d'um amigo, escrevendo-me a proposito d'um discurso, que, a 2 de Novembro do anno proximo findo, recitei no funeral de Nunes Machado e de seus companheiros de 1848:

“ Não sei, o que mais admire n'essas eloquentes palavras: se o brilho da fórma ou o arrojo dos pensamentos *demagogicos*. Desculpa-me; acho, que te excedeste, e que pugnas por uma liberdade mais exagerada, do que mesmo aquella a que aspirava o heróe de teu panegyrico. . . . Deixa-te d'isto; *encara o mundo e as cousas pelo prisma, que ellas nos offerecem, e vámos adiante.* ”

N'este final está todo o segredo. . . . Quem me disséra, ha dezeseite annos, quando com uma certa independencia de character, primeira garantia do liberalismo (permitta-me o leitor, que o diga; estou fazendo uma confissão), militava entretanto no partido conservador, por circumstancias que não cumpre exarar aqui (nem siquer havia eu entrado ainda na vida publica), quem me disséra então, que esse amigo, que eu já achava tão adiantado nas fileiras liberaes, tão cheio d'enthusiasmo, tão prodigo para comigo de patrioticas admoestações, havia de me fallar hoje n'aquella linguagem, havia de aconselhar-me o corrupto e corruptor *deixai fazer*, que em politica vai sendo a ruina dos homens e das instituições?

Agradecendo ao meu bom amigo a intenção benevolta com que fallou-me, tenho direito a queixar-me, de que tenha achado em meu discurso pensamentos demagogicos e pretensões a uma liberdade exagerada. Corre impresso esse discurso, e não tenho aqui espaço para fazer-lhe uma defeza especificada: descanso, nos que o tiverem lido.

Se transcrevi as palavras do meu amigo, aliás homem de moralidade e consciencia, e espirito illustrado, foi para com ellas demonstrar, como resvala para as regiões obscuras da indifferença, ou de cousa peior, o pensamento e o sentimento da geração de hoje...

Quem me livrará d'esta orchestra infernal de amigos, que a todo instante estão a dizer-me, que vou mal, que a verdade prejudica, que a linguagem enthusiasmada da consciencia atraza quem a emprega, e até (porque não hei de dizê-lo?) ameaçam-me com as tempestades d'uma altissima região, onde (folgo de confessá-lo) só existe a calma e a reflexão?

Não hei de sahir d'este caminho. Ninguem mais do que eu respeita o primeiro representante da nação. Se no correr da penna escapa aqui ou ali alguma expressão susceptivel d'interpretação maligna, conto com o bom senso, de quem está ácima de nós todos, e fico tranquillo na minha consciencia. Já estou cansado de protestações.

Se estou perfeitamente accomodado na minha obscuridade, se d'ella não sahirei jámais por essas veredas escuras, que a politica de hoje offerece, porque hão de privar-me do unico serviço, que posso fazer ao meu paiz — fallar-lhe claro, conforme a minha consciencia, a linguagem da verdade?

“ Fico em grande duvida, se o odio e a amizade dos principes, assim como tudo mais, dependem de alguma fatalidade ou influencia d'estrella; ou se enfim nós, só por nossas luzes naturaes, evitando uma excessiva austeridade como uma vil condescendencia, somos capazes na carreira da vida de trilhar um caminho seguro, em que não sejamos nem infelizes, nem máus. ”

Estas palavras de Tacito não me fazem impressão alguma. Os reis de hoje não são os imperadores de

Roma : no Brasil o manto imperial não pede nem impõe o sacrificio da dignidade do ultimo cidadão.

Mais me impressionam as seguintes de E. Laboulaye, referindo-se a um antigo rifão :

“ Ha tres casos fortuitos e sem remedio : naufragio, incendio, e *facto do príncipe.* ”

Seguirei o meu caminho.

O abuso, ainda que seja de um governo de homens do meu partido, ha de achar sempre em mim um implacavel adversario, porque entendo, com E. de Girardin, que o abuso é sempre prejudicial ao poder.

A liberdade ter-me-ha sempre por si, sem que me preocupem vãos e simulados terrores de desequilibrio social, porque todos devem entender com o probo Cermenin, que — aquelles que mais amam a liberdade séria e larga, são os que mais amam tambem o poder regular e forte.

Não sei, se com isto se vai aos astros ; sei, porém, que com isto cumpre-se o primeiro dever do cidadão de um paiz livre, e é quanto me basta.

DISCURSO

Meus Senhores,

Poucos minutos d'atensão : que não posso exigir mais.

Não é um discurso, nem uma memoria, o que passo a ler. E' apenas um protesto de pernambucano, em cujo conceito urge, que todos vámos accudindo pela arca santa das tradições patrioticas de Pernambuco.

Este Instituto conta, por principal ponto de mira,

pesquisar no passado a verdade historica sobre Pernambuco.

Não se dirá, pois, que desharmoniso a orchestra d'esta esplendida festa, alçando um brado a favor da justiça que recusam, que vai passando por moda recusar, aos nossos movimentos tão patrioticos quanto infelizes.

Sei bem, que não está ao meu alcance o assumpto. Com despertar, porém, lidadores mais autorisados para este pleito todo pernambucano, tenho preenchido o meu intuito.

Repito a affirmação, que já uma vez fiz n'este lugar: estão longe de mim, traçando linhas para o Instituto Archeologico, como alinhando prelecções para o meu magisterio, quaesquer preoccupações por este ou por aquelle bando politico: aqui, no Instituto, actua sobre mim a verdade historica, e o amor (que procuro — não me empane a vista) pela minha provincia natal, e por suas irmãs que com ella succumbiram nas lutas do passado; ali, na cadeira de mestre, guia-me a consciencia do dever, o meu amor pela mocidade, que só deve receber de mim a pouca sciencia, que lhe posso dar, e nunca a paixão, que, degradando-me, poderia produzir funestissimos resultados no futuro da sociedade brasileira.

Aqui como lá, se faltar-me a justiça dos homens, sobrar-me-ha, para tranquillisar-me, a justiça da minha consciencia.

Não indagarei, Senhores, se a natureza physica conspira a favor da integridade do imperio; parece, porém que n'estes ultimos tempos a *natureza moral* conspira contra ella.

Conheço haver enunciado uma proposição, que valerá contra mim um milheiro d'intrigas. . . Não recuarei, porém. O meu intuito é offerecer um obs-

taculo aos principios do mal, e do correr dos tempos espero a mais plena justificação.

Sopram lá do sul uns ventos malignos, devastadores de todas as tradições que tão justamente ensoberbeciam esta parte do imperio. Parece que nas altas regiões do paiz vai sendo meio de fazer fortuna official — rebaixar tudo quanto fazia o timbre das recordações patrioticas de Pernambuco e das suas irmãs do norte.

O que significará tal procedimento? Sinto não poder indaga-lo presentemente, e não ser esta uma oportunidade, para entrar em minuciosas demonstrações de quanto acabo de adiantar. . . .

Entretanto, apenas como *specimens*, tratarei de dous recentes escriptos sobre os movimentos de 1817 e 1824.

Tratando do movimento politico de Pernambuco em 1817, o autor da *Historia da fundação do Imperio brasileiro* houve-se de modo, que tirou todas as tintas de generosidade e patriotismo aos infelizes corripheus desse movimento. No livro tudo é rancor e desprezo pelos infelizes martyres, tudo é amor e devoção idolatra por D. João VI. Podia o autor queimar arrobas d'incenso nas pyras da monarchia d'El-Rei Nosso Senhor: era seu direito, e era um gosto, que não lhe disputo, nem disputarei. . . . Guardasse, porém, palavras de respeito por aquelles que, se erraram, sabiam desde o principio, que jogavam as suas cabeças, afinal decepadas para maior gloria do absolutismo!

Felizmente, formigam no livro taes contradicções e inexactidões sobre a revolução de 1817, que o apontar algumas será sufficiente antidoto contra o veneno d'ultramonarchismo propinado ás tradições pernambucanas.

Prevenir apenas os numerosos leitores da obra, emquanto não chega — quem faça cabal refutação, é o meu unico intuito, no qual fui auxiliado por conspícuos varões, alguns dos quaes foram testemunhas presenciasaes dos factos.

Começa o autor asseverando, que na revolução de 1817 só figuraram entes ordinarios, mediocres e despresiveis ; e logo depois, na mesma pagina, confessa, que n'ella foram compromettidos *caracteres honrados e honestos*, sendo que entre os cinco governadores primava o Padre João Ribeiro *por seus conhecimentos litterarios e convicção profunda dos principios liberaes*. Ora, poderá jámais a historia considerar despresivel uma revolução, cujos chefes recusaram o mais insignificante estipendio por seus tremendos serviços ?

Affirma ter sido o Provedor Affonso Ferreira, character incapaz d'uma infamia, quem denunciára ao Capitão-General Caetano Pinto os planos da revolução ; quando o denunciante foi José da Cruz Ferreira, pobre homem quasi mentecapto, que havia sido despachado Ouvidor d'uma comarca no sertão de Pernambuco.

Não se póde saber. onde o autor descobriu, que Caetano Pinto era Desembargador, para assim o intitular. Caetano Pinto, ao sair da universidade de Coimbra, foi, por protecção de D. Catharina Balsemão, nomeado Intendente do Oiro no Rio de Janeiro ; onde, desavindo-se com o Vice-Rei, Conde de Lavradio, e queixando-se á sua protectora, cujo marido achava-se então no ministerio, foi immediatamente elevado a Governador e Capitão General de Matto-Grosso, e d'ali removido no mesmo posto para Pernambuco : nunca seguiu a carreira da magistratura.

Espanta a facilidade, com que o autor inverte os nomes proprios, sem ver que assim deturpa a historia em ponto essencial : serve isto de provar a precipitação, com que tudo foi narrado.

Em verdade, onde acharia o autor, que o Brigadeiro commandante do regimento d'artilharia, que

apressou a revolução por seu desatino, chamava-se *Rodrigues*, quando seu nome era Manoel Joaquim *Barbosa*? Se não citou sem ler a historia do illustre Mon-senhor Muniz Tavares, era facil ser veridico ao me-nos n'este ponto.

O Capitão d'artilharia, que tomou grande parte na revolução em o dia 6 de Março, chamava-se Pedro *da Silva* Pedroso, e não Pedro *da Silveira* Pedroso.

Foi este Pedro da Silva Pedroso, e não José Ma-riano, quem, á testa da guarda do quartel, mandou fazer fogo sobre o infeliz Alexandre Thomaz, como sabem os contemporaneos.

Tendo mudado o nome ao Brigadeiro Manoel Joaquim e ao Capitão Pedroso, o autor faz o mesmo mesmo ao Tenente, que com Pedroso (conforme diz) foi á cadeia soltar os presos: esse Tenente chamava-se Antonio *Henriques* Rabello, e não Antonio *Rodrigues*.

E demais, é inexacto, que esse Tenente acompa-nhasse Pedroso na soltura dos presos da cadeia: o que fez, sahindo do quartel, foi dirigir-se á fortaleza das Cinco-Pontas, a soltar os seus camaradas Capitão Domingos Theotônio e Ajudante Manoel de Souza Texeira.

O Marechal, que estava á testa dos milicianos no campo do Erário, chamava-se *José* Roberto e não *João* Roberto.

E' falsissimo, é mera conclusão de romancista, *

* A proposito de romancista: — O nosso autor, em *Manoel de Moraes*, entre outras cousas com que se mostra sempre dis-posto a *romantisar* os negocios de Pernambuco, apresenta o seu heróe atravessando o Capibaribe, a partir das obras do pala-cio de Mauricio, porque avistou do lado da Boa-Vista a sua gentil hollandesa sobre um cavallo disparado; e chegando a tempo para soffrear o animal. . . . Milagres do amor! Além de mui remotas então as margens do rio na parte da Boa-Vista, não offereciam commodo para passeio, nem linha para a car-reira d'um cavallo. . . . O que não poderão dizer os Paulistas das africanas de Manoel de Moraes em S. Paulo? Lá se avenham. Cada um cuida de si.

que os criminosos soltos da cadeia se espalhassem pelas ruas, assassinando os transeuntes, e saqueando as casas. Foi, é verdade, um milagre da Providencia, que elles não commettessem taes attentados, muito d'esperar de semelhante gente; o certo é, porém, que dispersaram-se e occultaram-se, receiosos de nova captura. Vivem ainda muitos d'esse tempo, que podem attestar o facto.

Antonio de Moraes e Silva nunca foi Desembargador: foi, no principio de sua carreira, Juiz de Fóra. No tempo da revolução era Capitão-mór das ordenanças do Recife.

Não é verdade, que o Padre Roma *desembarcasse* em terras da Bahia. Logo que a balsa, em que ia, encalhou na praia de Itapuan, os habitantes d'aquelle lugarejo desconfiando, pela fórma das vélas, ser ella procedente de Pernambuco, approximaram-se; e o Padre Roma immediatamente lançou ao mar o sacco em que iam cartas e papéis para os amigos da Bahia. Prenderam-n'o para averiguação d'identidade de pessoa, e remetteram n'o para a capital, onde foi reconhecido e accusado pelos portuguezes emigrados no dia da revolução. Isto foi muito notorio.

E' inexacto haver sido apprehendido o navio, em que o Capitão José de Barros Falcão vinha embarcado no seu regresso da ilha de Fernando, com o destacamento, os presos, e os petrechos de guerra que ali achára. Esse Capitão, approximando-se á Parahiba, depois de longa viagem, entrou na bahia da Traição; e ahi desembarcou para informar-se do estado das cousas, deixando a bordo tudo quanto trazia. Felizmente, existem ainda muitas testemunhas d'este e d'outros factos, para confusão d'escriptores um tanto apaixonados e precipitados.

São tantas, Senhores, as inexatidões conteúdas na *Historia*, a que me tenho referido, que com a sua completa enumeração poder-se-hia fazer um volume.

Entretanto, para o meu intuito, hei dito bastante.

Se ao que ahi fica accrescentardes, Senhores, que o autor não tem uma só palavra d'admiração e respeito para os martyres d'essa revolução, ao passo que chora as lagrimas de S. Pedro pelas feridas, que recebeu o paternal o coração d'El-Rei Nosso Senhor, concordareis comigo, que sopram do sul uns ventos perniciosissimos ás gloriosas tradições do patriotismo pernambucano.

Escrevendo a historia dos nossos tempos coloniaes, o autor não se limitou a fazer actos de fé pelo monarchismo absoluto: sacrificou nas aras do velho lusitanismo, pediu licença para passar carregado das glorias patrias, embuçado n'un manto, que poderão chamar d'imparcialidade, e que eu chamarei de fraqueza, de criminosa tibieza pelas cousas patrias. . . .

Era preciso isto, para figurar na litteratura dos dous mundos *com certa commodidade*, para merecer d'um notavel escriptor portuguez * as seguintes palavras:

“ Não julgue o leitor, que pelo facto de ser o autor brasileiro, sejam por isso *mais severas* as suas apreciações. Não! Vê-se que (o autor) *poz de parte todo o sentimento de nacionalidade. . . .* ”

E está tudo explicado! Foi porque o autor *poz de parte todo o sentimento de nacionalidade*, que tanto se lhe dava d'El-Rei Nosso Senhor como da liberdade, do brasileirismo como do lusitanismo, reunindo-se isto a *certas conveniencias de hoje*, que a revolução de 1817 sahio de seu tribunal unanimemente condemnada.

Felizmente, a historia ha de chegar; e, emquanto não chega, os proprios escriptores portuguezes, apóstolos sinceros da liberdade, vão dando lições aos nossos chronistas da praça do commercio, que querem afferir o patriotismo d'um povo pelas pautas cambiaes. E' que esses escriptores detestam o despotismo, *ainda que seja de sua casa*, e alguns dos nossos têm sauda-

* Pinheiro Chagas — *Ensaio critico*.

des do despotismo, *com que nos brindára a casa alheia!*

O mesmo a que me tenho referido, e que notou em o nosso autor essa *lisonjeira* ausencia de brasileiro, escreveu as seguintes palavras, com as quaes deixarei em paz, por hoje, a *Historia da fundação do imperio brasileiro*:

“ O Brasil conquistou a sua independencia, e n'estes quarenta annos de liberdade tem procurado e tem conseguido sanar os males profundos, que lhe occasionára o nosso regimem despotico.

“ E o que nos resta a nós d'essas riquezas, cujo usufructo exclusivo conquistámos á custa de tantas iniquidades? — Uma nodoa eterna nas paginas da nossa historia, o convento de Mafra e a capella de S. João Baptista!

“ Dous monumentos religiosos, em cujas bentas pedras goteja ainda o suor e o sangue dos desgraçados, que exploravam as minas do Brasil para verem a corôa. como o leão da fabula, levar-lhes o melhor da colheita. ”

Peço-vos ainda, Senhores, alguns momentos d'at-tenção para poucas palavras sobre a revolução de 1824.

Quanto não poderia escrever, quem soubésse e quizésse, em resposta ao que no sul se está dizendo, todos os dias, contra o norte!

Porque não despertam os varões, que ainda nos restam d'esses gloriosos e infelizes tempos, e os seus descendentes? Porque não dão um cabal desmentido a essas diatribes, com que se pretende cortejar, não a monarchia, que essa vive na cabeça e no coração de todos os brasileiros, mas o monarcha, que deve saber desprezar todas essas zumbaias africanas, accusadoras de completa ausencia de sentimento nacional?

Por algumas horas apenas me foi dado percorrer as paginas impressas no tomo XXIX, parte 2.^a, III trimestre, da *Revista Trimensal do Instituto Historico do Brasil*, paginas que têm por titulo: — *A Confederação do Equador. Notícia historica sobre a revolução pernambucana de 1824, Memoria lida no Instituto Historico e Geographico Brasileiro, na presença de S. M. o IMPERADOR.*

Vêdes, Senhores, que não se trata de um mero artigo de jornal, nem de uma dissertação litteraria para uma revista qualquer: trata-se da revista do Instituto Historico, e de uma memoria lida na presença de S. M. o Imperador.

Quanto ao seu autor, não tendo a honra de conhece-lo, respeito-o por seus talentos, e estimo-o pelos intuitos de ser util á nossa patria, n'este e em outros escriptos seus: autorise-me esta confissão a suppor-me com licença para arriscar algumas considerações sobre a sua *Memoria*.

Começando por uma vista retrospectiva dos movimentos politicos do paiz, é o primeiro cuidado do autor tirar a limpo, que nunca tiveram elles por principal instigador o principio republicano. Tendo palavras d'estima e respeito pelos agitadores — de Minas em 1789, do Rio de Janeiro em 1831, do Rio Grande do Sul em 1835, de S. Paulo em 1842, desagrada extremamente o tom acrimonioso, com que falla dos movimentos pernambucanos em 1817 e 1848; e maravilha a candura, com que são citados — um officio de Rodrigo Lobo e uma carta de Luiz do Rego, para *demonstração* de que o movimento pernambucano de 1817 era antipathico á população do norte, e mesmo á de Pernambuco!

Glorias do paternal governo! Um movimento, que não era instigado pelo principio republicano, que tão antipathizado era pelas populações, castigado tão barbaramente!

Os facinoras da cadeia do Recife foram mais humanos que o paternal governo, pois sob as torturas re-

cusaram-se a enforcar o illustre Caneca ; essa victima ante a qual, no momento supremo, não tiveram coragem de comparecer os *conscienciosos* juizes !

Fallando da revolução de 1848, o autor, apesar da presença de S. M. o Imperador, ou antes por causa d'essa presença, aproveitou a occasião para *demonstrar*, que o principio liberal não póde jámais governar o imperio da terra livre da America. Abençoados amantes da monarchia estes, que *para bem do monarcha* trabalham por declarar excommungada politicamente metade da nação !

Já vêdes, Senhores, os sentimentos inspiradores do escriptor, de que me occupo. Passo immediatamente a dizer algumas palavras sobre o movimento de 1824, pois que já vou abusando demasiado de vossa illustrada attenção.

D. Pedro I dissolveu a Constituinte, confessando que apenas *alguns de seus membros* se haviam desviado d'uma senda, que elle lá para si imaginára, sem duvida caminho recto e franco para uma governação que elle igualmente para si imaginára.

O papel de *outorgador de constituição* é muito bonito, sem duvida, principalmente para quem, já no ultimo extremo, quando as côrtes portuguezas tratavam de reduzi-lo a funcções muito secundarias, foi *outorgador da independencia*, * que depois o Brasil com o seu dinheiro pagou a Portugal : foram os novos e velhos direitos do absolutismo, para registrar em notas a nossa carta d'alforria

Contra o attentado da dissolução d'uma constituinte com o apparato bellico das *soberanas do universo*, † seguindo-se a deportação de varões illustres por seu liberalismo e glorioso passado, ergueu-se Per-

* Com o celebre grito nas solidões do Ypiranga, perante a comitiva e o estafeta do correio ; que aliás os pintores da côrte têm figurado como desprendido por entre turbas de povo. Pobre historia !

† Assim, ao sahir da casa da assembléa, saudou Antonio Carlos as bayonetas e peças d'artilharia, com que D. Pedro I demonstrou o seu liberalismo.

nambuco, o infeliz Pernambuco, guarda avançada das liberdades brasileiras, e por isto mesmo tão aborrecido, tão prevenidamente olhado pelos governadores do sul. . . .

Se esta foi a origem do movimento pernambucano de 1824, como tudo o autor confessa, * e igualmente a do movimento de 1831, triumphante com a abdicação de D. Pedro I, força era desde o principio acatar os homens do norte, que viram claro e longe: é preciso, que os chronistas percam o habito d'estigmatizar todo o movimento revolucionario que aborta, e glorificar todo o movimento revolucionario que vinga. . . .

Manoel de Carvalho era um homem inferior, diz o autor, e isto porque o Padre Alencar (julgado innocente nos negocios revolucionarios de 1824) escreveu — *não ser elle reputado no publico como homem de maduro juizo* ; entretanto, Manoel de Carvalho foi o homem que esteve á testa do movimento politico de mais importancia, que teve o imperio, segundo confessa o autor. Era forçoso concluir: ou que Manoel de Carvalho era homem de real prestigio e patriotismo, ou que o movimento estava no animo de todos, tão fundadas eram as queixas contra D. Pedro I.

O manifesto de Manoel de Carvalho (que felizmente o autor transcreve entre os documentos) é capitulado de — *rapsodia indigesta de todas as diatribes, que então se reproduziam contra o systema monarchico e contra o governo imperial; não se recommenda* (continúa o autor) *nem pela elegancia do estilo, nem pelos arroubos d'um ardente patriotismo, limitando-se apenas a prodigalizar injurias ao imperador.*

Passando em silencio o ponto sobre a elegancia

* E tanto estava isto no espirito de todos, que logo depois da abdicação Manoel de Carvalho foi presidente de Pernambuco, e senador pela Parahiba. Não entrando em meu proposito fazer a biographia de Manoel de Carvalho, deixo de entrar em apreciações sobre o seu procedimento posteriormente a 1824. Reservo-me para ultteriores estudos sobre os movimentos politicos do norte do imperio.

do estylo, pois que n'isto é o autor muito e muito mais competente do que eu, direi sempre, quanto, aos arroubos de patriotismo, que a narração um tanto fria dos acontecimentos devêra ser antes um abono da calma e reflexão que presidiram o movimento, do que uma prova de falta de patriotismo.

Nada n'esse manifesto accusa a paixão desordenada; e, laconico como é, só por milagre poderia ser *rapsodia indigesta de todas as diatribes contra o sistema monarchico e contra o governo imperial.*

Mas, emfim, era preciso perante o Filho canonisar os erros, os graves erros do Pai, em vez de, com os direitos de severo chronista, bradar-lhe *sentido!* quanto ao futuro, pela lição do passado!

Entretanto, no ponto que mais serios cuidados deu ao autor, a concentração da esquadra no Rio de Janeiro, quando se espalhavam boatos da chegada de uma expedição portugueza recolonisadora, era essencial, que o autor transcrevesse essa portaria, a que se refere o manifesto, na qual D. Pedro I dizia: — “E' indispensavel, que cada provincia se valha dos proprios recursos no caso d'ataque.” Só á vista d'essa portaria, e chamadas ao tribunal da historia as idéas e impressões do tempo, a côr dos acontecimentos, se poderá proferir juizo sobre os homens de 1824.

Os homens de 1824! Os brasileiros generosos, que viram longe, os unicos que poderiam salvar o primeiro Imperador, se a lição lhe tivésse aproveitado, se elle não houvésse querido resgatar-se e comprar o futuro a troco das mais barbaras execuções! *

Manoel de Carvalho, o patriota de fino tacto, que soube encaminhar as cousas em ordem a proporcionar o mais habil movimento politico, que tem visto o imperio!

Sabeis quaes os crimes de Manoel de Carvalho? — Não se haver entregue á corda da commissão mi-

* E porque não teve igual procedimento em Portugal, quando triumphou de seu irmão? Tinha aprendido á custa das infelizes victimas de 1824. . . .

litar, e ter posteriormente guardado silencio em sua cadeira de senador!

Quanto á primeira parte, o proprio autor não repelle a hypothese, de que Manoel de Carvalho, satisfazendo um louvavel dever de piedade filial, viu-se inopinadamente privado de voltar aos seus.

Quanto ao silencio no senado, sendo esse silencio acompanhado de plena passividade quanto ao movimento official do paiz, como interpreta-lo forçosamente contra o presidente da Confederação do Equador? Como não ver n'elle antes um protesto a favor d'antigas idéas, que nem ao menos em parte podiam ser realisadas.... *

Como quer que seja, Manoel de Carvalho foi mais feliz, do que Domingos Theotonio nas garras do autor da *Historia da fundação do imperio brasileiro*. Ahi Domingos Theotonio não passa de um desatinado perverso e vicioso! O generoso pernambucano, que encarou desde o principio o cadafalso, e depois d'elle a viuvez d'uma joven esposa, a orphandade de tenros filhinhos, de um dos quaes, ainda para nascer, fallou no cadafalso! Esta raça de hoje, educada em sua maxima parte nas praças de commercio, não pôde comprehender, senão como a mais desatinada loucura, esses arrojados de patriotismo dos nossos antepassados....

Manoel de Carvalho foi mais feliz, do que Domingos José Martins, a quem não levaram em conta a mocidade, a perda dos encantos das primicias do casamento, e outras cousas, que são tudo para os egoistas de hoje, e nada eram perante homens de outro tempo, para os quaes tinha significação a palavra patria!

E attendei, Senhores! Nem uma palavra de res-

* Repito:—Será o biographo de Manoel de Carvalho, quem achará largo espaço para discutir este e outros pontos de sua vida. A mim só me cumpria traça-los rapidamente, quanto bastasse para o meu intuito: pedir justiça para os revolucionarios de 1824.

peitosa compaixão pelas victimas, nem um signal de admiração pelo heroismo com que affrontaram a morte. *Rebeldes!* e está tudo dito. As corôas, as sympathias, não são para as victimas, são para os algozes! *Rebeldes!* Dito isto, são poucas todas as commissões militares, todas as forcas, todos os pelotões fuziladores! *

Caneca, que ainda morrendo fez serviços á humanidade e á liberdade, sendo causa de que os facinoras da cadeia do Recife dêssem uma lição á commissão *salvadora* de D. Pedro I! Caneca, victima illustre, perante a qual recusaram comparecer os juizes togados e fardados do Recife! Caneca, levado de rojo da prisão ao oratorio, e do oratorio ao patibulo!

Agostinho, o patriota desinteressado, que mais d'uma vez comprometteu a sua popularidade, para que a revolução não fosse além dos limites do razoavel, e que apesar d'isto não achou misericórdia *perante o ministerio* (para fallar a lingoagem *conveniente* do autor)!

Nicoláu Martins, esse vulto venerando, que assombra pela rigidez do seu character; que ali mesmo na côrte, perante D. Pedro I, prestou tão corajosamente os mais relevantes serviços á causa da independencia, e apesar de tudo não obteve de D. Pedro I uma commutação de pena!

Que liberalismo era o d'esse Imperador, tão prodigo de commissões militares! Que almas damnadas de aulicos foram essas, que desde então cercaram o throno para perverter o monarcha!

E o generoso americano James Rodgers, joven de 24 annos!

* Desastrados monarchistas! Pensam ter tudo ganho para o throno, quando têm conseguido (suppoem elles) fazer d'uma palavra um estigma de condemnação ao fogo! E não se lembram, que essa palavra era repetida em Portugal, quando o filho de D. João VI adheriu á nossa independencia! E esquecem, que ha de chegar a historia! E não contam com o bom senso da posteridade!

E o infeliz Ratteliff, morto, pôde-se-o dizer, a sangue frio, lá mesmo debaixo dos olhos de D. Pedro I!

E Tristão Gonsalves, e todos essas victimas illustres das provincias, que em 1824 se associaram a Pernambuco!

Era nada tudo isto. . . . *As culpas dos revoltosos de 1824 eram enormes*, como diz o nosso autor; assim como não ha louros bastantes para o governo de D. Pedro I! . . .

Mal do paiz, em que o terreno da historia é explorado por bem de aulicas adorações, que acabarão arruinando o rei e o povo!

Estou fatigado, Senhores, e vós mais do que eu. Conto com o vosso perdão, e vou concluir.

Digam o que quizerem, dos quatro ventos da terra. . . .

O historiador ha de chegar;

E cinco annos depois de 1817 ha de encontrar 1822, isto é, a independencia, feita mais pelas imprudencias das côrtes portuguezas, do que pelo patriotismo dos *revolucionarios imperiaes*, que tudo queriam fazer *commodamente*, á roda do Imperador;

E sete annos depois de 1824 ha de encontrar 1831, isto é, D. Pedro I affectando ceder por generosidade o que á força lhe tomavam. . . .

Aqui como ali, no passado como no futuro, o sangue dos martyres da liberdade alcançou e alcançará sempre a vingança contra os algozes!

Nem esquecer o rei pelo povo, nem esquecer o povo pelo rei.

Associar estas duas supremas entidades de uma monarchia democratica, é a minha divisa, como deve ser, entendo eu, a de todos os cidadãos, que amam de véras a patria.

NO INSTITUTO ARCHEOLOGICO E GEOGRAPHICO PERNAMBUCANO,
AOS 27 DE JANEIRO DE 1869

Meus Senhores,

O artigo 27 dos nossos estatutos impõe-nos no dia d'hoje uma sessão solemne, commemorativa da installação do Instituto: escolha feliz, porque um dia semelhante viu corôado um grandioso esforço dos nossos antepassados, por ventura o mais glorioso dos annaes brasileiros.

O artigo 28 impõe ao Orador o elogio dos socios fallecidos durante o anno academico, indicando os seus serviços mais transcendentés ao Instituto; e tambem fazer menção honrosa dos autores de quaesquer obras archeologicas, historicas ou geographicas, que no decurso do mesmo anno houverem sido offerecidas ao Instituto.

Dizer vos, Senhores, que esta tarefa assoberba-me na presente occasião, não é soltar uma phrase de modestia, de uma modestia convencional que já a nin-

guem illude, de uma modestia que serve de manto, embora esfarrapado, ao orgulho. Quando as forças me não fallecessem para a empresa, o tempo, e a vossa attenção da qual devo ser sobrio, não me consentiriam cumprir á risca aquelle preceito dos estatutos.

Vou pagar, como posso, a minha divida ao Instituto.

Obedecendo á ordem chronologica, devo occupar-me em primeiro lugar, Senhores, do Dr. Antonio Vicente do Nascimento Feitosa.

E d'esta vez a chronologia, em cuja essencia está, ao menos para os nossos fracos olhos, o mero acaso, para nós, com relação ao dia de hoje, como que delibrou-se pelas regras de uma stricta justiça.

Quando o Instituto, por seu humilde orador, devesse occupar-se da memoria do Dr. Nascimento Feitosa, a precedencia deveria sempre caber-lhe, ainda que a chronologia dissésse o contrario; taes foram os esforços e trabalhos, muito conscienciosos e proficuos, que o nosso illustre consocio dedicou ao Instituto. Creio não offender o amor proprio de nenhum de vós, eu que me confesso o ultimo de nós todos, dizendo que até 29 de Março de 1868 o nosso venerando presidente e o Dr. Nascimento Feitosa, secundados pela muito illustrada devotação do nosso secretario perpetuo, e em companhia de alguns assiduos operarios (poucos) d'esta obra patriotica, personificavam o Instituto

Quem nos disséra a nós, meus illustres collegas, a 27 de Janeiro do anno findo, quando a voz eloquente de Feitosa erguia-se animada e convencida n'este recinto, com aquelle accento entusiastico e persuasivo que foi sempre o seu, quem nos disséra então, que hoje essa voz estaria emmudecida para sempre! Quem me disséra então, que hoje estaria eu n'esta cadeira

que foi sua, fazendo ao amigo que já não existe o meu maior serviço — demonstrar, fazer saliente com o fraqueza da minha voz, a grande perda que soffreu o Instituto !

Curvemo-nos á vontade de Deus !

Antonio Vicente do Nascimento Feitosa nasceu na cidade do Recife, aos 10 de Junho de 1816.

Seus legitimos pais — Vicente Ferreira do Nascimento Feitosa e D. Anna Maria do Nascimento Feitosa.

Em luta constante com a pobreza que o recebeu no berço, estudou em nossas aulas o curso de humanidades, tal qual o possuíamos, e chegou a trajar vestes sacerdotaes, com vistas na carreira unica que com uma certa commodidade se offerecia então aos talentos desacompanhados dos bens da fortuna. Mas, felizmente, esse intuito Feitosa abandonou-o bem de pressa. Digo felizmente, porque é a maior desgraça conhecer um homem já tarde, que lhe faltam forças para um estado perpetuo, e tão tremendo como o sacerdotal.

Matriculou-se na academia juridica de Olinda em 1833 ; e em 1837, sempre por entre as crises altamente desanimadoras e grandemente fadigosas da pobreza, recebeu o gráo de bacharel, havendo sempre gozado da melhor nomeada entre os seus mestres e os seus condiscipulos.

Casou-se em 1837, e deixou numerosa descendencia.

Não aggravarei as dores da inconsolavel viuva e dos extremosos filhos . . .

Deixarei em paz o lar domestico, onde os sorrisos como as lagrimas, as encantadoras creações da virtude como as monstruosas demolições do vicio e do erro, devem ser cousas igualmente respeitadas por olhos estranhos.

Jámais serei biographo narrador d'escandalos ou romancista de virtudes.

Uma cousa é o ligeiro esboço biographico que emprenhando, e cousas mui diversas são as *confissões* e as *autobiographias*: só na alçada d'estas caberia o lar domestico — uma especie de municipio neutro mesmo nas relações privadas de familias — uma especie de linha de respeito mesmo para o corpo social, linha á quem da qual cada um tem uma área exclusiva de relações com a sua consciencia e Deus.

Deixemos em paz o lar domestico.

Em 1838 o Dr. N. Feitosa abriu escriptorio d'avogado, sentou-se á mesa, da qual deveria um dia levantar-se para morrer. *

Em 1840, pela mesma academia onde recebêra o gráo de bacharel, foi galardoado com o gráo de doutor. . . . não sem ferir-se nos espinhos que uma fada, não sei se boa ou má, atira no caminho dos que trabalham conscienciosamente, á luz dos proprios talentos, e com a altivez congenita á consciencia do proprio valor. . . .

Exerceu interinamente, nos principios da sua vida publica, o cargo de promotor. Não sei, se para

* De uma narração da sua ultima enfermidade, por seu illustrado medico Dr. Carolino F. de L. Santos, vê-se que Feitosa veio pela ultima vez ao escriptorio, já tocado do mal que poz termo aos seus dias; sendo que a sua pertinacia, ao mesmo tempo louvavel e impensada, em não faltar á hora do trabalho, foi por ventura a causa occasional da sua morte.

isto actuou alguma solicitação a que não podésse resistir, ou carencia de meios, cousa pouco estranhavel no tirocinio de advogado, como em qualquer outro. O que me parece certo, a mim que bem de perto o conheci, é que — a ardencia do seu espirito, a sua paixão cega pelo ministerio da palavra, deveriam arrastra-lo para esse e semelhantes encargos.

Em o Lycêo pernambucano leu por tempos na cadeira de philosophia, em 1844 ou 1845. Lembra-me que, embora ainda estranho ao estudo d'essa materia, era eu um assiduo frequentador da sua aula; porque fascinava-me aquelle arrojado d'alma com que elle fallava aos seus discipulos. Havia ali uma formal denuncia do seu pronunciado gosto pelas especulações philosophicas, nas quaes deveria mais tarde dar o spectaculo de um lapso deploravel (em meu humilde entender) na celebre questão da liberdade de Deus; e isto depois das brilhantissimas realidades do *Cidadão*, a folha philosophica de sua criação e redacção, da qual terei de occupar-me.

Entrou na politica em 1849; e, ardente como sempre, não recuou depois do primeiro passo.

Diário Novo, Imprensa, Argos Pernambucano, Constitucional Pernambucano, Progressista, e por ultimo a parte politica do *Oriente* — eis outras tantas provas da infatigavel actividade do Dr. N. Feitosa.

E o tempo sobrou-lhe (segredo das naturezas privilegiadas!), por entre os labores do advogado, para redigir, além do *Cidadão*, o *Direito* e a *Themis Pernambucana*, dous jornaes de jurisprudencia, os unicos que com vida séria tem contado o nosso fôro!

E o tempo sobrou-lhe para repetidos e brilhantes discursos em associações litterarias e beneficentes!

E o tempo sobrou-lhe para deixar, adiantadas, traducções de Monsabré e de Heineccio, e quasi concluido um tratado de letras de cambio!

Talento multiforme!

Com relação ao papel politico que representou o nosso consocio, já tive occasião de recitar as seguintes linhas: *

“ Quando a idéa liberal, vencida no campo de batalha e torturada por um vencedor feroz, parecia destinada á longa orphandade, ergueu-se o filho do povo, com alguns generosos batalhadores. Reabriu-se a luta; e quando aqui e alli os soldados da liberdade iam desanimando e affrouxando as investidas, Feitosa redobrava d'esforços; até que, perdidos os companheiros, achou-se na estacada com alguns moços, que lhe offereciam o valioso contingente de sua fé. . . .

“ A vida de Feitosa foi uma constante luta.

“ Elle procurou combinar a tranquillidade do escriptorio do advogado com as perennes agitações do gabinete do politico. Trabalhosa combinação!

“ Alli, na banca do advogado, estava garantido, podia crê-lo, o futuro da familia.

“ Mas, aqui, no gabinete do politico, como que lhe troava aos ouvidos o brado imperioso da liberdade, brado a que não póde deixar de accudir o generoso filho do povo.

“ Alli, a abundancia tranquilla; aqui as privações do corpo e do espirito.

“ Alli o manso ribeiro de cristalinas agoas, onde miram-se frondosas arvores, balouçadas ao sopro de vivificantes brisas; aqui um mar agitado pelos quatro ventos, ameaçando de morte prematura no marulho de suas procellosas vagas!

“ Difficil combinação, para quem navega no oceano da vida ao sol da idéa, sem as vistas sordidas do patronato e da ganancia!

* Discurso no funeral do setimo dia, aos 4 d' Abril de 1868.

“ Vós o vistes ! Ei-lo que foi-se, arrebatado por uma morte prematura, deixando á sua familia o legado que recebeu de seu pai, o legado que sempre deixa o honrado filho do povo — a pobreza !

“ A nós, porém, aos seus comprovincianos, á sua patria, o que deixou ?

“ — O quadro da luta valorosa de poucos contra tantos ! Poucos que se aqueciam ao fogo da idéa, e tantos que os repelliam com os frios calculos do individualismo !

“ Lutou sempre, lutou por muito tempo, sem vislumbre d’esperança, e nunca depoz as armas, porque bem sabia ser o tempo o *maximus novator*.

“ N’este lutar constante, sempre sob as normas legaes, está a sua gloria e o nosso proveito.

“ Só os espiritos superiores sabem comprehender, que muita vez a vantagem da luta está no proprio facto da luta. A força da acção do tempo, e o echo da palavra de hoje nos reconditos de futuro, são cousas ao alcance de muito poucos . . .

“ Um dia disseram-lhe, que era preciso estacar no combate. Elle hesitou, tremulo e receioso pela idéa liberal ; mas, afinal cedeu, como todos nós cedemos. O que se passou depois, não devo relatar aqui ; mas, a verdade é que as filas liberaes de Pernambuco não haviam perdido a esperança de tornar a vê-lo, como nos antigos dias, com a mesma clava de combate. Até um certo silencio dos seus ultimos tempos alentava essa esperança . . .

“ Morreu, Senhores, um dos mais valentes de fensores d’essa pobre idéa liberal, tão infeliz na terra do Brasil, tão calumniada como devastadora faisca revolucionaria ! . . . ”

Em 1863 foi o Dr. Feitosa eleito deputado pelo primeiro districto d’esta provincia ; e logo após foi

contemplado em duas listas senatoriaes; sem que se possa bem dizer, porque o homem, que era o symbolo mais legitimo d'aquella quadra da politica provincial, por duas vezes foi esquecido para uma cadeira de senador. . . .

A unica distincção recebida dos poderes publicos pelo nosso collega, e *por motivos estranhos ás suas amplas aptidões e grandes merecimentos intellectuaes*, foi um officialato da Ordem da Rosa; e isto na triste época do *imposto sobre a vaidade*, conforme a sorprendente, e, em certo sentido, altivamente democratica expressão de um ministro da corôa. . . .

Haverá alguma macula original privativa do filho do povo em Pernambuco ?

O Dr. N. Feitosa falleceu, por entre amarissimas desillusões, aos 29 de Março de 1868, não contando ainda 52 annos.

Agora, Senhores, que ligeiramente esbocei os traços biographicos do nosso sempre lembrado collega, algumas das muitas considerações que aqui caberiam, se me sobrasse tempo, e não me faltasse aptidão, para a delicada tarefa que tenho em mãos.

Contemplemos o advogado.

E' de maravilhar a actividade desenvolvida pelo Dr. Feitosa n'este ramo das suas occupações.

Os que o conheceram no escriptorio, diariamente, por muitas horas, respondendo a um grande numero de clientes, accudindo verbalmente e por escripto ás exigencias da politica, não sabem explicar como e quando se faziam esses brilhantes e innumerados arra-

zoados, de que estão cheios os cartorios do Recife, escriptos por sua propria mão, com esmero e gosto, e, o que mais é, enriquecidos com o resultado da lição dos melhores autores de Direito, com os fructos do estudo paciente e reflectido das nossas leis!

Para o Dr. Feitosa a profissão de advogado era uma verdadeira paixão. Os arrojados da sua alma eram os mesmos, ou com a penna na solidão do gabinete, ou fallando electrizado no tribunal dos jurados, perante o numeroso auditorio que sempre accudia a ouvir a sua palavra.

E quando pensaveis, que isto era alimento sufficiente para um espirito altivo e nobremente ambicioso, eis encontrar a mesma arrojada actividade no politico, a mesma paciente reflexão no philosopho, a mesma tenacidade e gosto no litterato, os mesmos aturdos labores nos estudos historicos e religiosos.

Fosse outro, fosse amplo, e não tal qual elle o teve e nós o conhecemos, o centro que a sorte houvesse destinado ao Dr. Feitosa, e os raios d'aquella vasta intelligencia teriam por ventura allumiado o mundo!

Mas, aqui? . . . Não fosse o instincto seguro e nobre das multidões, d'esse povo que os reis do dinheiro e da ignorancia chamam *massa bruta*, não fosse o apreço desinteressado de alguns, aos quaes o merecimento alheio não tira o somno e pelo contrario enche de jubilo, e não fosse principalmente a constancia mais altiva e mais resoluta, com que Deus arma sempre o filho do povo a quem distribue um grande papel, para resistir á turba ignara dos filhos da fortuna. . . . e o Dr. Feitosa teria morrido ignorado, esmagado pela guerra desleal que desde os primeiros passos lhe moveram os presumidos chancelleres do talento e do merecimento, *pelo direito da corrupção e da ignorancia*.

O Dr. N. Feitosa, como já tive occasião de dizello, paraphraseando alheio e conceituoso pensamento, *combateu com as suas proprias armas!*

“ E’ dos nossos dias o principio da sua luta.

“ Filho do povo, atirado com o seu talento ao centro de uma sociedade que todos conhecemos, entrou de cabeça erguida e voz arrogante : sentia-se forte pelo direito do trabalho, pelo baptismo das longas vigílias na banca do estudo.

“ Audacia ! bradaram irritados os que não admittem, que o merecimento possa dispensar o transitio de certas chancellarias

“ Loucura ! disseram com riso ironico os da raça dos modernissimos abyssinios, que só têm fé em certos sóes immaculados, em certas reputações mysteriosas, as quaes, na phrase de Balmés, são como os cadaveres que se conservam perfeitos em quanto hermeticamente encerrados, e uma vez ao ar dissolvem-se ; reputações que só se sustentam, sob a condição de nunca apparecerem em scena

“ O filho do povo ouviu a grita, e ergueu ainda mais a cabeça, e levantou ainda mais a voz : a onda ameaçava assoberba-lo, e elle offerecia o peito.

“ Era que o fogo do talento animava-o, e a inspiração da liberdade apontava-lhe o futuro !

“ Olhou em torno de si, e não desanimou : sentiu que podia combater com as suas proprias armas ” *

Voltemos ao advogado Feitosa.

Percorrendo, ainda que ligeiramente, as columnas do *Direito*, faz-se ampla colheita para o elogio do nosso consocio.

Além de um erudito commentario sobre o tit. XVI part. 1.^a do Cod. Com. Bras., ahi se acha tudo quanto possa interessar aos homens da profissão : a jurisprudencia patria, o movimento dos tribunaes do paiz e estrangeiros, discussões sobre a legislação patria e a estrangeira, noticias scientificas sobre os grandes homens da ordem.

Foram constantes os seus esforços para o organi-

* Discurso cit.

sação da ordem dos advogados em Pernambuco. Em o n. 10 do *Dircito*, aos 6 d'Abril de 1854, fazia elle um eloquente reclamo n'este sentido; e porque afinal desesperou da iniciativa alheia, iniciou elle proprio, na casa de sua residencia, em 1861, um instituto, cujos trabalhos d'organisação foram interrompidos, porque a politica veio monopolisar os mais serios cuidados do Dr. Feitosa e dos seus mais assiduos companheiros.

Era a oratoria um verdadeiro enlevo d'alma para o nosso consocio; como que as violentas elaborações do seu cerebro a cada momento reclamavam a valvula da palavra, para manifestarem-se de um modo arrojado, como arrojadas eram essas elaborações.

Em o n. 9 do *Dircito*, aos 30 de Março de 1854, fazendo illustradas considerações sobre a reforma judiciaria projectada pelo Sr. conselheiro Nubuco, foi um dos seus reclamos — a admissão de arazoados oraes perante os nossos juizes e tribunaes do civil.

E entretanto, ao Dr. Feitosa, a quem todos ouviam sempre com rigorosa attenção, que sempre dominava com a sua palavra, faltavam em gráo apurado quasi todos os predicados externos de um orador: considerando-o detalhadamente na tribuna, nem a prosodia, nem o gesto, nem a figura, nem essa como que ductilidade do estylo dobrando-se a todos os assumptos, a todos os incidentes de um discurso. . . . nada d'isso era perfeito no Dr. Feitosa. E a pesar de tudo, era sempre ouvido e festejado por multidões d'ouvintes!

Os desaffectedos, os invejosos, os mochos da reputação e do merecimento alheio, faziam salientes esses defeitos, e chasqueavam da *multidão ignara* que applaudia o Dr. Feitosa. . . .

Ignaros eram elles, pobres folhas seccas da ignorancia e da inveja, varridas sempre pelo sopro do talento e da generosidade!

Se, apesar de todos os seus defeitos de orador, o Dr. N. Feitosa prendia sempre o seu auditorio, é

que os vãos de uma alma nobre, os impetos de um grande talento, traduzidos por um accento forte e convencido, embora aspero, importavam essa *divindade* que foi o segredo de Mirabeau, e que elle negava ao elegante e academico Barnave.

Que alma não vulgar hesitára na escolha entre Mirabeau e Barnave?

No *Direito*, dando a triste noticia do fallecimento do Dr. José Francisco de Paiva, e fazendo em vivos traços o elogio d'esse ornamento do fôro pernambucano, o Dr. Feitosa concluia com as seguintes palavras, demonstrativas do seu amor á profissão :

“ Em nosso actual estado de cousas, em que a jurisprudencia parece ir-se abysmando para ser substituida pela dominação exclusiva dos interesses praticos, a morte do Sr. Dr. Paiva é um acontecimento, que qualificamos de deploravel e de bem melancolico para o fôro do Recife.

“ Advogados que ainda tendes amor pelas tradições da nossa ordem, derramai uma lagrima sobre o tumulo do Sr. Dr. Paiva. ”

A *Themis Pernambucana*, cujo primeiro numero foi publicado aos 26 d'Agosto de 1865, resumiu o ultimo nobre esforço do Dr. N. Feitosa, a favor da causa do fôro em particular, e da sociedade brasileira em geral. As linhas finaes do seu programma deixam ver a seriedade, com que o operario incetava um trabalho serio :

“ A *Themis Pernambucana*, apparecendo no meio dos acontecimentos de toda a especie que abalam a sociedade brasileira desde os seus fundamentos, aspira a preencher uma lacuna que geralmente se sente. Ella, percorrendo com suas debeis forças todo o espaço que medeia entre a sociedade e a lei, entre a lei e o individuo, entre o poder e o direito, entre o governo e a familia, entre a familia e o cidadão, procurará fixar a attenção do publico sobre as causas dos nossos males, e sobre os remedios com que podem elles ser curados.

“ E’ este o tempo de provação para todo o brasileiro : cada um deve trazer para auxilio da causa publica o seu óbolo de intelligencia, de sacrificio, d’experienca pessoal. ”

Sobranceiro a considerações cobardes, que fazem do escriptor publico antes um instrumento traiçoeiro do mal do que uma legitima alavanca do bem, o Dr. Feitosa affoutamente poz o dedo em todas as ulceras, que affligem o fôro de Pernambuco e do Brasil.

Não cabe aqui explanar quanto disse e pretendeu o Dr. Feitosa, por bem da regeneração da jurisprudencia e da justiça no Brasil ; apenas apontarei os graves assumptos de que se occupou a *Themis*.

— Nepotismo e affilhadagem no fôro.

— A necessidade de reforma dos tribunaes do commercio, principalmente pelo defeituoso de seu elemento leigo.

— O espirito mercantil, rasteiramente mercantil, que assenhoreou-se do fôro.

— O jogo immoral resultante de certas relações de amizade e parentesco entre advogados e juizes.

— Censuras francas á magistratura em geral.

— Critica severa da administração da justiça na provincia.

— Rompimento do véo que encobre os *subornadores* do nosso fôro.

— O triste quadro da degradação do advogado entre nós.

— Finalmente, considerações largas sobre a organização social do Brasil.

Era sempre assim, franco e decidido, que o Dr. Feitosa entrava em qualquer pugna.

E se, apesar do desprestigio do meu orgão, Senhores, já vai parecendo-vos completa, d’ensoberbecer a nós pernambucanos, a enumeração dos altos predicados do Dr. N. Feitosa, revelados em seus preciosos trabalhos, estareis em erro. Muito mais tenho a dizer-vos ; muito mais vos diria, se possuisse uma completa collecção dos seus escriptos, se fosse este o

lugar para uma completa e fundamentada resenha d'esses escriptos, e tivésse eu as forças precisas para a empresa.

Entre os manuscriptos do Dr. N. Feitosa avulta uma traducção das *Recitationes* de Heineccio, trabalho já adiantado, pois que alcançava o tit. 23 do liv. 1.º

Além da traducção de Monsabré, encontrei a traducção do sermão de Bossuet sobre o mysterio da Santissima Trindade, e fragmentos de um escripto, não sei se original ou traduzido, sobre o Apocalypse.

Em o Dr. Feitosa havia incontestavelmente um elevado talento de traductor; talento que aos menos reflectidos póde parecer cousa de pouca nota, mas que só é possuido pelas vastas intelligencias, pelos espiritos entusiastas e privilegiados (tratando-se de certas obras), que podem fazer como que suas as sublimes inspirações alheias.

Traduzir não é simplesmente verter palavras de uma para outra lingua; é penetrar-se do assumpto, é conhecer a fundo a indole de duas linguas, é collocar-se no ponto de vista do autor, é devassar-lhe todos os segredos d'estylo; em summa, é como que transportar ou resuscitar o autor, e faze-lo fallar extranha lingua.

E então, para traduzir Bossuet! . . .

Lembra-me haver lido á frente de uma das traducções de Filinto a seguinte sentença de Bitaubé: — Traducção póde haver de mais valor que o original.

Faltam-me, Senhores, as collecções dos jornaes politicos redigidos pelo Dr. Feitosa. Fallar-vos-hei do *Cidadão*, folha philosophica e litteraria com que o nosso fallecido consocio se mostrou gigantesco aos seus concidadãos.

O n. 1 d'essa folha foi publicado a 2 de Outubro de 1853, e o n. 50, ultimo (n'elle finda a collecção que me foi offerecida pelo autor), tem a data de 12 de Novembro de 1854.

O que pretendia o Dr. N. Feitosa com o *Cidadão*? Elle o diz no seu prospecto :

“ Não valerá a pena fazer alguma cousa para esclarecer o povo á cerca dos seus deveres, convidá-lo a reflectir, e conseguir d'elle actos de homem em vez de façanhas de selvagem? — Eis o meu intuito. ”

Tendo em vistas um jornal de doutrina, adaptado ao povo e conforme aos reclamos da dignidade individual, o Dr. Feitosa disse em o n. 1.º do *Cidadão* :

“ Para que um povo chegue ao estado de dignidade pessoal, é mister que se distinga pela cultura das virtudes sociaes e domesticas, pelo trabalho, pela intelligencia, pela moralidade.

“ Ha alguém d'entre o povo, que pensa ser a palavra *liberdade* uma nomina ou um amuleto capaz de conferir por si só a dignidade pessoal, e ha miseraveis que especulam com essa especie de superstição.

“ E' verdade que muito grata deve ser a todo o homem a palavra liberdade ; mas, essa palavra não terá significação alguma, se o homem primeiramente não fizer por libertar-se dos vicios e dos crimes *, se o homem se não erguer á verdadeira altura de seu destino, pelo desenvolvimento da sua intelligencia, pela sua moralidade, e por um trabalho incessante. E' só cultivando estas virtudes, que o homem merece o nome de cidadão. ”

* Como, partindo d'aquí, chegou um dia o Dr. Feitosa a fazer do erro, do vicio e do crime uma condição essencial da liberdade, negando n'este presuppuesto a liberdade de Deus ?

Com o seu espirito sempre nobremente enthusias-tico, tomando ao serio a sua tarefa de cathechista pela imprensa, o Dr. N. Feitosa esmerou-se no *Cidadão* em tudo quanto podia elevar o espirito do povo, excita-lo á cultura da sua intelligencia, á nobre energia do trabalho, á elevação dos predicados d'alma.

— A altivez do homem do povo ;

— A degradação do homem do povo ;

— Um tratado de philosophia ao alcance de todos ;

— Algumas questões politicas e economicas :

Eis um presente abundante do cidadão illustrado aos seus concidadãos filhos do povo.

Entretanto, o Dr. Feitosa entrou no campo da litteratura, esse jardim da intelligencia, cujo apreço encontrareis sempre nos espiritos verdadeiramente superiores.

— A *Cabana india* de B. de S. Pedro e o *Leproso da cidade d'Aosta* de X. de Maistre ; e depois uma lucida confrontação dos dous primores litterarios, um dictado pelos devaneios de uma religião natural, e o outro unguido pelas santas verdades do Calvario ;

— Variedades sobre assumptos moraes ;

— Pensamentos de autores e moralistas de nota ;

— Esboços biographicos d'artistas celebres ;

— Romances de alta moralidade, como *Eliza e Widmer* por Topffer ;

— Um estudo biographico sobre a bella *Fornarina* ;

— Algumas creações da phantastica e esplendida imaginação de Hoffmann, como *Don Juan*, *Rabeca de Cremona*, *Marino Falieri* ;

— Poesias traduzidas d'autores notaveis ;

— Versão de canções allemãs ;

— Finalmente, porque não ponho o intento em fazer completa resenha do *Cidadão*, a bella oração, póde-se dizer, de Silvio Pellico, sobre a *Mulher perdida*. *

* Pede a verdade e a justiça, que aqui se declare a collaboração do Dr. A. Marques Rodrigues na parte litteraria do

A religião teve o seu lugar na folha do Dr. Feitosa, como as letras e a philosophia; e assim é o *Cidadão*, penso eu, um monumento da gloria do nosso consocio, que das mais elevadas glorias é interessar-se pela sorte das classes populares.

Tenho, Senhores, em ligeiros traços, e incorrectos, desenhado o vulto elevado do nosso fallecido consocio; concedei-me porém, alguns retoques, pelo muito a que nos obriga a nossa saudade.

O Dr. N. Feitosa, se a morte o não sorprendêra, se concluisse a sua libertação das redes da nossa estéril politica, em cujas malhas, por um resto de imposições da sua patriótica consciencia, ainda se deixava prender, diria em breve, parodiando o dito de Cousin * ao assistir nos conselhos do principe a uma deliberação, plena d'incertezas cruéis para um coração de verdadeiro patriota: — Não fôra melhor, que eu houvesse continuado as traducções de Heineccio, Monsabré e Bossuet, a redacção do *Direito*, da *Themis* e do *Cidadão*, os meus estudos juridicos, litterarios, philosophicos e religiosos?

Cidadão, conforme se lê em o n. 26 da mesma folha. Além do Dr. A. Marques Rodrigues, alguns outros moços igualmente intelligentes, como Galvão, Gaspar Martins, Ernesto Fonseca, escreviam no *Cidadão*. Todos rendiam assim ao Dr. Feitosa o justo testemunho, de que reconheciam n'elle o benevolo amigo dos moços de merecimento. O Dr. Soares d'Azevedo, a estrella polar dos litteratos pernambucanos, compareceu no *Cidadão*, como sempre comparece onde póde, de um modo condigno a si, prestar um serviço ás letras brasileiras. Feitosa e Soares d'Azevedo obedeceram á attracção reciproca dos verdadeiros talentos. Foram constantes amigos, até que Deus os separou n'este mundo.

* Resposta de Rémusat a J. Favre (recepção na academia franceza).

Como politico teve um erro que o honra, que será sempre o erro dos nobres caracteres: confiar demasiado na linha recta, *em Deus e no seu direito*. Não podia deixar de fallir na época sinuosa, tristemente sinuosa, que atravessamos. . . .

Como philosopho, a questão da liberdade de Deus foi, no meu humilde entender, a mancha do sol d'aquella intelligencia, aliás tão achegada ás verdadeiras grandezas do Christianismo, tão bem temperada da sublime humildade da philosophia christã!

Insistiu, comprometteu-se perante o publico illustrado, e morreu sem principio ao menos de amortisação da sua divida.

Faltou-lhe a vontade ou o tempo?

Como quer que seja, parece-me que o Dr. Feitosa poderia dizer d'aquella questão, com ligeiras variantes, o que de seu curso de philosophia em 1825 disse V. Cousin:

“ Não hei mister de grande modestia para reconhecer que n'esse curso, inteiramente improvisado, ha mais de uma proposição arriscada e de um excesso de lingoagem, que de boamente eu teria eliminado, se a calumnia não houvésse tornado tudo isso irrevogavel. ”

Como J. Favre, Feitosa poderia ter-se confessado devedor de todas as suas glorias ao fóro.

No silencio do seu gabinete d'advogado foi aquecido pelo primeiro raio do sol da fama; o silencio do seu gabinete d'advogado esperava-o nos seus ultimos dias, que amarissimo lhe ia sendo o desengano da politica.

Não o houvésse a morte arrebatado, e d'aquelle gabinete havia de resurgir o valente filho do povo, o pernambucano que tanto honrou-nos, fulminando das alturas do seu merecimento os pygmeus da politica, que um dia, abusando da sua longanimidade e da sua insciencia das tricas da politica, quizeram reduzi-lo a proporções inferiores ás d'elles!

A si poderia applicar Feitosa as seguintes pala-

vras de J. Favre, ao ser recebido na academia franceza :

“ E’ o fôro a verdadeira origem das honras que recebo ; esse fôro que me é tão charo, no seio do qual se ha escoado a minha vida, por entre rudes labores e doces affeições. Elle foi a escola da minha mocidade, como é o bordão da minha idade madura, como será a dignidade dos dias que ainda me restam. A independencia, o desinteresse, a coragem civica são suas regras elementares. Procurei sempre não ser de todo refractario a essas regras ; e, em outro theatro, a lembrança d’ellas me tem bastado para fazer o meu dever. ”

E ainda, com relação ás letras, para que os homens chamados *serios* não desdenhem as glorias de litterato a que tem direito o nosso consocio, citarei palavras do mesmo jurisconsulto :

“ Parecia-me que, entrando no fôro, eu não abandonava inteiramente o dominio das letras. O culto d’estas ha sempre encontrado no fôro fervorosos adeptos ; e d’isto ha n’este recinto (na academia franceza) o mais eloquente testemunho. ”

A paixão da eloquencia, que já vos disse dominar o Dr. Feitosa, por si só demonstra os dotes do seu espirito. Não achareis jámais em espiritos vulgares, em intelligencias tardias e rotineiras, essa centelha, essa *divindade* de que fallava Mirabeau.

E o nosso consocio tinha o dom da eloquencia judiciaria, como a entende E. Paignon : a eloquencia cujo fim principal é — mostrar o que é verdadeiro, dirigindo-se principalmente ao juizo, á razão.

Eloquencia e litteratura, dous ramos da mesma arvore ; assim o entendia o grande Camus, que não pôde ser suspeito de trivialidade pelos nossos *homens serios*.

E o nosso consocio foi litterato, porque tinha paixão pela eloquencia ; foi eloquente, porque sabia alçar os vôos do verdadeiro litterato.

E' tempo de concluir, Senhores, que a vossa attenção foi hoje posta na mais cruel das provas.

Philosopho, juriconsulto, litterato, advogado distinctissimo no gabinete e na tribuna, principe dos jornalistas politicos do norte do imperio, como reconheceram até adversarios seus. . . . já vêdes que me não chegaria o tempo, ainda que me chegassem as forças, para tão difficeis e extensos desenhos.

E qual foi a ultima quadra da vida d'esse homem ?

“ O advogado é o homem de todos os tempos e de todos os lugares, o protector de todos os infortunios, o defensor nato de todos os cidadãos. . . . A liberdade que elle reclama, e de que usa, é a liderdade de todos, pois em proveito de todos é exercida. ”
(DUPIN).

Predominava no Dr. Feitosa a paixão pelo fôro. A independencia inherente á profissão, a liberdade que é o seu principal condimento, apontaram-lhe a bandeira politica, sob a qual alistou-se, e por honra da qual batalhou tanto, que por fim já maravilhava — a tempera das armas e a força do braço.

Um dia pareceu resurgir a aurora da liberdade no Brasil. . . . O Dr. Feitosa acreditou, muitos como elle acreditaram. . . .

Esta cidade viu embarcar para a côrte o deputado Feitosa, ao estrepito, ao mais alegre alarido de ovações de despedida : o povo honrou no seu illustre irmão o triumpho esplendido do merecimento pessoal, fazendo-se valer por si só.

Era o merecido galardão da mais nobre dedicação pela mais nobre das causas — a causa da liberdade, que é a causa do futuro, que é a causa do Christo !

Quem diria então, que dentro em pouco deveriam ter applicação a Feitosa as palavras de fina ironia e elevado atticismo, que acaba d'escrever o Sr. senador Octaviano : — Feliz aquelle, que teve a prudencia de jámais sacrificar-se por causa alguma nobre !

O nosso consocio, em sua volta da côrte, foi friamente recebido, como quem não havia correspondido ás amplas esperanças n'elle depositadas!

Onde não imperavam largas idéas de patria e liberdade, onde se enthronisava o calculo do sophisma e das rasteiras ambições, era preciso impor silencio ao altivo filho do povo, que suppunha um dever, na tribuna parlamentar como na forense, a franca enunciação do pensamento em procura da verdade. . . .

Valeram-se da sua inexperiencia parlamentar, e procuraram asphyxia-lo!

Aquelle grande espirito vacillou com o inesperado golpe; e, aos poucos retrahindo-se, procurou visivelmente as solidões do gabinete d'advogado, recusando francamente, em nome da liberdade, um lugar na deputação pernambucana.

Dava costas ao combate? — Acredito que não. Era muito nobremente ambicioso aquelle espirito, para que tal fizesse!

Com as lições da experiencia politica (amarga experiencia!) elle ia procurar no estudo e na meditação *armas adaptadas ao combate da nossa politica*; sem perder de vista a recta da liberdade, ia perscrutar os segredos das curvas machiavelicas da politica do Brasil, reparando ao mesmo tempo os estragos domesticos causados por sua devotação á infeliz causa liberal brasileira.

Deus não quiz! Arrebatou-o n'essa phase nova e difficil de sua trabalhosa vida!

Mas, assim como as manchas do sol não lhe empanam o brilho, Feitosa, a pesar de tudo, será para as futuras gerações pernambucanas o symbolo illustre da força do talento e do estudo; o mais nobre exemplo, legado aos filhos do povo, do prestigio do merecimento pessoal.

O seu funeral disse o que elle foi para a actual, o que será para as futuras gerações.

Quando um homem reune em torno do seu fetro as multidões, sem que as tubas officiaes as convo-

quem, e attrahidas só pelo santo desejo de render um espontaneo testemunho d'estima, respeito e saudade, vai n'isso um diploma mais valioso, do que quantos possam dar os reis !

A mesma admiração e respeito que cercaram em vida o filho do povo, acompanharam-n'o á tumba.

Era o povo pernambucano levando o pernambucano illustre ao templo da nossa gloriosa historia !

.....*

Vou concluir, Senhores.

Não só o corpo está fatigado ; tambem o espirito está enfraquecido, por estas tristes recordações dos que hontem eram connosco, e hoje são na eternidade.

D'hoje a um anno, o que será ?

Lugubre incerteza, pavorosa incognita, ante a qual só não ficam plenamente fulminados, os que têm a felicidade de adorar com todas as forças d'alma a soberana vontade de Deus !

Drummond ! Vera Cruz ! Feitosa !

Um, debruçado ha muito á beira do tumulo, já acompanhado constantemente pela idéa do termo da viagem !

Outro, embora minado pela enfermidade, ainda com legitimas esperanças de longos annos de vida !

O outro, o chorado Orador d'este Instituto, o nosso illustrado e eloquente companheiro e amigo, derrubado de subito como o cedro robusto, que parecia zombar dos furacões, e tombou ao golpe instantaneo do raio !

* Com receio de faltar-me o espaço, supprimo aqui a parte respectiva ao barão de Vera-Cruz e ao major Salvador Coelho Drummond d'Albuquerque. Este discurso já teve duas edições : uma na *Opinião Nacional*, e outra na *Revista* do Instituto. (*Nota da presente edição*).

O que nos resta fazer por aquelles, cuja ausencia perpetua deploramos ?

A vida é uma viagem, que leva necessariamente ao porto da morte !

Para os mortos, ainda os mais illustres, os vivos só têm — uma lagrima e uma oração !

O que nos resta fazer por aquelles, que seguiram um caminho que nos espera ?

Rogar a Deus, que na balança da sua eterna justiça pése a favor d'elles o amor á verdade — á verdade, filha de Deus, conforme acaba de escrever o venerando velho do Capitolio :

Diligite veritatem, filiam Dei.

NO INSTITUTO ARCHEOLOGICO E GEOGRAPHICO PERNAMBUCANO,
AOS 27 DE JANEIRO DE 1870

Meus Senhores,

Depois dos lampejos d'eloquencia dos que sabem fallar como não sei, depois da voz ungida do nosso venerando presidente e das phrases moduladas do nosso erudito secretario perpetuo, depois da officiosidade ineffavel com que a mulher, esse artifice sempre o mais inspirado das grandezas humanas, compareceu em nossa festa desatando cadeias da escravidão, cadeias que mais deshonram os *criminosos livres* do que os *innocentes escravos*, * chego eu, servo que devo ser da nossa regra, para fallar-vos dos que já passaram na terra, para despertar saudades e levantar sudarios...

Exalta-se-me o coração, referve-me o sangue, ao respirar as auras liberaes e patrioticas d'este recinto...

* Referia-me á Sra. D. Angela Maria de Luna, a qual, em honra ao dia, libertou quatro escravos, remetendo as cartas ao Instituto, para ahi serem entregues aos libertos.

e devo passar em silencio ante esses symbolos e quadros venerandos, e devo cobrir-me de luto, e devo empanar os risos d'esta festa!

E' justiça, porém. Seriamos uns pobres corações, se hoje esquecessemos aquelles, que hontem diziam connosco: — Somos dos poucos do Instituto, dos poucos que ainda crêem na força da idéa, no culto da patria, no amor da humanidade!

Desculpai-me a digressão prévia, supponde que nada vos disse, e attendei-me por momentos.

Dolorosa tarefa, Senhores, a que me impõe o art. 28 dos nossos estatutos! — Commemorar aquelles, cujos nomes foram pela mão da morte riscados do quadro dos nossos consocios, e escriptos nas listas pavorosas da tremendissima eternidade!

Ha um anno, Senhores, era o amigo, o mestre, o chefe nas lutas pernambucanas da liberdade, o animador dos moços, o espirito entusiasta — era Feitosa!

Hoje é Luiz Rodrigues d'Albuquerque, o companheiro respeitado e estimado de todo o meu tirocinio academico em Olinda! Albuquerque, que tantas vezes me ouviu com benevolencia, e me animou nas pugnas escolasticas!

E isto quando ha um anno quando entre uma e outra data

Não concludo, Senhores. A alma está a quebrar-se-me nas contorsões de uma immensa dor, pelo espinho da recordação que me suscita o dia d'hoje no anno antecedente. Como se o meu coração devesse receber setta sobre setta Como se devesse acompanhar-me incessantemente, de algum tempo a esta parte, o espectro da morte, porque tambem eu *

* A dedicatoria d'este livro explica as reticencias tão dolorosas para mim. (*Nota da presente edição*).

Desculpai-me, Senhores. Vou cumprir o meu dever.

Luiz Rodrigues d'Albuquerque, filho legitimo de Manoel Rodrigues Cavalcanti d'Albuquerque, nasceu em Campina, na Parahiba do Norte, aos 13 de Março de 1824.

O amor ao estudo, alliado a uma natural mansidão, fez crer aos seus progenitores uma decidida vocação do moço para o sacerdocio; e por ventura o joven Albuquerque acreditava então elle proprio, e firmemente, n'essa vocação.

No intuito d'abraçar a vida sacerdotal, veio continuar seus estudos em Olinda.

Depois, o coração disse-lhe sua palavra decisiva, e em 1848, quando já cursava a Academia d'Olinda, casou-se com D. Anna Josepha d'Abuquerque.

Em 1851, sempre respeitado e estimado por mestres e collegas, recebeu o gráo de bacharel: fechámos a historia da Academia Juridica d'Olinda no mosteiro de S. Bento.

Retirado á sua provincia natal recebeu a nomeação de juiz municipal e d'orphãos dos termos reunidos de S. José, Goianninha e Flôr, no Rio Grande do Norte.

Ahi não foi só o magistrado, que, com seu espirito esclarecido e justiceiro, conquistou a veneração de todos; tambem o filho do Evangelho imperou nos corações, diademado pela caridade: seus relevantes serviços, por occasião do flagello do cholera, lhe valeram as bençãos de todos, premio infinitamente mais precioso do que o habito da Rosa, com que foi agraciado pelo governo imperial.

Findo o seu quatriennio, acceitou a cadeira de geometria na Atheneu do Rio Grande do Norte, para cuja regencia foi nomeado aos 5 de Maio de 1860; e

deixou traços paternaes de sua passagem perante a mocidade estudiosa d'aquella provincia.

O Rio Grande não commetteu o crime de recusar as devidas honras a um tal character. O Dr. Luiz Rodrigues d'Albuquerque por duas vezes fez parte da assembléa legislativa d'essa provincia, e pagou a sua divida zelando, como quem era, o seu mandato.

No imperio, até hoje sempre ephemero entre nós, das idéas a cuja bandeira abraçou-se desde a sua mocidade, as idéas liberaes, o Dr. Albuquerque foi nomeado secretario da provincia do Rio Grande do Norte, por carta de 28 de Maio de 1864.

Dotado de convicções ao mesmo tempo enthu-siasticas e modestas, porque eram profundamente sinceras, o Dr. Albuquerque, ainda como politico, viu que lhe não faltava a justiça do circulo em que vivia: a sua posição no partido liberal do Rio Grande do Norte foi eminente, e mais d'uma vez seus collegas de direcção entregaram-lhe os destinos do partido, rendendo assim preito ás suas luzes e dedicação.

Como advogado o Dr. Luiz Rodrigues d'Albuquerque symbolisou a dignidade da profissão, respeitando sempre a santidade da justiça, a santidade da propria consciencia.

Nosso consocio, desde 1865, o Dr. Albuquerque não teve oportunidade de prestar-nos algum serviço relevante; deviamos, porém, ter todos a certeza de que elle não nos faltaria na occasião.

No 1.º de Outubro de 1869 finou-se uma vida preciosa á humanidade, á patria e á familia.

Chorado de todos, falleceu o nosso modesto e valioso consocio nos braços de sua carinhosa esposa, abençoando cinco filhinhos, aos quaes deixava por unica riqueza o nome immaculado de seu pai (grande riqueza aos olhos de Deus!), depois de fortificado com os balsamos da nossa religião.

Não lhe valeram soluços d'esposa, prantos d'inocentes filhos, cuidados incessantes d'amigos, zelo estremecido d'um illustrado medico. . . . Era a von-

tade de Deus, devia partir Ante os decretos do Altissimo só os protestos das lagrimas, protestos que não excluem a plena submissão. David e Job obedeciam e choravam ! A virgem chorava ao pé da Cruz, e *stabat* !

Eis, Senhores, em ligeiros traços uma vida ao mesmo tempo sublime e modesta.

Se, como eu, todos vós conhecesseis esse typo de dignidade humilde, de mansidão ativa, d'illustração despretençiosa — typo que nunca abunda, e principalmente em uma sociedade d'ouropéis e lentejoulas, como vai sendo a nossa, todos vós deplorarieis, como eu, que de tal vida se não fizésse um quadro acabado.

Não só a aptidão ; faltou-me tambem o tempo, e faltou-me tambem o animo.

Não poderia eu agora transitar por esses solitarios corredores e vastos salões de S. Bento, para vos mostrar ali nos bancos escolares o nosso consocio, já demonstrando plenamente o que devia ser, o que foi.

Tenho o espirito de tal sorte combatido por emoções pungentes, que á simples recordação de um passado de alegrias e crenças, que supponho para sempre desvanecidas, a mão se me entorpece, a intelligencia se me empana !

Doce companheiro das lidas da mocidade, descança em paz !

Se morreste ignorado de muitos, has de ser sempre lembrado dos poucos, que presam de coração a solida virtude — sempre modesta, e despresam sobre-

ranamente os hypocritas, que, como falla Juvenal, ostentam a austeridade dos Curios, e vivem como as bacchantes: *Qui Curios simulant et bacchanalia vivunt!*

Tiveste a virtude da acção, e n'isto consiste a immarcessivel corôa, como já pensava Cicero: *Virtutis enim laus in actione consistit!*

De que servem glorias, que não fallam á alma dos que ficam? Das de Annibal, fugitivo e afinal morto sem gloria, escreveu o rei das satyras da antiguidade: — “Vai, insensato, transpõe os Alpes, para seres um dia divertimento dos meninos e assumpto de declamação: *et declamatio fias!*”

Descança em paz! Não foi maior do que o teu o esquife d'Alexandre em Babylonia! Só a morte confessa a nossa pequenez: *mors sola fatetur!* já o sabia Juvenal, ainda não allumiado pela sublime democracia evangelica perante a magestade de Deus!

Ainda bem, que para os esquifes os homens só têm uma medida! Todos iguaes no mundo, todos servos perante o Eterno!

E' além da morte que ha grandes e pequenos...
Deus te faça grande!

NO INSTITUTO ARCHEOLOGICO E GEOGRAPHICO PERNAMBUCANO,
AOS 27 DE JANEIRO DE 1871

Meus Senhores,

São decorridos mais de 200 annos.

Ao amanhecer do dia de hoje o Hollandez estremeceu de pasmo e de vergonha, o Portuguez exultava de contentamento e de gloria, e nos annaes do nosso Pernambuco escrevia-se uma pagina, que a mão gastadora do tempo não ha de apagar nunca !

Tinha sido assignada a capitulação.

Vieira vinha na vanguarda, á frente de 1,500 homens, a tomar posse da fortaleza das Cinco-Pontas, da cidade de Mauricéa, e do Recife.

Desarmados os soldados hollandezes da fortaleza, e guarnecida esta pelos restauradores, Vieira marchou pela planicie hoje occupada pelas ruas do Terço, Floriano e S. José, e mandou intimar ao commandante de Mauricéa, que viesse, na fórma da capitulação, entregar a sua gente para ser desarmada.

Depois, e passando por ventura bem perto do lugar em que estamos, Vieira transpoz a ponte do Recife, e, dirigindo-se á praça que é hoje rua da Cruz, recebeu 73 chaves, fez occupações e actos de posse, e tudo estava consummado para o Hollandez! *

Que epopéa! Quanto ha ainda a dizer do heroismo pernambucano! Que vasto campo para o historiadór philosopho, e para o politico de sciencia e consciencia!

E eu, que poderia pedir, mesmo fraco tal qual sou, ao meu amor por esta terra, que já foi tão grande, algumas inspirações não de todo indignas do dia de hoje, sou forçado pela nossa regra a empanar os risos d'esta festa, a levantar duas lousas!

Vou cumprir o dever para com os mortos.

Antes, porém, faço um protesto á face dos vivos contra o esmorecimento (não quero dar aqui outro nome), contra o esmorecimento que lavra pelos peitos pernambucanos.

— Porque não tornaremos a ser, o que já tão gloriosamente fomos? Os povos não são como os individuos: se perdem um dia o pudor, hão de recobralo mais cedo ou mais tarde, salvo se a Providencia destinou, que elles desaparecessem amortalhados em suas tradições. . . .

Transita por entre nós, meio ignorado, mal apreciado, um joven poeta pernambucano, talento fogoso, inspiração elevadissima — poeta que me parece predestinado a ser o vingador do nosso glorioso passado, o despertador do nosso esperançoso futuro, o juiz inexoravel que applica o ferro candente do desprezo á frente d'este nosso vergonhoso presente. . . . †

Repetirei alguns dos seus versos, inspirados pelo mais elevado patriotismo:

“ Não sei que maldição, que negra sina

“ Tanto anegra, meu ninho, o teu futuro! ”

* Vid. *Mem. hist.* de Gama.

† V. Palhares.

E ainda, por completar o protesto.

Olhai. . . Os espectros de duas datas (1817 e 1848) passam conversando, em horas mortas da noite, pela athmosphera pernambucana.

Ouçamo-los :

“ Tudo progrede! — Não a patria nossa !

“ Tudo caminha! — E o nosso berço afunda !

“ O sol do sec'lo, que a razão fecunda,

“ Sobre esta terra só não tem acção !

“ — Mal haja aquelle que te corta as azas !

“ — Mal haja aquelle que te fez escrava !

“ — Vi-a tão rica! — E eu a vi tão brava! —

“ E os dous espectros conversando vão ! ”

Agora, Senhores, vou ter com os mortos, que, se fallassem, talvez me prohibissem perturbar-lhes o somno, para occupar com elles a turba indifferente d'estes vivos de hoje. . . .

D. Francisco Cardoso Ayres, e o Dr. Braz Florentino Henriques de Souza — eis os nomes, eis as illustrações que devo hoje commemorar.

Não sou, nem serei nunca d'esses biographoslouvaminheiros, que deshonram a si e aos seus heróes, vivos ou mortos. Deve-se a verdade sempre. O *parce sepultis* não póde ser o nivel da mentira sobre as lousas de sepultura. Falle-se mais do brilho que das manchas do sol, silencio mesmo a respeito d'estas ; mas, não se diga que o sol não tem manchas. . . .

Estou com o douto Balmès : nem louvar sempre, o que é prova de falta de criterio ou falta de dignidade ; nem sempre censurar, o que é prova de imbecilidade ou de inveja.

— Deve-se a verdade aos mortos como aos vivos, no elogio como na critica — disse o probo Cormenin.

Sobre D. Francisco Cardoso Ayres, dizer muito ou muito pouco; e o tempo falta-me para dizer muito.

Sobre o Dr. Braz Florentino, careço de quasquer apontamentos, tendo-os sollicitado muito a tempo, e com instancia, de quem mui amplos poderia fornecer-m'os.

Perdoai-me, eu vo-lo peço sem affectação: sei que vou ficar muito abaixo do lugar, da occasião e do assumpto; mas acreditai-me, não é culpa minha, se não dou ao menos todo o pouco que poderia dar.

Fallecem-me, n'esta quadra, não só as forças do corpo, mas tambem as do animo.

D. Francisco Cardoso Ayres nasceu aos 18 de Dezembro de 1821, na freguezia de S. Fr. Pedro Gonçalves, d'esta cidade.

Foram seus pais: o portuguez João Cardoso Ayres, e a pernambucana D. Maria Cardoso Vivas.

Cardoso Ayres foi um menino timido, reservado e melancholico.

Em 1833 seguiu para Lisboa, onde por quatro annos estudou humanidades com aproveitamento.

De volta a Pernambuco em 1837 continuou os seus estudos; e d'esta quadra posso fallar por mim, que fui um dos seus condiscipulos, mutuamente estimando-nos, convivendo diariamente nas aulas e fóra d'ellas, e fraternizando em uma modesta sociedade litteraria, da qual era elle o presidente e eu o secretario.

Com toda a verdade disse um seu eloquente biographo: — “ Cardoso Ayres, ao mesmo tempo que se mostrava aproveitado nos estudos, primava pelos habitos de um piedoso recolhimento. Elle não conheceu os perigos dourados da mocidade, as attracções voluptuarias das paixões ardentes, as tristes seducções da adolescencia. ”

Aos 25 annos Cardoso fallou em ir fazer estudos canonicos na Italia, e partiu em 1846.

Lembra-me, e a imaginação pinta-me o quadro.

Era uma tarde. Estavamos, como quasi todos os dias, nos bancos do caes chamado então do Collegio, que tinha as honras de passeio publico: elle, eu e outros collegas de Lyceu *. Fallava-se da sua viagem, e eu lhe dizia, e todos diziam comigo: — Lá ficarás. — Serás padre, diziam uns. — Serás frade, diziam outros. Eu acompanhava estes ultimos porque tudo em Cardoso Ayres me annunciava o homem feito para obedecer á regra. Elle dizia que não, que voltaria a fazer o curso de Direito, que não abandonaria patria, familia e amigos. . . . e tudo abandonou! A indole venceu tudo.

Partiu em 1846; e em 1850, depois de alguns estudos, concluiu no Piemonte o noviciado do *Instituto de Caridade* do abbade Rosmini, passando immediatamente para a casa central da ordem na Inglaterra.

Aos 5 de Junho de 1852 recebeu ordem de presbytero, e cinco dias depois celebrou a sua primeira missa.

A sua exemplar conducta elevou-o nos grãos de sua ordem; e no silencio de seu ascetismo foi busca-lo em 1867 a nomeação de bispo d'esta diocese. Quiz timidamente resistir, e timidamente obedeceu aos superiores ecclesiasticos: a timidez ascetica era o fundo do seu character, character muito improprio para o episcopado de hoje, quando a igreja precisa tanto da firmeza de um Bartholomeu dos Martyres, da decisão de um Carlos Borromeu, da fortaleza esclarecida de tantos pios varões, passados e presentes, que souberam e sabem encarar o seculo, que não sonharam, e não sonham, fazer da humanidade um aggregado de conventos

* Quintino José de Miranda, Manoel Antonio Viegas Junior, Ernesto d'Aquino Fonseca, Francisco d'Araujo Barros, Coriolano Silverio do Amaral, Camillo Verissimo dos Anjos, e algum outro.

— sonho que o proprio Christo condemnou, pagando o tributo a Cesar, que era então a personificação do seculo.

Preconisado em consistorio de 20 de Dezembro de 1867, Cardoso Ayres foi sagrado em Roma a 15 de Março do anno seguinte.

Chegou a esta cidade em Junho de 1868; e como governou a diocese, todos vós sabeis: não posso minuciar esse governo.

Tendo ido tomar assento no concilio do Vaticano, em Roma, deu a alma ao Creador no dia 14 de Maio de 1870.

Eis em largos traços, Senhores, a peregrinação terrena de D. Francisco Cardoso Ayres.

Segundo um bispo seu biographo, e outro que na biographia vem citado — teve uma vida santa, e uma morte preciosa.

Veneravel foi o padre. . . . Veneravel foi o homem. . . .

Eis de sobra para honrar o nosso illustre consocio e comprovinciano.

E o bispo?

Senhores, já vo-lo disse: entendo o *parce sepultis* sob certas condições de dignidade, para os mortos como para os vivos. . . . Se não sacrifico a falsos pundonores de uma bastarda coherencia, e recuo de cabeça erguida, quando me convenço do erro das minhas concepções e apreciações, é tambem com a cabeça erguida que mantenho as minhas affirmações, seja nos cemiterios, seja nas praças publicas, seja nas academias, seja nas viagens procellosas da imprensa, uma vez que me assista a convicção da sua verdade. . . .

O instituto mandou-me á presença do bispo D. Francisco em Setembro de 1868; e eu que, como todos, via n'elle um thesouro de esperanças, ousei apontar-lhe, por entre os véos de uma muito devida cortezia, o caminho a seguir, á vista do nosso thermometro religioso:

“ Sois o pastor de que precisava a diocese: *livre das exagerações de Agostinho, tendes a piedade de Ambrosio.*

“ A doutrina sagrada achará em vós, Sr. bispo, o mestre de que precisavamos, *no estado mixto em que nos achamos*: INDIFFERENÇA ABSOLUTA EM UNS, ARDOR EXAGERADO EM OUTROS.

“ A doutrina catholica, como diz um grande pregador, tem dupla fórma: a fórma da sciencia e a fórma da fé. *Não é sciencia absoluta, nem fé pura e simples*: — vê e não vê, demonstra e submete-se; é luz e sombra, como a nuvem milagrosa que alumiaava os filhos d’Israel, e cegava os seus inimigos. ” *

Como se houve o illustre e virtuoso bispo, na sua curta viagem, por entre as syrtes do indifferntismo, filho da ignorancia ou da perversidade, e do ardor exagerado, filho da hypocrisia, que é a mais damnosa das perversidades; ou do espirito de um apaixonado proselytismo, que é o mais funesto fructo da ignorancia? . . .

Não posso nem quereria responder, embora o homem e o padre nada perdessem dos. titulos á profunda veneração, que lhe votamos. . . .

Eis o que escrevi, ao chegar-nos a triste noticia do fallecimento do nosso bispo:

“ Falleceu em Roma o Exm. bispo d’esta diocese, D. Francisco Cardoso Ayres.

“ Altos juizos de Deus, que lhe não concedeu mais longa carreira pastoral!

“ O Senhor o tenha em sua paz!

“ Se nem sempre *pertransiit benefaciendo*, é que isto só foi dado ao Christo. . . . Que o Supremo Juiz dos pastores e das ovelhas, dos grandes e dos pequenos, dos baptisados e dos pagãos, não lhe ache peso na concha esquerda da balança!

* Discurso como Orador do Instituto, aos 22 de Setembro de 1868, fazendo entrega do diploma de socio honorario do mesmo Instituto.

“ A nossa humilde oração junto ao tumulo do bispo, para que Deus o recolha em seu seio.

“ Para lá do tumulo, tudo é mysterio, entre a alma que vai, e Deus que a espera no seu tribunal.

“ Aos que ficam só cumpre — ajoelhar e orar. ” *
Mantenho quanto escrevi.

Porque arrear a minha bandeira, se cada dia mais se me fortalece a convicção, de que a causa da liberdade é a causa da religião e do estado, é a causa do céo e da terra ?

Ainda em vida de D. Francisco Cardoso Ayres, fazendo ponto em uma discussão que entendia com acto seu, escrevi :

“ Tomamos o compromisso de acudir, sempre que seja preciso, á demonstração da perfeita compatibilidade entre a idéa liberal e a idéa catholica : a nossa consciencia de fiel catholico, e a nossa razão de liberal decidido em todas as relações, aspectos e direcções da actividade humana, em quanto respeitada a lei da coexistencia social — a nossa consciencia e a nossa razão dictam-nos este dever.

“ O direito com que *certos* catholicos acodem para que não passe que — catholicismo é synonymo de absolutismo, é o direito com que acudiremos sempre, para que não passe que — liberalismo é synonymo de impiedade. ” †

.....
.....
Bem vêdes, Senhores, como era difficil a tarefa ! Como o dever de occupar esta cadeira me ha torturado, fazendo-me talvez dizer, ora demais, ora de menos !

Deixando á perspicacia dos que me ouvem o completar o meu pensamento, que não devo externar de todo, fico tranquillo : não faltei aos direitos do nosso consocio, que por certo não são superiores aos direitos

* *Opinião Nacional*, n. 133, de 14 de Junho de 1870.

† *Opinião Nacional*, n. 97, de 7 de Julho de 1869.

da verdade, e ao mesmo tempo fui fiel á divisa de uma santa bandeira.

Rematarei esta parte do meu encargo com as seguintes palavras do Sr. Guizot, nas suas *Meditações christãs*. . . . do Sr. Guizot, tanto em voga hoje nas citações de escriptores, que se proclamam catholicos genuinos :

“ O christianismo tem necessidade da liberdade, como a liberdade tem necessidade do christianismo. Em quanto o governo da igreja não comprehender e cumprir a obra da conciliação, os amigos da liberdade terão motivo e razão de guardar para com esse governo uma vigilante reserva, em nome dos principios liberaes e moraes que elle desconhece e nega. ”

O Dr. Braz Florentino Henriques de Souza, natural da Parahiba, lente da Faculdade de Direito do Recife, falleceu aos 29 de Março de 1870, contando cerca de 46 annos de idade, em S. Luiz, capital da provincia do Maranhão, onde se achava como presidente.

Ao chegar aqui a noticia de sua morte escrevi :

“ Falleceu na capital do Maranhão o presidente Dr. Braz Florentino Henriques de Souza, lente cathedratico da Faculdade de Direito do Recife.

“ O paiz e a sciencia soffreram uma perda sensivel.

“ Podemos dize-lo hoje, que sempre o dissemos em vida do illustre collega : as suas qualidades de pai de familia, e as suas aptidões scientificas, sempre foram por nós proclamadas. Reputavamo-lo dos melhores lentes, e talvez no futuro o melhor lente da Faculdade de Direito. Isto sem embargo das nossas dissidencias francamente enunciadas em muitos pontos scientificos.

“ Os nossos pontos de partida e de mira, sob o ponto de vista social, eram diferentes; viamos, porém, n'elle o mais logico e temivel apostolo das doutrinas autoritarias na sciencia do Direito. N'este terreno era o adversario, que mais gigantesco nos parecia; e, quando mesmo não abundassem outras razões, por esta lhe votámos sempre respeitosa estima.

“ E' com toda a sinceridade, que depositamos o tributo da nossa saudade. ” *

Foi a expressão de minha consciencia.

Partindo do mesmo ponto — Deus, mirando a mesma estrella — a vida ulterior da qual a presente é transito, nós tínhamos bussolas e seguíamos caminhos diferentes, sob a relação philosophico-social; e n'este sentido podia eu dizer, como disse, que os pontos de partida e de mira eram diferentes.

Elle como que pretendia arregimentar na terra a humanidade sob a mão do homem, como um dia ella será arregimentada no mundo ulterior sob a mão de Deus.

Eu, collocando o homem á face do homem, ambos pó, queria e quero, sem excluir a autoridade, arvorar o pendão da liberdade, de sorte que o homem tenha o mais possivel uma área sua, onde se erga com o signo da sua individualidade, da sua responsabilidade pessoal, que é o signo por Deus gravado no ser humano.

A nossa luta havia de ser perpetua. Nunca, porém, desconheci no illustre adversario a grande aptidão intellectual, a assombrosa tenacidade do estudo, a grande riqueza d'illustração.

A luta havia de ser perpetua, disse eu . . . Quem sabe? — “ Em Olinda fui gallicano, dizia-me o Dr. Braz, e dispuz dos muitos livros, que me ensinaram a sê-lo. ”

— Quem sabe, onde e para onde leva-lo-hiam afinal a observação e o estudo?

* *Opinião Nacional*, n. 128, de 21 de Abril de 1870.

Eu, pelo contrario. Elle estudou e fez-se ultramontano; e o ultramontanismo é despota — invade familia, cidade, nação, humanidade. Eu estudei, e fiz-me liberal; e quero, discutindo e convencendo, não impondo, entrar com a minha bandeira por toda a parte. . . .

Penso, com um grave pensador, * que — a liberdade é mãe do commercio, mãe da riqueza, mãe de todas as virtudes.

Como quer que seja, eu, que respeito todas as convicções sinceras, como não respeitaria a do nosso illustre consocio, que eu sabia sincera e muito esclarecida?

Pagarei uma divida á sua memoria: ao respeito que me infundiam as suas luzes, devo parte do esforço na reflexão e no estudo; porque duvidava de mim, quando olhava para elle, e attribuia á minha ignorancia a nossa discordancia.

Entretanto, devo dizer-vos: tenho estudado e reflectido até hoje, tanto quanto posso, e estou mais firme nas minhas conclusões liberaes. Talvez falle em mim ainda a ignorancia; mas, tenho feito todo o esforço para sahir d'ella.

Impugnam-me a liberdade politica, e eu sinto (para isto não preciso de livros), que o homem não foi feito para servo nem vassallo de outro homem.

Impugnam-me a liberdade religiosa, e eu leio na *Apologetica* de Tertuliano: — “ Sentido! E' grande impiedade tirar aos homens a liberdade religiosa, não permittir a cada um adorar o Deus da sua escolha, e constranger quem quer que seja a adorar uma divindade, que não quer adorar. . . . E' de uma clamorosa injustiça forçar um homem a sacrificar; porquanto, sem entrar em outras considerações, o serviço da divindade exige assentimento voluntario e livre. ”

* Sir James Mackintosh.

Andam a brigar com os protestantes pela propagação das biblias, fazem questão contra a leitura do texto nú da Escriptura Sagrada, e eu leio n'um discurso de S. João Chrysostomo : — “ Posto que se não entenda o sentido occulto, a leitura da Biblia contribue muito para a santificação. Aliás, é impossivel que se fique na ignorancia de tudo absolutamente ; pois que, por uma graça especial, o Espirito Santo mandou escrever esses livros por publicanos, pescadores, pastores — todos homens simples e sem instrucção, para que os mais ignorantes não possam allegar por escusa uma pretensa difficuldade. *Todas as partes essenciaes estão ao alcance de todos os fiéis*, de sorte que o obreiro, o servo, a viuva, e todos os homens baldos d'instrução, podem tirar proveito, lendo ou ouvindo ler os livros sagrados. ”

Querem muita vez impor-nos silencio com a autoridade veneravel dos Santos Padres, e eu leio, em autor que fundamenta as suas asseverações, que S. Thomaz foi admittido em classes theologicas, *em quanto não apparecia cousa melhor* ; que os jesuitas Roberti, Vasquez, Molina e Annat prodigalisavam apodos a S. Agostinho, qualificando de *muito rustica* a sua theologia, dizendo que muito miseravel seria a Igreja, se fosse obrigada a seguir S. Agostinho, e fazendo votos para livra-la de sua tutela.

Vejo finalmente, que tudo vai sendo Deus, menos Deus, pois que um padre vai pregar em Londres, que se não pôde ser christão sem prestar cultos á Santa Virgem e ao *Papa*, pois que a Mãe de Jesus Christo e o *seu vigario* fazem parte do seu Evangelho. *

.....
Perdoai-me esta e todas as digressões. Far-mo-heis a justiça, de que não tive em mira fallar de mim. Devia occupar-me de dous homens, dos quaes me se-

* O P. Faber, cujo livro foi traduzido em francez, em 1860, com o titulo seguinte, bem expressivo: *Devoção ao Papa*.

paravam profundamente os meus modos de ver a sciencia, e a idéa religiosa como viajante pela humanidade. Foi honrar a sua memoria demorar-me na justificação da dissidencia, que ainda mantenho; e com esta franqueza quiz mais autorisar os louvores e os protestos de respeito, que aqui lhes dedico.

Foi isto e só isto. Deus sabe, que não ha uma gota de fel no meu coração contra um vivo, quanto mais contra um morto! Quando o contrario parecer, é que arreбата-me o amor á verdade e á justiça, taes como posso comprehender e sentir.

.....
Volto ao Dr. Braz Florentino.

Com a sua morte perdeu a sciencia, da qual era elle um brilhante ornamento; perdeu nossa irmã do norte, que justamente o contava como uma gloria; perdêmos, nós de Pernambuco, cuja Faculdade elle honrava em todos os sentidos; e perdêmos, nós do Instituto, ao qual elle com o seu nome dava lustre.

Nos vortices de uma politica sem nome, de todo antipathica a um character austero e a um espirito recto como o seu (não faço aqui distincção de partidos), elle succumbiu á indignação contra as urdiduras mesquinhas dos seus proprios alliados. Não o digo eu; di-lo o Sr. Ricardo Alves de Carvalho, noticiando no Maranhão o seu passamento.

Pobre martyr! Seccou as fontes da vida nas pyras da sciencia, n'uma terra em que a sciencia não tem curso. . . . E, já gasto pelo estudo, obrigaram-n'o a navegar pelo mar Morto da nossa politica, e as ex-halações pestilentas acabaram de mata-lo.

E a mulher e os filhos ahi ficaram, tendo por herança um nome e uma livraria!

—
Desculpai-me, Senhores; ao muito pouco que ahi fica, nada poderá accrescentar, ainda quando o pretendesse. . . .

Como soffre o meu coração n'esta dolorosa tarefa,
n'este dobrar de sinos em cada 27 de Janeiro!

Estorço-me nas afflicções do dia de hoje, consi-
dero no dia de hontem, e volto-me para o dia de
amanhã

.....
Amanhã! quem será?

NO FUNERAL DO DR. A. V. DO NASCIMENTO FEITOSA, AOS 4
D'ABRIL DE 1868

Meus Senhores,

Feitosa combateu com as suas proprias armas!

Este pensamento, de uma produção poetica cuja apreciação litteraria declino por incompetencia, é o mais conceituoso, que se podéra formular sobre o amigo, cuja perda de coração deploramos.

Combateu com as suas proprias armas!

E' dos nossos dias o principio da sua luta.

Filho do povo, atirado com o seu talento ao centro de uma sociedade que todos conhecemos, entrou de cabeça erguida e voz arrogante: sentia-se forte pelo direito do trabalho, pelo baptismo das longas vigílias na banca do estudo.

Audacia! bradaram irritados os que não admittem, que o merecimento possa dispensar o transito de certas chancellarias. . . .

Loucura! disseram com riso ironico os da raça

A' MEMORIA DE MEU PAI

O GENERAL

JOSE DA SILVA GUIMARÃES

Como tenente-coronel commandante do 9.º batalhão d'infantaria, embarcado na corveta "Parnahiba", esteve a' frente do contingente do mesmo batalhão, no memoravel combate de Riachuelo, aos 11 de Junho de 1865

" Depois que eu morrer, meu filho, faze o que te parecer ; mas, até então nada de reclamações. Da campanha do Paraguay estou contente com a consciencia do dever cumprido, com haver acabado de conhecer os homens, e alcançado da Providencia o escapar ás terriveis enfermidades, que alli me atacaram, para vir acabar os meus dias junto a ti e aos nossos. "

Em quanto não uso da triste liberdade, que me foi legada, depositarei aqui alguns documentos contra uma prolongada e cobarde maledicencia, documentos que possuo authenticados, e que já foram publicados nas folhas d'esta cidade. São firmados por dignos officiaes, promovidos e condecorados, a pezar de conselhos de guerra.

E meu Pai, que não foi mandado a conselho de guerra depois do combate de Riachuelo, e sim ao commando de uma brigada, com a qual transpoz o Passo da Patria, ficou em perpetuo esquecimento!! Chego a pensar, que n'esta terra, invertida a marcha da solidariedade traçada pelas leis divinas c

naturaes, pagam os pais pelos filhos!... Devo lembrar, que um dos documentos é firmado pelo escrivão da "Parnahiba", o Sr. José Corrêa da Silva, sobre cujo heroismo nunca pairaram duvidas.

Parte do commandante da "Parnahiba" — O contingente do 9.º batalhão, sob o immediato commando do muito distincto tenente-coronel José da Silva Guimarães, portou-se como era d'esperar de soldados brasileiros. Enthusiasmo no acto da abordagem, valor e esforço denodado na luta travada braço a braço com o inimigo, excedem ao melhor elogio.

Do immediato da corveta — Que por varias vezes, no dia 11 de Junho, vi V. S. na tolda da canhoneira, quer antes, quer depois de forçado o passo de Riachuelo. Que a 1.^a e a 6.^a companhias do 9.º batalhão, que formavam as divisões de abordagem da tolda e convés d'este navio, se achavam nos seus respectivos lugares, desde que se avistou o inimigo. Que na occasião em que o Taquary conseguiu lançar um golpe de gente na tolda da "Parnahiba", a 2.^a divisão de abordagem, já desfalcada, não poudé resistir; o que obrigou algumas praças, que escaparam, a refugiarem-se na praça d'armas; sendo que n'essa occasião observei, que V. S. defendeu a escotilha da praça d'armas com um revolver em punho, obstando a que os paraguayos se lançassem sobre nós, o que teriam realisado, se lhes não oppozéssemos tão séria resistencia.

Do escrivão — Que, depois de ser abordada a "Parnahiba" no dia 11 de Junho, e quando o inimigo já tinha tomado conta da tolda, vi V. S. ajudar a defeza da escotilha da praça d'armas, fazendo tiros com o seu revolver, impedindo assim a descida dos paraguayos, o que teriam logrado, se não fosse a resistencia tão decidida, que encontraram na referida escotilha.

Do commissario — Que, durante a passagem da esquadra paraguaya no dia 11 de Junho, vi sempre V. S. em cima da tolda, á frente do contingente do 9.º batalhão, dando todas as providencias que a occasião exigia. Que, quando do vapor Taquary saltou para a "Parnahiba" um grande numero de paraguayos, eu vi V. S. marchando á frente do seu contingente sobre elles, com intrepidez, o que contribuiu para que não continuassem a saltar os inimigos. O que tudo digo sob a minha palavra d'honra.

ADVERTENCIA

Os trabalhos colligidos n' este livro, se o não foram arbitrariamente, não se acham classificados por ordem de datas, nem rigorosamente por ordem de assumptos.

Como este poderia eu publicar tres ou quatro volumes, que para tanto chegariam os escriptos que hei dado á imprensa ----- scientificos, litterarios e politicos.

Fui lo n' isto, para que o leitor ajuzze do meu embaraço, escolhendo entre cousas insignificantes as menos insignificantes.

Até onde era possível guardar um certo nexo
entre cousas de si desconhecidas, procurei chegar.

Quanto à escolha, não cabe a mim ajuizar.

Relevem-me as faltas, que serão muitas.

Não só pelas cem occupaões que me cercam, mas principalmente pelas mil difficuldades que em Pernambuco (e acredito que em todo o Brasil) embaraçam a publicação d'um livro, descanso na benevolencia de todos.

Devo agradecer antes de tudo aos subscriptores do meu livro. Sem que me detenha na

dos modernissimos abyssinios, que só têm fé em certos sóes immaculados, em certas reputações mysteriosas, as quaes, na phrase de Balmès, são como os cadaveres que se conservam perfeitos em quanto hermeticamente encerrados, e uma vez ao ar dissolvem-se; reputações que só se sustentam, sob a condição de nunca apparecerem na scena

O filho do povo ouviu a grita, e ergueu ainda mais a cabeça, e levantou ainda mais a voz: a onda ameaçava assoberba-lo, e elle offerecia-lhe o peito.

Era que o fogo do talento animava-o, e a inspiração da liberdade apontava-lhe o futuro!

Olhou em torno de si, e não desanimou: sentiu que podia combater com as suas proprias armas. . . .

O fôro foi o theatro de suas primeiras glorias. Ahi, lutando destemido pelos direitos do individuo em suas relações privadas, elle preparou as armas, com que deveria lutar em defeza do individuo nas suas relações politicas.

Quando a idéa liberal, vencida no campo de batalha e torturada por um vencedor feroz, parecia destinada á longa orphandade, ergueu-se o filho do povo, com alguus generosos batalhadores. Reabriu-se a luta; e quando aqui e alli os soldados da liberdade iam desanimando e affrouxando as investidas, Feitosa redobrava d'esforços; até que, perdidos os companheiros, achou-se na estacada com alguns moços, que lhe offereciam o valioso contingente de sua fé.

Não pretendo, Senhores, fazer o historico da vida politica do nosso amigo; nem sería opportuna a occasião.

A vida de Feitosa foi uma constante luta.

Elle procurou combinar a tranquillidade do escriptorio do advogado com as perennes agitações do gabinete do politico. Trabalhosa combinação!

Alli, na banca do advogado, estava garantido, podia cré-lo, o futuro da familia.

Mas, aqui, no gabinete do politico, como que lhe troava aos ouvidos o brado imperioso da liberdade,

brado a que não póde deixar de acudir o generoso filho do povo.

Alli a abundancia tranquilla; aqui as privações do corpo e do espirito.

Alli o manso ribeiro de cristallinas agoas, onde miram-se frondosas arvores, balouçadas ao sopro de vivificantes brisas; aqui um mar agitado pelos quatro ventos, ameaçando de morte prematura no marulho de suas procellosas vagas!

Difficil combinação, para quem navega no oceano da vida ao sol da idéa, sem as vistas sordidas do patronato e da ganancia!

Vós o vistes! Ei-lo que foi-se, arrebatado por uma morte prematura, deixando á sua familia o legado que recebeu de seu pai, o legado que sempre deixa o honrado filho do povo — a pobreza!

A nós, porém, aos seus comprovincianos, á sua patria, o que deixou?

— O quadro da luta valorosa de poucos contra tantos! Poucos que se aqueciam ao fogo da idéa, e tantos que os repelliam com os frios calculos do individualismo!

Lutou sempre, lutou por muito tempo, sem vislumbre d'esperança, e nunca depoz as armas, porque bem sabia ser o tempo o *maximus novator*.

N'esse lutar constante, sempre sob as normas legaes, está a sua gloria e o nosso proveito.

Só os espiritos superiores sabem comprehender, que muita vez a vantagem da luta está no proprio facto da luta. A força da acção do tempo, e o echo da palavra de hoje nos reconditos do futuro, são cousas ao alcance de muito poucos. . . .

Perdoai-me, Senhores, se entro em considerações, que possam parecer estranhas a este lugar. Fui seu companheiro de combate por alguns annos, soldado das ultimas linhas, e sinto que lhe devo um testemunho das minhas saudosas recordações.

Um dia disseram-lhe, que era preciso estacar no combate. Elle hesitou, tremulo e receioso pela idéa

liberal; mas, afinal cedeu, como todos nós cedemos. O que se passou depois, não devo relatar aqui; mas, a verdade é que as filas liberaes de Pernambuco não haviam perdido a esperança de tornar a vê-lo, como nos antigos dias, com a mesma clava de combate. Até um certo silencio dos seus ultimos tempos alentava esta esperança. . . .

Morreu, Senhores, um dos mais valentes defensores d'essa pobre idéa liberal, tão infeliz na terra do Brasil, tão calumniada como devastadora faisca revolucionaria! . . .

“ Ha, dizia lord Palmerston, duas especies de revolucionarios no mundo. Os homens violentos, de cerebro exaltado, que correm ás armas, que derrubam os governos estabelecidos, e que sem meditar nas consequencias, nas difficuldades, sem consultar suas forças, inundam de sangue o seu paiz, e acarretam para os seus compatriotas as mais cruéis catastrophes: estes são os revolucionarios de uma classe. Ha outros, porém, de outro genero: os homens cégos, animados de velhos prejuizos, detidos por falsas apprehensões, que se oppõem á corrente do progresso, até que o descontentamento trasborda, e por sua pressão irresistivel abate as barreiras e aniquila as instituições, que seriam fortes e duradouras, se lhes tivessem acudido com oppor-tunas innovações.”

Sempre no terreno da legalidade, com uma longanimidade, com uma tenacissima persistencia que só cabe aos adeptos sinceros e desinteressados de uma idéa, o Dr. Nascimento Feitosa fez o maximo serviço ao principio liberal, protestando energicamente contra a calumnia dos adversarios, que teriam muito a meditar nas palavras do estadista inglez, se infelizmente as meditações não fossem raridades em nosso movimento politico! . . .

Devo concluir, Senhores. Acreditei que era meu dever dar um testemunho publico á memoria do illustre finado: sirva isto de alcançar a vossa desculpa

pela fadiga que hei imposto, e imporei ainda por momentos, á vossa attenção.

Agora que, mais do que nunca, a nossa provincia precisava de poupar as glorias que lhe restam (não devo demonstrar aqui a proposição), de um só golpe perdêmos um illustre advogado e um notavel politico!

Agora que a idéa liberal está ameaçada de voltar aos limbos do mais injusto esquecimento, depois de para ella haver alvorecido enganosamente a aurora de uma justissima apotheose, vai-se um dos seus mais valentes campeões!

Altos juizos de Deus! Curvemo-nos; mas, não desanimemos.

A scintilla da idéa é inesgotavel. . . . Na marcha das nações, como na dos individuos, ha o designio providencial, que não póde ser obstado por braço humano!

Tenhamos fé nos decretos da Providencia!

E tu, amigo, descança em paz!

O homem é depositario da vida: a morte é restituição do deposito.

Mesmo para os que navegam nas superficies serenas do rio da vida, lá chega afinal o momento, em que o baixel approxima-se da cachoeira quasi sempre inesperada, e de subito é sepultado no abysmo! *

A vida é uma viagem, que leva necessariamente ao porto da morte!

Para os mortos, ainda os mais illustres, os vivos só têm — uma lagrima e uma oração. . . .

Uma lagrima e uma oração para o pernambucano illustre, que soube combater com as suas proprias armas!

* Imitação de um pensamento do cardeal Wiseman

NO FUNERAL DE NUNES MACHADO E DE SEUS COMPANHEIROS DE
1848, AOS 2 DE NOVEMBRO DE 1863

Liceatque, inter abruptam contumaciam et deforme obsequium, pergere iter, ambitione ac periculo vacuum.

(Tacit. Ann. IV, 20).

Senhores — Os grandes feitos de patriotismo, jámais passam da memoria de um povo generoso.

Quando o verdadeiro patriota corôa a sua dedicação com o sacrificio da propria vida, o testemunho favoravel da posteridade, os vivas das futuras gerações pertencem á sua memoria.

A historia detem-se na contemplação do heroismo e da virtude com a satisfação do viajante sob a arvore, que lhe dá a sombra e o repouso (C. Cantu).

E mesmo, antecipando a historia, grande parte da geração contemporanea faz justiça aos martyres da patria, impondo silencio aos martyrisadores.....

.....
Olhai! Eis-alli uma memoria funérea do que foi NUNES MACHADO... e nós aqui, a convite

d'uma corporação, que conta avultado numero dos que foram seus adversarios! *

Logica inflexivel da verdade! Ainda não ha quinze annos, as paredes d'este claustro estremeciam aos gritos desordenados dos triumphadores, que não sabiam respeitar a Casa de Deus e o cadaver do grande cidadão! E hoje justiça começa a ser feita, embora restricções, pelos proprios adversarios d'esse illustre pernambucano!

Cuidado, porém, liberaes de Pernambuco! Os adversarios de hontem, que junto a nós recusam *fallar claro*, bem podem ser os adversarios d'amanhã. E' das letras sagradas, que devemos guardar-nos do inimigo, ainda reconciliado (Eccle. XII). Não consintamos, que em nome do principio liberal triumphe hoje algum sophisma, que faça estremecer em seu leito de pedra o esqueleto de NUNES MACHADO!

Qual poderá ser o receio dos liberaes na firme manutenção dos principios, na repulsa de qualquer transacção, que possa confundir-nos, desvirtuando os mesmos principios? A continuação do ostracismo? Mas, o que é o ostracismo? — A tortura e quasi sempre a gloria para o individuo, e sempre o crisol em que a idéa se apura, para um dia ostentar-se ainda mais fulgida e plenamente triumphante.... Os verdadeiros adeptos d'uma idéa não sacrificam a integridade d'esta para colher triumphos ephemeros, que deshonram para sempre o seu passado, o passado da sua idéa.... †

Não se é obrigado n'este mundo a levar sempre a bom porto a causa que se abraçou, porque ante os passos dos homens surgem muita vez obstaculos independentes da sua vontade; mas, a honra está *em não abandonar a causa na hora do perigo, em acompanhá-*

* Era nos tempos da Liga. (*Nota da presente edição*).

† O autor antevia a scisão, que deu em resultado o partido liberal genuino, do qual fez parte até a ultima hora do partido progressista ou da Liga. (*Nota da presente edição*).

la no caminho do desterro e da desgraça (D. d'Hauranne).

Ha erros no passado dos liberaes de Pernambuco . . . E que importa ? Por ventura com esses erros não ha muita gloria, muita dedicação, e muita generosidade ? Qual a causa servida por homens, que não teve e não terá erros ? Para emendar os erros devemos apagar as glorias ? Seriamos como o lapidario louco, que para tirar a mancha d'uma pedra preciosissima gastasse-a tanto, que com a mancha lhe tirasse todo o valor !

E os erros dos liberaes de Pernambuco serão des-honrosos, accusarão algum sentimento que se não possa confessar de publico e com a firmeza da dignidade ? . . .

Na sciencia ha erros, que não podem ser commettidos por intelligencias mediocres (Balmès). Assim na politica ha erros, que não podem ser dictados por sentimentos vulgares, nem commettidos por homens mediocres.

Ha erros que honram, porque são esforços d'almas privilegiadas para antecipar as épochas e os tempos (Lacordaire).

Não, liberaes de Pernambuco, não commettamos o gravissimo attentado de gastar a pedra preciosa da liberdade, para isenta-la da leve mancha dos nossos erros !

O grande patriota NUNES MACHADO teria andado com a patria ; mas, nunca teria negado a sua procedencia, nem condemnado o seu passado !

Era um grande character esse, character do qual podemos dizer, paraphraseando o dito de Pyrrho relativamente a Fabricio : — Fôra mais facil desviar o sol do seu curso, do que o illustre pernambucano do caminho da liberdade !

Caminhar não significa renegar : o edificio do futuro não se faz senão com as pedras do passado.

Progredir não significa — inverter os papéis, em ordem a que os sacrificadores possam dizer-se legiti-

mos herdeiros dos sacrificados, com direito a sentenciar a memoria d'estes! . . .

Se na quadra actual ha Neros, que com a toga da liberdade arregimentam batalhões de *augustanos*, para que applaudam suas vozes fementidas, o povo não se illudirá, o sophisma não fará fortuna, e a causa da liberdade ou triumphará, ou voltará gloriosa para seu glorioso ostracismo !

Por habito e por indole, e principalmente pela profunda veneração ao lugar em que me acho, longe de mim provocações a alguma ruím paixão, appellos a odios passados ; mas tambem longe de mim qualquer condescendencia interesseira ou egoista, que sacrifique o passado dos liberaes de Pernambuco, com vergonha no presente, e naufragio certo no futuro . . . Naveguemos sempre com os olhos na estrella da liberdade, e lutemos com calma, como liberaes. — Para ser digno da liberdade é preciso saber respeitá-la, mesmo n'aquelles que a maldizem (J. Simon).

Os liberaes de Pernambuco

Mas, Senhores, por ventura a pessoa que vos falla, inspira-vos bastante confiança para dizer-vos o que diz ? . . .

A minha pessoa nada tem que ver n'este lugar. A confiança, que desejo, só póde ser captada pela enunciação franca da idéa que aqui me traz. Essa enunciação é um dever, que cumpro com a maior satisfação.

Fallando pela primeira vez junto ao tumulo de NUNES MACHADO, faço uma solemne profissão de solidariedade com os liberaes de Pernambuco, sem reservas nem restricções mentaes ; com os liberaes pernambucanos, que sabem respeitar a memoria do grande patriota, que sabem venerar as glorias do passado caminhando para o futuro, por honra do passado e do futuro.

Na ordem dos tempos NUNES MACHADO é o ultimo symbolo do patriotismo pernambucano. Vi luzir esse astro nos meus dias de juventude ; e conto

como uma felicidade ter chegado ainda a tempo de saudar a memoria do grande cidadão, antes do triumpho da sua idea

Quanto ao mais, não é este o ensejo de tirar a limpo o meu passado de hontem na politica da nossa provincia

.....
A digressão, Senhores, fez-me perder o fio do pensamento. Felizmente, o que está dito já me consente concluir.

Vim saudar o grande cidadão, e por elle todos os martyres da revolução de 1848. Esta saudação symbolisa perfeitamente o meu intuito n'este lugar.

Saudando o grande cidadão, quando se trata d'espalhar suas cinzas ao vento, que deve accender a fogueira, na qual será queimada a pagina gloriosa do sublime sacrificio do partido liberal de Pernambuco, faço uma saudação que não pôde ser inquinada de suspeita. Todos sabem-n'o : ainda não é chegada a hora do completo triumpho para a memoria de NUNES MACHADO, podemos mesmo dizer, que nunca essa memoria esteve tanto em riscos d'um eclipse

O que nos pôde assustar, porém, a tarefa dos iconoclastas do passado?

O ultimo Graccho, recebendo o golpe mortal, arremessou poeira ao céu, e d'essa poeira nasceu Mario ; Mario, que foi maior por haver abatido a aristocracia romana, do que por haver exterminado os Cimbro's (Mirabeau).

Que lancem, pois, ao vento as cinzas de NUNES MACHADO

Trabalhemos lá fóra, meus amigos, para que a memoria de NUNES MACHADO, e de seus companheiros de 1848, seja respeitada, como o merece, na terra da patria, e aqui roguemos a Deus, que não seja perdido para as almas d'esses patriotas o grande sacrificio pela causa da liberdade, que foi e será sempre uma causa sagrada !

NO FUNERAL DE NUNES MACHADO E DE SEUS COMPANHEIROS DE
1848, AOS 2 DE NOVEMBRO DE 1866 *

Rolemos o nosso rochedo, liberaes pernambucanos!

No ostracismo, que parece haver ferido no Brasil o nome liberal, sejam-nos consolação estes passos, embora perdidos, na santa montanha da liberdade.

Agora, mais do que nunca, Senhores, deve ser um timbre dos liberaes de Pernambuco honrar a memoria de Nunes Machado, e dos seus companheiros de 1848.

Digam embora, que é appellar para a revolução este preito, que rendemos. . . . Não importa! Junto aos thronos ha muito, quem saiba intrigar, e a arte tem seus finos segredos. Se nos calassemos, intrigariam com o nosso silencio. . . .

Era Nunes Machado um illustre pernambucano. Alliado sincero de uma idéa, com ella abraçou-se, e

* A primeira edição d'este discurso foi devida a um movimento benevolo e enthusiastico do Sr. Dr. Antonio Paulino Cavalcanti d'Albuquerque. (*Nota da presente edição*).

com ella succumbiu. Se foi erro, foi d'esses erros, que é dado a poucos commetter. Quando se serve a uma idéa com o seu sangue, como os liberaes de 1848, a posteridade deshonrar-se-hia, se não soubesse respeitar uma gloriosa e generosa queda.

Agora que tudo é mercantilismo, desde os corredores dos paços do rei até os alpendres do potentado d'aldeia, honremos os homens, que jogaram uma partida arriscadissima, e que a perderam, tendo parado o seu sangue.

Agora que ao nosso infeliz Pernambuco querem roubar afinal as suas gloriosas tradições *, agora que se alcançam cartas de conselho, injuriando os patriotas pernambucanos de 1817, cujo crime foi — precederem apenas cinco annos (um instante na vida dos povos!) o rei patriota do Ypiranga (e aquelles jogavam a cabeça para o cadafalso, e este jogava uma corôa para a cabeça!), agora que os Attilas cortezãos invadem-nos até os dominios da historia, protestemos, vámos protestando sempre

O que importam esses arrebiques caricatos d'um cortezanismo estúpido, convidando o paiz para o despotismo? Podem os cortezãos contrapesar a morte de algum nosso Casimiro Périer com a da filha de algum Molé de S. Christovão †, querendo assim tirar motivos de ciumes a algum Luiz Philippe, que se assombrasse com o aspecto de cidadãos verdadeiramente illustres, nas proximidades do throno. . . . Que importa! O despotismo é sempre insensato; e o absolutismo,

* Vid. a *Historia da fundação do imperio brasileiro*, pelo Sr. Dr. João Manoel P. da Silva. O autor sente dizer-lo, porque é amigo do Sr. Dr. Pereira da Silva, e respeita os seus talentos: má hora foi essa, em que o Sr. Dr. Pereira da Silva, faltando á justiça e mesmo ao criterio do historiador, escreveu paginas de furioso libellista contra os infelizes e generosos revolucionarios pernambucanos de 1817. Talvez breve appareça ao autor d'estas linhas a oportunidade de tratar extensamente o assumpto, fundamentando assim esta nota.

† Vid. Guizot, *Memorias para a historia do meu tempo*.

n'esta terra livre da America, não seria só uma insensatez, seria um attentado, ao qual acompanharia de perto a merecida punição. . . .

Quando o kan de Tartaria acabava de jantar, um arauto bradava: — Os outros principes da terra podem agora jantar, se quizerem. . . . E o kan de Tartaria não passou nunca de um kan de Tartaria. . . . Eis a imagem do absolutismo em toda a parte.

Zelemos o fogo de Vesta, Senhores. Se Pernambuco parece hoje obliterado do quadro das glorias brasileiras, não é isto motivo para desanimo: a terra é a mesma, corre em nossas veias o mesmo sangue, dias gloriosos ainda volverão para nós. . . .

Veremos então, a que se reduzem os tripudios d'esses degenerados fabricantes de um novo baixo-imperio. . . .

Esperemos, Senhores. A democracia é um poder benéfico; e o tempo é o primeiro ministro de todo o poder, que quer o bem (Bonald).

Porque desanimar?

E' verdade, que ás claras se conspira do alto contra todo o principio democratico. Vêde, o que se está passando! Quando nos campos do Paraguay uma morosidade imperita ou criminosa, e por ventura os laços da prevaricação, estragam o nosso sangue e o nosso dinheiro, os poderes publicos continuam risinhos, e a tudo dão remedio, expedindo titulos e commendas, fazendo barões *por uma vida*, o que parece venturoso prognostico, de que a nobreza hereditaria bate-nos á porta. . . .

A aristocracia, segundo Chateaubriand, tem tres idades successivas: a idade das superioridades, a dos privilegios e a das vaidades. Oriunda da primeira, degenera na segunda, e extingue-se na terceira.

Entre nós quebrou-se a regra do grande publicista; a nossa aristocracia começou, continúa e ha d'extinguir-se na vaidade, como vaidades são todos esses ouropéis e farfalladas, de que os aulicos hão circumdado o throno do Brasil. . . .

Não importa ; esperemos !

Conspirem embora os altos poderes do estado para um absolutismo, que ha de matar o rei e o povo ; esperemos !

A liberdade não perdôa os ultrages do poder ; vingá-se, abandonando-o nos dias de perigo ; vê a quéda d'aquelles, que se fazem seus inimigos, com indiferença, ás vezes mesmo com alegria. Quando a liberdade é uma necessidade da epoca, o futuro não poderá jámais assusta-la : a natureza humana e o tempo, eis os seus auxiliares (A. Jay).

Isso que vai por ahi, Senhores, pervertendo todo o senso moral da nação, e a que chamam partido imperial, não é mais do que uma d'essas soluções chymicas, como dizia Balmès referindo-se a uma situação analogá, nas quaes os corpos só permanecem misturados, emquanto dura o calor. Deixemos o liquido arrefecer ; e então os partidos de consciencia, os partidos resultantes da natureza do nosso systema governativo, hão de retomar o seu lugar.

Nunes Machado ! A nossa heroica provincia é vilipendiada até nas caricaturas cortezãs *, porque com o seu ultimo real não manda o seu ultimo filho,

* Allusivo a uma caricatura da *Semana Illustrada*, onde Bahia e Rio de Janeiro se dão as mãos com ufania, e Pernambuco está a um canto, como que corrido de vergonha, e vergado sob o peso da propria ignominia ; tudo relativo ao negocio de soldados para a guerra.

Que o Rio de Janeiro, patria dos aulicos, que suga a força vital de todo o imperio, pague a leveza e a perversidade, com que os homens do partido imperial nos acarretaram essa desastrosa guerra, nada mais consequente.

Que a Bahia, monopolisando quasi a alta governação do estado, toda cheia da preponderancia de seus filhos, se lembresse ainda d'incommodar-se, para mostrar que era gente, nada de admirar.

Mas, Pernambuco, o bode emissario dos peccados d'este imperio, Pernambuco, contra o qual tudo ha conspirado, para que o vejamos tão depreciado no cambio politico, tão outro do que foi em todas as éras ! . . .

E entretanto, a folha da côrte não foi justa. Venham as

porque não envia um batalhão em cada vapor, para ir extinguir-se nas vanguardas, como se têm extinto os outros, sem uma menção honrosa collectiva, tirando-se-lhes quanto possível toda a côr local. . . . Nós, porém, que aqui estamos, alçando uma prece ao Omnipotente por teu eterno descanso é de teus companheiros martyres da idéa liberal, protestamos, com fé no futuro inspirado pelo passado, que a liberdade e o heroismo hão de viver sempre na terra pernambucana.

Coragem e resignação, meus amigos !

Os escravos do despotismo diziam constrictos : —
Deixai passar a justiça d'el-Rei !

Os filhos da liberdade dizem respeitosos e altivos : — Esperemos pela justiça de Deus !

estatísticas, e veremos talvez, que a differença a favor da Bahia é apenas a compensação do 14.º deputado, que não temos. Já a Bahia rufava muito o seu tambor, quando Pernambuco mandou o seu primeiro batalhão de voluntarios, maior de 800 praças, superior a tres ou quatro remessas, que a Bahia havia feito. . . .

E' sempre assim, que se escreve a historia !

E os recrutas, que temos dado ? E os batalhões de linha, que d'aqui sahiram, compostos quasi exclusivamente de pernambucanos ?

Recorra-se ao quadro do exercito, e ver-se-ha, que Pernambuco é primeiro fornecedor de soldados. . . .

O tempo fará justiça.

NO FUNERAL DE NUNES MACHADO E DE SEUS COMPANHEIROS DE
1848, AOS 2 DE NOVEMBRO DE 1867

Senhores,

Em 1863 dizia eu, em ocasião semelhante :

“ Eis-aqui uma memoria funerea do que foi NUNES MACHADO . . . e nós aqui a convite de muitos que foram seus adversarios !

“ Logica inflexivel da verdade ! Não ha muitos annos as paredes do claustro, em que era sepultado o grande pernambucano, estremeciam aos gritos desordenados dos triumphadores, que não sabiam respeitar a Casa de Deus e o cadaver do illustre cidadão ! E hoje, começa a obra da justiça, *embora restricções*, pelos proprios adversarios do nosso magnanimo comprovinciano ! Força irresistivel, celeste luz da verdade !

“ Cuidado, porém, liberaes de Pernambuco ! . . . Os adversarios de hontem, que junto a nós recusam *fallar claro*, bem podem ser os adversarios d'amanhã. E' das lettras sagradas, que devemos guardar-nos do

inimigo, ainda reconciliado (*Eccle. XII*). Não consintamos, que em nome do principio liberal triumphe algum sophisma, que faça estremecer em seu leito de pedra o esqueleto de NUNES MACHADO!

Dizia eu isto a 2 de Novembro de 1863; e logo depois os meus receios foram se tornando realidades!

Os publicanos da liberdade armaram as suas mesas no templo da liberdade, e os mercadores da praça politica vão fazendo fortuna!

E lá, perdidos n'essa turba, alguns nomes outr'ora tão sympathicos á idéa liberal, alguns liberaes (deixem-me crê-lo) ainda esperançosos de que, d'este chaos de hoje, assim já tão inçado de paixões e aspirações acanhadas, possa ainda surgir o verbo da liberdade!

Quizéra eu, que tivéssem esses razão.... Quizéra-o, que ao menos não estaria a perseguir-nos o phantasma da volta dos nossos radicaes adversarios ao poder.... Quizéra-o, que aq menos não representaria a idéa liberal, mais uma vez, no imperio americano, o triste papel de joguete nas criticas occasiões em que a monarchia precisa extremamente da opinião popular, despresados os andaimes, logo que o edificio da mystificação está levantado!...

Seja como for, Senhores, para nós os poucos que ainda cremos na força da idéa, nada de recuar: batalhar e batalhar sempre com as armas legaes, sem paixões inconfessaveis, com o desinteresse honroso dos lidadores dos principios, dos que entram n'estas lutas da politica pensando nos vindouros, venerando a sentença do futuro!

“As alternativas das revoluções e das reacções podem adiar a liberdade; jámais, porém, poderiam mingoar-lhe a importancia, nem arrancar as nobres esperanças que ella inspira a todas as almas generosas.”
(C. BON-COMPAGNI).

Resta-nos, Senhores, a virtude dos fortes na adversidade: constancia na luta, activa ou passiva; a liberdade de não querer, unica, na phrase profunda-

mente reflectida de um illustre pregador, que não podem usurpar-nos as mordanças e os grillhões!

Constancia! E as mesas serão derrubadas, e os publicanos serão azorragados!

Para esta terra da America a questão liberal é mera questão de tempo! Se morrermos no combate, os nossos descendentes, pensando em nós, hão d'entoar os hymnos da victoria!

Qual será o americano (salvo o que perdeu toda a voz da consciencia, toda a inspiração das tradições, toda a nobre confiança no futuro) que possa desesperar da liberdade na terra das Americas?

Que insano poderia conceber a idéa d'uma Polonia no mundo de Colombo?.....

Manes de NUNES MACHADO, o ultimo symbolo do patriotismo pernambucano! Se os labios d'um finado podem abrir um riso d'ira e de desprezo, tê-lo-hão feito os vossos, ao contemplar o que ora se vai passando!...

Aqui, escudados com o vosso nome venerando e venerado, os publicanos, com as vestes da liberdade, fingem venerar o vosso nome, condemnando completamente o vosso martyrio!

Aqui... quem disséra, que a palavra liberdade tornar-se-hia um labéo, o epitheto de liberal — uma condemnação!

Manes de nossos avós! vulto grandioso de NUNES MACHADO! se vos erguesseis...

Quem disséra aos martyres de 1848, que um dia seria crime em Pernambuco fallar em liberdade!

Quem nos disséra a todos, em outras éras, quando aqui havia espirito publico, quando os partidos pelejavam rijo e lealmente em nome dos principios, que chegaria uma epocha de tão rasteira intriga, que até se pretenderia figurar a liberdade como adversaria radical da monarchia?!

Como se os nossos avós, que restituíram a colonia á corôa portugueza, não fossem liberaes....

Como se os que inspiraram o grito do Ypiranga, não fossem liberaes

Como se os que, em 1831, traspassaram a corôa ao Sr. D. Pedro II, não fossem liberaes

Como se os que, em 1840, sentiram a falta de um rei, não fossem liberaes

Ter medo de 1848 ! Votar a um silencio reprovador essa quadra tão plena de nobres aspirações, e dores profundissimas !

Porque ? Quando fallamos em 1848, appellamos para o movimento armado ? A affirmativa é calumnia de tal quilate, que não merece detida refutação.

Se 1848 foi um erro do partido liberal de Pernambuco, foi um erro mesclado de muita generosidade e muita gloria. Como na sciencia ha erros, que não podem ser commettidos pelas intelligencias, vulgares (Balmès), assim ha d'elles na politica, que não podem ser dictados por sentimentos vulgares, nem commettidos por pequenos corações.

A historia dirá a ultima palavra entre os martyres de 1848, que se remiram com o seu sangue, e os seus nedios Aristarchos que se dizem filhos da liberdade, começando por negar o nome de sua mãe

A historia dirá, se eram menos amigos da monarchia esses *exaltados*, que em suas vertigens jámais esqueceram a monarchia sobre a columna e á luz do sol da liberdade, do que estes *moderados* de hoje, que pretendem furtar a vista do throno em grossas nuvens d'envenenado incenso

Se erraram, deverá o seu erro importar a extrema condemnação da causa, que pleiteam ante os seus descendentes ? Fôra preciso sustentar, que o sol não allumia o mundo, porque tem manchas Fôra preciso applaudir o lapidario, que gastasse a esmeralda, para tirar-lhe a jaça

Existe, força é confessa-lo, n'esta nossa terra do Brasil, e lá pelas altas regiões do poder, uma radicada prevenção contra a liberdade: prevenção tal, que até o nome de liberal foi excluído n'uma combinação *mysteriosa*, feita no dia em que o principio liberal impoz-se pela força das cousas. Todos sabem a que me refiro, e eu evito, quanto possível, ser e parecer apaixonado.

Estamos a finalizar, penso eu, o periodo que caracterisarei com uma anecdota historica.

Os Locrianos fizeram aos Siculos, seus vizinhos, o seguinte juramento: "Em quanto calcarmos esta terra, e trouxermos estas cabeças sobre as nossas espadoas, possuiremos em commum comvosco este paiz (uma fertil região na extremidade dos Apeninos)." Descançaram os Siculos no juramento, e dentro em pouco os Locrianos, que eram hospedes, dominaram os naturaes do paiz. E diziam muito cheios de si os Locrianos, que não haviam faltado á sua palavra, porque a haviam dado, trazendo nos sapatos terra de seu paiz e sobre as espadoas — cabeças d'alho. . . .

Assim fizeram comnosco: traziam dentro dos sapatos terra do paiz da conservação, e sobre as espadoas — cabeças da soporifera papoula do progresso. .

Medo da liberdade!

Não ha liberdade publica, que seja um perigo real.

Quando uma liberdade parece um perigo, o desequilibrio provém da existencia d'outra liberdade, que lhe sirva de contrapeso (J. Simon).

Com quer que seja, animo! por poucos que sejam! O futuro é da liberdade, porque a liberdade é lei de Deus!

A quadra que vamos atravessando é difficil, todos o repetem, e os que se calam o sentem. Proclamam a todas as vozes uma politica imperialista, e os factos confirmam a proclamação. N'essa marcha progressiva d'um espirito anachronico, retrogrado, e todo anti-americano, combinada com a completa ausencia

de espirito publico e o desbarato do systema representativo, em tudo isso muitos vêem motivos de sobra para desanimo absoluto, esperando tudo da acção do tempo e dos designios da Divina Providencia.

Se não ha n'isso hypocrisia, um d'esses manejos *subtís* de que abunda a nossa politica *entre os pontifices*, ha fraqueza d'animo, e um gravissimo erro.

Faze, que te ajudarei. E' sentença, que cabe aos povos como aos individuos.

Quando as nações adormecem á beira do abysmo, são castigadas como os individuos.

Trabalhem, pois; sejamos poucos ou muitos. Quando extingue-se o fogo da Liberdade, que é a Vesta dos povos modernos, consumma-se uma ruina, que, não sendo perpetua porque a liberdade é lei de Deus, produz effeitos de longa duração. Ao contrario, em quanto arde a pyra, por exigua que seja a flamma, a garantia é segura, porque o coração é uma mina, que rebenta com qualquer scentelha d'esse fogo.

Nada de cruzar os braços, meus amigos; e n'este ponto autorisar-me-hei com as palavras d'um moderno publicista :

“ Quereis convencer-vos, de que o espirito liberal é a maior potencia de nossa época? Estudai a historia diplomatica desde 1789. Se não levardes em conta idéas, sentimentos e interesses novos introduzidos pela revolução, o mappa dos acontecimentos será para vós um enigma inexplicavel. Os que estão dispostos a exigir muito em materia de liberdade, pensarão que pouco havemos obtido, e acho-lhes razão; penso, porém, que o mundo ha caminhado na estrada da liberdade, quanto basta para demonstrar — que o absolutismo recua, e o espirito liberal avança. E' segura a victoria do espirito liberal. ”

Não posso deixar de crer, Senhores, em certas tendencias absolutistas, á vista do que se vai passando; mas, por outra parte confesso, que essas tendencias, se me assustam tanto ou quanto por nós, nada me preocupam por nossos filhos e netos....

Quem poderá acreditar, que, passada esta geração de politicos sem fé, na terra da America medrará a planta exotica do absolutismo?

Assim pois, entremos calmos na luta; não uma calma que exclua um brado d'indignação, mas um brado que não nos leve á raiva do peccado. Aggressores só por bem da defesa, segundo já o entendiam os Padres da Igreja. *

Honrando aqui, meus amigos, a memoria de NUNES MACHADO e de seus companheiros de 1848, temos protestado pela idéa liberal, temos cumprido um dever.

Se os contemporaneos riem-se de nós, deixemo-los em paz no festim de Balthazar....

Respeitemos sempre as cinzas do ultimo Graccho pernambucano; e descancemos, que essas cinzas não ficarão perpetuamente inultas!

Zelando sempre o fogo da nossa Vesta, tenhamos fé no futuro.

Para responder á raça abastardada de hoje, que escarnece até da palavra patriotismo, não nos faltará

* Santo Ambrosio dizia: — Sejamos athletas da Igreja, mas só para a defeza: sejamos aggressores, sómente para defender: *Propugnatores, non impugnatores*. Ha pouco tempo o Sr. bispo d'Orleans, fallando no congresso de Malines, e acautelando-se contra as accusações que fazem ás vivacidades de sua linguagem, sustentava os direitos de uma legitima indignação, e a distinguia do peccado, com as seguintes palavras da escriptura: *Irascimini et nolite peccare*.

o que não faltou, em antigas éras, á vil aristocracia romana.

Em todos os tempos, da poeira levantada pela quédia dos Gracchos generosos hão de nascer sempre Marios vingadores! *

* Paraphrase de um pensamento de Mirabeau.

NO FUNERAL DE NUNES MACHADO E DE SEUS COMPANHEIROS DE
1848, AOS 2 DE NOVEMBRO DE 1868

Senhores,

N'este presidio da liberdade, que se chama imperio do Brasil, nós os forçados ainda temos uns dias, ainda podemos fazer umas manifestações, que nos dão ares de cidadãos de um paiz livre. . . .

Tristes alegrias!

São como os sorrisos do proscripto, que recebe novas da patria: uns sorrisos acompanhados de lagrimas de melancolia. . . .

Sim, que os pobres forçados, por mais que occultem a braga, sentem-lhe o peso; e se hoje riem-se, espera-os amanhã a galé d'El-Rei!

Os manes de NUNES MACHADO, e de seus companheiros que succumbiram no movimento armado de 1848, congregam-nos uma vez por anno.

Bem hajam aquelles, que têm sabido manter esta eloquente tradição da religião liberal !

Até hoje NUNES MACHADO e seus companheiros de 1848 hão sido geralmente considerados, mesmo por sectarios da liberdade, como uns homens generosos, mas que erraram, embora a generosidade do seu erro.

D'ora á vante, porém, vai começando a historia ; e os revolucionarios de 1848 vão nos apparecendo como os ultimos Abencerrages d'essa linha de varões dos tempos aureos das lutas da nossa independencia, em cujos calculos sempre entrou uma monarchia democratica, que nunca suspeitaram os desenhos, hoje tão em voga, dos bons tempos d'El-Rei Nosso Senhor.

O sophisma, que D. Pedro I não podéra desenvolver, por mais que o tentasse, porque então ainda havia homens que soubéssem olhar pelo futuro da patria, o sophisma, cujo trabalho de absorpção havia recommçado em 1840, já em 1848 tinha muito caminho andado : então os cidadãos verdadeiramente patriotas viam bem claro, que a opinião de um, cercado de alguns, pretendia substituir-se á opinião do paiz, e que tentava-se firmar a pyramide sobre o vertice

Combateram e morreram ; e as apupadas dos triumphadores acompanharam os mortos até a sepultura, e os vivos até as masmorras e a terra do exilio !

O factó, porém, veio demonstrar, que com os ultimos revolucionarios do Brasil havia desfallecido a liberdade.

Hoje, *de facto*, estamos á mercê do absolutismo, que amanhã trancar-nos-ha as portas d'esta Igreja, que breve, segundo as suas ameaças claramente formuladas, supprimirá para nós a imprensa

E ficaremos por uma vez um povo d'escravos ?

A Hespanha gemeu por longos annos sob o rei.

nado de uma rainha louca (peior do que uma louca), e um dia, quando menos se esperava, *nas regiões magesticas* soprou rijo o tufão da liberdade, contra o qual nada podem *os divinos* da terra, porque esse tufão é o sopro de Deus aviventando o fogo da dignidade humana

Do Paraguay, onde, segundo se diz, fomos plantar a arvore da liberdade, vir-nos-ha o despotismo, sob a fórma dos pretorianos de Cesar: *os signaes do tempo* no-lo dizem. . . .

Esse partido que por ahi tripudia ufano de uma victoria de reposteiro ou de cousa peor, prepara ás claras os seus golpes, e com o exercito pretenderá impor-nos o despotismo.

Tudo, porém, se fará com aquelle geito refalsado e hypocrita, que com tanta justeza o Sr. Salles Torres Homem attribuiu a D. João VI.

O despotismo de um só rei será acobertado, fallando com lord John Russel, com o despotismo de um acervo de parlamentares corruptos, e de um milhão de tyrannetes.

E ficaremos por uma vez um povo d'escravos?

Não desesperaram da liberdade os patriotas da Hespanha, a qual por fim teve o seu dia, pois os povos acabam sempre por ter o seu dia, contra os muitos dias dos reis!

Guardemos o terreno da legalidade, e a Provi-dencia marcará para nós, como tem marcado para todos os povos, o dia da acção decisiva.

Defendamos com todas as armas legaes — da acção e da inacção, dos brados e do silencio, do facto e da abstenção, até a ultima trincheira liberal.

E quando esta nos fôr tomada, ainda não estará tudo perdido, que Deus véla pelo destino das nações.

Rogando a Deus o descanso eterno para NUNES MACHADO e seus companheiros de 1848, reconhecamos n'elles os ultimos élos da cadeia de heróes pernambucanos.

Ultimos até hoje; mas, que terão um dia continuadores, porque essa cadeia, na terra livre das Americas, nunca chegará ao termo da sua prolongação.

Foram os ultimos Gracchos da liberdade brasileira!

E os Gracchos hão de produzir sempre os Marios!

NO FUNERAL DE NUNES MACHADO E DE SEUS COMPANHEIROS DE
1848, AOS 2 DE NOVEMBRO DE 1869

Senhores,

Na phrase de Pascal — nada é tão brutal como um facto.

O facto de 1848, para nós liberaes, tem-se imposto e ha de impor-se irresistivelmente, brutalmente, no sentido de Pascal.

Estamos ainda, e sabe Deus até quando estaremos, a rolar o rochedo. E porque? Porque o facto de 1848 não completou-se. . . .

O que sente e proclama hoje todo o paiz? — O governo pessoal, a vontade de um só substituida á vontade nacional.

Pois, foi para que não chegassemos á triste realidade de hoje, que o facto de 1848 se deu.

O que hoje se faz com um rasgo de penna, entre dous bocejos monarchicos, pretendeu-se fazer então; mas, então ainda havia peitos e braços na terra do

Brasil, e escreviam-se protestos com sangue generoso.

Hoje ! . . . até a tinta d'escrever faz medo !

Justiça já se vai fazendo, a posteridade já vai chegando para o facto de 1848.

Não poderam, generosos como eram os patriotas de 1848, soffrer em silencio o attentado, que depois se tem repetido por vergonha nossa, até chegarmos a esta vergonhosa eliminação da opinião.

Se é certo, segundo a sentença de um notavel escriptor, que — a melhor pedra de toque das nossas acções é o sentimento que inspiram aos nossos adversarios — vêde o que se tem passado e se está passando !

Com a arvore da independencia plantou-se a arvore do absolutismo : o interior e o exterior da nossa monarchia, a nossa chronica politica, fallam por mim.

Pois bem : os brasileiros d'El-Rei Nosso Senhor até hoje não retiraram uma oitava do seu odio ao facto de 1848.

Mas, hão de viver na historia esses generosos pernambucanos, que são ainda os ultimos Abencerrages da liberdade brasileira.

Os reis julgam-se anjos de paz, quando levantam forcas ou fazem marchar pelotões fusiladores ; e sempre chamam demonios de guerra os povos, quando bradam em dia de desespero !

Pobres reis que passam, em quanto os povos ficam !

Foram violentos os patriotas de 1848 ? O tempo veio mostrar, que a sua violencia devia ser reparadora.

Deve-se condemnar, disse Machiavello, a violencia que derruba ; mas, não a violencia que repara.

Pronunciando estas palavras aqui junto ao monumento commemorativo de NUNES MACHADO e de seus companheiros de 1848, tenho rendido o meu tenue tributo á sua memoria.

Que Deus inspire á geração, que vai passando, o patriotismo d'esses que já passaram!

Que se não tenha perdido para o Brasil a raça dos Gracchos!

NO FUNERAL DE T. B. OTTONI, MANDADO CELEBRAR PELO DIRECTORIO LIBERAL, AOS 27 DE NOVEMBRO DE 1869 *

Semmelach,

Sempre e em toda a parte a liberdade tem seus peregrinos; e este não devia descançar nunca!

THEOPHILO BENEDICTO OTTONI mostrou desde os primeiros annos as proporções gigantescas do athleta da liberdade! †

O grito liberal levantado no Porto aos 24 d'Agos-

* Ao chegar a noticia do fallecimento do senador Ottoni, escrevi na *Opinião Nacional* o seguinte:

“ Falleceu na côrte o distincto mineiro e inclyto liberal, senador THEOPHILO BENEDICTO OTTONI.

“ O que perdeu o paiz, o que perdeu a causa da liberdade com o desaparecimento de semelhante cidadão, não é preciso que expressemos.

“ E aliás embarga-nos a commoção!

“ Seu amigo, extremamente reconhecido como eramos ás bondades que comnosco sempre dispendeu, mal podemos depositar aqui um testemunho da nossa sandade.

to de 1820 repercutiu no Rio de Janeiro a 26 de Fevereiro de 1821; e a faísca electrica abrasou a imaginação do menino de 13 annos: fez-se cantor da idéa regeneradora; a liberdade e depois a independência, como elle proprio disse, foram os assumptos d'ensaios poeticos, d'esses communs nos verdes annos, e de que não restam vestigios nem na memoria dos autores.

Começou a jornada do peregrino, que não devia descançar nunca!

T. Ottoni matriculou-se na academia de marinha, e ahi fez o democrata a sua primeira conquista. Não sendo filho de *grande*, nem tendo *quatro avós nobres*, conquistou, pelo brillantismo dos seus exames, a graça de aspirante graduado em guarda-marinha, graça que nem na armada portugueza, nem na brasileira, coube até então a nobre ou a plebeu.

Organisou-se na côrte o Club dos Amigos Unidos, que muita influencia teve na revolução de 7 d'Abril. T. Ottoni foi seu secretario, e fez prodigios de actividade escrevendo para a imprensa da côrte e para a de Minas: nem siquer tinha ainda a idade requerida para o gozo dos direitos politicos!

“ O futuro saberá escrever em letras d'ouro o nome venerando de THEOPHILO BENEDICTO OTTONI; e a sua memoria produzirá Marios, inspirará novos atletas da liberdade.

“ Um testemunho, porém, devemos dar a Pernambuco e a todo o norte, em honra á memoria do grande cidadão.

“ Param em nosso poder muitas e longas cartas do finado patriota, aconselhando-nos e inspirando-nos para as lides da liberdade. Ahi vê-se, como aquella grande alma abrangia todo o Brasil, como a causa liberal lhe era igualmente sagrada com relação a Minas ou com relação ao Amazonas, com relação ao norte ou com relação ao sul.

“ Não ha grandes almas sem grandes horisontes.

“ Depois da oração e da saudade, prestaremos ao nosso venerando amigo o mais que os vivos podem prestar aos mortos, conforme os nossos fracos alentos.

“ Nas batalhas da liberdade invocaremos sempre, como um talisman de animação ou como um moto de bandeira, o nome glorioso de THEOPHILO BENEDICTO OTTONI. ”

† Os traços biographicos são da circular de Ottoni ao corpo eleitoral mineiro.

Em 1829 deu o illustre patriota a primeira prova da sua rigidez e do seu civismo. Fazendo parte, como escrutador, da mesa eleitoral da freguezia do Sacramento na côrte, esqueceu a sua farda de guarda-marinha para ser fiel aos reclamos da liberdade: propoz que fosse multado o general Joaquim d'Oliveira Alvares, ministro da guerra.

Era abrir inscripção gloriosa no *livro negro* da monarchia do Brasil. Tendo completado o curso da academia de marinha, sempre com os foros de melhor estudante, requereu sua matricula na academia militar, e foi-lhe negada! Por especial favor do Sr. Joaquim José Rodrigues Torres, hoje visconde d'Itaboraahy, que distinguia T. Ottoni como estudante e como correligionario politico, foi elle sentar-se como ouvinte na escola de mecanica, de que era professor o mesmo Sr. Rodrigues Torres.

Discipulo e mestre sahiam juntos da academia de marinha para a casa d'Evaristo; e esta amizade do Sr. Rodrigues Torres, hoje summo pontifice do rei só, valeu a T. Ottoni uma ordem d'embarque para a costa d'Africa, outra para o Baixo Amazonas; e soffreu inspecções de saude, e tudo mais para que se dêsse o que se deu: T. Ottoni pediu baixa do posto de guarda-marinha; e dando o abraço de despedida ao mestre, deixou na côrte o Sr. Rodrigues Torres redigindo o *Independente*, e foi publicar em Minas a *Sentinella do Serro*.

Era o principio do martyrio; mas, as almas como a de T. Ottoni não se abatem com as torturas. antes dobram as energias.

O peregrino não devia descansar nunca!

A *Sentinella do Serro* foi o brado convencido, que confirmou a provincia de Minas como a primogenita da liberdade no sul do imperio, associando o nome de T. Ottoni ao de Tiradentes.

Tudo se ergueu áquelle brado! Até as senhoras depositaram na caixa revolucionaria as suas joias!

A 6 d'Abril de 1831 assignou-se no Serro o

compromisso revolucionario, e a 7 consummava-se a revolução no Rio de Janeiro. Os serviços de T. Ottoni, para salvar a liberdade no primeiro reinado, hão de ter as honras de mais d'uma pagina da historia do Brasil!

O peregrino não devia descançar nunca!

Na maioridade, n'essa *journée des dupes* como elle proprio a chamou, em que um menino adquiriu o habito de brincar com o fogo, e com a felicidade de não queimar-se até hoje! na maioridade foram ingentes os esforços de T. Ottoni, para que a causa liberal não se perdesse.

As esperanças dos patriotas d'então foram illudidas bem pouco dignamente. . . .

Não era, porém, T. Ottoni homem de recuar: o peregrino não devia descançar nunca!

A revolução mineira de 10 de Junho de 1842 viu á sua frente T. B. Ottoni, que depoz as armas logo que o derramamento de sangue lhe pareceu uma insania, e foi receber no tribunal dos jurados gloriosas corôas do seu patriotismo.

O desanimo nunca penetrou aquella grande alma; mas, se o peregrino não devia descançar nunca, sabia que muitos caminhos levam á terra santa da liberdade.

Fazer da provincia de Minas a metropole da liberdade no Brasil, ao que lhe parecia dar direito o sangue de Tiradentes, tal foi o sonho de T. Ottoni, quando, como que arredado da politica, foi buscar nos pantanos e nas selvas do Mucury a molestia, que o levou á sepultura. Abrir caminho de sua provincia ao mar, desenvolver-lhe os recursos naturaes, era centuplicar a energia do espirito liberal mineiro.

É quanta injuria ao peregrino, que voltava com os pés ensanguentados!

Do Mucury só lhe ficou — a futura justiça da historia; e as lembranças affagadoras — do seu gentil Peruípe cortando as torrentes, onde até então a canôa rompia com difficuldade o balseiro — das pegadas do

seu sapato ferrado, primeiro vestigio da civilisação n'aquellas florestas — e da boa vinda que lhe davam cabildas de indios apontados pela historia como os mais ferozes antropophagos, exclamando — *Pogirum! Pogirum!*

E ficou-lhe tambem, Senhores, o germen d'essa enfermidade fatal, que roubou-no-lo, quando a liberdade tudo esperava d'elle!

O seu patriotico protesto contra a *mentira de bronze*, a que chamam estatua de Pedro I, protesto que envolve a *verdade de ouro*, a que se póde chamar estatua de Tiradentes; os seus serviços na celebre questão ingleza; os seus trabalhos na eleição da côrte em 1860, trabalhos que deixaram em pedaços o condão d'exclusivismo de certos dominadores: são factos de hontem que bem dispensam detida recordação, aliás impossivel na presente occasião.

O peregrino não devia descançar nunca!

Ainda hontem, Senhores, a voz de T. Ottoni troava no senado, em defeza das liberdades publicas hoje tão assombrosamente conculcadas! Ainda hontem o grande cidadão, despresando prescripções medicas (o peregrino não devia descançar nunca!) esgotou o ultimo alento na tribuna do senado! Como D. Manoel, como o general Foy, elle devia sahir da tribuna para o esquife! Foi o ultimo canto do cysne! O peregrino não devia descançar nunca!

O que mais poderei dizer, se me embarga a voz a saudade de tão veneravel e sincero amigo!.....

.....
 Aquelle peregrino não devia descançar nunca, Senhores! A historia ha de escrever — Trabalhou da primeira até a ultima hora!

Foi seu trabalho de todos os dias, no primeiro

como no segundo reinado. combater o governo pessoal; e hoje a ninguem é licito duvidar, que está aqui a causa de todos os nossos males.

Republicano de coração e monarchista por necessidade, forcejava para que, ao menos, a monarchia não fosse entre nós uma cousa que deshonrasse as plagas americanas; democrata constitucional, como elle se dizia, procurou combater sempre o *orientalismo* da côrte, recusou sempre beijar a mão do imperador, e morreu sem comprehender que o monarcha (são suas palavras) levasse a mal ver diante de si *um homem em pé!*

Beijar a mão do imperador.... Questão que não é para o pretor! Formalidade vã que não eleva, nem humilha! dizem os aulicos, querendo illudir a propria dignidade (os que ainda a têm) sem desagradar ao rei. E os incautos vão seguindo!

Como acaba de dizer o respeitavel Sr. Luiz Blanc, a proposito do juramento, que é uma *formalidade vã* para os que têm fome e sede dos raios da magestade napoleonica, podemos dizer aqui aos famintos e sedentos dos raios da magestade bourbonica: — Não repetamos isso muitas vezes, se queremos elevar o nivel dos costumes publicos!

T. Ottoni, Senhores, deixou dous immorredouros exemplos para o corpo e para a alma da nação: nunca beijou a mão do rei; nunca transigiu com o poder. Se chegou ao senado, chegou sobre os broquéis liberaes da sua provincia: a chronica contemporanea já impoz silencio aos pygmeus; a historia ha de confirmar a chronica.

O peregrino não devia descançar nunca!

Saint-Just, o homem mais activo produzido pela época mais agitada da historia, na phrase de um patriota francez, dizia — A força está nos inertes.

Assim é, quando resta confiança no espirito publico, quando não parece de todo represado o rio da opinião; e T. Ottoni assim o comprehendeu na inercia poderosa do Mucury.

Quando, porém, as papoulas da corrupção produziram somno approximado á morte, é preciso provocar as correntes do ar da liberdade; e é o que fazia T. Ottoni desde 1860.

E agora, quando mais do que nunca d'elle precisavamos, porque os coveiros da opinião do paiz se mostram cada vez mais famintos dos seus despojos, eis que a sua voz emmudeceu para sempre!

Curvemos a cabeça á vontade de Deus, e não desesperemos! A liberdade tambem conta as suas dynastias: os Tiradentes e Claudios, Canecas e Nunes, Medrados e Ottonis, terão successores!

O peregrino não devia descansar nunca! . . .

E não descansou! devemos crê-lo, eu o creio.

Na presença de Deus, por entre os effluvios da sua divina misericordia, T. Ottoni erguerá uma supplica pela liberdade da patria!

E ha de ser ouvida essa supplica, que a liberdade é na terra o signo mais fulgente do poder e da gloria de Deus!

Só então começará para o peregrino a eternidade!

Só então o peregrino descansará!

NO FUNERAL DE T. B. OTTONI, MANDADO CELEBRAR PELO CLUB
POPULAR, AOS 27 DE NOVEMBRO DE 1869

Senhores,

Com o todo proposito poderia eu começar pelo *infandum* de Virgilio.

Ha dous mezes que a minha fraca palavra e a minha tosca penna estão a serviço da memoria do patriarcha liberal THEOPHILO BENEDICTO OTTONI. *

Era meu mestre e meu amigo, afigurava-se-me o ultimo Abencerrage da liberdade no Brasil, o seu nome tinha provocado o meu primeiro e talvez o meu ultimo viva individual na praça publica. . . . impelliam-me, pois, a admiração e a gratidão.

Mas, operario tão fraco para tão ingente obra de memorar tão illustre nome, a consciencia já me havia moderado as pulsações do coração, e já me havia imposto o silencio. . . .

* Em longas transcrições e referencias ao patriota mineiro, na *Opinião Nacional*. (Nota da presente edição).

Eis que hontem, Senhores, no recinto do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, leuse o convite do *Club Popular*, de que sou humilde consocio, e a voz commovida do venerando ancião que ali nos preside, rendendo em lucido laconismo uma homenagem á memoria de Ottoni, lembrou e recommendou ao Orador do Instituto o cumprimento do seu dever. Senti que nenhum *infandum* poderia valer-me, e eis-me para dizer-vos quatro palavras, que deixarei apadrinhadas por vossa illustrada benevolencia.

Quando, Senhores, eu revolveo no Instituto as chronicas do nosso passado, quando vejo perdido para a liberdade tanto heroismo, desde Vieira até Nunes Machado, desde Tiradentes até Ottoni. . . . quando comparo o atrazo da nossa educação politica, o desperdicio da seiva americana n'este imperio da Santa Cruz, com a solidez diamantina da liberdade nos Estados-Unidos, ali onde Washington como que resumiu em si o heroismo — e esse mesmo um heroismo de fórmulas severas e calmas que podia fazer calculos seguros, e não, como o dos nossos antepassados, inaugurado por entre escolhos, exercido por lutas cruentas de cada dia, e epilgado pelo cadafalso. . . . quando confronto as nossas lutas de liberdade ás dos nossos irmãos norteamericanos, e vejo tão profundamente desiguaes, em nosso desfavor, os resultados d'essas lutas, fico perplexo!

Porque assim? se despendêmos mais heroicidade, mais sangue, se soubemos illuminar tantas e tantas vezes, com a espada de fogo da liberdade, as florestas virgens da America, se tantas vezes desfraldámos, e com tão santa galhardia, o pendão da dignidade humana no alto das forcas, ou sobre o poste que miravam os pelotões fuziladores!

E' que ali, com os primeiros povoadores foi a arca santa da liberdade; e aqui, para abrir luta cobarde com os nossos innocentes aborigenes, veio-nos a escoria da população de Portugal, guiada por alguns varões illustres, mas servos ignaros d'El-Rei Nosso Senhor!...

O germen ficou e reproduziu-se. As nossas lutas feriam-se e acabavam sempre por El-Rei Nosso Senhor. Vêde na dominação hollandeza: Vieira desobedeceu ao Rei para melhor servir ao Rei; e no fim, do que devia ser nosso — fez presente ao Rei!

Ali, á voz de um Franklin respondia no parlamento inglez a voz de um Chatham, e nós só tínhamos em Portugal vozes de senhorio e de vilipendio!

Ali, á idéa de chamar um rei depois da independencia estremeceu o coração patriotico de Washington, e a vibração communicou-se a todas as ex-colonias, que todas tinham a semente da liberdade!

Aqui, a mesma idéa da independencia foi procurar abrigo no peito caviloso de um rei; e tanto fizemos, e ainda hoje fazemos, que a independencia começou e acabou por um Rei, ao menos para certos historiadores.... Tanto é certo que tínhamos a semente do despotismo!

Erro tão fatal veio completar os gravissimos danos das nossas funestas origens!

Que fizessem do Brasil uma monarchia os nossos antepassados, já que não tínhamos as origens da America Ingleza.... Mas, que fossem buscar um Rei portuguez, com todos os vicios e preconceitos do mais abastardado absolutismo.... Que fossem buscar um Rei portuguez para continuar as tradições e prejuizos dos tempos coloniaes!... Erro fatal!

Que inaugurassem qualquer outra dynastia, que fundassem uma monarchia americana.... Mas, que transplantassem com todas as suas miserias e ridicularias a monarchia d'El-Rei Nosso Senhor!... Erro fatal!

Dado semelhante passo, o que se devêra esperar

senão o triste presente, precursor infallivel de um tristissimo futuro, se o Brasil continuar a assistir immovel ás exequias dos seus direitos, ao lançamento do auto da sua ignominia?

Liberdade — já vai sendo entre nós uma palavra ridicula, a medo articulada por entre arautos e passavantes, ao som de charamelas imperiaes, com o humilhante condimento das ceremonias do beijamão!

A face de Theophilo Ottoni tingia-se de patriotico rubor, ao contemplar os perigosos ridiculos da monarchia brasileira, ridiculos que trazem na substancia a condemnação da liberdade — e n'isso está a gloria do illustre mineiro.

Que tenhamos uma monarchia; mas, que tenhamo-la americana, como poderia ensinar Leopoldo da Belgica; que tenhamo-la com respeito á opinião do paiz, sem ouropéis ridiculos que recordam e revivem tempos nefastos!

Os ultimos dez annos da vida de Theophilo Ottoni foram gastos, dia por dia, em combater o governo pessoal; e combatia-o na substancia e na fôrma: o grande patriota bem sabia, attentas as nossas origens, quanto a fôrma entende com a substancia. . . .

Eliminado o governo pessoal, constituido o governo do povo pelo povo, reduzido o rei a primeiro magistrado da nação, primeiro servo da lei e da opinião, o Brasil não continuaria a deshonrar a terra da America, como um pedaço da Europa, e da Europa de hontem. . . . E a arvore da liberdade poderia medrar entre nós.

Os ultimos dez annos, pois, da vida do cidadão illustre que morreu sem beijar a mão do Rei, sem receber nunca um seutil da chamada *moeda da monarchia*, moeda ainda mais desacreditada do que o papel do nosso thesouro publico. . . . os ultimos dez annos

da vida de Theophilo Ottoni, em combate incessante contra o governo pessoal, resumem a gloria do seu nome; e sou contente com este traço incorrecto em honra á sua memoria.

Não me estranheis a energia do pensamento e da phrase, Senhores. Ali, n'aquelle recinto tranquillo do Instituto, nós não nos reunimos senão para admirar as energias dos nossos antepassados; e mais d'uma vez exalta-nos a paixão por essas pelepas tão nobremente pelepas, em nome do Direito e da Liberdade.

Ora, Theophilo Ottoni é nosso antepassado.

Tenho para mim, que é privilegio dos homens verdadeiramente grandes — pertencerem á historia desde o momento da sua morte.

Como tomba o cedro, elle tombou . . . depois de Nunes Machado, Landulpho, Chavier da Cunha, e outros cruzados da liberdade!

Como elles, morreu abraçado á sua bandeira, e esgotou o ultimo alento de vida no combate. Qual outro general Foy, seguiu o caminho do preclaro D. Manoel, e da tribuna passou ao leito mortuario! Qual outro Chatham, não pôde ver o eclipse do sol da patria!

Todos, amigos e adversarios, foram beijar-lhe a pedra da sepultura . . . E ainda hontem chamaram-n'o até de *louco*!

Louco, sim, e foi a sua gloria! N'estes ferreos tempos do despotismo brasileiro é gloriosa a loucura da liberdade, como nos aureos tempos da Igreja era santa a loucura da Cruz!

Tombou abraçado á sua bandeira!
Peçamos licença ao morto para reergue-la, e não
duvidemos do futuro!

Descança em paz, filho querido da patria!
Os que ficam, saberão ser agradecidos ao exem-
plo grandioso, que nos legaste!

Se a algum sceptico fosse dado fazer levantar o
morto de seu leito de pedra, para perguntar-lhe, á
vista do desalento que vai pelas fibras da nação —
O que fizéste a nosso favor? — elle poderia responder
como o grande Lafayette — Estive sempre em pé!

Não ha outra cousa a fazer, soldados da liber-
dade! Se queremos garantir o futuro da patria, faça-
mos como Theophilo Ottoni:

SEMPRE EM PÉ!

NA ARCADIA PERNAMBUCANA, SESSÃO FUNEBRE COMMEMORATIVA
DO PATRIOTA T. B. OTTONI, AOS 6 DE DEZEMBRO DE 1869

Senhores,

Quando não a estreiteza do tempo, bastaria a
commoção para encurtar as linhas, que passo a ler-vos.

Entretanto, immenso é o meu desejo de aproveitar
toda a occasião de prestar a um bom amigo e ex-
cellente mestre pleno testemunho da minha gratidão
e da minha saudade!

Quando o prolongado dominio conservador, exa-
gerado (como ainda hoje) por insensatas aspirações de
perpetuidade no segundo reinado, foi afinal provocan-
do a reacção efficaz da opinião liberal — esta opinião,
que sempre se faz sentir, mais cedo ou mais tarde, em
que peze aos apóstolos do absolutismo — alguns mo-

ços generosos fundaram na côrte uma das mais patrióticas folhas d'este decennio (*Actualidade*); e T. Ottoni, a antiga *Sentinella do Serro*, o cidadão que desde a sua juventude incarnou em si o patriotismo mineiro, acercou-se d'esses moços, e embocou vigorosamente a tuba da liberdade.

Como então escreveram os moços da *Actualidade*, á voz de T. Ottoni foram resurgindo os liberaes do primeiro reinado.

O antigo redactor da *Sentinella do Serro*, o revolucionario de 1842, o patriótico empresario do Mucury que metteu hombros á empresa gigante de fazer um caminho da sua provincia ao oceano (empresa grandiosa, que tantas injurias lhe custou!) reaparece na scena, que era tempo de reivindicar os fóros da liberdade.

Em 1860 escreveu aos eleitores da sua provincia essa monumental circular, que, sendo a mais fundamentada demonstração dos seus serviços á causa liberal, foi ao mesmo tempo a condemnação da marcha astuciosa e obliqua do elemento monarchico no imperio americano.

Se a circular valeu-lhe a inclusão na lista senatorial, confirmou as repugnancias, que, para a escolha de um democrata da sua tempera, são congenitas a monarchas, que não se parecem com Leopoldo da Belgica.

A provincia de Minas oppoz ao direito de uma recusa caprichosa o direito de uma eleição reiterada e reiterada; e T. Ottoni chegou ao senado pelos caminhos que sempre trilhára, embora a paixão partidaria houvesse querido ver no facto um quebrantamento de radicadas opiniões, de tradicional sobrançeria. . . .

Pygmeus que nunca faltam, para salpicar de lama um gigante como aquelle, que ia passando sem vê-los!

O tempo veio mostrar, que aquelle caracter de tempera antiga devia finir se identico a si-mesmo!

No dominio de um dos ultimos ministerios conservadores, a côrte viu, o que era desusado desde os primeiros tempos da independencia: o governo perdeu a eleição, e perdeu-a ali na côrte.

O golpe de morte ao partido conservador estava dado, e Cesar não podia repetir a T. Ottoni o *tu quoque*, porque o Bruto brasileiro nunca havia escondido o seu punhal!

Os serviços prestados por T. Ottoni na praça publica, e na tribuna parlamentar, não cabem na forçada estreiteza d'estas linhas.

Em 1862 tratava-se d'inaugurar a mentira de bronze que se chama estatua equestre, prematura e vergonhosa condemnação do 7 de Abril. Não contavam com T. Ottoni, os que não contam nunca com a dignidade alheia, porque não têm dignidade. Foi T. Ottoni o eleito do genio da liberdade, para proferir contra o bronze da mentira a palavra da verdade, que devia vingar um passado glorioso da liberdade no Brasil, deixando perpetua mina d'indifferença, e por ventura de desprezo, sob as bases monumentaes do cavallo e do cavalleiro de bronze.

T. Ottoni era então o condemnado da vontade irresponsavel; e, onde os echos liberaes haviam despartado, o seu nome era uma bandeira.

Nas deputações que deviam assistir á inauguração da estatua do primeiro imperador, incluíram o nome do T. Ottoni:

A assembléa legislativa da provincia do Paraná;

A da provincia de Minas;

As camaras municipaes de Conceição, Itabira, Sabará, Santa Luzia, Pitangui, Marianna, Parahybuna, Formiga, e S. Bento — da mesma provincia;

As de Cunha, Campinas, Taubaté, Bragança, So-

rocaba, Guaratinguetá, Lorena, S. José de Barreiros, S. José da Parahyba, Indaiatuba, Atibaia, Queluz e Cabreúva — de S. Paulo;

As de Valença, S. Antonio de Sá e Capivary — do Rio de Janeiro;

As de Caravellas e Alcobaca — da Bahia;

As de Paraná, Antonina e Morretes — do Paraná;

A de Benevente — do Espirito Santo;

Finalmente, a Imperial Sociedade de Instrução e Recreio — do Rio Grande do Sul.

O paiz como que ficou suspenso da palavra de T. Ottoni. O que ia dizer ou fazer o tradicional patriota? Despiria a toga immaculada do Tribuno, e confirmaria a astuta condemnação do 7 d'Abril?

Ninguem acreditava n'isso, e todos esperavam.

Em carta de 24 de Março de 1862, escripta a todo Brasil, embora dirigida ás corporações que o haviam honrado, T. Ottoni expoz á veneração publica o vulto gigantesco de Tiradentes, lavrou a sentença da mentira de bronze, e concluiu: — Pela minha parte, filho da liberdade, veterano do 7 d'Abril, eu desmentiria o meu passado, se me associasse de qualquer modo á solemnidade da inauguração da estatua equestre.

T. Ottoni nunca transigiu com o poder.

Em fins de 1862, em consequencia dos esforçados trabalhos parlamentares do illustre patriota mineiro, um inquerito abriu-se na alfandega da côrte, e T. Ottoni fez parte da commissão.

O governo imperial assentou de agracia-lo com a carta de conselho; e elle, por carta que dirigiu ao ministro da fazenda, recusou a graça.

— Sabeis, disse T. Ottoni, que em 1841 inspirei a commissão *intima*, que respondeu ao governo não

dever ser condecorado membro algum da camara dos deputados, por motivo da maioridade. Sabeis, que em 1841 declarei na tribuna não acceitar o tratamento de senhoria, que fôra liberalisado aos deputados por motivo da coroação. Sabeis, que em 1845 o governo honrou a sinceridade das minhas opiniões, não me contemplando na lista dos condecorados por motivo do nascimento do principe D. Affonso, se bem tivésse eu sido o orador da deputação da camara. Sabeis, finalmente, que em 1846 resisti ás vossas instancias, para que eu quebrantasse taes precedentes. Já vêdes, que não posso desmentir-me em 1862.

Nobre altivez democratica! Era preciso que T. Ottoni morresse de *casaca limpa*, como diz o povo, que bem sujas vão as condecorações na maioria das casacas de hoje! Era preciso, que, contra os ouropéis do absolutismo que nos têm minado e vão minando, se estampasse n'uma pedra de sepultura o vulto singello de um rei da democracia!

Na celebre questão ingleza o patriota trovejou na praça publica, e o seu braço potente auxiliou o governo d'então, como auxiliaria qualquer outro governo. Os espiritos mesquinhos quizeram ver n'esse, e em certos factos posteriores, uma transacção com o poder: como se o senador Ottoni não fosse a mais brilhante, e por muito tempo ainda a ultima expressão do principio democratico em luta franca com o principio monarchico!

O tempo veio mostrar, que o liberal mineiro devia morrer identico a si-mesmo.

A historia ha d'escrever de T. Ottoni, que elle teve a mais rara das virtudes do homem publico: a de pôr em perigo uma immensa popularidade, para não sacrificar sua consciencia de desinteressado patriota, de homem de bem!

.....
E agora, Senhores, quando a luta se reabre violenta contra as phalanges da liberdade, ei-lo que de novo se erguia com toda a altura do seu vulto magestoso, e já os liberaes estavam todos congregando-se em torno do patriota mineiro, como aquelle cujo passado puramente democratico melhores fiadores offerecia de uma boa direcção para o futuro da liberdade! E' preciso valor n'esta pugna da liberdade no Brasil, e entre nós ninguem foi, nem será, mais valente do que Ottoni!

E foi justamente agora, que a morte veio roubar-no-lo!

Cahi fulminado como o roble pelo raio do céo, e o seu cadaver como que mais approximou aos olhos de todos as suas proporções gigantescas!

Toda a população de uma grande cidade descobriu-se e curvou a cabeça! Amigos e adversarios foram depositar um tributo de respeito á memoria do grande homem!

E hoje o Brasil inteiro está rendendo homenagens ao exinio patriota, que pertence á historia!...

.....
A commoção não me deixa continuar, Senhores! N'este momento estão me acudindo á mente as palavras conscienciosas, energicas e ungidas, com que esse grande homem me animava para as lutas da liberdade, alliando a energia de um tribuno á calma de um estadista....

Já não existe aquelle, que o povo do Brasil sagrou seu primeiro tribuno!

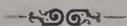
Descançou da vida terrena para viver na historia, que lhe confirmará a corôa decretada pelos contemporaneos!

Aqui deponho, no seio da mocidade generosa, o meu pequeno tributo de saudade ao rei da democracia.

Ao rei, sim....

Accommodando aqui um altivo conceito do illus-

tre senador Silveira da Motta — n'um estado decadente, mais do que a corôa do rei val a do simples cidadão, que toma a espada de fogo da liberdade, e jura pela cruz d'essa espada morrer batalhando pelo futuro da patria, como THEOPHILO OTTONI! *



Tambem a *Madresilva*, singella e despretenciosa, como deve ser e se reconhece, deposita a sua tenue offerta do incenso da saudade no tumulto do grande cidadão.

E as leitoras não levarão isso a mal. Nunca a mulher, a mulher que sempre sente, a mulher que tem sempre o coração poeticamente aquecido como uma lampada do sanctuario, nunca a mulher assim deixou de saudar em sua passagem — Byron ou Chateaubriand, Palmerston ou Lamartine, Bellini ou Raphael, Garrett ou José Estevão, Maciel Monteiro ou Nunes Machado....

E como as mineiras de outr'ora saudaram em Theophilo Ottoni o astro da liberdade, que se levantava radiante no horisonte da vida, e abraçaram o inspirado tribuno, as pernambucanas de hoje, as filhas d'esta Minas do norte, como é Minas — Pernambuco do sul, as comprovincianas de Domingos Theotônio, Nicoláo Martins, e tantos.... as pernambucanas saberão saudar em Theophilo Ottoni o astro da liberdade, que acaba de reclinar-se no horisonte da eternidade.

* Como appendice transcrevo em seguida o artigo, que publiquei na *Madresilva*, folha litteraria dedicada ás senhoras, n. 4 de 15 de Novembro de 1869. Onde me foi possivel não faltei com o meu fraco testemunho de apreço ao grande cidadão.

E nem só por estas considerações deve ser saudado aqui o nome de Theophilo Ottoni. As letras — o jardim da sciencia, como a mulher é o jardim da vida, contam em Theophilo Ottoni um triumpho: não ha grande homem (a historia o diz), sem que lhe tenha enramado a fronte a litteratura, sem que lhe tenha perfumado o coração a mulher. Ainda os que assignaram com a espada o seu nome no templo do futuro . . . procurai: escreveram um poema por entre o fumo das batalhas, e foram buscar uma corôa, para deposita-la no regaço de uma mulher.

Theophilo Ottoni foi um litterato. Escreveu opusculos e dissertações, que, no juizo de uma folha portugueza, confirmam o seu profundo saber litterario, e o seu fino tacto critico.

Trasladaremos apenas da *Noticia historica* ácerca da vida e obras do seu tio o poeta José Eloy Ottoni, o que elle diz a respeito de uma paraphrase dos *Proverbios* de Salomão, na parte em que a theoria do direito divino da realeza foi buscar amparo e escudo.

“ E' n'um dos capitulos dos — *Proverbios* — que vem o tão fallado texto — *Per me reges regnant* — o qual, traduzido como o servilismo o traduziu — *o poder dos reis vem de Deus* — foi a origem d'esse *devaneio* que a Europa chama — *legitimidade*.

“ Sem se affastar um ápice do sentido rigoroso da *Escriptura*, a *Paraphrase dos Proverbios* torna patente, que para derivar de tal fonte a doutrina ultramontana de que — *o poder dos reis vem de Deus* — foi mister recorrer-se a mais de uma fraude piedosa. Por quanto, não sómente se destacaram aquellas palavras de um corpo geral de doutrina, que toda se resume assim — a sabedoria é regra de bem proceder para todas as idades, estados e condições — como além d'isso entendeu-se que o — *me* — do fragmento subtrahido era alli pronome de — *Deo* — quando sómente o é de *sapientia*.

“ Eu vou collocar o texto latino ao lado da paraphrase, e tenho assim boa occasião não só para de-

monstrar a minha asserção, como para facilitar meios e dados com que os entendedores possam reconhecer, que, com os seus profundos conhecimentos philologicos em latinidade e na lingua vernacula, e com a elegancia de sua dicção, com a pureza de sua linguagem castiça, José Eloy Ottoni era verdadeiramente um tractor de genio.”

CAP. 3.º dos PROVERBIOS DE SALOMÃO

12

Ego sapientia habito in consilio,
et eruditus intersum cogitationibus.

12

Eu sou a sabedoria
Que delibero em conselho.
Assisto aos judiciosos,
Tanto ao moço como ao velho.

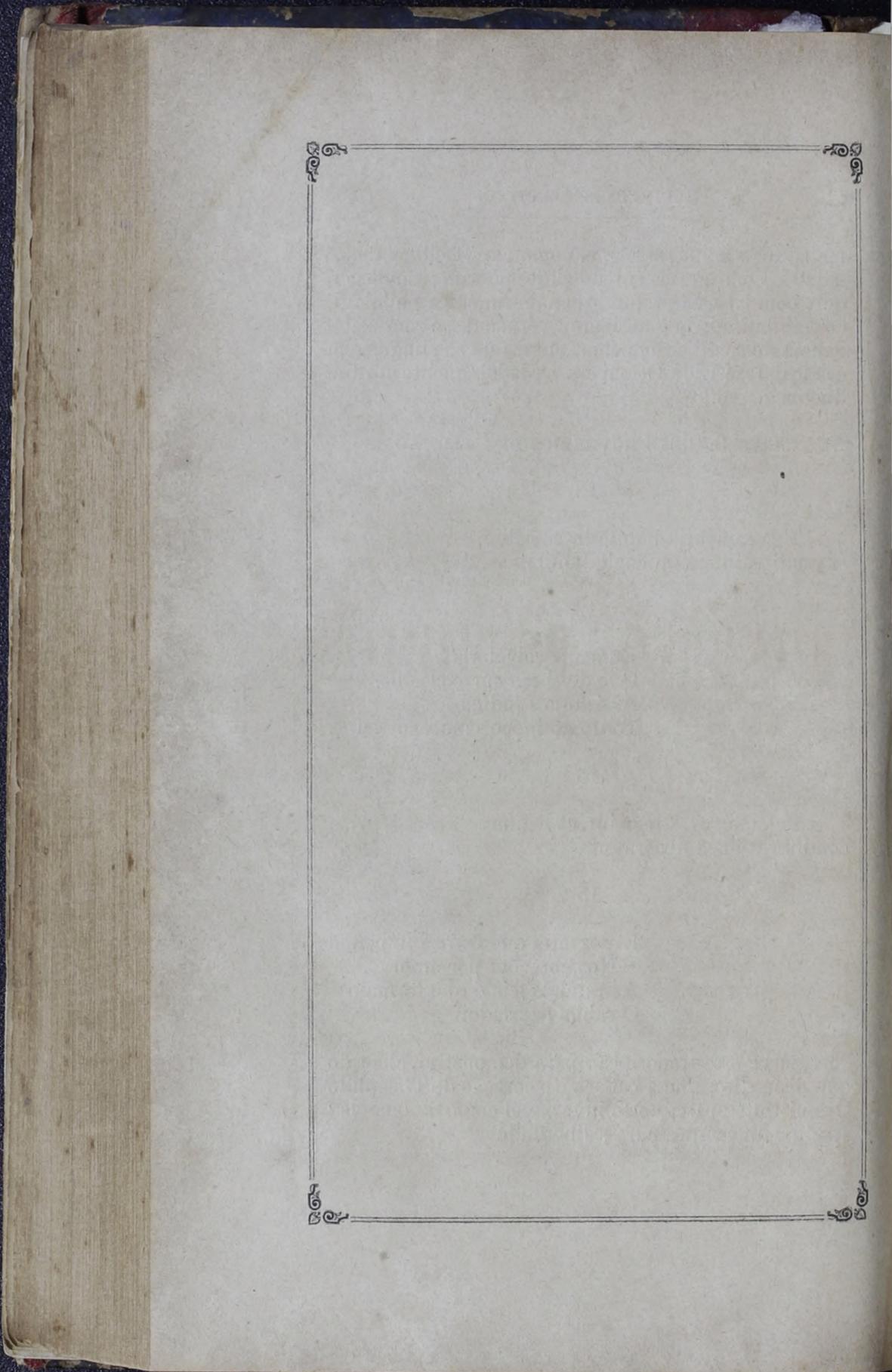
15

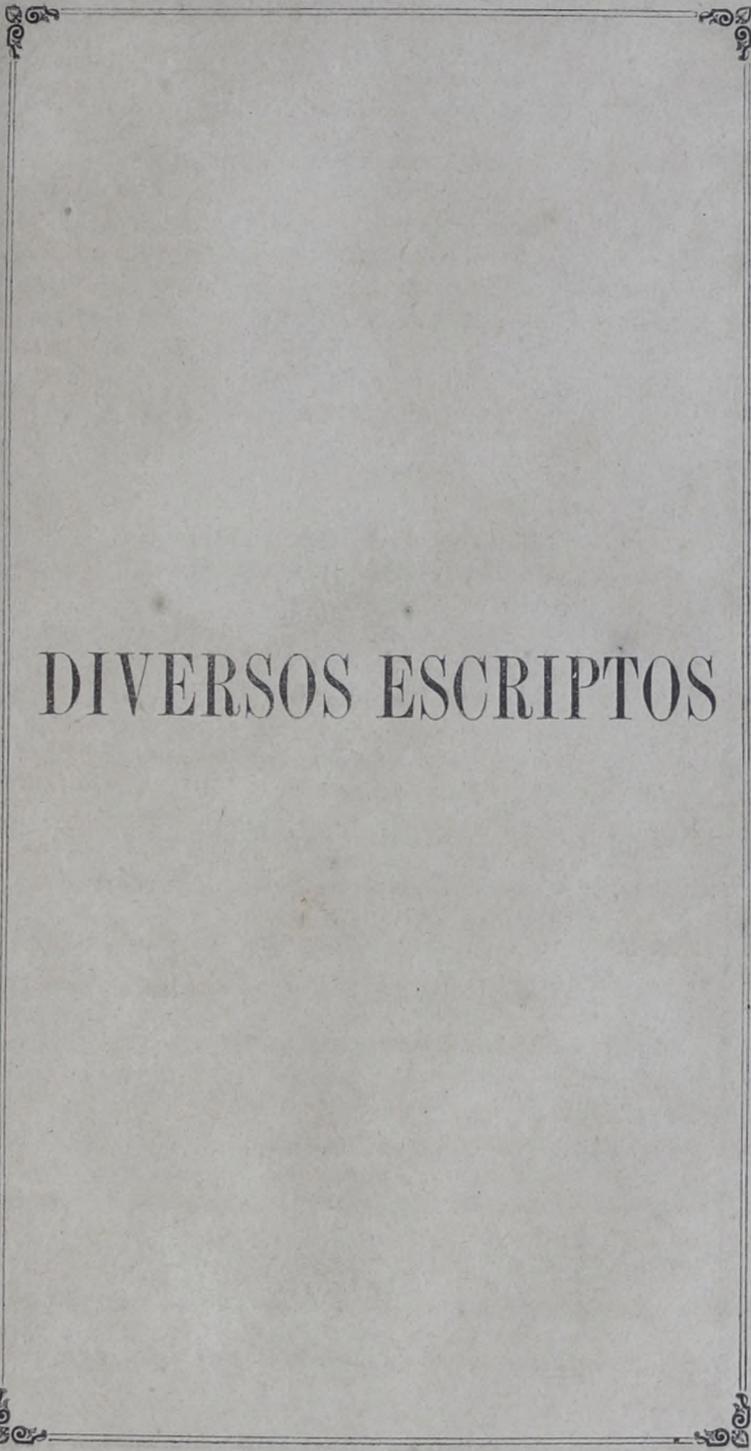
Per me reges regnant, et legum
conditores justa decernunt.

15

E' por mim que os reis imperam
“ Nos corações por amor ; ”
As minhas leis é que formam
O sabio legislador.

Serve esta transcripção para demonstrar, além do que ficou dito, que a cabeça e o coração de Theophilo Ottoni tinham um norte invariavel como a bussola : apontavam sempre para a liberdade.





DIVERSOS ESCRITOS

ॐ

ॐ

ॐ

ॐ

RAZÃO D'ORDEM

Por tres annos sustentei a "Opinião Nacional," com indiziveis sacrificios de trabalho, e tambem com sacrificios pecuniarios muito ácima das minhas possibilidades.

Depondo a penna de jornalista politico, aos 28 de Junho de 1870, bem senti, que não devia retirar-me em silencio. Queria ser franco e plenamente explicito no fim, como fui no principio, como serei sempre. Que todos me julquem com perfeito conhecimento de causa, na politica como em tudo, desejei, desejo e sem-

pre desejarei. Soldado da idéa, nunca me preocuparam, nem me preocuparão, as nuvens e difficuldades, que se poderiam levantar no meu futuro de homem publico, n' estes tempos cesarianos que vão correndo para o Brasil; que estou contente na minha obscuridade politica, e abundantemente recompensado com a consciencia do cumprimento do dever. Morrerei preferindo ser soldado da idéa a ser marechal de Cesar; e deixo ao tempo a prova da minha sinceridade ---- que infelizmente bem

sabemos todos, quanto é difficil, se não impossivel, acreditar na probidade politica de quem quer que seja Se tanto vão afrouxando, se tao frouxos estão, todos os laços dos bons costumes publicos, e mesmo privados! . .

Pensava e sentia, que devia a minha ultima palavra de jornalista aos meus leitores.

Digo ultima palavra de jornalista, porque, tendo sido baldado todo o meu esforço para prolongar a vida da "Opinião Nacional," tendo me rendido ao impossivel, devia remetter-

me ao silencio nas lides da imprensa. E digo
----- ao silencio, porque, habituado a pensar e
escrever "por minha conta. . .", só de longe em
longe poderia comparecer em jornaes atheios, e
sempre com a responsabilidade da minha humil-
de assignatura.

N^o entanto, sentindo e pensando
assim, circumstancias independentes da minha
vontade (e tambem o desejo, que por muito
tempo me acompanhou, de fazer reaparecer a
folha) fizeram-me incorrer em falta de cortezia

para com os meus benevolos assignantes, aos
quaes tanto devo, pois foi a "Opinião Na-
cional", um puro esforço individual, sem
prestigio e auxilio de grupo ou partido al-
gum.

Vou fazer agora, o que a muito deverei
ter feito; e aos que pensarem "não ser este
o lugar", direi, que o autor do livro conta
os mesmos auxiliaadores, que contou o redactor
da folha. A divida, pois, é agora dupla;
e que o não fora, sempre é tempo de pagar uma

divida : a verdadeira prohibidade não allega
prescripção.

Dou assim a razão de ser, aqui, dos
" Diversos escriptos ,, que vão ser lidos, extra-
hidos da " Opinião Nacional, ,, para que
fique em largos traços desenhado o meu pensa-
mento politico.

Que ao menos levem-me em conta a in-
tenção, e seja por esta amparada a pobreza
do escriptor.

DIVERSOS ESCRIPTOS

A "OPINIÃO NACIONAL" E O SEU REDACTOR

O que fiz na imprensa politica de Pernambuco, de 1867 a 1870? A outros cabe dizer-lo; a mim cumpre exarar ligeiramente, o que tive em vistas por bem da idéa em geral, por bem de Pernambuco e das outras provincias do norte em particular.

E' o que vou fazer aqui em ligeiro arrazoado, ao qual servirão de complemento os escriptos subsequentes.

Desde muito vejo no futuro a desmembração d'este imperio. Não a proclamei, nem proclamo-a

para o dia d'hoje ; mas, desde muito quer me parecer, que n'estas auras americanas uma monarchia, que por força de sua indole significa concentração, e significa por consequencia grave damno á liberdade, não póde ser cousa de seculos.

Não me parece, entretanto, que o dia tenha chegado para o facto ; parece-me, porém, desde muito, que *nós do norte* devemos levantar barreiras á concentração da *côrte do sul*, por honra nossa e proveito dos nossos filhos. O tempo fará o resto.

Foi este um constante intuito da *Opinião Nacional*.

Era em fins de 1867, e dominava o grupo progressista. Estavam em opposição — o grupo conservador, e o liberal genuino a que eu pertencia. Se o partido liberal tinha-se dividido no poder, o conservador estava pelo menos ameaçado de séria dissidencia na opposição, suscitada pelos manifestos do *Constitucional* da *côrte*, sob a redacção do Sr. Dr. Pedro de Calasans.

Na direcção do unico orgão liberal d'então, não guerreava eu de frente o grupo conservador ; mas, declinei sempre qualquer solidariedade com esse grupo : a nossa chronica politica diz-me, que os presentes d'esses gregos são sempre envenenados.

Eis que, despedindo-se do anno de 1867, o *Conservador*, orgão do grupo em Pernambuco, articulou queixas de pouco apreço, da parte dos seus augures da *côrte*.

A este proposito, disse a *Opinião Nacional*, a 28 de Dezembro do referido anno :

“ O *Conservador*, despedindo-se da imprensa do seu credo politico, e congratulando-se com o *Correio Mercantil* pelos optimos serviços prestados á causa conservadora, conclue fazendo queixas amargas pelo desprezo, com que os chefes da *côrte* tratam as provincias.

“ Que triste espectaculo se está dando n'este paiz !

“ Um partido, que acaba de rufar os seus tambores em todos os angulos, que trata de constituir-se maçonicamente, como diz o Sr. Dr. Pedro Calasans, que diariamente ufana-se da sua força, dos prodigios da sua concentração, já se queixando, quando ainda está dependente de um programma, do desprezo de seus chefes !

“ Deseganemo-nos, nós cá das provincias do norte que *estamos longe do fogo*: fóra da côrte não ha salvação.

“ Sejamos liberaes, sejamos conservadores, a politica austriaca, de que fallava o illustre Landulpho Medrado, ha de trazer-nos sempre assim a reboque, a serviço de meia duzia. . . .

“ Ufana-se o partido conservador da sua disciplina e da sua força ; e já d'aqui, antes do programma, antes que as taboas da lei tenham descido do Sinai cortezão, partem queixas contra o centro ; e na propria côrte o Sr. Dr. Pedro de Calasans sóta o grito de divisão do partido. . . .

“ E' sempre a mesma tactica. Fraccionado o partido liberal, era preciso tambem fraccionar o partido conservador, e está fraccionado.

“ Assim, pois, dividido, e sem programma, pois que Moysés ainda não desceu da montanha, isto é, sem idéas, sem rumo e sem norte, qual a razão de suppor-se o partido conservador mais habil para o poder, do que o liberal ? A idolatria de dous ou tres nomes proprios ?

“ Fallemos todos claro, se não queremos continuar em uma politica de sordida especulação.

“ Ha guerra occulta e violenta contra os partidos de opinião ; e estes acham-se ambos impotentes para a reacção.

“ Existe sim, e vai por ahi vivendo vida de saltador d'estrada, armado até os dentes, o partido imperial.

“ Não será, pois, zelando preconceitos já mui sa-

fados, e sacrificando no altar impuro de meia duzia d'idolos já mui gastos, que salvaremos o paiz.

“ A queixa do *Conservador* é a queixa de todo o norte, abstracção feita de côres politicas.

“ Façamos uma opposição larga. Desçam a combate franco todos os que têm a coragem do ostracismo. Formar-se-ha assim o nucleo do partido liberal, que ha de dominar o paiz, que ha de dar ao norte o prestigio que já teve, e que de todo querem tirar-lhe.

“ O partido liberal, dizemos nós.

“ Se o que existe é a corrupção do poder pelos seus excessos, o que poderá restabelecer o equilibrio, a não ser o principio liberal ?

“ O partido conservador é um fossil.

“ Os homens conscienciosos d'esse partido, que a elle adheriram, quando o perigo lhes pareceu vir do lado da liberdade, devem declarar-se hoje francamente liberaes, pois que é bem claro o perigo, o grande perigo que nos ameaça do lado da autoridade.

“ Aliás, continuaremos a viver todos n'esta luta de palavras e de idolos, desprestigiando cada vez mais a nossa provincia, e com ella todo o norte, em proveito de uma côrte madrasta, que só brinca e folga a seu gosto, quando sabe que estamos açamados, ou entretidos, por nossas mesquinhas lutas, no trabalho insano do nosso proprio desapareço.

“ Em a nossa politica do norte, actualmente, deve haver alguma cousa que abranja todos os bandos politicos, que seja propriamente *nortista*.

“ Ainda com risco de soffrer malignas interpretações, deixamos isolada a nossa proposição, que em occasião opportuna desenvolveremos.”

Eis o meu *nortismo*; eis um dos empenhos a que não faltou a *Opinião Nacional*.

O que por ahi se vai passando nas linhas conservadoras, esses dous grupos em que dividiu-se o partido, predominando, já se sabe, o grupo imperial, essas forcas caudinas do imperialismo sempre erguidas como condição indeclinavel do poder, a concentraçào cada

vez mais rigorosa, a preferencia decidida pelas cousas do sul, tudo isto, por entre affagos fingidos á idéa liberal, o que significa? Que n'este imperio americano tudo é ficticio, que não ha n'elle nem opinião, nem homens: que Allah é Allah, e Mahomet o seu Propheta.

Ha trinta annos dizia na França um illustre diplomata: — As cousas vão mal, porque não temos estadistas; e não temos estadistas, porque as cousas vão mal.

E' o estado do Brasil: não ha sahir do circulo vicioso. Grupo liberal, grupo conservador — imperialismo sempre.

Em quanto aqui e ali os servos da gleba politica repetem hoje, ou estão promptos a repetir amanhã: Allah é grande, e Mahomet é o seu Propheta, vamos trabalhando e repetindo sempre, nós os poucos crentes do futuro: *Deus providebit.*

O governo pessoal, o imperialismo, foi um dos objectivos da *Opinião Nacional*; e o orgão liberal estava n'isto de pleno accordo com o grupo conservador então em opposição.

O *Conservador* de Pernambuco, dirigido e redigido por individuos, que hoje são *magna pars* na governança do paiz, atacava o imperialismo na pessoa do monarcha, com energia superior á minha.

Vejam.

No *Conservador* de 18 de Janeiro de 1868 escrevia-se, que tinhamos *governo do Imperador pelo Imperador*:

“ O Governo, a nefasta politica do governo do Imperador, foi quem creou este estado desesperado em que nos achamos. Foi o governo quem imprudentemente declarou a guerra; foi o governo quem desaza-

damente matou todos os instinctos guerreiros, ou sufocou todos os sentimentos de patriotismo da população; foi o governo quem tornou horrorosa a idéa de marchar para o Paraguay; porque foi o governo quem fez acreditar, por seus actos, que o seu mais alto empenho era tanto derrubar Lopez, como exterminar no imperio todos os partidos, que não adheriram á sua politica de proscricção, de corrupção, de venalidade, e de cynismo!

“ Um governo, que assim procede, que assim devasta, e dilacera o seio da sociedade, não é um governo da nação pela nação: é um GOVERNO DO IMPERADOR PELO IMPERADOR! Monarchistas leaes e sinceros, queremos a Constituição com todos os seus corollarios; queremos o equilibrio, e a manutenção da independencia dos poderes; mas detestamos a absorpção, a unificação de todas as regalias da nação na pessoa de um só. A' proporção que o poder se une nas mãos de um só, a nação se desune e se divide.

E se a unidade nacional é o principio vital da estabilidade das instituições, a divisão da nação, em sentimentos e parcialidades, trará a dissolução do imperio. ”

Já antes o mesmo *Conservador*, em seu numero de 21 d'Agosto de 1867, havia desenhado com as seguintes linhas os *característicos do segundo reinado*:

“ A instabilidade na ordem politica — o enfraquecimento das forças nuturaes do paiz — a depreciação do merito real — a tendencia corruptora dos costumes publicos.

“ A attenção descobre n'estes característicos o pensamento de um fim ultimo — O DOMINIO EXCLUSIVO, SEM INTERVENÇÃO DA NAÇÃO, QUE NÃO DEVE GOVERNAR-SE, MAS SER GOVERNADA.

“ Cumpre erguer a nação e vigorar o espirito publico, para fazer do nosso pacto social uma realidade, que nos dê proveito, nos glorifique pela grandeza das forças reaes do paiz. ”

E antes do *Conservador*, o *Constitucional Per-*

nambucano, orgão do mesmo partido, havia appellidado o Sr. D. Pedro II de *inimigo occulto e manhoso* das nossas instituições liberaes, em seu numero de 9 de Março de 1864:

“ O poder executivo conspira contra a nação; todos os dias ganha trophéos em suas temerarias sortidas e assaltos contra os demais poderes do Estado, crea um catalogo de depredações e violencias de suas investidas, e o impõe como um novo *acto adicional*; tão grande quer, que deva ser considerada a autoridade do que elle chama seus *legítimos precedentes*!

“ Um dia, porém, o bom senso publico despertará, reconhecendo que nossas discordias o transviam e lhe tiram toda a perspicacia, todo o apercebimento *de um inimigo occulto e manhoso*, que mystifica a opinião do paiz para solapar *as nossas instituições liberaes* impunemente. Então a luta se travará no desespero que excita a consciencia da traição; e quem lhe porá diques? ”

Tudo isto em artigos edictoriaes.

E assim acompanhava eu então os *servos fieis da monarchia*, quando aos 7 de Fevereiro de 1868 escrevi o seguinte artigo, que dá uma idéa do meu constante combate ao imperialismo:

“ Tendo proclamado o *Conservador*, como acabou de faze-lo, que tinhamos no paiz o GOVERNO DO IMPERADOR PELO IMPERADOR, já nós os liberaes podemos escrever mais desassombradamente sobre o governo *peçoal*: não se dirá, que somos os anarchistas, os inimigos da monarchia.

“ É o *Conservador* e nós dizemos, o que já disse, em sua solemne lingoagem, o Sr. conselheiro Torres Homem, cujas palavras será sempre util repetir:

— “ De 1845 em diante foi o corpo legislativo tratado sem a minima consideração; gabinetes se compozeram fóra da sua influencia e até sem sciencia sua; o ministro incumbido de os organisar propunha em palacio os nomes d’aquelles, com quem lhe convinha servir de accordo com o voto parlamentar; esses no-

mes eram rejeitados; lembrava outros, depois outros, até que finalmente, esgotada a longa lista dos ministros impossiveis, o governo pessoal compunha um amalgame de entidades heterogeneas, onde apenas um ou outro liberal era incluído, para que se não dissesse, que o pensamento dominante no parlamento havia sido desattendido. . . .

— “ Por muito tempo a camara dos deputados devorou em silencio esta infracção clamorosa das normas da constituição, que esterilizava seus esforços, e a inibia de cumprir os graves empenhos, que havia contrahido para com a nação. Mas, ella sabia, que só tinha de optar entre a sujeição á *influencia inconstitucional da corôa* ou então a *guerra civil*, o desmoroamento do paiz, effeitos inevitaveis da rehabilitação immediata dos *apostolos do absolutismo*. . . .

— “ Aquillo de que não havia ainda exemplo nas monarchias modernas, a *criadagem da casa do rei* ultrajar impunemente os depositarios do governo da nação, estava reservado a esta triste epoca. Um dia era o camarista de semana, que enxotava os ministros do palacio como a cães, e *vedava-lhes brutalmente o accesso junto á pessoa do monarcha*; outro dia o medico de S. M., que vinha vangloriar-se em pleno parlamento das humilhações que os vira soffrer, e cobrilos de improperios e de escarnco. E esse camarista não teve a minima admoestação, e esse medico foi promovido. . . . sem embargo da opposição dos ministros, a quem acabava de enxovalhar publicamente. *A recompensa do insulto commettido* foi a satisfação que se deu ás queixas dos membros de um dos poderes do Estado. Faltava-nos mais este opprobrio. . . .

— “ *A côrte*, que ora de emboscada, ora abertamente, guerreava o pobre ministerio, sorprendido e preso no alcapão fatal, impaciente contava os dias da sessão legislativa. . . .

— “ *Assim cahiu do governo do paiz o partido liberal*, depois de ter exaurido inutilmente tudo que a *paciencia no soffrimento e a moderação nos princi-*

pios lhe podiam suggerir, para chamar á razão e á observancia dos deveres constitucionaes UM PODER RE-FRACTARIO . . . Com elle cahiram a ordem, a liberdade, o repouso do Brasil, e a esperança de suas reformas e regeneração por meios regulares e tranquillos. . . .” —

“ Não discutamos o Sr. conselheiro Torres Homem; não indaguemos, se por ventura é elle um exemplo vivo da triste degradação dos homens e dos principios: basta-nos entregar á apreciação dos leitores a valiosa autoridade do illustre liberal de outras éras; bastam-nos ligeiras reflexões sobre essas linhas tão felizmente citadas no precioso livro do Sr. conselheiro Franco d’Almeida.

“ Não continuaram até hoje os gabinetes compostos *fôra da influencia do corpo legislativo, e até sem sciencia sua?* Responda o proprio ex-ministro Torres Homem, diga-o toda essa triste historia que antecedeu á organização do gabinete actual.

“ Não continúa hoje o mesmo jogo, por força do qual o organisador *lembra uns nomes, depois outros, até que esgotada a lista dos impossiveis* (os liberaes), O GOVERNO PESSOAL compõe um amalgama de entidades heterogeneas, onde apenas um ou outro liberal é incluído, para que se não diga, que foi de todo desprezado o pensamento dominante no parlamento? Diga-o o Sr. Souza Franco no gabinete Olinda, diga-o o Sr. Silveira Lobo ministro com o fallecido Fereaz, diga-o Sr. Zacharias acceitando este ultimo nome, diga-o um cento de factos, que todos sabem e que se não podem provar. . . .

“ Não temos camara dos deputados, que se vê obrigada a optar entre *a influencia inconstitucional da corôa, e a guerra civil, o desmoronamento do paiz?* Temos cousa peor, que temos os *introuvables* da camara e os aulicos do senado. Que o diga essa *confraria de pedintes*, de que é thesoureiro o Sr. Zacharias; que o diga esse outr’ora tão potente senado, reduzido hoje á vida dos mechericos do paço. . . .

“ Não governam os *apostolos do absolutismo* ? Que o diga o proprio Sr. Torres Homem.

“ Só uma cousa não temos hoje, pede a verdade que o confessemos ; aulicos e criados do paço, que no parlamento desacatem os ministros, e sejam *promovidos* ; pelo contrario, o Sr. Jobim, enchotado do paço, segundo dizem, será uma viva prova do contrario.

“ A razão, porém, é simples, e o Sr. conselheiro Torres Homem poderia, muito melhor do que nós, fazer uma lucida errata á sua eloquente tirada.

“ O imperialismo não podia deixar de variar de normas, desde que variou o campo do combate.

“ Então havia espirito publico, a urna exprinia alguma cousa, ainda não havia chegado o reinado das fitas : governo e camaras ainda pensavam, que *eram gente* ; e o imperialismo açulava os aulicos contra o governo e as camaras, para ir quebrando aos poucos o imperio da opinião.

“ Agora, porém, que desvaneceu-se todo o espirito publico, agora que a camara dos deputados soffre gritos e reprimendas dos ministros, agora que o senado reconhece o seu papel *passivo*, e recebe a senha de S. Christovão, é preciso que todos, e em primeiro lugar os criados do paço, se humilhem perante o ministerio, qualquer que elle seja, como feitura das mãos do augusto amo . . .

“ Pena é, que o Sr. conselheiro Torres Homem esteja perdido para o infeliz partido liberal !

“ Só o nosso Tacito poderia pintar esta phase li-gueira, na qual o partido liberal, *exhausta toda a paciencia no soffrimento e toda a moderação nos principios*, foi afinal vergonhosamente *escamoteado* pelo imperialismo.

“ Iriamos longe n'esta serie de considerações.

“ Aliás está conseguido o nosso fim :

“ Provar, com um fiel commentario ás autorisadas palavras do Sr. conselheiro Torres Homem, que o collega do *Conservador* tem razão, quando proclama

que temos o GOVERNO DO IMPERADOR PELO IMPERADOR.

“ Continue o *Conservador* n'este caminho, que nos achará promptos a applaudir os seus triumphos muito legitimos, porque serão procedentes da obediencia á logica dos principios e dos factos.

“ Nós o esperamos. Quando o orgão d'um partido resume em phrase tão succinta e tão complexa o seu modo de ver os negocios do paiz, deve-se crer que foi isso o resultado de sérias meditações, e deve-se repellir, como repellimos, a possibilidade de uma vergonhosa retractação.

“ Melhor do que nós (e isto nos alegra) o *Conservador* vai profligar o desgoverno actual, que caracterisou com as seguintes palavras de immenso alcance :

“ GOVERNO DO IMPERADOR PELO IMPERADOR. ”

Eis como eu seguia o caminho dos *leões* conservadores d'então, *cordeiros* imperialistas de hoje.

Os dous artigos seguintes, de 14 e 28 de Maio de 1869, desenhann attitude sincera e independente, que sempre procurei guardar na imprensa :

A phase actual da nossa politica, no hemispherio liberal, é animadora.

A agitação vai se generalizando no paiz; e só a agitação póde salvar nos, porque é o antidoto do veneno da corrupção, propinado nas sombras, e gerador do marasmo do scepticismo.

Na Côte, em S. Paulo, em Minas e em Pernambuco, as fórmas da agitação já se vão tornando avantajadas, e os soldados da liberdade vão chegando aos postos de um combate nobre.

Agitemos; e ninguem tenha medo da palavra agitação.

“ Admiravel effeito da liberdade! Na Inglaterra, isto é, no paiz do mundo onde melhor se conhece — o que valem o amor á ordem e o respeito ás leis, a móla essencial da vida publica é a AGITAÇÃO.

“ Na Inglaterra servem-se com gosto da palavra, e amam a cousa significada; não se exagera, dizendo que a AGITAÇÃO faz parte dos costumes constitucionaes inglezes. ”

Estas palavras de L. Blanc devem animar-nos no caminho em que vamos.

Qual, porém, deve ser a fôrma da agitação? Qual é essa fôrma na Inglaterra?

Ouçamos E. de Girardin, um dos mais adiantados publicistas modernos, o lutador mais possante dos combates jornalisticos:

“ No dia em que na França a agitação abandonar a fôrma dos clubs, onde se vai para discutir e disputar, e adoptar a fôrma dos *meetings*, como na Inglaterra, onde se vai para ouvir, e principalmente para ser contado, n’esse dia um grande progresso social estará realisado.

“ Na realidade, o direito de reunião não é a permanencia dos clubs, onde são agitadas indistinctamente as questões mais intempestivas e menos sazoadas; é a multiplicidade dos *meetings*, concentrando toda a sua força de irradiação sobre a mesma questão, para assegurar-lhe o triumpho por uma forte pressão moral contra a maioria legislativa. ”

Tenhamos, pois, clubs por toda a parte; não em fôrma d’academias politicas, discutindo e deliberando quaes caricatos corpos legislativos; mas, como pontos de reunião familiar dos pensadores, de todos os que podem com frequencia dar algumas horas ás reflexões reciprocas e amistosas sobre os publicos negocios; e além d’isto, que sejam esses clubs outros tantos pontos de partida para os *meetings*, onde se vá ouvir, onde se vá ser contado; onde a palavra animada e convencida dos patriotas, cahindo como semente de liberdade nos

sulcos dos fertes campos populares, possa dar abundantes fructos.

Venha a palavra fallada, em auxilio da palavra impressa.

Plantemos no chão do povo, que só d'ahi nos póde vir a garantia do futuro.

Mas, que antes d'isto erga o partido liberal a sua bandeira, e congreguem-se todos em torno de um moto, concentrando-se n'elle toda a nossa força d'irradiação.

Profundos são os males da sociedade brasileira; profundos e multiplicados.

Como o medico experiente e sabio, não queiramos a um tempo atacar todos os males, que minam o enfermo.

Vejamos onde as fontes da vida correm maior perigo d'estancar, e dirijamos para ahi todos os nossos cuidados.

Depois tudo será facil.

Só assim clubs e *meetings* deixarão de ser estereis congressos de disputadores sem criterio.

Só assim a opinião poderá tomar o lugar que lhe compete na gerencia do paiz.

Na Côrte os nossos amigos não estão longe d'este salutar proposito.

Em Pernambuco e por toda a parte, folgamos de crê-lo, estaremos breve no accordo, que aliás nos é imposto por amargas e reiteradas desillusões.

Provar ao povo, que não somos piratas á caça do poder, e sim ferimos um combate serio, com as vistas no futuro, eis a condição indeclinavel de um solido triumpho, e por ventura mais proximo do que todos pensamos.

Felizmente, tal condição é gratissima, para todos os que fazem da politica um sacerdocio, uma questão do futuro da patria.

O programma liberal suscita-nos, como a todos, graves considerações.

Tremenda a pugna, como todos a reconhecem, immensa a tarefa, como resulta do catalogo das urgencias sociaes enunciadas n'esse programma, como e o que fazer para transfigurar em acto as salutaes idéas, que se inscrevem hoje na bandeira liberal?

Revolução ou reforma — este o dilemma do manifesto de alguns chefes liberaes. Deliberaram-se pela reforma, repelliram para bem longe os azares da revolução.

De coração acompanhamo-los.

Mas, como fazer a reforma?

Não temos camara de deputados, nem teremos, a continuar a legislação actual, em quanto um imprevisito golpe d'estado não fôr por nós, como já foi contra nós.

Mas, infenso ás idéas liberaes como se tem mostrado o Sr. D. Pedro II, é razoavel esperar isso?

Nem ao menos temos a hypothese (que aliás têm os liberaes da França!) de incluir na camara dos deputados uma valente minoria. Com o actual systema poderá ir á camara um ou outro *liberal vermelho*, que por ultimas arrhas da sua apostasia continuará a chamar-se liberal, para servir de argumento contra nós nas mãos dos nossos adversarios.

No senado, tal qual elle é, tal qual se tem querido que elle seja, tal qual os senadores têm consentido que elle esteja sendo, o que podem alguns liberaes fazer pela idéa?

Onde, pois, nós liberaes nos *representaremos* effizamente, para que o dia da reforma chegue antes da revolução, para que a opinião tenha a sua ascendencia, como deve ter em um paiz livre?

Nos *meetings* e na imprensa.

Já tendo aventurado algumas considerações sobre os *meetings*, hoje occupar-nos-hemos da imprensa.

“ A representação não é necessariamente, nem mesmo principalmente, parlamentar. Não devemos

esquecer, que aos nossos tempos foi reservado um principio de governo, que não acharemos em Aristoteles nem em Tacito, nem nos *Wittenagemots-Saxo-nios*, nem nos parlamentos do tempo dos Plantagenetes. A opinião agora é o supremo poder, e ella falla pela imprensa. ”

Estas palavras do Sr. Disraeli (que não deve ser suspeito aos conservadores) estão dizendo a nós liberaes, quão serios devem ser os nossos cuidados e dedicações pela imprensa. E' d'esta, secundada pelos *meetings*, que resultará o dia da reforma antes, ainda que seja na vespera, do dia da revolução.

Representemo-nos pela imprensa, e descancemos no futuro, que de certo nos pertence.

Digam os adversarios, que se representam pelo parlamento. Como os augures de Roma, elles não podem dize-lo entre si, sem que se riam. Quando o governo que elege o parlamento (paraphraseando um pensamento do citado estadista inglez) quando o governo, que elege o parlamento, é corrupto e corruptor, quando o paiz está em bases falsas, quando a eleição é a mais impudente das mentiras, o que póde ser o parlamento eleito ?

Representemo-nos pela imprensa.

A representação pela imprensa, disse o actual chefe do partido conservador da Inglaterra, é muito mais completa que a representação parlamentar. A representação parlamentar era o feliz expediente d'um seculo mais grosseiro, ao qual se adaptava admiravelmente ; mas, hoje esse expediente apresenta muitos symptomas de velhice. Elle é dominado por um mais rigoroso e mais comprehensivo systema de representação, no qual os deveres são mais efficaçmente cumpridos, e a discussão é mais lealmente sustentada, muitas vezes mais profunda e lucidamente.

Representemo-nos pela imprensa, e trabalhemos em tranquilla esperança, voltando a cara ás urnas que são uma mentira, e aos acenos de reposteiro que são uma indignidade. . . .

E se a revolução chegar antes da reforma, não seremos os responsáveis.

Se a opinião comprimida tiver o seu dia d'explosão, a culpa será dos compressores.

No mundo social ha tambem seus terremotos, como no mundo physico. Quem póde prevenir que irrompam as lavas volcanicas ?

Façamos o dever, aconteça o que acontecer. Trabalhemos todos nos estaleiros do pensamento liberal.

O nosso intuito definido é vencer pela opinião. Se o estampido da revolução fizér-se ouvir antes da reforma, não serão culpados os insanos, os homens d'El-Rei Nosso Senhor, que acreditam ser a opinião uma simples chimera, uma phantasmagoria como essas muitas que envergonham o throno americano ?

“ A verdadeira sabedoria, disse o estadista que nos tem hoje amparado, consiste em uma politica que chegasse aos seus fins pela influencia da opinião, sem prejuizo das fórmas existentes. Todavia, *se uma revolução chegar*, deveremos ter em vistas uma monarchia livre, estabelecida sobre leis fundamentaes, *sendo o vertice de uma vasta pyramide de governo municipal e local*, e governando um povo esclarecido, *que seja representado por uma imprensa intelligente e livre.* ”

Aos clubs, aos *meetings* e a imprensa ! Eis o nosso dever supremo !

Nada está perdido para os liberaes sinceros, quando lhes resta onde armar os teares da opinião, á luz do sol, ás auras da liberdade.

E quando mesmo despotas miseraveis pretendam a perpetuidade da tyrannia pelo silencio perpetuo do pensamento, eis que um dia, com pasmo seu e sem que o possam explicar, e até difficilmente accetando o testemunho dos proprios olhos, do seio da terra como das catacumbas de Roma, ou varrendo os espacos como o tufão revolucionario da França, ergue-se e passa a opinião, triturando reis velhos e velhas so-

ciudades, e marchando triumphante para o seu throno do futuro!

Para não alongar demasiado este capitulo, que tem um tanto de pessoal com relação á minha obscura individualidade, descanço nas conclusões, que o leitor desapassionado saberá tirar, depois da leitura dos artigos politicos que adiante serão inseridos, conforme o espaço permittir. Additarei aqui algumas linhas do prospecto da folha, e artigos que immediatamente se lhe seguiram, como que commentando-o; tudo com data de 10 de Maio de 1867:

Guardar a constituição, defende-la contra as quotidianas investidas, de que, n'estes ultimos tempos, ha sido victima, nas mãos d'uma serie de gabinetes como que influenciados pelo genio da devastação politica, da extineção do espirito publico, da organisação d'um absolutismo tanto mais absono, quanto a cada canto se falla de constituição, quanto é louca a empreza da transplantação do poder absoluto para a terra livre das Americas; estudar a constituição, pugnar para que seja uma realidade, á luz dos factos do passado, com a lição das aberrações do presente, e sob o influxo das justas aspirações do futuro: tal o nosso intuito primario, que envolve todos os outros.

Observando o presente da sociedade brasileira pelo prisma com que Emilio de Girardin observou a época actual em sua generalidade, procuraremos na discussão respeitar os homens e os partidos, fazendo apreciações imparciaes; porquanto em nossa consciencia os erros têm sido, e estão sendo, dos homens de

todas as côres politicas, de todos os partidos que hão gerido e querem gerir o paiz.

No estado a que somos chegados, tudo está confundido de tal sorte, que a reorganisação dos partidos d'opinião deve ser o primeiro empenho de todos os politicos de consciencia.

E para que melhor sejamos comprehendidos, transcrevemos todo o pensamento do publicista francez, que nos forneceu a segunda epigraphic : *

“ Sepultura prompta para receber uma sociedade agonisante, berço preparado para receber uma sociedade, que ainda não tem idéa de sua existencia, taes são os dous signaes da época. A nova época é, com toda a evidencia, de transformação social e decomposição politica. Vestigio do que foi, germen do que será. O que é não terá nome na historia, porque não é a fé nem a incredulidade, a paz nem a guerra, a inviolabilidade das nações nem a legitimidade das conquistas, o jogo da tyrannia nem o reinado da liberdade, o regimen do privilegio nem a plenitude da igualdade. Tambem não é o direito divino nem o direito humano; não é a politica que tinha os homens em muito e os territorios em nada, nem a politica em que os territorios eram tidos em grande conta e os homens em nenhuma. E' a incoherencia, a inconsequencia, a impotencia; é a mistura e a confusão de todos os principios; é o amalgama anti-natural da verdade e do erro; é o cahos emfim, d'onde ha de sahir o novo mundo. ”

Se este quadro reproduz as feições da sociedade

* A *Opinião Nacional* tinha as seguintes epigraphes :

A constituição politica de qualquer paiz é a melhor para elle, uma vez que d'essa constituição se faça uma realidade.

DAUNOU

A nossa época é, com toda a evidencia, de transformação social e decomposição politica. Vestigio do que foi; germen do que será.

E. DE GIRARDIN

brasileira, se ameaça-nos a decomposição social e politica, é que entre nós a debandada dos principios é completa: é claro, a logica o impõe, que uma sociedade só resvala assim para o chaos, quando d'ella tem desaparecido, ou tende a desaparecer, por toda a parte a consciencia, a probidade privada e politica.

Discutindo este ponto, evitaremos azedar as discussões com personalidades escusadas; e, quando os nomes proprios devam apparecer, procuraremos guardar para com todos o respeito, que para nós reclamamos.

Tanto se preconizou em nossa terra o principio da autoridade, que afinal a autoridade chegou ao ponto, em que hoje a vemos: morrendo de plethora, cavalgada sobre todas as liberdades politicas e individuaes.

Incutiu-se medo pela palavra *liberdade*, quando — nada ha tão pacifico como a liberdade, segundo um notavel escriptor francez.

Com a palavra *ordem*, erecta em palavra—prestigio, conforme a animada expressão d'um orador sagrado, em contraposição á *liberdade*, que foi em certo tempo a palavra—espantallo, começou-se esse trabalho de decomposição, que nos devasta.

Hoje, porém, a palavra *liberdade* tornou-se a palavra—prestigio, e á custa d'esta novidade continuam as antigas interprezas do poder: mudou-se a tactica, mas é o mesmo o alvo da guerra.

Na França, diz E. Laboulaye, falla-se muito em liberdade, e quasi que d'ella se não faz uso; talvez seja olhado com algum interesse o que fazem os povos, que não fallam d'ella, e d'ella vivem.

N'estas palavras está involta una lição, que muito nos aproveitaria, se a nossa terra não estivesse um tanto rebelde a lições.

Como quer que seja, faremos esforços para expor as theorias liberaes, e apontar os meios de traduzir em factos essas theorias, respondendo assim aos falsos thaumaturgos que andam a mystificar o paiz com a

palavra liberdade, como um simples moto para o gozo das delicias do officialismo.

Liberdade e lei — *Sub lege libertas* — será a nossa divisa, como é a do notavel escriptor ultimamente citado, e cuja autoridade será por nós frequentemente invocada.

Sob a relação do liberalismo tudo será discutido nesta folha. Em assumptos de liberdade nada deve parecer, e nada nos parecerá, insignificante.

“ A liberdade do ultimo dos miseraveis é negocio que toca a todos. Desde que as fórmãs legaes são violadas, desde que um cidadão é injustamente aggreddido pelo poder, todos ficam ameaçados. Quem não sente isto, não é capaz de comprehender a liberdade. ”

O nosso principal defeito, o nosso crime, tem sido menos-apreciar as feridas feitas ao principio individual, as violações de lei que se reproduzem diariamente contra a liberdade do cidadão, e que passam quasi desaperecidas.

“ Todas as vezes, diz B. Constant, que eu vir, no meio de um povo livre, um cidadão arbitrariamente encarcerado, e não vir o prompto castigo d’essa violação das fórmãs, direi : — Este povo póde desejar ser livre, póde merecer sê-lo ; mas, ainda não conhece os primeiros elementos da liberdade. ”

Diffundir, pois, os verdadeiros principios da liberdade individual, que é o fim da sociedade civil, e da liberdade politica, que é a garantia d’aquella, será o nosso trabalho principal.

O titulo da nossa folha indica a importancia, que ligaremos á opinião da paiz, que aliás é a base escolhida pela constituição para todo o nosso mechanismo governamental.

Estudar a opinião, dirigi-la até onde nos fôr possível, discuti-la, esclarece-la, é tarefa de todos os homens que professam os principios liberaes, é tarefa congenita ao intuito que hemos annuciado.

“ O que distingue um povo livre, diz E. Labou-

laye, é que n'elle a opinião fórma um tribunal supremo, mais poderoso do que todos os tribunaes, e que em certos casos põe em balanço o proprio poder, e o fórça a respeitar a lei. ”

Combateremos com todas as forças o systema preventivo, não menos nocivo no governo do que na economia politica. Essa tutela universal de todas as horas, que vai fazendo tanta fortuna entre nós, é a ruina das liberdades publicas, e será a ruina do poder. Se no começo parece, que as doutrinas da prevenção offerecem ao poder grande fausto na apparencia e grande prestigio na realidade, chega o dia do despertar da nação, e tudo vai-se, sem que nos primeiros momentos bem se attinja como, nem porque. O systema preventivo é o paganismo, é a adoração do Deus-Estado, é o presupposto do privilegio da inerrancia nos homens que governam e julgam.

Ainda como reconhecimento da nossa insufficiencia, vamos autorisar-nos com as seguintes palavras de B. Constant :

“ Dir-se-hia, que os verbos impessoaes têm enganado os escriptores politicos. Estes acreditam ter dito alguma cousa, dizendo : — E' preciso reprimir as opiniões dos homens ; não convém deixar os homens entregues ás divagações de seu espirito ; deve-se preservar o pensamento dos homens dos desvios, a que o sophisma poderia arrasta-lo. Mas, estas palavras — deve-se, é preciso, não convém — não referem-se a homens ? Trata-se d'uma especie differente ? Todas essas phrases reduzem-se ao seguinte : — Homens devem reprimir as opiniões dos homens. Homens devem impedir, que outros homens se entreguem ás divagações do seu espirito. Homens devem preservar de desvios perigosos o pensamento dos homens. — Os verbos impessoaes como que nos persuadiram, de que havia cousa differente dos homens nos agentes da autoridade. ”

Não acabariamos, se quizéssemos desde já dar

cabal e fundamentada expansão ao programma da nossa folha

Finalmente, no terreno escabroso da nossa politica de actualidade procuraremos alliar a uma illimitada franqueza toda a calma e gravidade na discussão.

E porque, infelizmente, o primeiro representante da Nação anda sempre em discussão, verbalmente ou pela imprensa, procuraremos ter mão a essa onda estagadora, fallando sem rebuço, embora com o mais profundo respeito, a S. M. o Imperador.

Procuraremos rasgar o véo d'illusões corrido diante do throno, empregando a linguagem da consciencia e da verdade. Não nos confundiremos, nem com os aulicos, nem com os especuladores dos libellos famosos e da insolencia, nem com aquelles que recolhem-se ao silencio da hypocrisia, do medo ou da indifferença: guardaremos um meio termo, que certamente não será a nossa fortuna, mas que será, parece-nos, de alta conveniencia para o paiz.

Seja reconhecida a pureza das nossas intenções, e seremos extremamente doces ás correcções dos erros do nosso entendimento.

Simplesmente como quem assenta um marco miliario, só para em traços largos enunciar desde o principio, e com toda a franqueza, o nosso modo de ver a situação politica do paiz em geral, traçamos hoje algumas linhas.

O principio liberal, infeliz desde o primeiro dia do primeiro reinado, pois que nos constituimos independentes, quasi que se o póde dizer, para mero desporto de alguns ambiciosos vulgares de Portugal, que buscavam em a nova côrte da ex-colonia o que lhes parecia difficil na da ex-metropole; pois que nos cons-

tituimos por meras negociações sorateiras entre o pai e o filho, por arrufos de príncipe fogoso contra arregaños, que tinham o merito da franqueza, das côrtes legislativas portuguezas o principio liberal não podia crear profundas raizes entre nós, nem mesmo ser visto lá da cupola senão com olhos extremamente ciosos.

Esta é a verdade historica, que um dia será elucidada, quando tenham perdido o seu prestigio theatral esses tympanos retumbantes d'escriptores cortezãos, de caracteres de baixa extracção, que na corôa só vêem o individuo que a carrega, e nunca o principio salutar que ella representa; principio que, em o nosso regimen, repelle todas as cortezanias do absolutismo por bem do rei e do povo.

Assim foi. A palavra liberdade desprendeuse, porque as florestas virgens da America imperiosamente a reclamavam.

Alguns caracteres superiores, explorados por um príncipe habil e astuto, serviram de passaporte ás interprezas do poder: foram andaimes e só andaimes, que em bom dia cahiram violentamente desarmados pelas *soberanas do universo*, succedendo a constituição outorgada, com applauso d'algumas municipalidades *ali proximas da côrte*. Vem de longe o germen da centralisação, que hoje nos abafa.

Boa *por acaso* a constituição, pois que D. Pedro I poderia ir *muito mais longe*, se por ventura não tivesse o tino de ler no futuro, que as tendencias innatas da liberdade no Brasil não consentiriam *tudo*, foi sendo encaminhada sempre na base da desconfiança contra as tendencias liberaes; e o 7 d'Abril foi o dia da justiça da liberdade: a justiça do 7 d'Abril como a justiça do 7 de Setembro, temperadas ambas por considerações e provocações, que tinham raizes lá no vello Portugal

Os liberaes do imperio, então como hoje, demonstraram a sua adhesão ao principio monarchico-representativo: foram aos quartos do paço de S.

Christovão buscar o David, que devia ser o rei, e sentaram-n'o sobre o throno.

David ainda não havia morto o gigante; e o gigante foi o proprio grupo liberal, que o levantou: que o diga um illustre cidadão, que hoje tem assento no senado e parece esquecido, de que o senado é apenas um *meio* para os cidadãos illustres continuarem a bem servir a causa *do rei e do povo*.

A prova foi abundantissima; mas, o partido liberal não morreu, porque a liberdade não morre.

Levantando-se agora e logo, sempre por momentos, sempre contrariado por mil segredos de reposteiro, os vultos liberaes do imperio foram fatigando-se, foram retrahindo-se á penumbra do throno, até que Paula e Souza quebrou o remo.

Justiça da historia! Has de chegar um dia! E pedirás estreitas contas aos que têm acanhado e hão de acanhar (as familias de reis, mais do que as outras, têm apego ás suas tradições) um principio que é o unico vivaz e vivificador do mundo americano; homens que tanto poderiam ter feito pelo paiz, e que morreram involtos no manto esmagador do desanimo e da indifferença, *equilibrados*, elles os homens do *povo e rei*, com os homens do *rei sem povo*.

Podem dizer os espiritos *assustadiços*, podem bradar mesmo, que declamamos. Por unica resposta diremos: ha tempo; tudo será discutido; por ora faz-se apenas uma ligeira exposição de principios; cada cousa a seu tempo e em seu lugar.

A revolta generosa, porém mal calculada, de Pernambuco, entregou atado o principio liberal aos phariseus da monarchia.

Vieram os quatorze annos das vaccas gordas da autoridade; mas, a gordura, todos viram, ia matando-as.

Viu o piloto, que era preciso outra gente ao leme. Liberaes, porém!... Horror!...

O grande pensamento da liga, por sua sublimidade, só podia proceder de muito alto....

Os liberaes bem viam (devemos crê-lo), que era esta uma nova confirmação do velho decreto de sua condemnação: era a salutar imposição da vaccina na gerencia politica do paiz.

Fizeram vistas largas, fingiram não ver, acceitaram *o meio unico* de affastar os coripheus da autoridade. Não os accusamos por isto: foi mais uma prova de sua longanimidade, que a historia lhes levará em conta.

No presente, porém, interpretaram diversamente o seu procedimento. O que chamamos longanimidade, tomaram como sujeição ás forcas caudinas do governo pessoal, do peor absolutismo, que é aquelle que toma a mascara d'uma constituição liberal. E vêde. . . .

Destroçados por aqui e por ali velhos chefes e viçosas esperanças do partido liberal, brigando entre si, quando os seus despojos estão sendo disputados pelos *autoritarios* de hontem; e os conservadores fiéis aos seus principios com avidos olhos no throno, mudos e quedos, não acreditando no que vêem, porque realmente as tradições não consentiam, que tão leaes *servidores do throno* fossem com tanta crueza, e por tanto tempo, postos á margem. . . .

E tudo é confusão! Conservadores, ligueiros e liberaes, tudo quer ser liberal, e tudo está ajoelhado perante o throno!

O imperador do Brasil não pensa em absolutismo. Se o pensára, que melhor occasião!

Entretanto, quando terá fim essa Babel politica?

E a nação não poderá erguer-se? E os principios e a imprensa não poderão reconquistar-nos a vida normal do governo representativo?

Continuarão todos a esperar indefinidamente, que *o espirito que adeja sobre as agoas* mande á luz que se faça?

Deus illumine o imperador e a nação!

Submissos só e só aos principios liberaes, jámais seremos governistas ou opposionistas systematicos.

D'onde quer que surja a idéa ou o acto, que nos pareça de vantagem para os principios liberaes, ahi ver-nos-hão. D'onde quer que surja o contrario, d'ahi fugiremos.

Nem ministerialistas a todo o trance, nem opposionistas a todo o proposito.

E' tempo de olhar mais para os principios e menos para os homens.

N'esta confusão, que ameaça abysmar-nos, já não ha principios, que sejam symbolisados n'este ou n'aquelle individuo. As tradições individuaes estão de tal sorte estragadas, que já não ha homem, que dispense apadrinhar-se com a exhibição de seus principios, e justificar-se com a tenacidade de seu esforço, para a realisação dos mesmos principios.

Por ultimo peço licença ao leitor para umas linhas personalissimas. Consintam este lenitivo, a quem tanto soffreu na imprensa . . .

A quem nada possui, que tenha vindo da politica, accusavam de incoherencia interesseira, de torpeza! . . .

A quem nunca se proclamou republicano, *porque não julga chegada a hora da republica*, quizeram attribuir o pensamento da republica, para intrigas de reposteiro! Perguntaram agora ao Sr. Thiers — desde quando lhe tinha chegado a fé na republica. — Desde que a França perdeu a fé na monarchia, respondeu o illustre cidadão. Permittam-me a aproximação: se um dia me convencer, de que o meu paiz perdeu a fé na monarchia, serei francamente republicano; e julgar-me-hei feliz de sê-lo, porque a republica é o progresso, é o futuro. Não pôde, sim, o

governo republicano quadrar a paizes ainda tão ridiculamente monarchicos como o nosso ; não póde caber a raças de beijamão, d'El-Rei Nosso Senhor, de idolatria governamental, a raças sem consciencia do que vale o individuo.

Eis, para fechar o capitulo, alguns dos artigos, que fui obrigado a traçar, em 1869, com relação á minha pessoa : *

Na Inglaterra, o paiz em que a vida de um povo livre póde servir de norma, ninguém pergunta aos estadistas liberaes — d'onde vieram : é corrente que chegam sempre do paiz da conservação.

Nota-se, diz um publicista francez, que em quanto na França as idéas de progresso parecem privilegio da mocidade, na Inglaterra quasi sempre os estadistas começam conservadores e acabam ousados innovadores. O francez acaba por onde o inglez começa : o inglez avança, o francez recúa.

“ Como Palmerston, Canning e Roberto Peel, Gladstone deixou já tarde o partido retrogrado, no seio do qual passara a maior parte da sua vida publica, e entrou com todos os pannos nas agoas liberaes. Obreiro da ultima hora, tomou a iniciativa e a direcção de um movimento, que combatêra até os cincoenta annos da sua idade. Partidista apaixonado das religiões d'estado, a elle caberá a honra de proferir contra ellas a sentença de morte.

“ A exemplo de Roberto Peel, Gladstone adora em sua idade madura, o que em sua mocidade votava ao fogo ; a brochura que elle acaba de publicar, intitulada — *Um capitulo de auto-biographia*, é uma re-

* Não transcrevo os que se referem especialmente á minha admissão na Faculdade de Direito do Recife, em respeito á minha posição. E' ponto de que só tenho tratado, e tratarei, na occasião das provocações.

futuração do livro por elle escripto ha 28 annos — *O estado em suas relações com a Igreja*; é um leal *mea culpa*.

“ Conservador até 1859, ha apenas 10 annos que elle rompeu definitivamente com o seu passado, para tornar-se um dos chefes do partido liberal, cuja direcção suprema acaba de assumir definitivamente.”

Porque no Brasil se passa o contrario? Porque a regra entre nós é, que em moço cede-se a generosos e muita vez irreflectidos arrojados; e na idade madura, quando se vê que a idéa não é contada em nossas evoluções politicas, e a corrupção que vem do alto, na phrase do Sr. Sayão Lobato, marca certos e determinados caminhos, aliás faceis e lucrativos para os que não têm na cabeça uma idéa e no coração um nobre sentimento, apparece a necessidade de ser conservador: pena de ostracismo perpetuo. . . .

Que o digam, o Sr. Sales, o Sr. Paranhos, o Sr. Antão, os Srs. Alencares, e todos quantos já foram até liberaes constituintes, até revolucionarios armados, e hoje são os primeiros ornamentos do partido retrogrado.

No Brasil, passar de liberal para conservador é passar para o paiz das flores, da primavera eterna, é passar para o Eden politico.

Passar de conservador para liberal, é como que ler a inscripção do inferno do Dante, e transpor a sua porta.

E andam esses conservadores a injuriar os que deixaram de pertencer-lhes, elles que são governados pelos que já foram tão nossos!

Ha mezes que sou injuriado quasi que diariamente pela imprensa conservadora d'esta provincia.

— Sou um miseravel, porque commungo hoje na mesma mesa com o Sr. barão de Villa-Bella; como se não tivéssemos caminhado um para o outro; como se não tivéssemos feito o que fizeram historicos e progressistas em todas as provincias; como se, por meras

dissenções politicas, quando a idéa nos convocava ao mesmo ponto, nos devessemos evitar. . . .

E o Sr. visconde de Camaragibe e o Sr. Dr. Urbano, quando a idéa os convocou, não, se uniram e não os vimos aqui votados pelos mesmos eleitores? Qual dos dous foi miseravel?

— Eu era um pobre moço, deploravelmente ignorante, que ajoelhou-se aos pés do Sr. Camaragibe, e com isto (milagroso visconde!) habilitou-se para ser lente da faculdade de direito!

— Fui um furioso conservador; entretanto, pelo meu partido nunca cheguei a supplente d'eleitor em Pernambuco!

— Sou um cão damnado!

— Sou um homem perdido na opinião de todos!

— Sou um ente desprezível a todos os respeitos!

— Em summa, sou mais vil do que um galé!

O que responder? . . .

Nada, como tenho feito até agora; salvo quando me parece bem atirar á cara dos senhores feudaes a luva imunda, que me offerecem seus servos.

.....

Sobre esta guerra estulta de coherencias, que offerecem os pasquinhos do *Diario*, já tive occasião d'escrever as seguintes linhas:

“ O ex-ministro Disraeli, no discurso com que a 19 de Novembro do anno passado, em Aylesbury condado de Bukingham, agradeceu sua eleição para o Parlamento, disse o seguinte:

— “ Ninguem melhor do que eu sabe, que no curso da minha tempestuosa, e, sinto dizer-lo, da minha longa carreira politica, *fiz e disse muita cousa que deploro*; mas, A CARREIRA D'UM HOMEM DEVE SER JULGADA EM SEU CARACTER GERAL. De mim posso

dizer, com toda a sinceridade, que sempre mirei a grandeza de meu paiz, que nunca tive um pensamento máo ou interesseiro. A recompensa unica que d'ora á vante ambiciono, é a estima dos meus concidadãos, sem distincção de partidos politicos. " —

" Vejam-se aqui os ex-liberaes actualmente conservadores. . . . Digam, se os ex-conservadores actualmente liberaes não podem erguer affoutamente a cabeça perante elles. . . .

" No Brasil, desde os tempos da independencia, desde o *lusitano* reinado do primeiro imperador, o partido liberal soffre guerra de morte, carrega o decreto da sua condemnação.

" Os que vão parar aos arraiaes da liberdade sabem, o que os espera n'esta terra civilizadora do Paraguay ; ao passo que os transfugas, os que vão jurar conservação e fetichismo monarchico, ainda que sejam Timandros, têm certos os gosos officiaes e *divinos*.

" Se a carreira de um homem deve ser julgada em seu todo, em seu character geral, não confundam as transições em nome de uma justa opposição, em nome da liberdade, com essas fugas vergonhosas, de mão estendida, para as graças do poder absoluto, que ha muito nos avassalla.

" Quem emigra para a terra dos proscriptos, não pôde jámais confundir-se com os que vão fazer vida nos paços das Semiramis, e servir as mesas dos Tiberios.

" Se a imprensa conservadora não fosse insensata, teria ha muito pedido treguas n'esta guerra estulta de coherencias.

" Se não pelos seus que cá estão, ao menos pelos Paranhos, Antões, Timandros, e tantos outros, que já foram tão nossos! "

Quando fiz eu as minhas declarações de membro do partido liberal em Pernambuco ?

— Em 1860, quando os conservadores acredita-

vam em sua immortalidade, quando ainda se não fallava n'essa liga, que governou por cinco annos.

Cedi, a algum sentimento reprovado? Digam os conservadores, se declinei alguma aspiração que fosse por elles frustrada.

Se, pois, marchei para o campo dos condemnados do segundo reinado, o que póde envergonhar-me?

Logo em seu começo desprendi-me da liga. Dizem que o fiz por uma candidatura á deputação geral, que não foi attendida; e eu affirmo que não, porque não desejava, como não desejarei, ser deputado, a não ser com o voto livre dos meus concidadãos, e para fazer os meus fracos serviços a uma idéa.

Como quer que seja, voltei de pressa ao campo dos proscriptos, o que demonstra que não me guiam na politica os pacientes instinctos do pescador.

Guerreando francamente a situação progressista, porque não me parecia uma situação liberal, logo que a solução foi a favor dos meus radicaes adversarios, que tinham braços tão abertos para os liberaes historicos, desde o primeiro momento abri guerra aos conservadores, e cá estou participando do exilio dos liberaes brasileiros, ajudando com toda a boa fé, com todo o desinteresse, e com sacrificios de ordens diversas, os proscriptos como eu.

Porque, pois, me chamais miseravel, miseraveis pescadores de fitas, de posições e de dinheiro?

Pensais que seguir as evoluções de uma idéa é cousa tão facil, como seguir uma recta traçada pelo chicote de um feitor d'engenho?

A incoherencia está em variar d'intuito, e não em vaiar de caminhos que levam todos ao mesmo ponto.

Disse L. Blanc, fallando do gabinete Gladstone:

“ Lembrai-vos, que depois de haver violentamente combatido a reforma parlamentar contra o governo liberal, o Sr. Lowe não a combatêra menos violentamente mais tarde contra o governo conservador; lembrai-vos que elle fôra alternativamente adversario

implacavel do Sr. Gladstone na questão do censo eleitoral a reduzir, e adversario implacavel do Sr. Disraeli na do *household suffrage* a decretar. Tanto lhe irritava as fibras uma reforma parlamentar, qualquer que fosse! tanto detestava o principio! tanto temia as consequencias!

“ E eis o collaborador que o Sr. Gladstone procura mais que depressa! Eis o collega que o Sr. Bright acceita!

“ Para comprehender estas singularidades suporeis talvez, que a opinião do Sr. Lowe modificou-se, e que elle recitou publicamente o seu *mea culpa*. Nada disto. O Sr. Lowe não é dos que mudam de convicções como de vestidos. Em todo o caso a sua conversão, se é que elle converteu-se, é segredo seu.

“ A explicação está no que os inglezes chamam seu *genio pratico*. Não lhes falleis de principios: elles professam o culto do expediente. *O Sr. Lowe não é o homem da reforma parlamentar, é verdade; mas A REFORMA AGORA ESTA' VOTADA; acaba de ser applicada; n'esta conjunctura o que importa saber o que disse ou não disse, o que pensa ou não pensa o Sr. Lowe! O problema a resolver depois d'amanhã, no momento presente, é o que se liga á abolição da Igreja d'Irlanda. O Sr. Lowe quer esta abolição? Sim. Pediu-a? Mais energicamente do que ninguem. E' capaz de ajudar n'este ponto a victoria do ministerio? Certamente. E' quanto basta. A CADA DIA SUA TAREFA.*

“ O Sr. Gladstone convida a partilhar o seu poder o antigo auxiliar d'aquelles, que já uma vez lhe tiraram o poder. E porque não? Lord Palmerston havia feito o mesmo com o Sr. Milner Gibson, em seguida a uma famosa luta. O facto está na regra. E' inglez!

“ O Sr. Bright entra na vida official ao lado do Sr. Lowe, cuja alta capacidade era obstaculo para a tarefa de hontem, e cuja alta capacidade póde servir para a tarefa de hoje. Porque não? E' inglez!”

Pelas theorias d'esses tristes conservadores de Pernambuco, Gladstone, Lowe, Palmerston, M. Gibson, Roberto Peel, todos os estadistas liberaes da Inglaterra são uns miseraveis!

E são! que toda a dignidade politica foi açambarcada aqui no Brasil, pelo Sr. Salles Timandro, e pelo Sr. Tristão Araripe, o chefe dos constituintes no Ceará em 1849.

Perante todos poderia eu apresentar uma longuissima justificação de toda a minha vida politica; mas, são tão pequenos esses aggressores. . . .

Hoje trouxeram-me á imprensa dous factos, sobre os quaes já agora fallarei resumidamente, por não alongar demasiado este artigo.

Dediquei, é verdade, em 1859, a S. M. o Imperador, uma obra que tinha em vistas, e que deixei em começo. Talvez me excedesse, convenho, em cortezias ao primeiro magistrado da nação; mas, quantas vezes, nas simples relações particulares, não escrevemos tantas phrases chamadas *de pura cortezia*?

Demais, foi isso em 1859. Qual é a lei que nos obriga a fazer dos individuos sempre o mesmo juizo, embora se tenham passado dez annos?

Deixo isto de parte; quero apenas protestar, que não tive intuito de *adular* o imperador com a alludida publicação. Communicando a S. M. o Imperador as minhas idéas sobre o ensino secundario, cheguei ao conhecimento de que não eram essas as idéas de S. M. Se eu quizesse adular o Sr. D. Pedro II, não levaria á imprensa o meu pensamento, ou accommoda-lo-hia ao do Imperador. Entretanto, venci grandes obstaculos, fiz sacrificios, e publiquei dous opusculos, para que S. M. visse, que eu sabia zelar as minhas opiniões.

Não quiz fazer um accinte ao soberano; quiz ganhar um titulo á sua estima, mostrando-me sincero e firme.

No acto, pois, que em minha consciencia mais

me honra, viram os meus adversarios um attestado do mais vil dos sentimentos! . . .

Fiz sacrificios para não parecer adulator aos olhos de S. M. o Imperador, que poderia crer-me subjugado ao seu modo de pensar, se o livro não apparecesse; e em paga d'esses sacrificios chamam-me hoje adulator!

O outro facto a que alludi, refere-se ás minhas opiniões philosophicas e religiosas.

Porque repillo a intolerancia selvatica revelada no acto que se acaba de praticar com o cadaver do general Abreu e Lima, porque não quero aqui enthronizado o fanatismo jesuitico, sou um renegado de quanto escrevi em semelhantes assumptos.

Quanta miseria!

Nada do que digo, está em contradicção com o que disse.

Na questão da tolerancia religiosa, a que mais avulta para os fanaticos de sacristia, existe impressa uma minha dissertação academica em 1857, na qual eu censurava, sim, o art. 5.º da Constituição, por não estar ali decretada *uma ampla liberdade de cultos*. E dizem que n'esse tempo eu era um conservador *enraivado!*

Mantenho quanto escrevi sobre questões philosophicas e religiosas; nem essas questões têm nada que ver com as miserias ecclesiasticas, que se vão passando em Pernambuco.

Pouco falta que transcrevam o discurso, que enderecei ao Sr. bispo em nome do Instituto Archeologico, para a conclusão de que eu devo achar bom quanto faça o Sr. bispo, até que um de nós vá dar contas a Deus.

Se a arvore se conhece pelos fructos (é do Evangelho), porque não será licito a mim, como a todos, julgar o Sr. bispo pelos fructos do seu bispado?

Até aquelle discurso eram *as famas e as vozes*; do discurso para cá *os factos*.

Não devo mais fatigar a paciencia dos leitores.

Se eu tivesse a felicidade dos idolos conservadores, que chegam a infundir a sciencia nos candidatos ás cadeiras da Faculdade de Direito, que têm uma colossal reputação de sabios, porque nunca disséram nem escreveram cousa alguma, se eu tivesse uma semelhante felicidade, não me veria atarefado com provas de coherencia.

Felizes os parvos e os sandeus! Nascem e morrem coherentes, na doce coherencia da mais crassa ignorancia!

Os meus adversarios, por uma vez que conseguem ligeiramente irritar-me, com vezes inspiram-me profunda compaixão.

Combatem contra mim com as armas ignobeis da calunnia e da injuria, e com as armas fraquissimas da má fé, e eu vou passando sem responder-lhes, e elles vão ficando ufanos com uma *victoria*, que só significa a intensidade do meu despreso.

Por exemplo :

Transcrevi, em um dos proximos antecedentes numeros, uma carta do principe Henrique de Bourbon ao governo hespanhol, e commentei-a.

Eis que apparece n'uma folha d'esta cidade um artigo, no qual se me attribue o pensamento republicano, emprestando-se-me palavras do principe, e mutilando-se o meu commentario, com a maior pertervia.

E de involta com isto um acervo de injurias, umas allusões estultas á minha posição de lente, umas cousas ridiculas a respeito de juramento á constituição, etc. Pouco mais ou menos isto, segundo me está dictando a memoria.

A má fé, o triste manejo de adversarios desleaes, manifestaram-se aqui tanto mais, quanto, sendo os meus apedrejadores sempre escrupulosos em citar o

numero, a pagina, e até a columna, da *Opinião Nacional*, quando a seu modo me brindam com as suas cortezias, d'essa vez guardaram silencio, e nem ao menos citaram o numero da minha folha.

Tive pena de tanta fraqueza. . . . para não dizer cousa peor, e deixei sem resposta o artefacto da vil intriga.

O fim era — chamarem-me republicano ; aquillo que não sou, mas que de nenhuma sorte é deshonra para quem o é. N'este baixo-imperio americano, quando tal podésse passar por verdade, só eu perderia. Em tal hypothese pareceu-me baixeza uma contrariedade, e guardei silencio.

Agora, porém, o caso mudou d'aspecto.

Segundo me communica um amigo, o *Jornal do Commercio* da côrte, sob o titulo *O que vai pelo mundo*, publica um artigo, em que, com phrases da *Opinião Nacional* (diz o artiguista) prova-se, que os liberaes de Pernambuco são anarchistas, são republicanos.

Já não se trata só de mim, e devo fallar.

Em primeiro lugar, a *Opinião Nacional* é órgão das minhas idéas. O partido liberal de Pernambuco, ao qual procuro prestar com a melhor consciencia os meus fracos serviços, não deve ser responsabilizado pelas idéas, que no alto d'esta folha têm o seu franco responsavel.

E depois, na *Opinião Nacional* ninguem póde apontar o artigo ou o periodo (a não seguir o systema do artiguista pernambucano, que provavelmente inspirou o fluminense) o artigo ou o periodo, em que eu tivésse declinado aspirações republicanas para a actualidade do Brasil.

Não terei dado sobejas provas da minha franqueza, para que todos creiam, que, se eu quizesse a republica, préga-la-hia? — Os meus adversarios, que não forem vis, hão de confessar, que para isso não me faltaria a coragem.

Se o repetir com o principe Henrique de Bour-

bon, que o futuro do mundo pertence á idéa republicana :

Se o dizer que esta verdade torna-se ainda mais evidente com relação á America, na visinhança de cujas mattas virgens é um rei uma planta exotica, que só póde medrar sob muitas condições e cuidados de acclimação ;

Se, partindo d'aqui, convidar a monarchia do Brasil a desprender-se de preconceitos estupidos e fataes aspirações absolutistas ;

Se proclamar que na America uma monarchia deve ser democratica, sob pena de morte . . .

Se estar de tudo isso intimamente convencido, e proclama-lo, é ser republicano, eu o sou.

Os meus adversarios, porém, que hontem na opposição diziam o mesmo, e ainda mais e melhor, sabem que tal conclusão não é legitima.

Para mim a republica está no futuro do Brasil, como no futuro do mundo.

Educados, porém, por El-Rei Nosso Senhor, depois de amamentados por longas éras coloniaes com o leite do absolutismo, sem largas condições de moralidade e instrucção popular, não podemos ser amanhã uma republica : isto nos impõe a consciencia de cidadão e a de publicista.

O que resta, pois, aos amigos da liberdade?— Aceitar como transição, e por ventura transição demorada, a monarchia *constitucional representativa* ; mas, batalhar, como batalharei até o fim, para que não tenhamos um mero simulacro d'essa fórma de governo ; para que não tenhamos o governo do *rei só* ; para que não tenhamos rei, que *reine, governe e administre* ; para que a transição, em vez de ser, embora não proximamente, para a republica que é o clarão do futuro, não seja para o absolutismo que é o negrume do passado.

BRASIL AMERICANO

Sob o titulo de *Futuro americano*, começa hoje a *Opinião Nacional* a publicar artigos de dous illustres collaboradores. *

Sem que se desterrem as monarchias (no Brasil é o principio monarchico ainda uma necessidade), é preciso ir doutrinando por toda a parte reis e povos nas maximas democraticas, que, filhas do Evangelho como são, implicam os principios redemptores da humanidade na vida presente.

Pelo que respeita á America, cumpre que a unica monarchia n'ella existente, mais do que qualquer do velho mundo, se compenetre da santidade dos principios democraticos, e dispa, como condição essencial de vida, os preconceitos do absolutismo, as velleidades do direito divino.

O reinado da opinião, uma monarchia democratica, eis o que sonharam nossos pais, o que prometeu D. Pedro I, o que o atraso scientifico de outros tempos deixou ver como cousa acabada na constituição politica, outorgada pela pressão revolucionaria das outr'ora tão generosas provincias do norte, hoje tão tristemente decahidas.

Mas, o tempo nos ha mostrado, que a nossa cons-

* V. ns. 65 e seguintes.

tuição, tal como ha sido sophismada, em vez de palladio da liberdade é palladio do absolutismo.

Erguer, pois, o principio democratico, tão amado por estas livres auras americanas, para que a monarchia se compenetre da necessidade de ser uma monarchia democratica;

Popularisar as instituições livres dos Estados-Unidos, assombro do mundo em progresso e liberdade;

Doutrinar para as futuras gerações, a fim de que não sejam surprises pelas convulsões democraticas, convulsões sempre perigosas, quando não lhes antecede a preparação de um calmo tirocinio:

Eis a tarefa dos nossos illustres collaboradores.

Convidamos a attenção dos nossos leitores para as series dos artigos alludidos.

Pugnando por uma monarchia democratica, pugnamos pelas aspirações de nossos antepassados, tão sophismadas em um reinado infeliz.

Tendo publicado em o nosso numero passado o primeiro artigo de um dos nossos illustres collaboradores, publicamos hoje o de outro, não menos illustre.

Pela segunda vez chamamos a attenção dos nossos leitores para essas series d'artigos de vistas largas, de grande alcance para o futuro da nossa chara patria.

Não tardarão, sabemos, as intrigas e os doestos de adversarios obscurantistas, que fazem da causa publica uma questão de familia e de affilhadagem. Mas, o que responder?

Os artigos, a que temos alludido, ensaiam alguma cousa de novo, alguma cousa de radical, que nos

tire d'este vaivem desorganizador, a que está reduzido o systema representativo entre nós.

Respeita-se o principio monarchico; mas, quer-se uma monarchia livre, uma monarchia democratica, que outra monarchia não póde medrar na terra livre da America.

Respeita-se a autoridade, e por isto se a quer asentada em bazes largas, fóra d'essa triste necessidade da corrupção e da compressão, a que a tem reduzido um regimen tacanho, uma legislação de dous gumes, até hoje infelizmente respeitada por ambos os partidos, quando no poder. *

Aos que disserem que declamamos (e aliás dizemos o que todos sabem e sentem!) responderemos com as seguintes linhas, insuspeitas, pois que acabam de ser publicadas no *Diário do Rio de Janeiro*:

“ Conforme ensinam os publicistas, a maxima fundamental do nosso regimen é, que *ninguem possa tudo*. Nos paizes considerados modelos do systema constitucional, o poder da Corôa tem o correctivo da camara popular, que póde recusar-lhe os subsidios nos casos extremos; esta tem como correctivo a Corôa, que póde dissolve-la; a segunda camara está sujeita á criação de novos membros, ou á renovação parcial em periodos determinados.

“ Entre nós a Corôa está isenta do correctivo da camara popular: em consequencia da nossa organização eleitoral e administrativa, da falta de legislação efficaz para segurar a liberdade do voto, é a *Corôa quem inevitavelmente vem a eleger a camara dos deputados*, dando a maioria a qualquer dos partidos, pelo

* Vergonha dos nossos politicos! Não haverá mais homens de bem na politica do Brasil... Cabe aqui registrar as seguintes palavras do Sr. Thiers, ultimamente proferidas na assembléa de Versailles: — “ Sempre tomei comigo mesmo o compromisso, de não fazer no poder senão o que pedia na opposição, e de não pedir na opposição senão o que poderia realisar no poder. *Só assim a politica deixará de ser uma indigena comedia.*” (Nota da presente edição).

simples uso do seu direito constitucional de conservar ou nomear ministros pertencentes a esse partido, quando se tem de proceder á eleição nos periodos ordinarios ou depois de uma dissolução.

“ A vitaliciedade e o numero fixo de senadores fazem tambem, que o nosso senado *não tenha nenhum correctivo legal*. Está apenas sujeito á renovação lenta, parcial e incerta, produzida pela morte de seus membros.

“ Assim, pode-se dizer que *a Corôa em nossa politica é tudo*, o senado *é muito*, e a camara dos unicos representantes immediatos do povo, em um paiz em que todos os poderes emanam da nação, *é nada*, visto poder ser *exotada e substituida por outra de opiniões contrarias sempre que a Corôa o julgar opportuno ou necessario*, como se tem observado em todas as dissoluções, que tem havido, de camaras pertencentes a *diversos partidos*. ”

O Sr. Prevost-Paradol, em livro recente, que é phreneticamente applaudido pelas folhas francezas, e que tem por titulo *La France nouvelle*, diz na introduccão cousas, que perfeitamente se coadunam com a propaganda, que de presente honra a nossa folha.

Aqui transcrevemos algumas linhas, utillissimas para este nosso Brasil, que mais parece terra européa, do que terra americana.

Estará longe para nós o futuro americano ?

Diga o Sr. Prevost-Paradol, que aliás escrevia para a França e para a Europa :

“ O ascendente actual da raça anglo-saxonia fóra da Europa é apenas uma fraca imagem, do que nos está reservado em proximo futuro. Conforme os calculos mais moderados, baseados no progresso da polulação no ultimo periodo decennial, os Estados-

Unidos contarão mais de 100 milhões d'habitantes no fim do presente seculo; e isto sem contar com a provavel annexação do Mexico, e com a extensão da republica americana até o isthmo de Panamá.

“ Ao lado de uma semelhante potencia o Brasil e os diversos Estados da America do Sul nenhum peso têm, e *desappareceriam no dia em que os senhores do continente septentrional quizessem estender-se.*”

“ O fraccionamento possivel (se bem que pouco provavel) da republica americana em muitos Estados, pouco alteraria este futuro; por quanto, uma vez separadas, as fracções d'este vasto imperio seriam ainda mais sollicitas em fortificarem-se e estenderem-se.

“ Se, por exemplo, ultimamente a separação se houvésse realisado, não é de duvidar que a nova confederação do sul teria invadido o Mexico muito mais cedo, do que o fará a republica americana reconstituída.

“ Em todo o caso, o continente americano está destinado, *em toda a sua extensão, á raça anglo-saxonia; e contando com o accrescimo de ligeireza tão notavel nos acontecimentos humanos, é pouco provavel que se passe mais d'um seculo a seculo e meio, sem que esta grande mudança esteja realisada.*”

O illustre escriptor francez arrazoa e conclue, quanto á Oceania, com a mesma absorpção pela raça anglo-saxonia.

Com relação ao mundo em geral, são profundamente meditadas as seguintes linhas:

“ Desde que a grande nagevação entregou o globo inteiro ás interpresas das raças europeas, tres povos foram como que ensaiados pelo destino, para serem encarregados do primeiro papel no futuro do genero humano, propagando por toda a parte sua lingua e seu sangue, mediante colonias duradouras; fazendo d'esta sorte o mundo á sua imagem.

“ No decimo-sexto seculo poder-se-hia crer, que a civilisação hespanhola expandir-se-hia por toda a terra; mas, vicios irremediaveis dissiparam bem de

pressa essa potencia colonial, cujos restos, ainda cobrindo um vasto espaço, attestam a sua grandeza ephemera.

“ Por nossa vez, nós francezes, fomos ensaiados ; e a Luiziana e o Canadá hão guardado d'isto um melancolico testemunho.

“ Finalmente, chegou a vez da Inglaterra, pela qual esta grande obra foi definitivamente levada ao cabo, e que já hoje póde succumbir, sem que a sua obra desapareça, e sem que o futuro anglo-saxonio do mundo seja sensivelmente mudado.

“ A Russia, mesmo suppondo-se-a na posse de Constantinopla, nunca ficará em estado de contrabalançar o poder maritimo dos anglo-saxonios, e seus progressos militares no continente asiatico estacarão no dia em que ella encontrar, quer a Inglaterra na India, quer os Estados-Unidos ou a Australia do lado da China.

“ E aliás, não é extender solidamente a sua raça e o seu sangue, dominar e explorar povos, quando se os não póde assimilar a si, nem recalca-los e substitui-los no solo que occupam.

“ Se, por exemplo, a obra colonisadora da Inglaterra se houvésse limitado á exploração da India, ainda não haveria hoje razão alguma para que o mundo fosse devolvido á raça anglo-saxonica. ”

Abundando n'estas considerações, e voltando as suas vistas para a Europa, o illustre escriptor francez pergunta á França, se pretende dormir á beira do abysmo, e nada fazer para acautelarse contra a absorpção de um futuro, tão vivamente desenhado

E nós Brasileiros, aqui na America, cercados de republicas, ameaçados pela onda dos Estados-Unidos, até onde iremos com esta monarchia assim avelhentada, com estas normas absolutistas, com estas preocupações europeas ?

Somos republicanos, dizeis vós.

Sé-lo-hemos, porque desejamos uma monarchia

democratica, uma monarchia, que não seja uma antithese das aspiraçõs americanas.

Mas, vós, com essa monarchia d'El-Rei Nosso Senhor, com essas tendencias absolutistas, sacrificareis a monarchia . . . e, o que será peor, o Brasil.

O Sr. E. de Girardin, em um bellissimo artigo, sob o titulo — *A desconfiança do futuro*, faz considerações, que muito quadram ao nosso Brasil.

Quando na Europa se olha para a America como a metropole infallivel da liberdade do mundo, que cabeças são essas do Brasil, que andam sonhando com uma monarchia de direito divino, que vivem preoccupadas com o *europismo*, sem verem o *americanismo*, que junto se ergue, altivo e herculeo ?

Ouçamos o principe dos jornalistas francezes :

“ Pela confissão de todos os governos, de todos os oradores, de todos os publicistas, de todos os observadores attentos, os menos timoratos como os mais imparciaes, a Europa ameaça ruina por toda a parte, excepto a Allemanha, onde a tarefa, que resta a cumprir, basta e bastará por muito tempo para satisfazer a actividade das ambições e dos espiritos.

“ Todos a uma voz reconhecem, que, não descaçando em principio algum, o estado da Europa é um estado essencialmente transitorio.

“ Com effeito, a Europa está na situação d'uma mulher, cujo parto laborioso reclama com urgencia, pena de morte para a mãe e para o filho, o auxilio do forceps.

“ *A Europa perder-se-ha pelos homens de guerra* — disse Montesquieu, protestando da altura de seu genio contra a exaggeração e o perigo dos exercitos permanentes.

“ Se todos os governos europeus tivéssem tro-

cado uma senha, para que se cumprisse a predicção de Montesquieu, não teriam marcha diversa da que têm.

“ Não vêem o immenso peso, que dentro em pouco terá a União americana nas balanças européas!

“ Não vêem, que todos os progressos d'esta força nova, que se chama o vapor, ou se applique á fabricação, ou se applique á tracção, ou se applique á navegação, conspiram pelo Novo-mundo contra o Antigo!

“ Não vêem, que em poucos annos a patria do algodão não o exportará mais em fardos, porém em tecidos, o que será a revolução social da Inglaterra!

“ Não vêem, que com o uso da lingua ingleza, a lingua da liberdade, ainda muito pouco vulgarisada, mas que tende a vulgarisar-se de dia para dia, e com a rapidez dos trajectos maritimos, todo o despotismo tende a cahir no abandono, porquanto aquelles que, amando a liberdade, não a tivérem na Europa, no paiz do seu nascimento, irão procura-la na America, onde aliás quasi que acharão o seu paiz, porque lá poderão viver no meio de um grande numero de seus compatriotas!

“ A emigração barata, a emigração ao alcance de todas as bolsas, é um germen, que hoje apenas começa a brotar; mas, é destinado a desenvolvimentos tanto mais rapidos, quanto a emigração tornar-se-ha mais e mais fácil, e os perigos e fadigas de um trajecto, que já não excede de nove dias, tendem a quasi desaparecer.

“ Sendo a emigração a valvula de segurança da liberdade, em breve tornará impossivel na Europa a duração de toda a tyrannia.

“ Em vez da insurreição com risco de morrer, a emigração com risco d'enriquecer.

“ D'hoje a dez annos qual será o grande estado europeu, que poderia resistir á emigração por causa do despotismo, se sómente quinhentas famílias notaveis protestassem solemnemente contra a tyrannia,

adoptando por divisa: *Onde a liberdade, ahí a patria?*

“ Não deve, pois, receiar a França, que o poder pessoal extenda em seu solo fortes raizes.

“ A liberdade lhe é plenamente assegurada por todos os progressos da sciencia, e pelo conhecimento cada vez menos raro da lingua ingleza; mas, é precisamente isto, que deve fazer com que reflectam maduramente aquelles, cujo olhar vai além de um presente estreitamente limitado.

“ Sendo a civilização mais forte do que o poder discricionario, ou este resida ou ceda, não poderia elle passar de um regimen provisorio.

“ Só ha hoje um regimen definitivo possivel — o da liberdade. ”

Até aqui temos tido Brasil europeu; como bem disse o *New-York Herald*, o Brasil é um pedaço velho da velha Europa, desastadamente encastoado em terras d'America.

Nada temos no Brasil, do que constitue essencialmente a feição americana: o *europismo* está nas nossas instituições, como em nossos costumes publicos e privados.

Dizia Lincoln: — “ E' sempre com pezar, que vejo um americano ir á Paris; d'ahi nunca volta elle tão bom cidadão, qual era quando partiu. ”

E o general dos Estados-Unidos, Cluseret, acrescenta: — “ A athmosphera de despotismo que em Paris se respira, a facilidade dos costumes, tudo tende a perverter o senso recto do homem livre. ”

Quem vê o affan com que nós, quer nas leis quer nos costumes, procuramos imitar quanto é europeu, com que evitamos, pôde-se dizer, que nos confundam com as raças e estados americanos do norte e do sul, e isto pela vaidade de nos suppormos em tudo supe-

riores aos nossos irmãos da America, quem vê tudo isto, e sabe o que é a velha Europa, e o que deve ser a joven America, não póde deixar de chorar sobre a nossa cegueira, sobre a nossa fatuidade, sobre o desbarato das nossas forças.

Usanças monarchicas mais avelhentadas do que as do velho Portugal, leis traduzidas do francez, costumes publicos e privados ridiculamente macaqueados da França e da Inglaterra, eis o que faz de nós uma excrescencia na terra livre das Americas.

Aos liberaes cumpre, principalmente, ir educando o nosso povo no systema das realidades, evitar cuidadosamente as evoluções palavrosas que têm sido até aqui o nervo da nossa politica.

Devemos trabalhar, com o nosso esforço e com o nosso exemplo, para que o povo brasileiro chegue ao pleno desenvolvimento da sua maioridade, e possamos repetir as seguintes palavras do citado general americano :

“ Quando os povos, como o nosso, são maiores, isto é, grandes e fortes, livres e instruidos, já não se os leva com palavras. Só a verdade apoiada na razão guia-os á grandeza pelos caminhos da liberdade. ”

O grande intuito, pois, dos liberaes do imperio deve ser a reacção contra a idéa de um Brasil europeu, a solida construcção de um Brasil americano.

E' respeitando os nossos irmãos da America, estudando e comparando as suas instituições, e possuindo-nos de justo orgulho por sermos da terra de Colombo, que chegaremos a fazer um Brasil americano.

Os verdadeiros patriotas, os verdadeiros brasileiros, são os distinctos liberaes, que têm feito valentes esforços para lembrar ao Brasil, que elle, sob pena de baixo-imperio, deve ser americano, isto é, deve desenvolver a indole gloriosa, que infundem as auras do novo continente.

Só agora podemos escrever quatro linhas em resposta ao cortez e illustrado comunicador da *Idéa Liberal*, que refutou as nossas idéas emittidas a 28 de Janeiro, quando pugnámos por um Brasil americano, quando estigmatísamos este Brasil europeu (e a peor especie d'europeu), a que hemos sido reduzidos.

Pouco diremos, porque a divergencia só proveio de não havermos sido comprehendidos pelo nosso illustre adversario.

Poderíamos nós repellir a boa idéa, a boa instituição, por ser européa?

Não era possível. A liberdade é essencialmente humanitaria. Venha d'onde viér, é bem vinda.

O que pretendiamos e pretendemos é, que nós da America, do novo continente, não estejamos esquecidos de que o somos. E para que? Para macaquear a Europa, que lá vive atrophiada entre as suas antiguidades; para imitar Portugal, para zelar suas estultas usanças aristocraticas, quando esse velho de nós recebeu lições de politica generosa, de politica liberal; e hoje o discipulo parece saber mais que o mestre!

Os Estados-Unidos, mui differentes de nós em sua educação pela Inglaterra, guardaram d'esta o jury e o *habeas-corpus*; mas, deixaram-lhe a aristocracia, o pariato hereditario, e tudo quanto não é, nem podia ser, americano.

Compreende-nos agora o illustrado antagonista?

Acredito que seremos concordes d'hoje á vante. *

* O gráo do nosso thermometro politico acaba de ser annuciado, com toda a vivacidade, pelo Sr. deputado Perdigão Malheiro, o qual, no principio e no fim de todas as verdades que diz sobre o nosso deploravel estado, protesta sempre, que é conservador. Conservador de que? Santo Deus! — Conservador de miserias tão eloquentemente descriptas nas seguintes linhas, cuja analyse não cabe aqui:

“ Não acredito em republica no Brasil, e a razão é clara: nossas tradições, nossos costumes, nossa educação, nossa raça emfim, a fôrma de governo que temos desde os nossos ante-

Se a discussão podésse continuar entre nós, pediríamos ao cavalheiro da *Idéa Liberal*, que não a levasse para esse *espírito do Senhor*, de que falla S. Paulo.

Para que? Entende o collega que o *espírito do Senhor* está na Europa; e nós temos lido em tanto escriptor ecclesiastico, que o seu ultimo refugio e os seus ultimos triumphos serão na America!...

O collega saberá melhor do que nós, o que se está passando nos pulpitos de Paris com o padre Jacintho....

Para que n'estas questões trazer á contenda o *espírito do Senhor*, cujo reino não é d'este mundo?

Tratemos os negocios de Cesar como de Cesar, e os de Deus como de Deus.

Hoje conclue o nosso illustre collaborador, que

passados, e outras considerações, me levam a não receiar, já não digo para o futuro, mas ao menos tão cedo, que no Brasil se possa levantar a republica, quando não vejo sobre tudo essas qualidades de republicano, essa abnegação, essas virtudes civicas, essa virilidade que constitue o verdadeiro republicano. Este paiz, com os costumes que tem, nem é digno de semelhante fórma de governo; se derivassemos de outra raça, se tivéssemos outra educação e outros costumes, como por exemplo os americanos do norte, eu diria: tentemos a fórma de governo dos norte-americanos. Talvez as provincias fossem mais felizes com essa descentralisação, plena autonomia, livres d'esta terrivel concentração que tende a asphixia-las, que as não deixa desenvolver, e obriga o sangue a afluír todo para este centro, faltando aos outros membros.

“ Demais, um paiz onde se corre atraz de fitas (*risadas*), onde se muda o nome christão que se recebe na pia baptismal, por um titulo profano, ás vezes barbaro ou extravagante, não pôde ser republicano (*muito bem; apoiados*), não o será tão cedo, e nem é capaz de tal fórma de governo. (*Apoiados*). ”

Usaremos apenas perguntar ao illustre *conservador* de tanta miseria: — Que remedio propondes? Ser *conservador* e refinador de tudo isso? Não parece serio.... (*Nota da presente edição*).

se assigna *Monroe*, a serie de seus brilhantes artigos sobre o estado actual do Brasil em geral, e o que convém fazer-se, em attenção ao inevitavel predominio, no futuro, das idéas americanas.

Quando se falla ou se escreve, como o nosso sabio collaborador, não falta lá nas linhas do *direito divino*, quem veja ali o mais criminoso republicanism, a mais nefanda ingratidão contra a monarchia, que tantas chuvas de bençãos e de moedas d'ouro tem feito cahir sobre a terra da Santa-Cruz.

Como se fosse crime querer uma monarchia democratica, como se podésse haver uma cabeça ou um peito americano (não sendo de eunucho ou de janizaro), que não repilla com indignação essas tentativas insanas de um absolutismo já condemnado na Europa, e já seriamente combatido nas outras partes do mundo !

Até appareceu agora um senador vermelho, que achou crime no dizer um seu collega, que tão feliz e livre é a Inglaterra com a sua rainha, como os Estados-Unidos com o seu presidente ! E' incrivel, mas é real ! . . .

Extremamente agradecidos ao nosso illustre collaborador, aqui lhe hypothecamos toda a franqueza em nossas columnas, sempre que queira fazer a applicação de suas idéas tão sabiamente expendidas.

Hamilton, o outro lavrador do mesmo campo, e não menos capaz e zeloso, continuará a serie d'artigos, em que tão patrioticamente está empenhado.

Vai este imperio americano como um desherdado da civilisação, hoje symbolisada por toda a parte na palavra liberdade.

Somos o ultimo paiz da escravidão do homem ; e, como se isto não bastasse, quando por toda a parte,

até na Turquia, até na Rússia, até nas esquecidas regiões asiáticas, vai lavrando o incendio depurador da liberdade, que como a phenix vai sempre renascendo das cinzas das velhas idéas — aqui no Brasil são resuscitadas umas antigualhas do direito divino dos reis em combinação com o direito divino dos escravos (coito infernal!); e os ministros vermelhos vão dizer no parlamento, que o rei — reina, governa e administra; e os senadores vermelhos declaram crime de lesa-monarchia o dizer-se, que os Estados-Unidos são felizes com o seu presidente!

Onde irá parar tudo isto?

Não é possível, que n'esta luta desatinada das trevas contra a luz, do velho contra o novo, da terra contra o céu, do despotismo contra a liberdade, não é possível, que o triumpho deixe de pertencer á causa da civilização, que é a causa do futuro.

Mas, quando?

O segundo reinado, fiel ás tradições do primeiro, faz guerra traiçoeira, a guerra estragadora da corrupção, á liberdade e aos liberaes.

No segundo, como no primeiro reinado, o poder é partilha exclusiva dos conservadores, por um torpe *do ut des*: elles adoram o rei; o rei entrega-lhes o sangue do povo, o voto do povo, o dinheiro do povo!

O que são os conservadores? Na phrase de um notavel escriptor — são como esses bois que remóem deitados, mugindo: *Porque mudar de posição, se estamos tão a gosto?* Taes são em verdade os chamados homens práticos, para os quaes a conquista de uma fortuna importa a paixão do repouso.

Se acham-se tão bem os conservadores com o rei seu chefe, porque sahiriam da doce beatitude da Capua imperialista?

— Vós de lá e nós de cá, dizem elles ao rei, vós idolo e nós sacerdotes — o que póde haver de melhor para um imperio americano? Se gritarem, hão de calar-se, como já se têm calado. Vosso avô enforcou o padre Roma, vosso pai fusilou o padre Caneca, e vós,

que *sois rei como elles*, podeis fazer o mesmo a quem quizerdes, dizendo sempre que Lopez não pôde fusilar o padre Palacios, porque Lopez não é rei. Só aos *ungidos do Senhor* cabe fazer correr o sangue do proximo!—

Pobre imperio da Santa Cruz!

Os politicos, a que foste aforado desde D. João VI, são d'aquella escola, de que falla Laboulaye, na qual — em politica não ha verdade nem mentira, tudo é convenção como na comedia; na qual — a verdade é uma cousa sagrada, sim, fallando-se ao principe, fallando-se ao proximo; mas não fallando-se ao povo, que, como criança, deve ser enganado, para que se tenha quieto, e faça o que se lhe manda.

O que são as tentativas, o que poderão ser os resultados das falladas reformas conservadoras?

Pois os homens, que pregam as mais avermelhadas doutrinas absolutistas, que têm tanto horror á democracia, que até já sobem ás cumiadas do ridiculo, declinando esperanças de um imperio nos Estados-Unidos, taes homens pôdem fazer cousa alguma, para que tenhamos a monarchia democratica, como a quizeram nossos pais, e como a queremos nós?

Pois os homens, que tecem cada vez com as malhas mais miudas a rede administrativa, que, fiéis á sua origem, mais e mais conspiram para uma eterna centralisação, que será para elles a eternidade do poder, podem fazer nada pela liberdade? — Nem nós poderíamos pedir-lhes cousa alguma n'este sentido, que importaria pedir-lhes o seu suicidio. . . .

N'este imperio — a liberdade é nada, a administração é tudo; entretanto, como diz o publicista citado — só uma cousa faz a grandeza dos povos, a liberdade; só uma cousa faz a sua ruina, a administração.

Como, porém, o povo brasileiro pôde pretender ser grande, se o rei tem medo de ficar pequeno?

Desgraçados aleijões perante a historia — os reis

que foram grandes *no seu tempo*, porque fizeram pequenos os seus povos !

Coragem, liberaes brasileiros !

Aqui repetimos, o que já muitas vezes hemos dito : se não formos nós, serão nossos filhos, quem colha os fructos da arvore da liberdade americana.

Da liberdade americana sim, que a America não recebe, dá lições.

E o que é a liberdade americana, que devemos preparar para os nossos filhos ?

Onçamos o publicista apostolo da emancipação dos escravos, que tanto esperou e tão pouco deve esperar hoje do imperador, que o é tanto do Brasil, e tão pouco dos brasileiros :

“ — Ha duas especies de liberdade : uma que é a palavra, outra que é a realidade. A primeira não passa de um grito de guerra e de revolução, que transforma o velho continente ; a segunda é um aggregado d'instituições, que faz a grandeza dos individuos e a prosperidade das nações. E essas instituições são sete : a igreja livre, a escola livre, a imprensa livre, o banco livre, o municipio livre, a milicia, o jury. No pedaço de solo, em que ha um grupo d'homens, é preciso — que elles possam abrir escolas para instrução de seus filhos, igrejas para o culto de sua consciencia a Deus, jornaes para esclarecimento de todos, bancos para facilidade do trabalho e das trocas. E eis formado o nucleo, eis o municipio. Eis a liberdade americana. ”

O Brasil não será um dia Brasil americano ?

O *principe-cachorro* de Laboulaye foi, pela fada sua madrinha, atirado a uma pequena cidade regularmente construida, com ruas largas, e habitada só por negros. Sua figura estrangeira provocou todas as

atensões : as mulheres o mostravam com o dedo, os meninos fugiam, os cães ladravam.

Jacyntho (o príncipe) chegou-se a um negro encarapinhado, que arrumava barris d'azeite em um grande armazem, e perguntou-lhe onde estava. Se bem que um tanto surpreso da pergunta, o mercador respondeu cortezmente e em bom inglez, que a cidade chamava-se Monrovia, e era capital do Estado de Liberia.

— Taes quaes nos vêdes, accrescentou o negro, somos todos antigos escravos, que dos Estados-Unidos para aqui viemos a viver em liberdade. Com o favor de Deus esperamos fundar uma republica, a qual, pelo numero e riqueza dos seus habitantes, eclipsará um dia a Europa e a America. Ha muito que a raça branca é senhora do mundo ; a raça negra reclama hoje a sua parte da herança, e alcançará : a Africa lhe pertence.

— Vosso povo é numeroso ? perguntou Jacyntho.

— Somos apenas vinte e cinco mil *civilisados*, respondeu o negro ; mas, trazemos connosco um talisman, que nos facultará conquistar pacificamente toda a Africa, e eleva-la ao nivel da Europa.

— Que talisman é esse ?

— A liberdade americana.

— Porque não dizeis simplesmente a liberdade ?

— Porque ha duas especies de liberdade, respondeu o negro ; uma que é uma palavra, outra que é uma cousa. A primeira não passa de um grito de guerra e revolução, que convulsiona o velho continente ; a segunda é um aggregado d'instituições, que faz a grandeza dos individuos e a prosperidade das nações. Esta trouxemo-la connosco da America, é o germen que temos plantado ; os nossos filhos deverhe-hão a riqueza e a felicidade.

— Que instituições são essas ?

— Ha sete : a Igreja livre, a escola livre, a imprensa livre, o municipio livre, o banco livre, a milicia e o jury. Logo que aporta um navio, deixa-se

que os immigrantes escolham o terreno, que lhes apraz; uma vez sentados no solo, e logo no primeiro anno de cultura, elles fundam escolas para instruir seus filhos, igrejas para orar a Deus, jornaes para esclarecer todo o mundo, bancos para facilitar o trabalho e as trocas. Eis o nucleo formado, o municipio existe; é uma republica, perfeita em si, que se administra livremente pelo concurso de todos os cidadãos; e se algum perigo ameaça-a no interior ou no exterior, cada um de nós é jurado para defende-la, soldado para protege-la. Eis a nossa liberdade, estrangeiro. É' assim, que se a entende em vosso paiz?

— Vejo que conheceis o vosso Aristoteles, disse Jacyntho.

— Aristoteles! retorque o negro, revolvendo seus grandes olhos brancos e coçando a testa... é um nome desconhecido em nossa praça; sem duvida é alguma casa nova, que não tem grande credito.

— Meu amigo, respondeu o principe compadecido de tanta ignorancia, Aristoteles é um grande philosopho grego, o qual disse, ha perto de dous mil annos, que o cidadão devia ser alternativamente soldado, jurado, e administrador; e que a franqueza da palavra e a educação commum eram duas condições essenciaes da liberdade e da civilisação.

— Parece-me, diz o Africano, que não é preciso ser um grande philosopho para ver cousas tão claras como o sol ao meio-dia. Passai oito dias em Monrovia; e vereis, que não ha um menino d'escola, que a este respeito não vos diga tanto como o vosso Grego.

— E esperais, continuou Jacyntho, que esse germen americano, o producto mais puro da civilisação mais adiantada, brotará no meio da vossa barbaria?

— E' cousa feita, respondeu o negro.

— Permittí-me duvidar; a liberdade é uma questão de raça.

— Engano vosso, é uma questão d'educação, diz o negro. Desde que em nosso tronco negro encher-

támos o espirito americano, sentimo-nos tão capazes de nos governar a nós-mesmos, como esses milhares de Irlandezes e Allemães que todos os annos emigram para os Estados-Unidos, e ahi se transformam como nós. Em tres gerações seremos senhores do valle do Niger; o resto é questão de tempo.

— E' um sonho brilhante de mais, diz Jacyntho, para que seja verdadeiro.

— Eis uma duvida, que próva serdes vós do velho continente, diz o negro. Sois como os nossos vizinhos do Senegal, que imaginam colonisar, quando mandam generaes a fazerem guerra aos negros, e prefeitos para pôrem os brancos debaixo de regulamentos em tudo? Assim não fazemos nós. Nossos instrumentos de conquista são — a paz, a liberdade, o trabalho. Entre nós a republica é como o polypo: crescendo deita um botão, uma nova communa, que se junta á primeira, vivendo aliás de vida propria. Por sua vez esse botão produz um novo alveolo, que não será menos fecundo. A obra nunca pára. E' assim que, silenciosamente, pouco a pouco, por um trabalho latente e irresistivel, o nosso povo cresce, cobre o solo, absorve e transforma a barbaria. Mais de cem mil negros, vindos do interior, já entraram em nossas escolas, para ahi beberem nossas idéas e nossos costumes. D'esses caçadores cruéis e ignorantes temos feito rendeiros, operarios, cidadãos. O futuro é nosso; o municipio mudará a face da Africa, e não está longe o dia em que, tomando assento entre as nações civilisadas, seremos um só povo, uma só republica.

— Se não vos quebrardes em cem mil pedaços, disse Jacyntho.

— Ainda um erro do velho mundo, retorquiu tranquillamente o negro. N'essas monarchias creadas pela força, e militarmente governadas, tudo está na mão d'um homem, e a mão d'um homem não póde tudo conter: a grandeza do imperio faz a fraqueza do principe. Mas, entre nós, onde o Estado é apenas uma federação de pequenas republicas, vivendo cada-

uma de vida propria, a extensão do imperio é uma maior garantia da paz e da liberdade commum. Onde seria a fractura? O centro está em toda a parte, a circumferencia em parte alguma. Não sentis, que um novo espirito governa as cousas e os homens? A America em sua flor, a Australia que acaba de brotar, a Africa em seu primeiro germen, não vos dizem, que hoje são continentes inteiros que chegam á vida politica, e que a velha Europa, dividida, regulamentada, vai breve entrar na historia como o antigo Oriente, e não será mais do que os restos de uma civilisação desvanecida?

— Não creio, disse Jacyntho, um tanto conturbado do vaticinio.

— Pois será assim, insistiu o negro, salvo se a Europa tomar-nos emprestada a nossa liberdade americana, e mudar o espirito de seus filhos. Mas... perdão, estrangeiro, eis que o sol declina, e eu devo ir á junta d'escolas, á junta militar, á reunião do banco: desculpai-me o deixar-vos.

— Sois um dos grandes funcionarios d'este paiz? perguntou Jacyntho.

— Não, disse o negro sorrindo-se; não passo de negociante de azeite e cidadão da Liberia.

A GUERRA DO PARAGUAY *

Faltava ao nosso Pernambuco, ao qual tanto fizeram baixar no cambio politico do paiz, que viesse Lopez com as suas desatinadas hostilidades, para que fôssemos, como estamos sendo, alvo dos apupos e caricaturas dos galhofeiros do sul.

Pernambuco fica muito abaixo, do que se esperava ; Pernambuco ha prestado pequeno contingente para a guerra. Examinemos.

Pernambuco fica muito abaixo do que se esperava.

“ As nações modernas, diz um distincto publicista, descobriram, para livrarem-se do jugo que lhes pésa, um meio, que a antiguidade não conhecia : Pacientes e até, quando a tanto as constrangem, silenciosas, ellas não se insurgem : esperam, que chegue o perigo, no interior ou no exterior, e retiram ao governo o seu apoio. Então, cahe o governo ; não — derrubado por ellas, mas pela razão de não ser por ellas sustentado. ”

* Alguns dos artigos publicados de Junho de 1867 a Fevereiro de 1870. Não será tão cedo materia velha a guerra do Paraguay . . .

O que esperavam de Pernambuco? Quando o sul trabalha, ha tanto tempo, para quebrar-nos os brios, quando é patente uma parcialidade contra nós, até nos perdões da sexta-feira santa, quando a nossa fama de *anarchistas* traz sempre armado contra nós o braço dos governadores da côrte, quando pouco a pouco foram extinguindo o nosso ascendente na alta gerencia do paiz, porque bem sabiam que comnosco baixaria todo o norte, o que pretenderiam, com direito, de Pernambuco?

Quando em pleno parlamento se diz, que no norte está a materia recrutavel, quando por aqui corre, que o Sr. Conde d'Eu nos chama *inesgotaveis*, cada vez que assiste a desembarque de tropa do norte, o que pretenderiam, com justiça, d'este aborrecido Pernambuco?

Nem ao menos querem deixar-nos o protesto da inercia? Até d'isto querem aproveitar-se contra nós, querem fazer mais um diploma de nosso aviltamento?

Entretanto, será certo, que — Pernambuco ha prestado pequeno contingente para a guerra? Vamos aos factos.

Administrava interinamente a provincia o Sr. desembargador Peretti, quando se tratou da execução do decreto de voluntarios. Como interino que era, esperando todos os dias o presidente nomeado, o Sr. Peretti não activou a leva de voluntarios.

Chegado á provincia o illustrado e prudente Sr. Castello-Branco, tudo foi sendo posto em movimento com aquella pausa e criterio, que caracterisam os actos dos administradores sensatos.

Viu esta provincia, o que difficilmente tornará a ver, o que talvez não se visse em todo o imperio: batalhões de *verdadeiros* voluntarios.

O Sr. Castello-Branco não punha obstaculo algum a quem, depois d'alistado, declarava querer deixar as fileiras; mandava para as suas casas todos os homens do interior, que allegavam — terem-se alis-

tado constringidamente ; em summa, ainda na hora do embarque dos batalhões o presidente declarava, que consentiria ficarem em suas casas todos os que dêssem um passo á frente.

Todos seguiram ; a cidade enfeitou-se, quotisou-se, concorreu para victoriar os dous batalhões organisados pelo presidente Castello-Branco, que em premio dos seus singulares serviços foi *singularmente* excluido das graças, aliás profusas pelo negocio dos voluntarios.

Mandou o presidente Castello-Branco o nosso primeiro contingente nos dous batalhões commandados pelo coronel Leal e pelo major Apollonio (o ultimo batalhão ficou organizado, quando o Sr. Castello-Branco deixou a provincia).

Os dous batalhões levaram mais de 1,400 praças.

Seguiram-se presidentes de voluntarios livres e voluntarios amarrados.

Partiu o major Frias Villar com um contingente de guardas nacionaes ; o tenente-coronel João Paulo com um batalhão ; o coronel Lobo com outro ; o alferes Maniva com a sua companhia, e em todos os vapores, *desde então até hoje*, partiram centenas de recrutas.

O que pretendem mais ? Querem despovoar a provincia ?

Se mais não tem feito Pernambuco, se recuou da brilhante carreira incetada sob a direcção do presidente Castello-Branco, deve-se ao espirito tacanho, que fez do negocio de voluntarios um caminho para obtenção de commendas, para arranjos eleitoraes.

Deixando de fallar nas causas geraes de impopularidade da guerra (ella é hoje evidentemente impopular), na provincia causas parciaes, especiaes, actuaram para a publica indifferença.

Accusem-nos á vontade ; quanto a nós, este indifferentismo da provincia é um signal, de que ainda não devemos desesperar de nossos brios tradicionaes.

Tenham presente os nossos levianos governadores da côrte a seguinte sentença de um grave pensador :

“ A nação não tem rancor ; mas, tem memoria. ”

O illustre deputado Sr. Martinho de Campos, referindo-se aos contingentes que ha fornecido para a guerra a provincia de Minas Geraes, fallou de Pernambuco, mostrando que, como todos, está preocupado da alicantina, de que não havemos correspondido, n'esta quadra difficil, á justa expectativa do paiz.

Insistiremos n'este ponto, quanto seja preciso para que, além dos grandes sacrificios que nos tem custado essa guerra inutil do Paraguay, não nos aconteça a ultima desgraça de ficar-nos o baldão de surdos aos reclamos da patria.

Venham as estatisticas, e ver-se-ha, que desde o começo da luta incessantemente seguem d'esta provincia centenas de recrutas, além dos corpos de voluntarios e guardas nacionaes que temos mandado.

Em quanto na Bahia reduzem todos os recrutas a corpos de voluntarios, que fazem seguir com estrepito, fazendo-se de 800 praças dous e tres batalhões, para que o apparatus imponha, nós mandamos corpos de 800 praças, e os nossos recrutas embarcam aos centos sem estrepito algum.

Em quanto os corpos da Bahia conservam sua existencia collectiva, seja como fôr, chegando-se até a formar no exercito uma chamada *brigada bahiana*, que era pomposamente preconisada pelos correspondentes de jornaes, aos batalhões de Pernambuco commecam a tirar as tintas desde o Rio de Janeiro, recambiam os seus commandantes, trocam os seus of-

ficiaes, e no primeiro ensejo são os batalhões refundidos e transformados.

E' assim, que n'esta guerra temos andado a fazer mel para a Bahia.

E' assim, que, depois de gravissimos sacrificios até o dia d'hoje, ainda se diz, e se dirá, que Pernambuco ha sido surdo aos clamores da patria.

Vai n'isto por ventura um calculo de aniquilar este leão, já reduzido a cordeiro.

E querem que haja aqui espirito publico?

E não querem que Pernambuco se resinta, e com elle todo o norte, d'esse desprezo e d'essa animadversão d'uma côrte madrastra, de um governo bahiano?

Temos feito de mais para o que nos merecem. . .

Dissemos que era *inutil* essa guerra do Paraguay, e não seria difficil demonstra-lo.

Abstracção feita do já tão custoso, e por ventura impossivel, desaggravo da honra nacional (pois a victoria já não nos trará gloria) perto de tres annos de sacrificios, para que?

Para continuarmos á mercê do futuro governo do Paraguay, qualquer que elle seja; pois as garantias da nossa provincia de Matto Grosso dependem, não de uma folha de papel, mas de vias terrestres de communicacção, trabalhos de fortificacção e guarnição de fronteiras, cousas todas para as quaes a guerra nos deixa impossibilitados.

Para vivermos a mesma vida d'incertezas ante as republicas platinas, onde grandes partidos votam-nos odio tradicional, onde continuaremos a manter uma diplomacia dispendiosissima, sendo obrigados a cabalar tambem nas eleições presidenciaes.

De tudo restar-nos-hão alguns soldados, *rarinantes*, pelas fronteiras do Rio Grande do Sul e de Matto Grosso; alguns encouraçados que nunca hão de bombardear Monte-Vidéo ou Buenos-Ayres, porque a França, a Inglaterra e a Italia jámais o consentirão; uma divida immensa para encargo das fu-

turas gerações; e insurreições d'escravos para agorentar as festas do imperialismo triumphante.

Sigam, pois, os homens do poder o seu caminho, que todos caminhamos para o futuro, e chegará o terrível dia do ajuste de contas pela nação.

E' de mais açoutar o povo, e cuspir-lhe sobre as feridas!

Como os reis, os povos também têm o seu carro de rodas esmagadoras.

Esse imperialismo que ahi se ergue tão ufano de si, ou ha de ceder em tempo, ou então. . . .

A historia acaba a phrase por diversos modos, mas sempre com o mesmo resultado; e os reis mathematicos não estão dispensados d'estudar a historia.

“ Se não quereis ouvir proposições, que a alguns espiritos podem parecer inconvenientes e desordenadas, não haverá mais tribuna; se não permittis exprimir uma opinião, por mais intempestiva ou perigosa que pareça, jámais tereis a liberdade de discussão, que vos é necessaria. E' preciso, que cada um se arme de resignação a respeito das idéas e opiniões, que possam desagradar-lhe. Se estamos em uma assembléa deliberativa, devemos reciproca e extrema tolerancia, não só no interesse reciproco dos oradores, mas também no interesse da liberdade publica. . . . Digo isto, tanto no interesse do rei, como no da liberdade, porque os interesses do rei e da liberdade são inseparaveis. . . . Quando mesmo se disséssem cousas fóra dos strictos limites da conveniencia, convém mais torera-las do que reprimi-las. ”

Isto que dizia, em sessão de 8 de Março de 1820, na camara franceza, o probo e eloquentissimo general Foy, tem perfeita applicação á imprensa.

Quando em um paiz a imprensa tergiversa, e diz

a custo meias verdades, em nome das *conveniencias* arvoradas em razões de procedimento, por espiritos rasteiros e torpemente interessados no jogo dos publicos negocios, póde-se dizer que n'esse paiz está morto o espirito publico.

Em nome d'essas cerebrinas *conveniencias*, desde o começo da nossa luta com o Paraguay a opinião publica foi desviada do campo das livres apreciações, e tudo foi correndo por conta das *facilidades* de alguns estadistas, que até ignoravam, parece, a carta do Paraguay.

Em nome d'um patriotismo de convenção, tirou-se a palavra á nação, fez-se *alliança secreta*, pediu-se o dinheiro e o sangue do cidadão, e tudo foi indo nas azas da imaginação de alguns presumidos, que aborreciam-se *usque ad nauseam* só ao nome do Paraguay.

E nada se podia dizer, porque o patriotismo leviano dos foguetes, ou o torpe patriotismo da ganancia, ahi estavam para fulminar o primeiro *profano* com o epitheto de *paraguayo*.

E os sacrificios foram succedendo aos sacrificios, e as facilidades foram-se convertendo em extremas difficuldades, até que chegou o dia dos desenganos; e o paiz estupefacto, e os estadistas ainda mentindo, e impondo silencio em nome das *conveniencias*!

E' que declararam e sustentaram a guerra á revelia do paiz, e querem conclui-la do mesmo modo.

Tratam de enviar, com toda a pressa, missões especiaes, e querem, depois do ultimo sacrificio, impor-nos a ultima vergonha, com ares de salvadores da patria. . . .

O general Foy, em 1823, sustentando o seu direito d'enunciar-se francamente sobre o emprestimo de cem milhões para a guerra contra a Hespanha, refutava assim os que não queriam dar a palavra á nação, e pretendiam o silencio geral, em nome das *conveniencias*:

“ Importa á nossa honra e ao nosso direito repel-

lir pretenções calumniosas. . . . Não continuem a fallar-nos da opinião que se desvaira, dos soldados que são desanimados. Algum dia occorreu-vos, que as tropas inglezas fossem menos ardentes no combate, porque uma opposição vigorosa, apoiada no povo, devia levar mais tarde ou mais cedo o ministerio a transigir ou a retirar-se? Não tendes ouvido, em todas as guerras de nosso tempo, os mais bellos genios de que se honra a historia parlamentar da Gran-Bretanha, os Burkes, os Fox, os Sheridan, pedindo, exigindo a paz em cada sessão, e repetidas vezes na mesma sessão?

“ O proprio lord Chatam, que por longo tempo havia estado á frente dos conselhos do monarcha, cuja administração tanto lustre havia dado ao imperio britanico, o proprio lord Chatam não disse em pleno parlamento, por occasião da guerra da America, que se regosijava pela resistencia dos americanos, como um acontecimento feliz para o seu paiz? . . .

“ Quem quer a guerra? — A nação? O governo? ”

Eis a voz do patriotismo em um paiz livre.

Deixamos essas linhas como uma razão d'ordem para ulteriores considerações.

Sirvam ellas de resposta ás hypócritas ou ineptas repugnancias dos que pretendem, que na questão da guerra a nação é nada, e o governo é tudo.

E' preciso que a opinião publica desperte, para dizer bem alto aos que nos governam :

— Irreflectidamente levastes o paiz á beira do precipicio. Pelos caprichos de poucos, não devemos ser sacrificados todos. Uma nação não é um duellista fogoso, que por preconceitos se atira á ponta d'um florete. Não acabeis de comprometter as gerações futuras. Parai no caminho dos vossos desatinos, e os nossos filhos saberão, com esta amarga lição, salvar a honra do Brasil. A guerra foi obra vossa, e sómente vossa; a nação já não quer seguir os vossos desatinos, e a paz será obra sua. Estais, estamos to-

dos, á beira do precipicio. Nenhum homem de consciencia dirá, que a nação vota por esta guerra, que só é continuada em homenagem a altas vaidades. O povo não é alma vil para experiencias de vaidosos.

Já mostrámos, como á imprensa incumbia fallar francamente sobre a guerra que nos devasta, guerra que ha muito deixou de ser alimentada pelo espirito publico, e só é influenciada pelos caprichos do governo.

Querem fazer do paiz o joguete de vaidades ; ora, estas, por mais altas que sejam, não podem autorisar a continuação do sacrificio inutil da riqueza e do sangue da nação.

Tristissima é a situação do paiz n'esta guerra com o Paraguay : não ha probabilidade de um resultado permanente e proficuo para o nosso futuro.

Qual é a razão do medo da paz? — A Europa não dirá, que o Paraguay venceu-nos : dirá, que venceu-nos a nossa boa fé perante o governo tyrannico do Paraguay, venceram-nos os elementos, os accidentes do solo, e sobre tudo isto o imprevisto da aggressão. *

Mas, nem por isto dirá, que o Brasil não é um grande imperio, e o Paraguay uma insignificante republicueta jungida ainda ás tradições jesuiticas ; como não diz que a Inglaterra não é a Inglaterra, porque estacou á frente do rei Theodoro.

Nenhum resultado permanentemente proficuo para o nosso futuro.

Admittamos as melhores hypotheses. Expelli-

* Foi-se ao cabo, e Lopez morreu em Aquidaban, e tivemos a Gloria em um palacio de papelão. E' o que se vê : o futuro mostrará, o que não se vê, ou não se quer ver. (*Nota da presente edição*).

mos Lopez; mas, uma vez que vamos plantar alli os principios liberaes, deixaremos eleger um governo, que será semelhante ao de Lopez. Arrasamos Humaitá; mas, o tempo ha demonstrado, que tres Curupaitys *improvisados* valerão bem um Humaitá.

Depois da victoria, em bom dia devemos desocupar o Paraguay. E o que restará? A fronteira de Matto-Grosso desguarnecida, e a mesma dependencia dos visinhos do Prata para as communições com a nossa provincia.

Isto é, restará tudo por fazer: o exercito de guarnição, as fortificações, as vias terrestres, a via fluvial pelo Pará e Amazonas.

Sacrificio inutil da riqueza e do sangue da nação!

Com effeito, voltando as vistas para a nossa extrema do sul, ve-se que tudo ahi fica em peor situação do que d'antes.

Os nossos visinhos do Prata, que hão de ser sempre nossos inimigos, em nos vendo extenuados, embora vencedores, hão de querer estragar nos a força moral, incommodando-nos a cada momento.

Ainda sob esta relação, depois da victoria, restará tudo por fazer, porque deveremos crear a força permanente de observação nas fronteiras do Rio Grande do Sul.

O que cumpria, pois, a um governo prudente, e que bem se compenetrasse, de que não deve haver caprichos á custa de uma nação? Pôr em movimento uma diplomacia cautellosa e habil, fechar a contenda, e aproveitar o *armisticio* para acautellar o futuro com as medidas de utilidade real e permanente, de que hemos fallado.

Entretanto, nas altas regiões tudo respira o fumo das batalhas, e pedem mais vinte mil homens.

Onde iremos parar?

Só uma realidade nos poderia restar de toda a contenda: uma esquadra respeitavel, se Mitre não conseguir afunda-la diante de Humaitá.

Mesmo n'este ponto, porém, ha desanimadoras considerações a fazer.

A nossa esquadra nunca ha de bombardear Monte-Video ou Buenos-Ayres, que jámais hão de consenti-lo a Inglaterra, a França e a Italia.

E depois, ha de ser um pretexto permanente para as incommodas susceitas dos nossos visinhos do sul.

Já a esquadra nos está dando trabalhos desde hoje, com a nova e grave pendencia do armamento de Martim Garcia.

Suspendendo a penna n'esta série de pungentes considerações, transcreveremos em conclusão um artigo da *Republica*, jornal de Buenos-Ayres, artigo que infelizmente deixa ver bem claro as gravissimas complicações, que nos esperam, em um futuro muito proximo, perante os nossos visinhos das republicas platinas.

“ A republica Argentina sem esquadra, com as suas povoações principaes nas margens dos rios, não pôde ficar com os braços cruzados, EXPOSTA A SER ATROPELLADA AMANHÃ pela mesma esquadra do Brasil.

“ Fortificar a ilha não é embaraçar a livre navegação dos rios: é sim collocar-se em posição de *fazer-se respeitar, tirar ao Brasil a preponderancia de sua esquadra e garantir-nos contra inesperados ataques.*

“ O Brasil trata de *desarmar todas as republicas do Prata*, ao passo que augmenta o numero dos seus encouraçados, verdadeira ameaça aos povos ribeirinhos.

“ Se o acto da fortificação de Martim Garcia é opposto ao direito soberano da nação, porque razão o Brasil, tomando em conta as mesmas observações que faz, não as applica á destruição das fortificações que tem levantado á entrada do Amazonas, no Pará, que impedem a navegação dos seus ribeirinhos ?

“ Martim Garcia *deve fortificar-se, custe o que custar, para a tempo sustar as vistas ambiciosas do*

imperio, as quaes hão de estender-se logo que desappareça Humaitá.

“ Qual o direito de impedi-lo ?

“ Não reconhecemos até hoje maior poder em uma nação, do que o de sua soberania.

“ Porque não se pede á Inglaterra, que destrua o seu Gibraltar ?

“ Porque não se arrasam as praças fortes da Europa ?

“ E' porque cada um tem a liberdade de mandar, no territorio que é seu.

“ Se o Brasil procedesse a um desarmamento, haveria um pretexto ; porém, desde que hoje procura armar-se, não só contra o Paraguay, *mas para manter a sua politica nas republicas vizinhas, é até irritante, que se nos peça que nos desarmemos e ponhamo-nos á mercê das esquadras do imperio.*

“ Cada pretensão *d'este grego alliado* tende a enfraquecer-nos.

“ Calido Humaitá e ficando Martim Garcia sem canhões, o Brasil dominará toda a extensão dos tributarios do Prata.

“ Descoberto este intento, creio que ninguem deixará de applaudir a idéa de fortificar-se Martim Garcia, *como garantia contra as invasões brasileiras, unicas que mais tarde devemos esperar pelas vias fluviaes.*

Diga-se a verdade, custe o que custar.

Já o temos dito, e repetiremos frequentemente : no dia de hoje, quando tudo é descrença, quando todos os principios estão obliterados, quando a opinião como que recua espavorida aos arreganhos do poder e ao desprestigio dos seus mais acreditados coripheus (todos vêem, que os nossos grandes homens vão se reduzindo a sombras de reposteiro), quando tudo e todos

abrem espaço á idolatria monarchica, qual o papel da imprensa, se não for o dos commettimentos generosos, o das fallas conscienciosas e austeras, para alentar a opinião que vai-se ?

Vir á imprensa para vulgarisar ainda mais esse systema hypocrita de *conveniencias*, quando a grande conveniencia é dizer tudo com todas as letras, vir á imprensa assim é acabar de matar o espirito publico, porque é dar o ultimo attestado, de que n'este paiz já não ha calor, que não venha do sol do throno.

Pela nossa parte, bem ou mal, iremos, como até hoje, dizendo todo o nosso pensamento.

Sobre a funesta guerra, que ameaça o futuro de mais de uma geração, accrescentaremos algumas considerações ás que já hemos feito.

Vivia tranquillo o imperio. Era uma triste tranquillidade, porque expressava o desanimo da opinião esmagada pelas interpresas do poder ; mas, era tranquillidade.

Eis que um patricio nosso, que Deus haja, grande proprietario no Estado Oriental, vem articular no Rio de Janeiro certas queixas, sinceras ou interessadas, contra cidadãos d'aquelle estado : ha extrema difficuldade em verificar os saldos das contas entre rio-grandenses e orientaes.

Mas emfim, era um cidadão illustre, que fallava convencido, e que ostentava o seu poderio, fallando de levantar por sua conta quarenta mil homens para invadir o Estado Oriental.

Banquetes e brindes escaldaram as cabeças, e muitos dos nossos estadistas revelaram o seu modo de ver a questão.

O Sr. Saraiva, um dos que haviam empunhado *as taças patrioticas*, e ostentado o seu espirito bellioso, foi mandado a tratar com o governo de Monte-Vidéo ; e dividindo-se entre Aguirre e Flores, fez afinal o celebre *ultimatum*, que produziu Paysandú e o convenio de 20 de Fevereiro, sendo que em Paysandú o

nosso guerreiro dos quarenta mil homens não contava um milheiro.

Emquanto o nosso furor bellicoso campeava no Estado Oriental, até o ponto de ser votado ao fogo o Sr. Paranhos, porque não levou tudo a ferro, Lopez, bem ou mal, mandou seus emissarios, e *diplomatisou* em nome da independencia das republicas platinas.

Chasquearam, deram as costas os nossos Palinuros ao ponto negro, que se desenhava no horisonte, até que a tempestade começou com o apresamento do *marquez de Olinda*.

N'esta conjunctura, o que nos cumpria fazer ?

E' o que começaremos hoje a discutir, pois que não cabem em um só artigo todas as considerações sobre tão grave assumpto. A guerra, entendemos nós, é hoje um ponto obrigado das discussões.

Não era a primeira injuria, que nos fazia o tyranno do Paraguay. Se nem conheciamos a carta do Paraguay, se a luta de Monte-Vidéo havia fatigado todo o nosso permanente pessoal de guerra, porque acceitar as consequencias do louco estouvamento de Lopez, e não fazer trabalhar a diplomacia ante o Theodoro do Paraguay, como fez a Inglaterra com o Lopez da Abyssinia ?

Era que o anjo d'este imperio havia velado a face, e o demonio da fatuidade se havia apoderado de todos!

Ministros, presidentes de provincia, senadores, deputados, todos a uma riam da insania do dictador, e faziam questão de seis mezes o nosso desaggravo.

Que ferrete terá a historia para esses fataes directores, que tão levemente arrojaram o imperio a esta serie de calamidades ?

E os seis mezes se hão prolongado até hoje.

O nosso exercito esteve quasi seis mezes em Concordia, e por ultimo foi parar no Passo da Patria a esperar tres mezes por transportes, como se estadistas e generaes fizessem a guerra sem conhecimento da carta geographica.

A nossa esquadra, nas agoas do Paraná, ameaçando cortar a esquadra paraguaya *como um queijo*, por ultimo foi atacada em Riachuelo, e teve de passar as baterias de Mercedes e Cuevas, sendo salva pela Divina Providencia.

Transposto o Passo da Patria, concluida a farça de Uruguayana, depois da tragedia de Yatay, eram todos a dizer, que a guerra estava concluida; e ella ainda ali caminha, com todos os seus horrores.

Até onde iremos n'essa luta improficua, por quanto depois da victoria restará ainda tudo por fazer? — As nossas vias terrestres para Matto Grosso, a via fluvial pelo Pará, os exercitos de observação nas fronteiras de Matto-Grosso e Rio Grande do Sul, a manutenção d'uma esquadra, que tudo isto impõe o genio irrequieto dos nossos visinhos, a natureza ingrata do solo, e as distancias a vencer. . .

E havemos de continuar com uma tenacidade caprichosa, gastando o nosso ultimo soldado e o nosso ultimo seutil?

Que honra selvatica é essa, que impõe a total ruina?

Por ventura deixou a Inglaterra de ser o que é, contemporisando ante o rei Theodoro, a Inglaterra que tambem tinha e tem nos ferros do barbaro o seu consul e muitos subditos seus?

Infeliz imperio! que és levado á tua ruina, a golpes de mentiras, jactancias e caprichos!

Desgraçados estadistas! que parecem abandonados da minima noção da prudencia!

Infeliz nação! que para ruina de muitas gerações tuas converteram em questão *pessoal* uma contenda nacional!

Digam embora hypocritas, que ha *inconveniencia* no que temos dito e hemos de dizer: já nos apadri-nhámos com illustres nomes.

A suprema inconveniencia, repetimos, por entre o descabro do paiz, é não dizer a verdade, é não procurar deter o carro de um tresloucado poder, é

soffrer, sem protestar, o azorrague de um cobarde *absolutismo constitucional*, é não preparar ao menos as peças para o severo juizo da historia.

Que ao menos vejam os vindouros, que n'esta maré de servilismo não se enlameou toda a geração contemporanea.

Obscuros como somos, não faltaremos com o nosso brado a favor de nossa desgraçada patria.

Não levamos em conta o juizo dos inconsiderados, que estudam os assumptos pelas ramas.

Que a actual guerra originou-se da leveza e precipitação dos nossos estadistas, hão de sentenciar-lo os vindouros.

Que se tem prolongado pela incuria e *facilidade* dos que pretendiam pôr a arma ao hombro em Monte-Vidéo, e em seis mezes fazer tremular em Assumpção o pavilhão auri-verde, todos o sentem.

Que depois de uma victoria, por mais gloriosa que ella seja (como desejamos), ha de se ver que os seus resultados não compensam um millesimo dos sacrificios feitos, o futuro mostrará, e o mais vulgar raciocinio já de hoje o está dizendo.

Digam, pois, o que quizérem os patriotas de foguetes, os espiritos desattentos ou *interessados*: iremos nosso caminho.

O espirito publico já abandonou a actual guerra, que ficou sendo assim um negocio puramente do governo.

Já não se apresenta um voluntario.

Já são recebidas desattentamente essas noticias de *triumphos*, que promettem um prompto desenlace, porque a mentira tambem passa o seu tempo, embora muitas vezes repetida.

Já o commercio e a lavoura, principaes fontes de

vida do paiz, clamam e clamam pelo acabamento de uma luta, que ameaça abysmar-nos por muito tempo.

Estranhos patriotas d'esta terra! Andaram a chorar a queda do imperio do Mexico, *porque Maximiliano era parente do Sr. D. Pedro II*, andaram a lamentar com lagrimas de sangue a sorte d'aquelle pobre paiz, que em toda a sua luta com o usurpador não sacrificou dez mil vidas, e não têm lagrimas para os nossos irmãos, que em numero maior de cincoenta mil deixaram suas ossadas nos desertos da terra estrangeira, e não se lhes dá dos que ainda terão de ser sacrificados, e não lamentam as futuras gerações d'este rico paiz, que hão de solver os graves compromissos de hoje!

Peccado do orgulho! Insania da fatuidade!

Quando o imperador voltou de Uruguayana, e andou pelas mãos de seus subditos retratado com o capote de Marengo (e Matto-Grosso tambem lá estava calcado pelo pé inimigo), escreveu-se aqui, e cremos que mesmo na Europa, que o imperador do Brasil havia completado os seus florões com a gloria de guerreiro. . . .

E' certo que o ridiculo estraga tanto as nações como os individuos! E que até os aulicos de além-mar nos persigam! Como tem corrido a fama, de que a terra é boa para semelhante gente!

Pois bem: a *victoria* de Uruguayana já se foi ha muito, Lopez havia perdido alli a *flor* de seu exercito, a guerra devia acabar-se em dous mezes, e cis-nos ainda á frente dos entrincheiramentos do quadrilatero!

E agora, quem ha de salvar-nos?

Já que o estouvamento precipitou-nos, já que tanto nos adiantámos em tão perigosa estrada, já que a especulação de mãos dadas com a impericia nos impossibilitaram para um decente desenlace diplomatico, ha de salvar-nos, com o auxilio da divina Providen-

cia, a galhardia d'esses nossos irmãos que pelem a causa da patria.

Que, porém, qualquer que seja a victoria, por mais solemne e gloriosa, não compensará o millesimo dos sacrificios feitos, procuraremos mostra-lo na série de considerações em que vamos.

Entretanto, se é certo que a diplomacia já não pôde decentemente trabalhar na guerra do Paraguay, se é forçoso que alli mantenhamos um sorvedouro de dinheiro e de vidas, o que cumpria ao governo do imperador?

— Guardar a mais severa economia nas despezas da guerra, para que os impostos não ameacem ainda de multiplicar-se, por bem de escandalosos prevaricadores de todas as estaturas. . . .

Infelizmente, porém, o segundo reinado parece uma epoca feliz para os prevaricadores, uma vez que sejam . . . de estatura.

— Assentar no paiz uma politica larga e generosa, verdadeiramente liberal, politica que fizésse sentir ao povo ser elle a *magna pars* na contenda. . . .

Infelizmente, porém, iria isto muito de encontro ás pretensões absolutistas, que já muito francamente se vão manifestando aos olhos do paiz.

E como se ha de sustentar uma guerra, n'este seculo de liberdade e de opinião, uma guerra que se tornou exclusivo negocio do rei, pois que o povo só é convocado para ser algemado e remettido em companhia de calcetas e libertos? Pois que ao povo cada dia se diz mais claro, que elle nada tem que ver com os negocios do paiz, que devem ser commettidos á infallibilidade imperial?

Ainda um infelizmente, para concluir por hoje.

Infelizmente, não só os povos se apresentam ás vezes ao mundo como crianças estouvadas e malignas; tambem os reis muita vez brincam com o fogo.

N'esta luta, que sabe Deus quando acabará, entre reis e povos, o vaivem do destino está bradando a uns e a outros: *Hoje por mim, amanhã por ti.*

E' sentença, que, como os individuos, os reis e os povos devem ter sempre em lembrança.

Que um triumpho, por mais solemne que seja, não compensará um millesimo dos sacrificios que heinos feito na guerra com o dictador do Paraguay, dissemos nós em o nosso numero antecedente; e daremos hoje alguns dos fundamentos da nossa opinião.

Podem dizer que estamos em erro; mas, devem respeitar a sinceridade das nossas intenções.

Não queira, quem quer que seja, fazer monopolio do patriotismo para si e para o seu bando.

Com todos discutiremos, uma vez que sejamos respeitados.

Aliás, voltaremos as costas, porque nos repugna a liça dos doestos, e não devemos dispender attenções com quem no-las recusa.

N'esta conformidade deve ser julgado, em certas occasiões, o nosso silencio.

O odio tradicional dos nossos visinhos do Prata nos tem causado, e promete causar-nos, por longos annos serios embarços.

Essa nossa politica de meia-intervenção (por mais que o neguem), que havemos praticado no Prata, quer com o nosso dinheiro, quer com os nossos soldados, deve ter-nos desenganado quanto á sua proficuidade.

Com effeito, de tempos a tempos, o genio irrequieto dos nossos visinhos, aliás incitados perennemente por um certo odio velho de raça, que jámais ou só tarde cançará, está nos impondo uma missão especial, que muita vez custa-nos o sangue, e sempre custa-nos o dinheiro.

E pois, já é tempo de arripiar carreira, de inceptar uma politica de completa abstenção, baseada em

forte exercito de observação nas fronteiras do Rio Grande do Sul.

Ora, uma victoria, por mais gloriosa que seja, nada nos adianta para uma politica assim, pelo contrario, atrasa-nos.

Atrasa-nos, porque, extenuados como estamos, maiores serão as difficuldades para a permanencia de um exercito de observação nas fronteiras do sul.

Atrasa-nos, porque o facto mesmo da victoria deve excitar o ciume dos nossos visinhos, e aguça-los para as suas malignas aggressões.

Governado por Lopez ou por outro, o Paraguay continuará a ser o mesmo: será o mesmo povo d'educação jesuitica, será o mesmo bando afferrado ás tradições de Francia, ao principio da obediencia passiva, ao sentimento de selvatico amor ao solo. Dizemos isto, porque não queremos, nem devemos querer, conquistar o Paraguay, e lá estabelecer um lugar-tenente do imperador do Brasil.

Isto posto, o que restará d'uma victoria? O arrasamento de Humaitá? Mas, os factos mostram que dous improvisados Curupaitys valem Humaitá. . . .

Continuaremos na mesma dependencia quanto ao transito do Paraná e do Paraguay, dependencia que será muito agradavel para os nossos *actuaes* alliados.

Ora, uma victoria, por mais gloriosa que seja, nada nos adiantará quanto á factura de nossas estradas para Matto-Grosso, quanto á abertura d'uma via fluvial pelo Pará. Pelo contrario, estaremos afinal mais atrasados, pois a taça dos sacrificios terá trasbordado, e muito tempo ser-nos-ha preciso para pensar as nossas feridas.

A tranquillidade do imperio ficará muito e muito mais ameaçada pelo Rio Grande do Sul e por Matto-Grosso, depois da esperada victoria, pois que o odio dos nossos visinhos estará mais velho, e o seu perfido ciume mais estimulado; e teremos deixado feridas profundas no selvatico patriotismo dos nossos visi-

nhos do Paraguay : eis tudo o que nos restará da já muito esperada e estrondosissima victoria !

Salvo se quizérem levar em conta alguma carta ou artigo de especuladores estrangeiros, dizendo que o Sr. D. Pedro II é o assombro dos *guerreiros* passados, presentes e futuros (porque veste as fardas de mar e terra), é o primeiro monarcha do seculo XIX..

Salvo se quizérem levar em conta essa praga de barões e commendadores — de polvora secca, escravos decrepitos, notas falsas e dinheiro herdado (com poucas excepções), peste da vaidade, quasi tão ruïnosa como essa outra peste de papel, que o senado afinal canonisou, para em tudo nos servirmos das autorisadas phrases do Sr. Zacharias. . . .

Qual deveria ter sido o caminho d'uma politica mais previdente, menos *astrologa*, mais sensata ?

Estudaremos a resposta.

Qual deveria ter sido o caminho d'uma politica mais previdente, menos *astrologa*, mais sensata, quando se apresentaram as primeiras complicações, que deram em resultado tudo o que estamos vendo ?

Procuraremos responder a esta interrogação, que vem do numero antecedente : responder ligeiramente, pois que os *tratados* nos jornaes são verdadeiras inutilidades.

Quando no Rio de Janeiro apresentou-se o fallecido general Netto, declinando as suas queixas, deviam os nossos estadistas attender a que fallava uma parte interessadissima, e pela força das cousas apaixonada. Entretanto, de taça em punho (a politica das taças vai tendo grande voga em o novo seculo d'Augusto) de taça em punho os governadores fizeram-se para logo solidarios com o queixoso.

Quando o fallecido general Netto expunha essas

atrocidades contra nossos patricios (muitos d'elles patricios de occasião, pois que são orientaes, quando isto se lhes faz a bem) deviam ver os nossos estadistas, que os nossos patricios não eram *cordeiros* taes, que brandamente gemendo fossem ao sacrificio; e deviam considerar, que *cá e lá más fadas deveria haver*.

Finalmente, quando o fallecido general Netto fallava de levantar por si só quarenta mil homens no Rio Grande do Sul, para fazer a guerra ao Estado Oriental, deviam os nossos governadores lançar esse arranco á conta da exaltação de animo do velho guerreiro.

Era tudo isto proprio de um patriotismo serio, de um patriotismo de verdadeiros estadistas, que comprehendem e alcançam o futuro.

Entretanto, tudo o que se fez ha de perpetuamente envergonhar-nos, porque foi prova de um estonteado patriotismo de praças publicas, que obedece aos impulsos de momento, que sacrifica os principios de justiça e caridade social ao som d'uma palavra que entrou em moda, e vai ufano por entre a poeira levantada pelos pés da multidão, sem pensar no que restará, desvanecido o pó: patriotismo de demagogos, que querem cobrir de pó a face do rei, ou da nação; patriotismo de reis absolutos, que são sempre contentes, quando o povo é contente de levantar simplesmente o pó, que n'este caso reverte toda á face do mesmo povo. Em nenhum dos casos está o movimento solemne das multidões, do qual não nos cabe aqui tratar.

Foi estonteado e parvo o patriotismo dos nossos estadistas. Escolheram para a missão especial um co-réo do fallecido Netto; e, pensando que tudo era Monte-Caseros, deram um pretexto, embora futil, ás perfidas aggressões de Lopez.

Tudo era facil, Assumpção era nossa com quatro tiros, o imperio do Mexico estava reconhecido, e era preciso que o seu irmão mais velho do sul mostrasse, que *tambem era gente para a guerra*.

E o imperio do Mexico já pertence ao passado, e o imperio do Brasil está com um presente deploravel e um futuro sombrio!

Esquecidos do Paraguay e de Matto-Grosso, como se alli não tivessemos direitos e deveres, e extremamente confiados na força do nosso dinheiro no Rio da Prata, recusavam sempre os nossos governadores, em nome d'uma *dispendiosa economia*, ou antes entretidos na nossa *guerra interna de mulheres*, qualquer despeza que significasse séria cautella por bem do nosso futuro.

Se tivessem nas altas regiões uma cabeça pensante, quando o general Netto tentava arrastar-nos á guerra, como afinal conseguiu (que miseria!), devia essa cabeça calcular, que eram uma têa de Penelope esses nossos sempre mal acabados negocios do Prata, e que melhor fôra illudir o conflicto, applicando em serias medidas de futuro as forças que teriam de ser applicadas á guerra.

Um terço dos homens que temos perdido na guerra, e metade do dinheiro n'ella dispendido, seriam mais que sufficientes para o estabelecimento dos nossos exercitos em Matto-Grosso e Rio Grande do Sul, para a criação d'uma esquadra, muito mais barata, mais perfeita e mais respeitavel do que essa que lá está brocada e remendada á frente de Humaitá, para a abertura das vias terrestres e fluviaes de que havemos fallado, para a fundação de vias ferreas e linhas telegraphicas, cousas todas que deveriam muito concorrer para a seguridade e prosperidade d'este paiz.

Mas, uma diplomacia inhabil, e uma suprema gerencia de vistas acanhadissimas, tudo precipitaram, e lá estão nos campos do Paraguay sacrificadas as forças de muitas gerações, sem que seja licito esperar um resultado de real proveito para o paiz!

A penua se nos recusa, de indignada, a continuar n'este desenho....

E quando, ao cabo de tudo isto, vemos os nossos irmãos do povo por ahi mais abatidos que os filhos

do Paraguay, pois que alli ao menos ha um certo patriotismo servil e selvatico, que simula espirito nacional, quando os chamados grandes e pensadores vivem em luta immunda de servilismo e bajulação, se não remettem-se a um silencio deshonroso, imposto pelo egoismo, pela mais criminosa indifferença, ou pelo mais degradante medo, quando vemos que a monarchia do Brasil póde com razão começar a concluir, que os brios do povo brasileiro estão mortos, e não apenas amortecidos, quando tudo isto vemos, e quando em tudo isto reflectimos, quasi que perdemos toda a fé no futuro. . .

Mas, não!

A providencia tem seus designios, e a idéa liberal ha de sempre vivificar os povos, ainda que estejam reduzidos a Lazaros sepultados de tres dias. . .

Depois de Maximiliano, o infeliz representante caricato do absolutismo na America, ir-se-ha Napoleão III, seu irmão mais velho da Europa; e através do Atlantico a faisca electrica da liberdade virá re-tumbar nas selvas americanas, e desenganar os poucos insanos que pensam em absolutismo n'esta livre terra americana!

Então uma politica franca e largamente liberal, começando pela reconciliação do imperio com as republicas visinhas, acabará pela demonstração, de que o Brasil jámais poderia fazer uma triste excepção nas liberrimas aspirações d'este grande mundo de Colombo!

O paquete ultimo trouxe-nos importantes noticias do theatro da guerra.

Succintas como foram essas noticias, não deixam calcular com certa segurança de criterio as probabilidades de proxima conclusão do pleito.

Entretanto, depois de um longo praso d'inacção,

foram os ultimos acontecimentos um raio d'esperança para a terminação de uma guerra, que ameaçava matar-nos lentamente, tal era a morosidade dos feitos bellicos.

Não seria prudente, agora que o encanto d'essa fortaleza de Humaitá acha-se quebrado, agora que os nossos creditos no mundo civilisado devem restaurar-se completamente, apressar uma conclusão honrosa, e não teimar em ir ao cabo da contenda á força d'armas, quando tantos obstaculos podem ainda surgir, e tantos sacrificios podem ainda ser exigidos do paiz, já tão sacrificado?

O regosijo um tanto exagerado das provincias, pelas ultimas novas da guerra, são ainda uma confirmação do violento desejo da paz: a hypothese da proximidade d'esta andava em todos os corações e em todas as boccas.

Esperaremos as narrações circumstanciadas dos ultimos acontecimentos, porque só então podem caber considerações mais amplas.

Entretanto, tendo vindo com as noticias da guerra alguns boatos sobre a politica interna, tendentes á proxima elevação dos conservadores, devemos aos nossos amigos politicos algumas palavras a este respeito.

Taes boatos se oppoem ás mais vulgares imposições do bom senso.

Em nome das idéas liberaes (embora não realisadas, embora sophismadas) tanta cousa se tem passado ultimamente n'este imperio, que só se explicaria pela lei dos mais extravagantes absurdos a ascensão dos conservadores ao poder.

Casadas e dotadas as princezas, elevados por uma legislatura liberal os principes consortes a altas posições sociaes, emprehendida, realisada e quasi terminada a guerra, negocio magno para qualquer paiz, tudo isto em nome da idéa liberal, muito mal se poderia explicar a eliminação d'essa idéa, e o predomínio da idéa contraria, que preparou os embaraços que ultimamente hão flagellado o paiz.

A idéa liberal ainda não passou o seu tempo.

Sophismada, é verdade, porém mesmo assim apadrinhando a gerencia do paiz nas gravissimas emergencias dos ultimos tempos, cumpre que se lhe dê toda a expansão, antes que o poder volte ás mãos dos nossos implacaveis adversarios.

O partido liberal, quer no grupo chamado historico, quer no grupo progressista, tem caracteres fortes e respeitaveis, solidas illustrações, que poderão restabelecer o prestigio das idéas liberaes, unicas que podem governar o Brasil, como estão governando o mundo, onde a opinião tem imperio.

Se apesar de tudo os nossos adversarios forem chamados ao poder, e os serviços da idéa liberal forem havidos por nada (a ingratição é uma das virtudes dos reis) continuemos a rolar o nosso rochedo.

As considerações feitas ganham em procedencia, considerados os ultimos acontecimentos.

Desde que a guerra apresenta uma phase animadora, não ha razão para que o gabinete actual deixe precipitadamente o poder, na proximidade da reunião das camaras.

E' preciso, que passe a moda dos gabinetes que sobem e descem, sem que se saiba porque nem para que: não é isto proprio de um governo de opinião.

Na presença das camaras mantenha-se ou retire-se o gabinete; e no caso de retirada, como esperamos, muitas combinações são ainda possiveis, antes que chegue a suspirada vez dos philauciosos conservadores, unicos capazes, como se proclamam, de bem gerir o paiz.

Por mais profundas que sejam as nossas divergencias com a actual situação, tudo preferimos a ver a posse exclusiva do poder pelos nossos radicaes adversarios.

Deixaremos em silencio as considerações, que nos poderiam suggerir as posições dos liberaes, quer historicos quer progressistas, de Pernambuco, no caso de reassumirem o poder os conservadores

Só em caso de necessidade assentaremos a discussão em terreno abrasado.

Viva o exercito brasileiro !
Viva a armada nacional !
Humaitá está em nosso poder.
Queira Deus chegue breve ao seu termo a terrivel guerra do Paraguay !
Que vantagens, porém, colherá o Brasil dos seus triumphos n'esta guerra ?

Ha muito o dissemos, e não podem hoje as nossas palavras significar paixão, originada da actual situação politica do paiz :

Para as nações, como para os individuos, ha falsos pontos d'honra.

Porque um ebrio nos apedreja, não se segue que lhe acceitemos o combate, pois ha victorias que importam derrotas.

Porque Theodoro d'Abyssinia era quem era, a Inglaterra não armou logo a sua expedição, regateou quanto pôde ante um selvagem o sangue e o dinheiro da nação, esgotou todos os meios diplomaticos, e ganhou tempo para calcular com toda a segurança a sua investida.

E em quanto a Inglaterra diplomatisava com o selvagem, não deixou de ser a Inglaterra, como a Abyssinia não deixou de ser a Abyssinia.

E a Inglaterra tinha nos grilhões de Theodoro agentes consulares, e outros subditos seus.

Porque Lopez com uma insania selvatica apressou o *Marquez d'Obinda*, não devia seguir-se, que acceitassemos sem mais exame a luta.

Devia trabalhar a diplomacia, ao menos para que ganhassemos tempo.

Por mais que nos sangrasse o coração pelas feri-

das de Matto-Grosso, o patriotismo esclarecido devia recalcar os impetos do presente, calculando as difficuldades do futuro.

Contra os ultrages de Matto-Grosso, que reparação poderia pretender o Brasil, que se ufana de nação civilisada? Iriamos fazer o mesmo no Paraguay? Poderia entrar em calculos de brasileiros tão triste espectáculo perante o mundo?

E em quanto trabalhasse a diplomacia, o Brasil ficaria sendo o Brasil, e o Paraguay continuaria a ser o Paraguay.

E não veriamos a nossa população dizimada, estancadas, quasi, todas as nossas fontes de riqueza, gravemente compromettido o futuro de mais de uma geração. . . .

Tudo isto para que?

Supponhamos que, pondo a arma ao hombro em Monte-Vidéo, e accendendo no Prata as fornalhas dos encouraçados, iamos em jornadas successivas até Assumpção, arrasando de caminho Humaitá. . . .

Estamos em Assumpção, e já não existe Humaitá; mas para isto, ainda com a presteza que figurámos, teriamos feito mil sacrificios.

Celebrariamos tratados, pelos quaes ficaríamos cobrando do Paraguay, por longos annos, o montante dos sacrificios de poucos dias, e teriamos de retirar o nosso exercito, porque nos planos brasileiros não deveria (nem poderia) entrar a conquista do Paraguay.

Lá ficar-nos-hia, sempre ameaçando a nossa provincia de Matto-Grosso, o povo do Paraguay, com a sua educação especial, com o seu systema dictatorial.

Lá ficar-nos-hia o rio Paraguay, sem Humaitá permanente, mas susceptivel de meia duzia d'improvisados Curupaitys, que, por dolorosa experiencia, podemos calcular o que valeriam.

Entretanto que no interior continuaria a nossa provincia de Matto-Grosso como que separada da

communhão brasileira, por falta de vias de communicação, quer terrestre, quer fluvial pelo Pará.

Entretanto que todas as nossas fronteiras continuariam ameaçadas por falta de fortes exercitos de observação.

Entretanto que os nossos vizinhos da Prata sentiriam contra nós recrudescida a sua sanha pelo mesmo factó do nosso triumpho sobre o Paraguay.

Assim teriamos alcançado uma deploravel victoria.

Considerações, porém, de tanto alcance foram sacrificadas a uns vagos e falsos pundonores, a basofias infantis...

Quem de boa fé dirá hoje no Brasil, que a guerra é um negocio nacional?

De todas as revelações feitas no parlamento parece-nos conclusão legitima, que ha muito é a guerra um negocio sybillino entre o general chefe do exercito brasileiro e o chefe do poder executivo.

Tudo nos diz, que com a ponta da espada d'esse chefe escreveu-se o decreto de 18 de Julho...

Pois bem: hoje parece proxima a victoria, e o trabalho do governo do paiz entrou no seu periodo mais delicado.

Vejam, que o negocio é da nação, e não do partido conservador.

Não especulem os politicos do imperialismo, chamando para o seu partido tudo o que foi feito em nome da idéa liberal.

Logrem os effeitos da confiança pessoal do monarcha, mas não escarneçam do paiz ostentando o seu validismo.

Aliás só teremos a dizer aos liberaes o seguinte:

— Entrados no regimen dictatorial, sem que uma só razão explique o attentado, ameaçados até com a suspensão das garantias constitucionaes, cumpre aos brasileiros, cumpre principalmente a nós liberaes — proscriptos do segundo reinado, pedir a Deus que volva as suas vistas para este imperio desgraçado, e

guardar a mais completa indiferença por um negocio que é de poucos, e não da nação.

O que teremos, o que veremos depois da guerra?

Washington escrevia a um amigo, a proposito da dictadura militar de que o havia investido o congresso :

“ Longe de me crer dispensado de todas as obrigações civis, pela prova de confiança que me dá o congresso, terei sempre presente ao espirito, que, se a espada foi o nosso ultimo recurso para salvar as nossas liberdades, é a primeira cousa de que devemos desfazer-nos, logo que essas liberdades estejam solidamente estabelecidas. ”

Ora, nós tomámos as armas, segundo affirmam as tubas imperiaes, para estabelecer a liberdade no Paraguay ; dizem, que o fim está conseguido ; logo, resta o desarmamento, para que o paiz entre em vias normaes e pacificas.

E porém, mais do que até agora teremos partidistas de grande exercito e grande armada, e d'esta vez fundados na chamada *imprevidencia* em que nos achou immersos o cacique do Paraguay.

Devemos estar sempre armados até os dentes — eis o que hão de repetir os politicos de menor alcance ; e devemo-lo, continuarão, para que os nossos visinhos nos respeitem.

E taes palavras partirão principalmente das bocas conservadoras, que em *grande exercito* e em *grande armada* verão a melhor garantia do seu querido principio d'autoridade.

Os nossos visinhos hão de respeitar-nos, quando, reconhecendo em nós um povo livre e civilisado, comnosco fraternisarem sem receio. Tiremos o dedo importuno dos negocios domesticos dos nossos visi-

nhos, abandonemos a diplomacia de mexericos, e abramos uma epocha de franqueza, que nada teremos a receiar. O civismo de um povo livre val mais do que milheiros de soldados nas fronteiras.

E pelo que respeita á autoridade, renda esta os devidos cultos ao direito e á lei, e será acatada, porque em semelhante factio tem a liberdade a sua melhor garantia. Em quanto, porém, a autoridade fôr o que tem sido no Brasil, arbitraria e caprichosa, será objecto de odio e desprezo publico, qualquer que seja o numero dos soldados que a cerquem.

Reduzir, pois, o mais possivel a nossa força armada, como uma condição de desenvolvimento e progresso do paiz, principalmente agora, depois dos estragos de uma malfadada guerra — é um negocio de grande tomo para o nosso futuro.

Ouçamos o que dizem os donatarios do Brasil. *

* Agora que *tudo está consummado*, descansamos na apreciação do leitor. A seu tempo discutiremos muitas das proposições e previsões d'estes artigos. (*Nota da presente edição*).

SOBRE UMA CARTA DO SR. CONSELHEIRO J. A. SARAIVA *

Encarregado o Sr. conselheiro Nabuco de redigir o manifesto-programma do partido liberal, e consultando a opinião de liberaes distinctos ausentes da côrte, alcançou do Sr. conselheiro Saraiva a resposta, que foi publicada no *Diario da Bahia*, e que passamos a transcrever.

Essa notavel carta do Sr. conselheiro Saraiva tem o cunho da reflexão, e de uma audaciosa franqueza tão necessaria n'estes tempos de cesarismo: dizemo-lo com resalva das nossas opiniões.

Antes de aventurarmos as considerações, que nos suggere essa carta, offerecemo-la á consideração dos leitores; fazendo sobresahir apenas o grande serviço que acaba de fazer o Sr. conselheiro Saraiva, quando, desdenhando a nuvem na qual tem sido praxe — involverem-se os homens que são ou suppoem-se eminentes na politica do paiz, rendeu preito á soberania nacional, apresentando-se nos combates nobres da imprensa.

* *Opinião Nacional*, ns. de Janeiro e Fevereiro de 1869.

Façam todos os chefes liberaes o que têm feito e estão fazendo Zacharias, Saraiva, Ottonis, Octaviano e poucos outros, e o povo isentar-se-ha do scepticismo, que o mina.

Fallem claro ao paiz os homens que têm a justa pretensão de dirigi-lo, façam compromissos solemnes, explicitos e irrecusaveis, pelas idéas, e o espirito publico despertará.

Eis a carta do Sr. conselheiro Saraiva :

“ Exm. Sr. conselheiro Nabuco — Deseja V. Exc. conhecer a minha opinião á cerca das reformas que devem figurar no programma liberal, que V. Exc. está encarregado de redigir. Da-la-hei com franqueza e sinceridade.

Meu parecer é, que o programma contenha sómente as reformas urgentes, e sem as quaes o progresso do paiz será tardio, se não impossivel. Como judiciosamente V. Exc. observa, só devem ser escriptas n'elle as reformas que possam ser acceitas sem abalo da sociedade.

Actualmente a aspiração mais ardente de todos os brasileiros esclarecidos, como tem sido de todos os partidos em opposição, é: liberdade ampla de eleição ; pronunciamento franco da opinião do paiz nos comicios eleitoraes.

Do falseamento da eleição derivam-se todas as nossas difficuldades politicas, bem como do trabalho escravo todos os nossos atrazos industriaes. São estes, pois, em meu humilde conceito, os dous pontos cardeaes, para que devem convergir completamente a attenção e o esforço do partido liberal.

Com a eleição livre, com a desapparição do elemento servil, e com a liberdade de imprensa que já possuímos, o Brasil caminhará seguro para seus grandes e gloriosos destinos, e, n'um futuro não muito remoto, collocar-se-ha entre as nações mais adiantadas.

Com a escravidão, porém, do homem e do voto, não obstante a liberdade de nossa imprensa, continua-

remos a ser, como somos hoje, menosprezados pelo mundo civilisado, que não póde comprehender-se progrida tão pouco com uma natureza tão rica!

As considerações expostas são bastantes para indicar a V. Exc. os motivos pelos quaes entendo serem estas as reformas que de preferencia convem offerecer-se ao exame e attenção do paiz.

Sem ellas é quasi impossivel obter a descentralisação administrativa, a organisação de um systema de impostos que interesse a provincia e o municipio em seus proprios destinos; porque sem verdadeira eleição a opinião nacional não actuará vivamente na camara dos deputados, e continuará a encontrar obstaculos serios na camara vitalicia.

As reformas, que indico, são mais complexas, do que podem parecer á primeira vista.

A reforma eleitoral não é unicamente a da lei de 19 de Agosto de 1846; não é simplesmente a substituição do actual systema pelo da eleição directa; não é tambem a adopção de um plano de providencias contra fraudes, que ainda agora escandalisam os homens honestos de todos os partidos, e que só por si justificam a abstenção aconselhada pelo centro do partido liberal. Não.

A reforma eleitoral não será effcaz, sem que tiremos ao poder executivo toda a força, que lhe foi dada para reprimir as revoltas, e de que hoje se utiliza para comprimir o voto.

Assim, a reforma eleitoral de nada servirá sem a extincção do recrutamento, e a substituição do actual systema, arbitrario e selvagem, de compor o exercito, pelo do alistamento voluntario; sem a extincção da guarda nacional, e a substituição d'essa milicia por uma reserva do exercito, que não tenha absolutamente voto nos comicios populares.

A reforma eleitoral não será effcaz sem a organisação do poder judiciario constitucional e independente, para punir a fraude e o abuso da autoridade.

A reforma eleitoral, finalmente, é incompativel

com essa organização policial que possuímos, e que tirou ás autoridades electivas e locaes quasi tudo quanto lhes havia dado o código do processo criminal.

Poderia findar aqui minha resposta. Não quero, porém, deixar de assignalar o alcance das reformas indicadas, com referencia a uma questão sobre que tão eloquentemente chamou V. Exc. a attenção do paiz em seu ultimo discurso; isto é, o poder dictatorial da corôa na alta direcção dos negocios publicos.

O poder dictatorial da corôa é uma verdade, que só é hoje desconhecida pelos nescios ou pelos subservientes aos interesses illegitimos da monarchia.

Que o Sr. D. Pedro II tem de facto um poder igual ao de Napoleão III, é outra verdade de que estou profundamente convencido. A constituição franceza, porém, é a base do poder d'aquelle monarcha, ao passo que o falseamento do voto é a origem do excessivo poder do imperador do Brasil.

Que esse excesso de poder é fatal á monarchia, que raras vezes ha de servir ao Imperador para a realisação de seus patrioticos desejos, e muitas outras se converterá em flagello dos brasileiros, é ainda uma verdade que os factos estão diariamente demonstrando.

Uma camara legitimamente eleita dará fim a essa dictadura tão funesta ao rei como ao povo, e estabelecerá o equilibrio entre os diversos poderes constitucionaes.

Este só remedio basta para curar muitos males que parecem derivados de fontes estranhas.

A extincção do poder moderador, pedida por uma parte da imprensa liberal, torna-se, a meu ver, desnecessaria, desde que uma camara eleita livremente firmar a regra da responsabilidade ministerial em todos os actos d'esse poder, e ao direito de dissolve-la corresponder por parte do paiz o de reeleger a mesma camara, para dizer-lhe: Erraste.

A vitaliciedade do senado é hoje um grande

bem, porque abriga a opposição independente, excluida da camara pelos instrumentos do governo. A temporariedade, sem a reforma eleitoral, seria uma desgraça ; com a liberdade das urnas, não teria o alcance esperado por seus apologistas.

Eis, Sr. conselheiro, o que entendo quanto ás reformas, pelas quaes devemos pugnar.

Ainda uma palavra.

A abstenção, diz-me V. Exc., não pôde ir até a renuncia dos cargos publicos de certa ordem, sem ser revolucionaria. Não penso assim ; porque o partido liberal não deve acceitar o poder senão para reformar, e ser-lhe-hia impossivel reformar sem revolução, se a corôa lhe negar a illimitada confiança, que deu aos conservadores para a guerra, confiança de que elles têm abusado para comprimir o partido liberal.

Bahia, 24 de Dezembro de 1868. — *José Antonio Saraiva.* ”

A carta dirigida pelo Sr. conselheiro Saraiva ao Sr. conselheiro Nabuco suscita as mais graves reflexões.

Tão importantes são os pontos em que ella toca, tão elevada é a posição official do Sr. conselheiro Saraiva, senador do imperio, e, o que é ainda mais, tão elevada a sua posição de homem d'illustração, probidade e independencia de character, de homem que elevou-se por seus proprios merecimentos, que a leitura d'essa carta ao mesmo tempo alegre e contrista.

Alegre, porque é grandemente promettedora essa senda da franqueza e da publicidade pela imprensa, a tribuna de todos, senda em que vão inter-nando-se os chefes liberaes do imperio.

Contrista, porque perigo serio deve correr a não do estado, de grandes impulsos deve precisar a opinião de um paiz, quando um homem, da gravidade e

da reflexão do Sr. conselheiro Saraiva, julga opportuno arremessar ás attenções d'esse paiz, com a responsabilidade de seu nome, proposições que envolvem um supremo brado de alerta ás liberdades publicas, problemas, que entendem radicalmente com uma situação, que ameaça abysmar tudo!

Para o Sr. conselheiro Saraiva (e com elle pensamos) Catilina bate ás portas de Roma.

— Eleição livre, emancipação dos escravos: eis, a synthese das aspirações do illustre senador bahiano.

Synthese brilhante! Conceito sublime!

Direito divino do rei, direito divino do escravo — estas as duas alavancas do partido conservador.

Direito divino do rei; porque, ante as nobres aspirações dos liberaes, elles, os homens dos reposteiros, sabem no segundo reinado, como souberam no primeiro, como saberão no terceiro, fazer-se homens *necessarios*; e em troca dos *aves* a Cesar receber o paiz, e leva-lo pelos caminhos cesarianos, que são os caminhos da corrupção e da violencia; os caminhos onde Cesar é tudo, os seus pretorianos (de farda ou de casaca) alguma cousa, e o resto da nação uma manada de servos.

Direito divino do escravo, para que não vacillem temporariamente os colossaes edificios de alguns fazendeiros do sul, *leaes servidores do rei, columnas do throno e do altar*, embora o povo brasileiro devesse ganhar immensamente com a regeneração, com a nobilitação do trabalho industrial e agricola.

Contra estes dous males profundos, que ameaçam arrebatarnos o resto da seiva de vida de um povo livre, contra estes dous cancores que devoram a sociedade brasileira, e de cuja extirpação depende todo o nosso futuro, quaes os remedios?

— Eleição livre, o que significará o paiz podendo dizer a Cesar — vais bem ou vais mal, e isto de modo que Cesar não possa desobedecer á vontade do paiz.

— A emancipação do elemento servil, para que, nobilitado o trabalho de toda a especie, surjam para o povo novas fontes de moralidade, instrucção e riqueza, o que significará resurreição do espirito publico, o que importará a nossa reentrada na vida de um povo livre.

O mal está alli, onde o apontou o Sr. senador Saraiva ; o remedio deve ser tal, qual elle o indicou, forte como reclamam a intensidade do mal e os grandes estragos, que elle já tem feito.

Quanto não fôr isto, qualquer palliativo, só servirá de prolongar a agonia do moribundo.

Em seus dous pontos cardeaes, como já dissemos, é justa e solenne a carta do Sr. conselheiro Saraiva : emancipar o escravo, emancipar o voto — eis o pão e a agua de que precisa o brasileiro, faminto e sedento de liberdade, e vivendo em um paiz que se diz livre, e ouvindo a cada canto, desde a independencia, hymnos de convenção á liberdade ; quando desde o Ypiranga impera entre nós o absolutismo, disfarçado com o bonet phrygio, por entre as justas commoções populares !

Quantos homens illustres do Brasil têm sido réos scientes ou inconscientes d'esse tartufismo liberal, que ha sido o primeiro agente do absolutismo no Brasil ? !

Mas, o Sr. Saraiva, permittam que francamente o digamos, ou devia ter dito muito mais, ou muito menos, n'essa sua carta.

Questões como aquellas, ou são propostas simplesmente, em um momento dado, ás meditações do paiz, ou são cabalmente desenvolvidas, municiosamente detalhadas, principalmente quando d'ellas se occupam homens da estatura do Sr. conselheiro Sa-

raiva : as lacunas em taes casos podem acarretar serios inconvenientes.

O Sr. conselheiro Saraiva como que pasma, e fica plenamente satisfeito, ante a liberdade d'imprensa que possuímos ; entretanto é certo, em nosso fraco entender, que o partido liberal muito tem a fazer por bem da liberdade d'imprensa.

Com uma legislação, que entrega crimes d'imprensa ao julgamento de juizes singulares, juizes como os que possuímos, quasi todos eivados de espirito partidario, todos dependentes da acção do governo, pôde-se dizer, que a imprensa está á mercê d'esses juizes, attento o vago que é como que essencial ao facto d'injuria impressa, attentos os processos d'interpretação apaixonada com que um individuo pôde torturar um escripto alheio.

Com uma legislação, que dá lugar, por exemplo, como já aqui aconteceu, a que um individuo, chamado de miseravel assassino, para fugir á prova cabivel no crime de calúnia, chame á responsabilidade o autor do escripto sómente pela palavra miseravel, por contar com um juiz, que *acastellando-se* no crime d'injuria mande o adversario á cadeia, com uma legislação assim não pôde um liberal dizer, que a imprensa é livre.

Em um paiz novo, onde mais que tudo interessa a diffusão das luzes e a communicação do pensamento, não isentar da acção vexatoria dos agentes da autoridade, do recrutamento, por exemplo, os que se dedicam á arte typographica, é por certo deixar a imprensa sob a mão do governo.

Quando tudo devia concorrer para facilitar a missão civilisadora da imprensa, que é o primeiro agente do futuro, os direitos fiscaes elevados sobre o que é pertinente á imprensa, a elevada taxa de correio sobre os impressos, os impostos sobre officinas typographicas, etc., tudo isto que significa muito pouco para o thesouro, muito significa para a imprensa, que assim vê centuplicadas as suas difficuldades.

Interessando supremamente, como já dissemos, a communicacão do pensamento, não póde um liberal deixar de reconhecer como exageradas em geral as nossas taxas de correio.

E ainda com relação ao pensamento, não devia esquecer ao Sr. Saraiva a questão do ensino, no qual intervem o governo, não para diffundi-lo, mas para importuna-lo com o seu dedo mesquinho.

Finalmente, ainda com relação ao pensamento, não devia esquecer ao Sr. Saraiva a questão da liberdade de consciencia, questão que tanto mais interessa aos liberaes do Brasil, quanto o nosso futuro muito depende das livres correntes d'immigração.

Assim o illustre chefe liberal, dando por completa uma liberdade que temos a menos de meio caminho, deixou em silencio grande parte do que interessa ao pensamento e á consciencia.

Devia ter dito muito menos ou muito mais.

Em o nosso numero antecedente, tratando da carta-programma do Sr. conselheiro Saraiva, deplorámos que n'essa carta não fossem attendidas aspirações verdadeiramente liberaes, relativamente á imprensa entre nós.

Em verdade, como que o Sr. conselheiro Saraiva foi tambem uma victima do *convencionalismo*, que faz repetir geralmente entre nós — temos tudo em materia d'imprensa.

Olhemos para os Estados-Unidos.

A imprensa, diz um escriptor francez, que em certos paizes da Europa é chamada — o quarto poder do Estado, nos Estados-Unidos é incontestavelmente o primeiro.

E o primeiro poder será sempre a imprensa, onde realmente impere a opinião.

Nos Estados-Unidos a imprensa faz e desfaz os presidentes, designa os membros dos gabinetes, inspira e instrue os legisladores, dicta as decisões aos tribunaes, declara a guerra e celebra a paz.

Para isto, porém, o que é preciso ?

Ouçamos o mesmo escriptor, que por sua qualidade de francez não pôde ser averbado de suspeito em assumptos dos Estados-Unidos :

— E' preciso que sua voz echoe incessantemente, que sua actividade seja infatigavel, que visite todas as aldeias, suscite todas as questões, resolva todos os problemas : é preciso que ella de tal sorte se imponha aos habitos particulares e á elaboração geral da opinião, que cada cidadão, como o Americano, tenha por primeira tarefa do dia ler o jornal da manhã, e por ultima ler o jornal da tarde.

— E' preciso que o jornal entre em todas as casas, frequente todos os lugares publicos, percorra todos os degráos da escala social ; é preciso haver, como nos Estados-Unidos, jornaes para os homens maduros, para as mulheres, para os velhos, para os meninos ; para os casados e para os celibatarios ; para os ricos e para os pobres ; para os sabios e para os neophytos da sciencia ; para todas as profissões, para todas as seitas, para todas as doutrinas, e até mesmo para as mais extravagantes concepções do espirito. —

Para que, porém, a imprensa jornalística faça toda esta immensa obra, o que é preciso ?

E' á barateza dos jornaes nos Estados-Unidos, diz o citado escriptor, que se deve, pelo menos em grande parte, o desenvolvimento da intelligencia nacional. Sem duvida as escolas publicas e gratuitas são numerosas, e correspondem quanto possivel ás necessidades elementares da população ; mas, não teriam podido jámais espalhar n'essa população a massa de conhecimentos uteis e praticos, que ella possui, se a imprensa não fosse em seu auxilio ! Todos pensam e occupam-se dos negocios publicos, porque todos lêem ; e o poder da imprensa é como illimitado, por-

que ella representa uma opinião publica esclarecida, opinião formada por todas as classes, e não por uma casta privilegiada da sociedade. ”

É para que os impressos sejam baratos, o que é preciso ?

“ Não estando a imprensa sujeita a pagar *imposto algum* ao fisco, não o faz pesar sobre o povo, como acontece sob o regimen dos impostos. Os direitos postaes ou de transporte, por outra parte, *são tão moderados, que na realidade são insignificantes.* ESTAS COUSAS SO' POR SI EXPLICARIAM SATISFATORIAMENTE A BARATEZA DOS JORNAES. ”

Nos Estados-Unidos a liberdade d'imprensa é illimitada: nenhuma medida preventiva. Quanto á legislação repressiva, ouçamos ainda uma vez o escriptor francez:

“ Os processos d'imprensa são cousa desconhecida nos Estados-Unidos, excepto o caso de diffamação. Precisamente por causa da liberdade illimitada da imprensa, as leis sobre a calunnia são severas. Mas, ha poucos exemplos de processos por calunnia. Em geral os jornaes só atacam os funcionarios publicos; e estes, resignando-se ao serviço do paiz, resignam-se tambem a todas as aggressões. Os jornaes de seu partido fazem-lhes a defeza, e a opinião publica é o tribunal supremo entre os accusadores e os accusados. ”

Combine-se tudo isto, com o que dissemos em nosso artigo antecedente sobre a imprensa n'este celeste imperio civilizador do Paraguay, e todos concordarão connosco — que muito está por fazer entre nós com relação á liberdade d'imprensa.

E assim, com respeito o dizemos, o Sr. conselheiro Saraiva não fez acto de verdadeiro liberal, antes comprometteu a nossa tão santa causa, quando declarou-se plenamente satisfeito do estado da imprensa entre nós: estado embryonario, no intimo o absolutismo e na apparencia a liberdade; estado que se vai tornando chronico no Brasil, pois que o mal atacou-

nos desde o primeiro imperador, que, com as suas lufadas de heróe de dous mundos, soube implantar o absolutismo bravateando liberdade.

Felizmente os povos acabam sempre por aperceberem-se das *embaçadelas* dos reis? . . .

Continuaremos as nossas sinceras e despretençiosas reflexões sobre a carta-programma do Sr. conselheiro Saraiva.

N'esta quadra de tanto melindre para a idéa liberal, todos os liberaes devem ter a palavra.

Quando os desinteressados adeptos d'essa idéa tratam de revesti-la com a armadura conveniente para uma luta de capricho magestático, de velleidades absolutistas, nenhum contingente deve ser despresado.

Felizmente, é hoje franca a luta entre a idéa liberal e a idéa absolutista, porque o Sr. D. Pedro II descobriu-se; mas, datando de longe essa luta, embora solapada e traiçoeira, os estragos dos sophismas da monarchia brasileira contra a liberdade dobram as difficuldades da nossa tarefa.

Desde o primeiro dia do reinado do filho de D. João VI, que negociou com seu pai e com o futuro reino de sua filha a nossa carta de alforria, o absolutismo faz seu caminho na terra americana do Brasil.

E quantas pulsações generosas de corações brasileiros, quanto patriotismo sincero se tem aniquilado ante as barreiras de um absolutismo inaugurado por um imbecil como D. João VI, e continuado. . . . por seu filho e por seu neto!

Longa, pois, deve ser a nossa jornada; e que seja longa devem desejar todos os sinceros liberaes. Nada mais d'essas ephemeras ascensões ao poder, porque o rei quiz, para descer quando o rei quizér. Preparar as armas e combater; combater por longo tempo, para

que afinal o dia da victoria seja o dia da realidade para a idéa liberal.

Isto posto, francamente, á luz do dia, como deve fazer sempre um partido verdadeiramente liberal, discutamos e assentemos as nossas idéas, organisemos as nossas fileiras.

Explica-se assim o pensamento d'esta folha, enunciando-se com franqueza sobre a carta do Sr. conselheiro Saraiva.

Voto livre, trabalho livre — estas as duas supremas aspirações do chefe liberal, as duas reformas que mui justamente qualifica de capitaes.

Estas reformas, diz o Sr. conselheiro Saraiva, são mais complexas do que podem parecer á primeira vista.

Assim, continúa o honrado conselheiro, a reforma eleitoral não significa sómente :

A reforma da lei de 19 d'Agosto de 1846 ;

A substituição do actual systema pelo da eleição directa ;

Um systema de providencias para evitar as nossas já tradicionaes fraudes eleitoraes.

Não. A reforma eleitoral requer :

Que se tire ao poder executivo toda a força, que lhe foi dada *para reprimir as revoltas*, e de que hoje se utiliza para comprimir o voto.

Aqui o illustre Sr. conselheiro falla antes como um conservador que foi, do que como um esforçado liberal que é. A força dada ao poder executivo não foi consequencia e sim causa das revoltas : triumphantemente se ha feito a demonstração d'isto na imprensa liberal do Rio de Janeiro. Essa força concedida ao executivo era o triumpho dos planos solapados do absolutismo, tão solapados que até foram servidos por homens tão conscienciosos e patriotas como o Sr. conselheiro Saraiva.

A reforma eleitoral requer mais :

A extincção do recrutamento e sua substituição pelo alistamento voluntario ;

A extinção da guarda nacional, e sua substituição por *uma reserva do exercito, que não tenha absolutamente voto nos comícios populares.*

Não podendo deixar de ser muito numerosa a reserva do exercito, desde que ella é substitutiva da guarda nacional, desde que deverá ser como que a nação armada para os seus criticos e solemnes momentos, não podemos comprehender, em paiz de pouco avultada e rareada população como o nosso, a expressão da verdadeira vontade da nação com essa tão larga incompatibilidade de voto. Organisar a milicia civica sob condições verdadeiramente liberaes, e não autocraticas como hoje, e dar-lhe o voto precisamente por ser *milicia civica*, eis o que nos parece um intuito liberal.

A reforma eleitoral requer, finalmente :

A organização de um poder judicial independente ;

A eliminação de uma organização politica, que tirou ás autoridades electivas e locaes quasi tudo, quanto lhes havia dado o codigo do processo criminal.

Sem isto, entende o Sr. conselheiro Saraiva, é quasi impossivel obter a descentralisação administrativa, a organização de um systema d'impostos que interesse o municipio e a provincia em seus proprios destinos ; porque sem verdadeira eleição a *opinião do paiz* não actuará devidamente na camara dos deputados, e continuará a encontrar obstaculos serios na camara vitalicia.

Com as restricções feitas, pensamos com o illustrado conselheiro. Parece-nos, porém, que sendo sua aspiração suprema, como deve ser a de todo o verdadeiro liberal, o governo da opinião do paiz, não devia ficar em completo olvido na sua carta a questão da educação e instrucção do povo : questão magna para um paiz como o nosso ; questão primeira a ser resolvida, porque sem instrucção e educação, não só a privada mas tambem a politica, não póde um paiz

qualquer progredir com segurança nos caminhos da liberdade.

As questões, pois, da liberdade do ensino, da gratuitidade do mesmo promettida pela constituição, dos expedientes economicos relativos á população, quer em relação aos largos melhoramentos materiaes a emprehender no paiz, quer em relação á immigração com as medidas consequentes que ella reclama, estas e outras questões, tendentes a reforçar a base unica dos governos livres — o povo, foram esquecidas na carta do illustre chefe liberal.

Uma ultima observação, por hoje.

Mostrou-nos o Sr. conselheiro Saraiva em sua carta, como era complexa a questão, que se refere ao voto livre; mas, guardou-se de fazer o mesmo sobre a que se refere ao trabalho livre.

A invejavel affouteza com que o Sr. Saraiva atacou pontos delicadissimos, conforme mostraremos, exclue que houvésse havido aqui qualquer idéa d'evitar difficuldades de terreno.

Deploramos apenas, que sobre esta questão, que nos parece vital, e tambem ao illustre conselheiro, como que pése uma tal fatalidade, que até escapasse ella de ser descarnada aos olhos do paiz, por quem possui todas as luzes e mostrou coragem de sobra para fazelo.

Sem duvida o prestigioso senador bahiano procurará preencher esta como todas as lacunas de sua carta, com o patriotismo e a illustração que todos lhe reconhecem.

Tornemos a ler a carta do Sr. Saraiva, na parte que se refere ao poder dictatorial da corôa.

“ O poder dictatorial da corôa é uma verdade, que só é hoje desconhecida pelos nescios ou pelos subservientes aos interesses illegitimos da monarchia.

“ Que o Sr. D. Pedro II tem de facto um poder igual ao de Napoleão III, é outra verdade, de que estou profundamente convencido. A constituição franceza, porém, é o base do poder d'aquelle monarcha, ao passo que o falseamento do voto é a origem do excessivo poder do Imperador do Brasil.

“ Que esse excesso de poder é fatal á monarchia; que raras vezes ha de servir ao Imperador para a realisação de seus patrioticos desejos, e muitas outras se converterá em flagello dos brasileiros, é ainda uma verdade, que os factos estão diariamente demonstrando.

“ Uma camara legitimamente eleita dará fim a essa dictadura tão funesta ao rei como ao povo, e estabelecerá o equilibrio entre os diversos poderes constitucionaes.

“ Este só remedio basta para curar muitos males, que parecem derivados de fontes extranhas. ”

Temos, pois, que o Sr. Saraiva, ministro por duas vezes, uma vez encarregado da organisação de um gabinete, tendo mirado de perto o sol da magestade, tendo sido *magna pars* da nossa rodagem politica e administrativa, falla com pleno conhecimento de causa, quando diz que o Sr. D. Pedro II tem *de facto* um poder igual ao de Napoleão III; se bem que, continúa o Sr. Saraiva, a base do poder do monarcha francez seja a propria constituição da França, e a base do poder do monarcha brasileiro esteja no falseamento do voto.

A proclamação d'esta importante verdade, feita por um homem na posição do Sr. Saraiva, que já não precisa do voto popular, e em paiz como o nosso, onde o senado é Siberia dos brios politicos mais vulgares, segundo os factos e os sentimentos de muitos, a proclamação de semelhante verdade foi um rasgo da coragem mais patriótica.

Infelizmente, porém, uma fatal vertigem faz esquecer nas alturas do Capitolio, que a Tarpéa está alli perto.

Se *de facto* o Sr. D. Pedro II é um rei absoluto como Napoleão III, se a base do seu poder está no falseamento do voto, como diz o Sr. Saraiva e todos repetem, o Sr. D. Pedro II, que assim o faz e assim o quer, se é, como todos o proclamam, um rei prodígio, um Salomão americano, deve saber o que faz e o que quer.

Logo, tem sciencia e consciencia, é réo principal de todo esse tenaz estellionato, que ha produzido o falseamento do voto no Brasil.

Se a nossa constituição é baseada no principio da soberania nacional, se o maior mal para um paiz é a inobservancia das suas leis, e se a constituição é falseada entre nós, não pôde provir de semelhante aberração um resultado proficuo; a que vem, pois, dizer-nos o Sr. Saraiva, que o excesso do poder imperial — algumas vezes (raras) ha de servir ao Imperador para a realisação de seus *patrioticos desejos*?

Não pôde arvore má dar fructos bons: do excesso de poder, baseado no falseamento do voto, não pôde resultar em momento algum, para o monarcha do Brasil e para o Brasil, conveniencia d'especie alguma.

Patrioticos desejos!

Pôde haver patriotismo, quando se mina a sociedade em sua base, quando se sophisma diuturna e calculadamente a sua constituição?

Não acreditamos, que o Sr. Saraiva, com aquelles *patrioticos desejos*, quizesse fazer um cortejo ao Imperador: é indecoroso, por banaes cortezanias, transigir com os grandes interesses de um povo. . .

Desejos patrioticos!

A voz autorisada do illustre senador bahiano de-
vêra antes bradar ao Sr. D. Pedro II:

“ Senhor, tudo está perdido para um monarcha, quando elle é réo convicto do falseamento da constituição, que jurou obedecer. Se os *subservientes aos interesses illegitimos da monarchia* vos atiram rosas no caminho, a historia marcará o vosso reinado, e o

povo que o soffreu, com o ferro em brasa do desprezo. Só ha uma honra para os reis de toda a parte: serem os primeiros respeitadores da lei. Só ha um proveito para todos os governadores da America, chamem-se — Pedro II, Sarmiento ou Grant: compenetrarem-se de que só uma arvore politica medra no solo americano — a arvore da liberdade. ”

Concluiremos hoje as nossas observações sobre a carta do illustre Sr. conselheiro Saraiva.

Sobre a questão do poder moderador diz S. Exc. o seguinte :

“ A extincção do poder moderador, pedida por uma parte da imprensa liberal, torna-se, a meu ver, desnecessaria, desde que uma camara eleita livremente firmar a regra da responsabilidade ministerial em todos os actos d’esse poder, e ao direito de dissolver-la corresponder por parte do paiz o de reeleger a mesma camara, para dizer-lhe : Erraste. ”

Está ou não está na constituição a responsabilidade ministerial pelos actos do poder moderador? Se está, o Sr. Saraiva devia dizer-lo francamente; se não está, o legal e patriótico é pugnar pela reforma da constituição n’esta parte. Quer n’uma quer n’outra hypothese, esse *meio indirecto* de resistencia das urnas á corôa, essa luta sorrateira entre o povo e o rei deve trazer um dos seus resultados inevitaveis: ou o 7 d’Abril com os seus consecarios convulsivos, ou o 18 de Julho com esse poder dictatorial, de que tão eloquente e verdadeiramente fallou o Sr. Saraiva.

O illustre senador bahiano deixou, pois, a grande questão do poder moderador nos termos, em que a encontrou.

Sobre o senado diz o illustre senador :

“ A vitaliciedade do senado é hoje um grande

bem, porque abriga a opposição independente, excluída da camara pelos instrumentos do governo. A temporariedade, sem reforma eleitoral, seria uma desgraça; com a liberdade das urnas, não teria o alcance esperado por seus apologistas. ”

Acceitamos com o Sr. Saraiva, que o senado é hoje abrigo da opposição independente; mas, os pretorianos de Cesar, creando a theoria de que *o senado não faz politica*, têm implicitamente removido este obstaculo ao poder dictatorial da corôa.

Cesar não quer acceitar o jugo dos principios representativos, por força dos quaes não se comprehende poder (o poder moderador) sem responsavel; mas, pelos Sejanos que o cercam, dá direito de cidade a uma theoria, por força da qual o senado, que com a camara dos deputados faz *a assembléa geral*, é reduzido a proporções, que por fórma alguma lhe foram marcadas na constituição.

Cesar e *a sua* camara dos deputados arranjarão os negocios.

Isto posto, desaparece a vantagem indigitada pelo Sr. conselheiro Saraiva na vitaliciedade do senado. N'este qualquer opposição ficará em vozes, *et pretereá nihil*.

Sem a reforma eleitoral, a temporariedade do senado seria uma desgraça. Concordamos com o Sr. Saraiva: seriam mais eleições; seriam mais fontes d'immoralidade. Sem a reforma eleitoral até mesmo conviria, que a camara dos deputados fosse nomeada pelo poder executivo, por decretos ou portarias: o resultado seria o mesmo, sem a farça grandemente estragadora do processo eleitoral.

Com a liberdade das urnas a temporariedade do senado não teria o alcance esperado por seus apologistas. E porque? O Sr. Saraiva não o diz, e deveria dizê-lo. Se a vitaliciedade do senado faz necessaria essa theoria esdruxula, arredia da constituição, theoria por força da qual *o senado não faz politica*, se mal se comprehendem, em um governo de constante e

sempre representada opinião do paiz, representantes perpetuos d'essa opinião, com que direito o Sr. Saraiva, que carrega tão graves deveres para com o paiz, passou tão ligeiramente sobre uma tão grave questão, escondendo o seu parecer em phrases tão indecisas ?

Finalmente, diz o Sr. senador Saraiva ao Sr. senador Nabuco :

“ A abstenção, diz-me V. Exc., não póde ir até a renuncia dos cargos publicos de certa ordem, sem ser revolucionaria. Não penso assim ; porque o partido liberal não deve aceitar o poder senão para reformar, e ser-lhe-hia impossivel reformar sem revolução, se a corôa lhe negar a illimitada confiança que deu aos conservadores para a guerra, confiança de que elles têm abusado para comprimir o partido liberal. ”

Com este final o illustre chefe liberal remiu todas as indecisões da sua carta. Quem assim proclama francamente o direito de revolução, está seriamente disposto para a grande luta liberal, e ha de ser docil aos sagrados reclamos da causa da liberdade.

Nós o esperamos do Sr. conselheiro Saraiva, que é sem duvida uma das mais vivas esperanças do partido liberal.

Concluindo, pedimos desculpa a S. Exc. de qualquer expressão, que pareça involver quebra da profunda consideração, que lhe votamos.

Como jornalistas, fracos porém sinceros soldados da causa que S. Exc. dirige, temos deveres a cumprir : o dever d'exprimir francamente a nossa opinião, quando a franqueza, no meio das *tricas* que nos têm devastado, constitue para o nosso paiz a suprema virtude politica. n'estes difficeis tempos ; o dever de suscitar e esmerilhar todas as questões, para que dos pareceres de todos se construa a opinião da nação — e isto sem considerações banaes e funestas pelas pessoas, e tendo em vistas a idéa e o futuro.

Foi o que fizemos. O illustre Sr. conselheiro Saraiva não nos recusará por isso o fraternal abraço.

A IDEIA LIBERAL NO BRASIL

Algumas palavras, como que enfeixando o que ficou tão disperso pelas paginas d'este livro, relativamente á liberdade no presente e no futuro do imperio.

“ Ha n'este mundo (diz um publicista da França) um papel muito digno, embora muitas vezes inutil: o da antiga Cassandra; o de indicar os perigos aos cegos, e mostrar os negrumes do futuro aos que n'elle só vêem nuvens roseas. Fazendo semelhante papel, ha risco de passar por descontentadiço, gritador, e *pessimista* — o que é injuria grave. Mas, quando os receios, até então reputados chimericos, tornam-se cruéis realidades, chega para o *sonhador* o seu dia: a versatil opinião ergue-lhe um pedestal, e o descontente da vespera é o propheta do dia seguinte. ”

Não sei, se fiz ou faço o papel de Cassandra, se serei o propheta d'amanhã; mas, sei, que hoje fallo com a minha consciencia, sem outro estímulo que não seja o bem das futuras gerações do Brasil.

Na data em que estou escrevendo (Dezembro de 1871), alguns acontecimentos se têm dado, aos quaes

não fiz referencia no curso da impressão d'este livro, por entender que em nada prejudicam as idéas expendidas anteriormente aos mesmos acontecimentos.

No entanto, embora podésse descansar no criterio do leitor desapaixonado, direi rapidamente, porque não repute mudada a situação da idéa liberal no Brasil, a despeito de quantos tambores estão ahi a rufar *em todos os acampamentos*.

— Decretou-se parto livre de ventre escravo?

— Fez-se uma reforma judiciaria?

— O imperador viaja, estudando a lição do mundo?

— Promette-se um cento de reformas liberaes? Vejamos o alcance de tudo isto.

Deixando á parte as *mui demoradas* vantagens economicas do decreto de 28 de Setembro, o que promette elle para a liberdade civil e politica do cidadão? Haverá, quem se illuda?

A Inglaterra andou pelo mundo a libertar negros, e ainda hoje lá estão os brancos da Irlanda, victimas d'iniquidades seculares, estorcendo-se na miseria, a serviço de uma aristocracia ociosa, e consequentemente corrompida. E o povo da *livre* Inglaterra a pagar o imposto para manter o jugo da *escrava* Erin!

E nós?... Que idade aurea começa para nós com esses *ingenuos* de nova especie, escravos até á sua maioridade, cujas mães são á sua vista amarradas ao carro do senhor, e retalhadas pelo chicote do feitor?

O filho do povo deixará por isso de ser victima do recrutamento e da guarda nacional? Não pagará mais imposto para guerras caprichosas e palacios de papelão, *ad majorem regis gloriam*? Não continuará a ser a urna avassallada e viciada pelo poder? Dei-

xará de ser a eleição, como até hoje, a farça ridícula e repugnante, que não teve igual na França de Napoleão III, que não tem igual em Portugal, nosso velho mestre?

Como, de boa fé, podem liberaes illudir-se com esses avanços dos conservadores, homens sempre de seu rei e seu Deus?

No entanto, justiça seja feita: são francos os conservadores. D'elles, os opposicionistas fazem fogo ao rei e ao governo, estabelecem premissas de liberaes convencidos, e concluem sempre, invariavelmente, que são conservadores de todas as miserias, que tão valentemente atacam, isto é, que a sua questão é pelo cabo do azorrague! Os governistas, esses, obedecendo ao governo... que obedece ao rei... que está na Europa... onde precisa de ser emancipador... porque em outros tempos mandou escrever uma carta por um amanuense-ministro... os governistas também são francos: vão só até onde o rei mandou, e não fazem d'isto mysterio.

Ouçamos o Sr. visconde de S. Vicente. Diz S. Exc. (sessão do senado de 9 de Setembro), que ha uma propriedade natural e uma propriedade legal, isto é, uma propriedade que é propria do dono, e outra propriedade que não é propria do dono. — E como póde haver propriedade sem dono?... Tem razão o leitor na sua pergunta: o Sr. S. Vicente não podia cahir assim. O dono, diz o illustre emancipador dos negros e escravizador dos brancos, o dono é o governo, que concede o usufructo, como bem lhe parece. E' a doutrina do Deus-Estado, é um meio-communismo; e o conservador, no dizer de um dos mais eminentes e respeitados economistas da Europa, não passa de um socialista a meio-caminho, de um communista sem logica. E a falta de logica, talvez *forçada* na hypothese, poz em torturas o Sr. visconde, que continuaremos a ouvir.

Disse S. Exc., que o direito de *propriedade natural ou ordinaria é indefinido e absoluto integral*, e o

legislador não tem faculdade d'impôr-lhe restricções e limites; é *inalteravel, invariavel, e sempre identico a si-mesmo*; perpetuo, *sempre existente em quanto existe o seu objecto*, e a lei positiva não tem faculdade para marcar-lhe o tempo de duração, e menos para extingui-lo (tudo textual).

Quanto á propriedade legal, que *não tem fundamento na natureza*, S. Exc. enumera a dos officios de justiça e de fazenda, a de invenções ou descobertas, a de monopolios ou privilegios, *as propriedades artisticas ou litterarias*, que são subordinadas ao *interesse publico*.

Não instituirei discussão sobre a segunda parte do discurso do illustre visconde, que deixarei em paz no seu socialismo truncado, no seu meio-communismo; e responderei ao leitor, que está a apontar-me no Sr. visconde um decidido respeitador da propriedade *natural*. Vejamos.

O Sr. visconde, proclamando-se campeão da propriedade natural, cita a lei dos morgados, e bate palmas por sua abolição. Ora, se o Sr. visconde não fosse meio-socialista sempre, havia de pugnar pela liberdade de testar, havia de censurar essas restricções á disposição da propriedade. S. Exc., pois, como todo o meio-socialista, nunca está em terreno firme.

Isto vê-se principalmente, quando o sabio senador emprehende discutir o direito de accessão. O fructo da arvore, diz S. Exc., o filho do animal, pertencem ao possuidor, porque essas cousas *não têm direitos proprios* (e o que será direito improprio?); mas, sendo a escrava — pura *propriedade legal*, o seu possuidor não tem direitos a allegar.

Irei um tanto socraticamente com o Sr. visconde, cujas luzes muito venero.

O legislador, fazendo da escrava uma cousa, ou fez o que podia, ou fez o que não podia. Se fez o que podia, o fructo da escrava, como fructo d'uma cousa (segundo o systema da *propriedade legal*), deve pertencer ao dono da mesma cousa. Se fez o que não

podia, repare-se a injustiça, e não se affirme do fructo o que se nega da arvore. Não se póde allegar direito sobre o filho da escrava, diz o Sr. visconde, porque, *é creatura humana, e quando nasce traz comsigo os direitos, que o Creator deu aos seres moraes, e entre elles o da liberdade.*

Contrista, e faz rir, este modo d'argumentar. . . . Porque não dizeis do pai e da mãe, o que dizeis do filho? Que insanía vos leva a tratar pelo principio do justo uma questão, para concluir pela justiça sómente em relação aos que ainda não nasceram? Que caridade conservadora!

Conservadores são sempre assim: meio-caminho em tudo. Meio-caminho, meio-saber, meia-logica — são cousas funestas.

Melhor fôra, que o Sr. visconde ficasse no terreno puramente da politica e das conveniencias (como as entendem conservadores), e não emprehendesse justificar pelo direito essa transacção immoral, essa meia-justiça, com que o Brasil, já no ultimo quartel do seculo XIX, se apresenta ao mundo.

Comprehendo, e até certo ponto respeito, os que fallam em nome do café, do algodão e do assucar; não sei, porém, o que sinto, quando n'esta questão me fallam com o *tartufismo*, de que deu tão inesperado exemplo a bella intelligencia do Sr. visconde de S. Vicente.

Mas, como tudo n'este mundo, o discurso do Sr. visconde de S. Vicente tem o seu lado bom: deu-nos a medida do verdadeiro conservador. Justiça e injustiça, bem e mal, bello e feio, verdade e mentira, gelo e agoa quente, sal e assucar, tudo por metade, *um pouco de tudo*, e por cima da mistura pairando o espirito do Deus-Estado!

E uma das mais brillhantes glorias do passado liberal do imperio, o Sr. Salles Torres-Homem, deu os ultimos retoques ao quadro. O Sr. Salles, em um dos seus raptos (sessão do senado de 13 de Setembro), disse com toda a franqueza do legislador: o projecto

do governo pecca por ter ficado a meio-caminho, por ser apenas meia-justiça. E quando todos pensavam, que S. Exc. apresentasse uma emenda, pois que meia-justiça é injustiça, pois que a justiça, uma vez reconhecida, reclama imperiosamente a sua integral applicação, ei-lo que dá um novo sentido ao *sursum cuique*, ei-lo que senta-se dizendo — Voto pelo projecto do governo! E' que é muito mais difficil ser independente e logico, do que já velho ir apresentar ao senado ramalhetes academicos, laboriosamente arranjados. . . . ramalhetes academicos, que não consentem aos moços os nossos *ridículos homens serios*. . . .

E agora aprendei, povos do Brasil! E vós, nações do mundo por onde anda ou andou o Sr. D. Pedro II, vêde, se ha liberalismo, como este liberalismo do imperio da Santa-Cruz!

A reforma judiciaria, com que tanto se ufanam esses homens de — tudo pelo rei e para o rei, o que é, senão mais um escarneo á face do paiz? O que poderá valer uma ou outra idéa boa, aqui ou alli, se o vicio radical ali ficou, a plena dependencia do magistrado, sempre e em tudo subordinado ao *volo* do governo, sempre e para tudo com a mão estendida a supplicar-lhe o favor?

Arbitrio e mais arbitrio, favor e mais favor, é e tem sido sempre o cunho da moeda governativa dos dilectos do nosso Imperador. Não podendo viver pela idéa, como poderiam dispensar as fitas da monarchia, as arcas do thesouro, e as varas da correcção — cousa recommendada na Biblia!?

Das suas viagens, o que trará o Imperador ?

Como homem, o que traz todo o viajante ás *carreiras*, recordações de *tourista*.

Como rei, muita cinza d'incenso, muito elogio feito por gente da sua comitiva, *et preterea nihil*. . . . a não ser a triste presumpção, mais confirmada ainda, de que é o *primeiro rei do mundo* ; e que este nosso *gigante*, a quem o Paraguay acaba de dar tanto o que fazer, será no fim d'este seculo, a continuar abençoadamente como vai, a Prussia das duas Americas !

Pobres povos ! mas, tambem — pobres reis

Por mim não creio, que a viagem do Imperador possa trazer-nos bem algum ; antes receio, que o demonio da lisonja acabe d'empanar-lhe, em tão vasto theatro, a intelligencia, que todos dizem tão lucida

Pela *blague*, por uma cousa muito parecida com o que por aqui vemos todos os dias, viveu Napoleão III, pequeno sobrinho do grande tio, e que deve ser autoridade n'esta terra de sobrinhos. Escreveu a *Historia de Cesar* ; e um sabio allemão, o Dr. Mommsen, felicitou-o em 1866, porque havia escripto uma obra, que devia ensinar as nações *a comprehenderem-se, respeitarem-se e amarem-se*. Pouco tempo depois, esse mesmo doutor tomava a penna, e provava ser de absoluta necessidade a conquista da Alsacia pela Allemanha, para que os francezes cahissem da *blague* no desespero

Aviso aos povos e aos reis !

Com estes antecedentes, cada vez mais avivado o cunho d'El-Rei Nosso Senhor, o que esperar d'esse cento de promessas liberaes dos conservadores ? Nada ;

e entendo, que nós liberaes devemos ser-lhes agradecidos pela franqueza: — alguma cousa para se ler na Europa. . . . e continue tudo como d'antes, porque, como disse o Sr. deputado Perdigão, *nós não merecemos mais!*

E o futuro? . . .

O futuro a Deus pertence, e por isso n'elle devemos esperar para os nossos descendentes.

A idéa é como a gotta d'agoa batendo no mesmo ponto: não ha resistir-lhe. . . . com tanto que bata sempre.

Ao trabalho, com animo desencalmado, eis o que cumpre aos liberaes: de vagar que temos pressa, como se diz na lingoagem philosophica do povo.

A idéa e só a idéa; a gotta d'agoa batendo sempre no mesmo ponto; e o dia chegará.

Sobre tudo, nada de transacções quebrantadoras da logica dos principios, e d'encontro ao ensino de uma longa e dura experiencia.

Se a falta de logica faz do conservador um meio-socialista ou meio-communista, a mesma falta faz do liberal um meio-despota ou meio-anarchista.

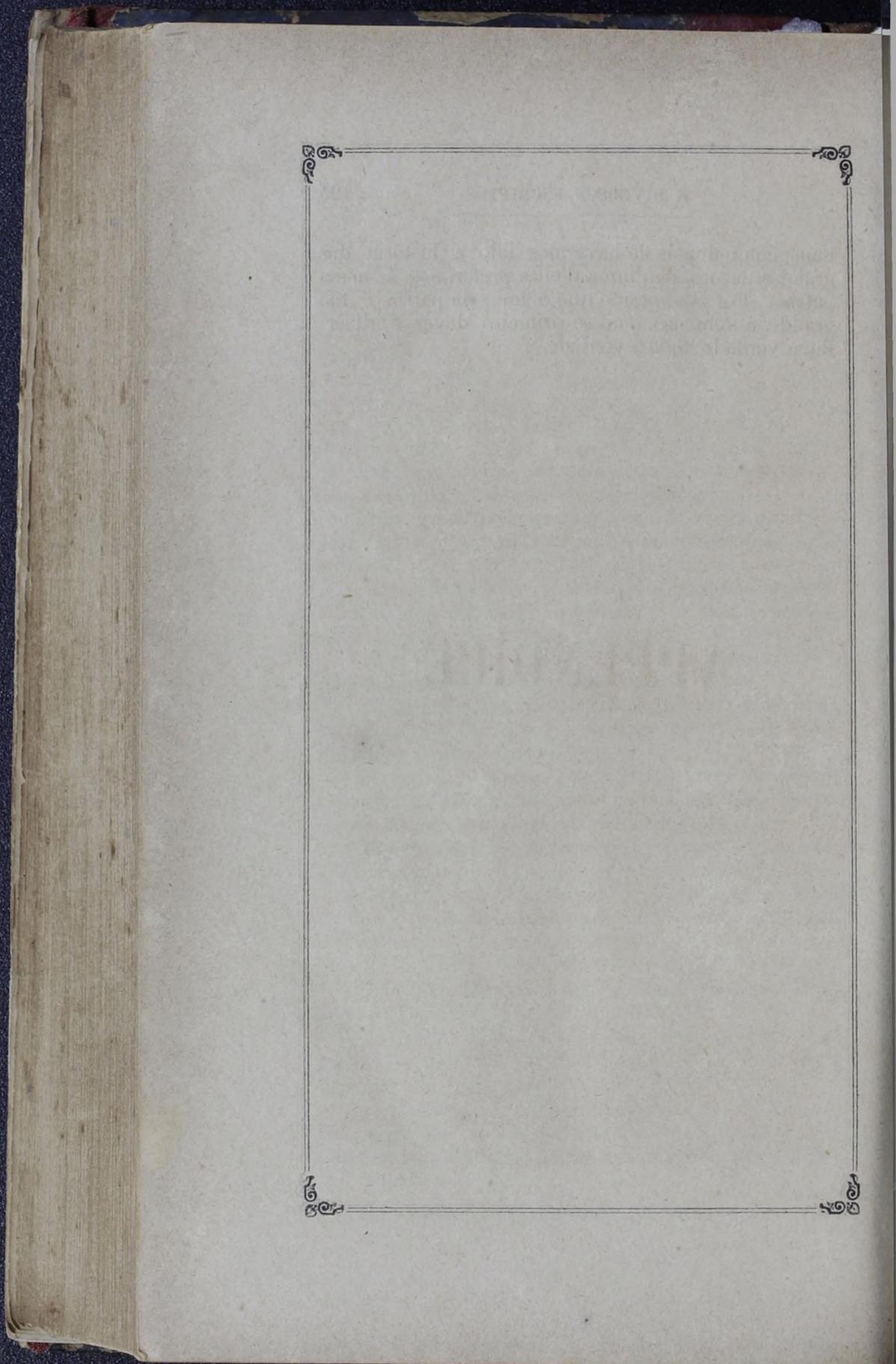
A linha recta, que para a liberdade não ha outro caminho!

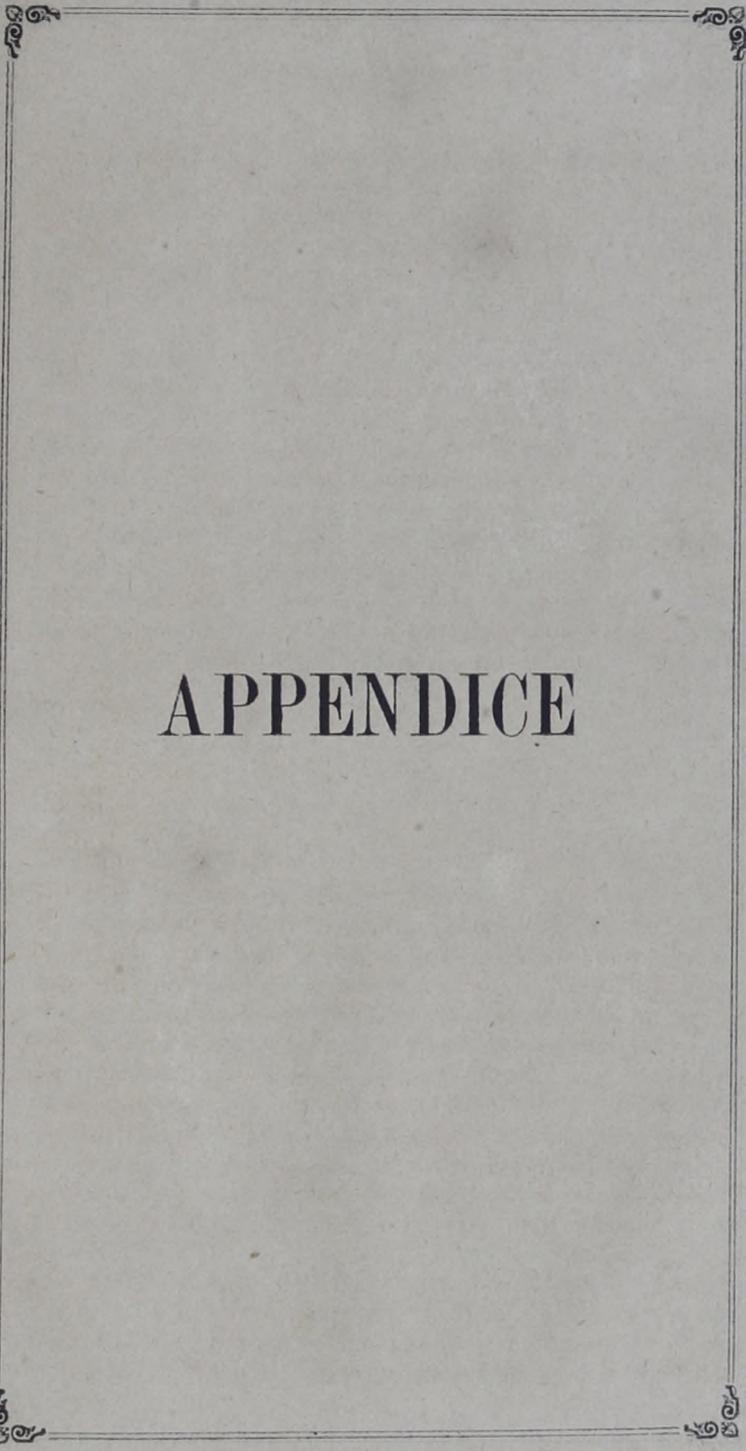
E n'esta situação hybrida, o que fazem os liberaes do Brasil? O que deveriam fazer?

Implicitas estão as respostas nas paginas d'este livro, que tranquillamente entrego á publicidade, com a convicção de ter cumprido um dever.

“ A todos nós acontece, disse o inspirado Castellar, que depois de havermos lido a historia das grandes mulheres, nenhuma d'ellas preferimos á nossa

mãe ; como depois de havermos lido a historia das grandes nações, nenhuma d'ellas preferimos á nossa patria. Por isso mesmo que o amor da patria é tão grande, é immenso, o nosso primeiro dever é dizer-lhe a verdade, toda a verdade. ”





APPENDICE

ॐ

ॐ

ॐ

ॐ

NO INSTITUTO ARCHEOLOGICO E GEOGRAPHICO PERNAMBUCANO,
AOS 27 DE JANEIRO DE 1865

Mas Senhores,

Apenas uma recordação historica.

Pesava-me nada haver dado ao Instituto.

Tenue será este, como todos os feudos litterarios
que sou obrigado a pagar.

Corria o anno de 1646.

Vieira e Vidal haviam soltado o brado ingente de
patriotismo, que devia marcar a época por ventura
mais assignalada da historia do Brasil. Sim! por
ventura a mais assignalada. . . Não vai n'isto mal
entendido orgulho de pernambucano: só Deus sabe,
quaes teriam sido os futuros destinos do Brasil, se o
Hollandez tivesse podido naturalisar-se na terra de
Pernambuco!

Corria o anno de 1646, e adiantada ia a contenda,
quando de Lisboa chegaram ordens, para que os *in-*
surgentes deixassem livre ao batavo a posse de Per-
nambuco. Na velha côrte portugueza como que co-

meçava-se a duvidar dos prodigios do patriotismo, e certo que não se levava em conta o magico effeito das virações purificadas pelas florestas americanas. *Razões de Estado*, das quaes se concluia como quasi impossivel e certamente improficuo o triumpho dos *insurgentes*, negociações pendentes com o reino de Hollanda, exigencias da situação de Portugal perante as suas possessões africanas, tudo concorreu, para que o rei, vencidas mil hesitações, expedisse taes ordens.

Reuniram-se os mestres de campo: Martim Soares obedeceu; Vieira e Vidal resistiram. Foi o grande exemplo, que a historia registrou, da desobediencia ao rei para melhor servir ao rei.

Succederam-se os acontecimentos, e chegou á Lisboa a nova da primeira batalha dos Guararapes, justamente quando a perplexidade dos conselhos do rei estava em seu auge, quando negociações com a Hollanda eram depostas n'uma concha da balança, e na outra o facto consummado da resistencia de Vieira e de seus companheiros de gloria; o que collocava Portugal em apertada situação para um caso de abandono de Pernambuco, que importaria um caso de deshonra.

Nova série de consultas e pareceres; mas, então a primeira batalha dos Guararapes havia alargado os horisontes aos olhos dos estadistas portuguezes, e a idéa d'uma restauração já se não podia dizer abertamente uma utopia.

Entretanto, ainda perplexos eram os pareceres. Se nenhum concluia francamente pelo abandono, nenhum concluia francamente pela adopção da causa dos *insurgentes*. Era o mesmo oceano de duvidas, um pouco menos encapellado apenas. Até a agudissima vista do grande padre Antonio Vieira empanou-se; e entre outras cousas dizia: — que desarrazoado fôra fazer-se a guerra por amor dos pernambucanos; que Pernambuco não era mais do que um membro de Portugal; e que seria impio e cruel pôr todo o corpo em risco, por não cortar uma parte pequena, e essa *tão corrupta, e tão difficil de conservar-se*.

Ainda mais: a Antonio Vieira parecia impossivel o triumpho dos pernambucanos.

Cruzaram em Lisboa as hesitações e os conselhos duvidosos, e os patriotas de Pernambuco, confiados em Deus e no proprio valor, não arripiaram a carreira incetada em nome da religião e da liberdade: proseguiam descuidosos dos conselhos de Portugal, e por ventura tão fitos no seu alvo, que julgavam a causa pernambucana uma causa exclusivamente sua.

Viram os de Lisboa, que leões não retrocederiam da partida; e uma companhia, disfarçada entre e intuito da guerra e o intuito commercial, fez chegar alguns navios ás aguas pernambucanas.

Deu-se a segunda batalha dos Guararapes; e depois do conseqüente sitio, recebeu João Fernandes Vieira as chaves da cidade do Recife na éra, que hoje commemora o Instituto.

Que luta homérica, Senhores! Que patriotas esses! O batavo queria partir em dous o gigante americano, leram elles no futuro, e feriram a contenda! Que filhos do Calvario esses! O batavo queria arvorar o labaro da duvida e da impiedade na terra da Cruz, e elles em nome do Christo venceram!

Alguns diziam que não, quasi todos diziam talvez, só elles disseram sim, desde o principio até ao fim!

Vieira ajoelhava com as suas hostes antes de dar o assalto decisivo á cidade do Recife, salvava Pernambuco do jugo do hollandez, e entregava submisso as chaves da cidade a Barreto: Deus, a liberdade e o rei.

Vidal aspirava a ultima aura do triumpho, sorria ao esplendido arrebol da liberdade, e partia, para em seu nome, no de Vieira, Camarão, Dias, e quantos heróes teve essa luta sem par nos fastos brasilicos, implorar ao rei o perdão da *desobediencia*: Deus, a liberdade e o rei.

Que patriotas esses, e de tempos chamados *escuros*! Com sabiam fazer alliança entre a religião, a liberdade e a monarchia, sempre dignos de si, e dignos da posteridade!.....

Sus! Pernambuco!

Não ha muito o bretão, com insigne cobardia,

acordou os echos das nossas selvas, santificadas pelas tradições gloriosas dos seculos passados, e recuou! E' verdade, que levou a presa; mas, foi espavorido como a ave de rapina, quando sente occupadas as garras.

E agora mesmo o Paraguay tem o arrojo de pretender medir com as nossas as armas de escravos....

Sus! Pernambuco!

Por ventura quebrou-se a cadeia de nossas glorias? Que entorpecimento, que indifferença, quando todas as tuas irmãs têm os olhos voltados para tí, apontando para os montes Guararapes!...

Seja como for, nós, pernambucanos de coração, havemos de protestar pelas nossas glorias futuras, que temos fiador nas glorias passadas e inexcediveis.

Os directores do povo fazem o povo, segundo as letras sagradas. E pois, mal hajam aquelles, que se tomaram de medo pelos assomos patrioticos de Pernambuco! Mal hajam aquelles, que trabalharam para quebrar-nos os brios! Mal hajam aquelles, que tiveram a habilidade de constituir com a palavra *liberdade* um labéo para a terra, em que estão os montes Guararapes, em que respiraram o fumo das mais sagradas batalhas Vieira, Vidal, Dias e Camarão!.....

Perdoai-me, Senhores, se me ia perdendo no caminho. Eu o juro: largas e patrioticas eram as minhas vistas, e estava longe de fazer epigrammas, que fossem ferir determinadamente aqui ou alli a politica tacanha, que nos devasta.

O Instituto celebra a restauração de Pernambuco, e isto por si só bastaria para sua gloria.

Intentei uma recordação historica, para esboçar o que, no meu conceito, deve fazer o verdadeiro pedestal da gloria dos heróes d'essa restauração: — a inspirada desobediencia ao rei em nome da religião e da liberdade.

Realisei o meu intento, como as circumstancias me permittiram.

Saúdo comvosco, Senhores, os inclytos heróes da restauração de Pernambuco; e na pessoa d'esses heróes saúdo a religião e a liberdade, unicas bases razoaveis da monarchia.

NO LYCÉE DE ARTES E OFFICIOS, POR OCCASIAO DE SER OFFERECIDO UM RETRATO AO AUTOR, PELOS SEUS DISCIPULOS DE 1871

Meus bons Amigos,

E' este um dia feliz para mim !

N'aquella Faculdade se me têm ido — mocidade, grandes alentos de vida, fé nos homens e nas cousas do paiz, porque . . . porque tenho soffrido muito, e nem ao menos me é dado declinar em todos os casos os meus soffrimentos ! . . .

Para entrar n'aquella casa, tres annos de um labor constante e terrivel ! E durante os somnos d'esse tempo, cuja recordação ainda hoje me apavora, que sonhos !

— Sonhava, que eram todas as portas trancadas, e dentro a dizer-se que era falsa a minha unica moeda . .

— Sonhava, que uma incompatibilidade havia de ser gerada á força, com violencia até ás leis do bom senso, para ser ferida a minha sombra . . .

— Sonhava, que já era minha uma d'aquellas Cadeiras, e que andavam a contar umas historias de du-

zias de cabeças de reis, que rolavam nas praças publicas, cortadas pelo meu cutello, pelo cutello da minha palavra . . . e que isso me valia uma advertencia á puridade, que ao mesmo tempo me indignava e me fazia rir . . .

— Sonhava, que de ultramontano haviam de fazer-me impio, attribuindo-se-me até a negativa da existencia de Deus ! . . .

— Sonhava, que os meus discipulos haviam de ser sempre os bodes emissarios das queixas da disciplina, pouco faltando que me declarassam (pelo arrojo insano, já se sabe) o Proudhon da Faculdade ! . . .

— Sonhava, que um dia me removeriam forçadamente de uma para outra Cadeira, facto unico nos annaes academicos . . . E eu despertava com pena dos insipientes, para os quaes não é certo, que *todos os caminhos levam ao Céu* . . .

Finalmente, Senhores, para acabar a historia dos meus sonhos com o mais terrivel d'elles :

— Sonhava, que sacrificado . . . não sei a que sentimentos, dar-se-hia contra mim um facto sem antecedente, em quasi meio seculo d'existencia das Faculdades de Direito: sonhava, que, de golpe, de emboscada, em uma Congregação, se tentaria contra mim um processo por causa de um discurso academico, e escrever-se-hia em uma acta cousa que importa reprehensão, e, peor ainda, que importa tambem ser eu um cobarde e um mentiroso ! . . .

E d'esses sonhos acordava sempre afflicto e fatigado, a lutar com a mão poderosa do dever, a ouvir o grito da propria dignidade, que me não consentia medir a defeza pela aggressão . . . E afinal recobrava os meus espiritos, e descansava em Deus e na minha consciencia ! . . .

Felizmente, meus Amigos, não acreditei nunca em sonhos ! Mourejei, e mourejei, e dôze annos já são passados para mim, como admirador e respeitador dos meus Collegas ; sem embargo da minha independencia no que tem de personalissimo a posição de mestre.

Em quanto não me expellirem d'aquella Cadeira,

hei de ser o que tenho sido até hoje : humilde no estudo antes da convicção, ativo na palavra depois da convicção.

Se o ser mestre não é isto, então declaro-me incapaz de comprehender o magisterio

E porque hão de fazer medo convicções sinceras, se todas as convicções sinceras, quaesquer que sejam, são sementes do fructo do bem ?

Força é deter-me, já que vos disse estas ultimas palavras, que podem ser pharisaicamente aproveitadas por certa gente do *Syllabus*. E porque vos fallei em Proudhon, e porque sahimos da classe d'Economia Politica, seja o exemplo de Proudhon, e sejam os conceitos do muito illustrado e muito convencido G. de Molinari, o escudo da minha proposição.

Porque não ha de ser o mestre plenamente independente, salvo o direito commum quanto ao uso da palavra e da penna ?

Porque hão de pretender, que o officialismo seja rei, até n'aquellas Cadeiras ?

Proudhon não pertencia, como sabem os que estudam estas cousas, á escola comunista. Em suas obras sobre a *propriedade*, o grande agitador das idéas quiz, sim, fazer evidente a imperfeição das theorias recebidas, demonstrando que a propriedade, tal como a têm entendido inhabeis defensores, não passa de uma das formas da espoliação. Mas, criticando com desapiedada rudeza theorias imperfeitas, o illustre demolidor (diz Molinari) não substituiu-as por uma theoria superior ; no entanto, *não deixou de fazer un serviço á sciencia, trabalhando para faze-la sahir de sua orbita official.*

E a este proposito diz o illustrado economista belga :

“ A intervenção do governo no ensino e nas associações scientificas influe em nossos dias, pouco mais ou menos, como outr'ora influíam as corporações ensinantes e a intolerancia religiosa, para impedir a livre indagação da verdade ; dois que essa intervenção sofrêa a ousadia aventureosa e descuidada do *talvez*, * a qual

* *Du qu'en dira-t-on*, diz o texto.

é condição do progresso das sciencias. Os nossos jovens professores temem comprometter-se, perante o corpo official a que pertencem, e tornarem-se *impossiveis* em uma academia, arriscando theorias contrarias ás professadas pelas notabilidades influentes, de cujo apoio ou voto precisam. * Quanto aos sabios, que têm posição feita, esses andam menos ainda, do que os moços, que têm posição por fazer. Com effeito, andar é arriscar-se a pisar em falso, e isto é incompativel com o *decorum* academico: agarram-se ás verdades recebidas, e guardam-se de procurar novas verdades, por evitar o risco d'enganarem-se. † Entretanto, todos sabem que é preciso arriscar vinte erros para achar uma verdade. Parece mesmo, que esse extremo retrahimento dos sabios mais ou menos officiaes produziu ou provocou a extrema licença dos socialistas — *tornando-a até certo ponto necessaria*. ‡ O socialismo tem indubitavelmente causado grandes males; mas, a sciencia, engravada na orbita do padroado do Estado, teria andado, se o socialismo não a houvéra impellido? ”

Tudo isto disse-vos, tê-lo-heis comprehendido, por desmonstrar, occupando-me do mestre, dos discipulos e da sciencia, a importancia que ligo ao vosso presente, o qual conservarei sempre como um dos mais preciosos attestados da minha vida.

E' um dia feliz para mim — disse e repito. Ha perto de um cento de moços, que foram meus discipulos por dous annos, e fazem justiça á intensidade dos meus esforços, á coragem das minhas convicções, ao meu zelo pela honra do discipulo e do mestre. Que melhor testemunho quizéra eu! Que mais effcaz lenitivo para longos soffrimentos! . . .

A religiosa attenção, com que sempre me ouvistes,

* Com vista a muitos dos nossos candidatos a concurso. Elles que digam, em sua alma e cousciencia, quanta cousa não disséram e escreveram, porque era *recebida*; que trabalho não deu-lhes muita vez a pesquisa da *opinião official*. . . .

† Esse *decorum* não será a cabeça de Medusa de todos os sabios e semi-sabios do Brasil, sempre involtos na sarça ardente do officialismo?

‡ Um certo arrojo descomedido da parte generosa da nossa mocidade não poderá ser attribuido á mesma causa?

as provas de respeitosa estima, com que sempre me gratificastes, tudo n'este momento vos agradeço com toda a effusão d'alma.

E quanto á fineza, com que quizéstes coroar todas as outras, faltava-me o direito de recusa-la, porque é de todo espontanea, e estreme de qualquer sentimento, que vós e eu não possamos confessar na praça publica; porque a honra é mais para os vossos generosos sentimentos, do que para os meus tenues merecimentos; porque, finalmente, penso, como pensava em 1858 entre academicos d'aquelle tempo, que — certas honras não é licito solicitar nem recusar.

E quereis saber, como me enriquecesteis?

— Morreu, ha pouco, o *maire* de Strasburgo, um venerando cidadão; e morreu, quando lhe disseram, que os Prussianos tinham afinal conquistado a sua cidade. Que grande alma de patriota! Esse *maire* era ao mesmo tempo mestre e mestre notavel de uma universidade. Certo dia o ministro da instrucção publica segredou-lhe, que a cruz da legião d'honra lhe era destinada, e com a fé dos aulicos esperou, que essa nova abrisse no interlocutor um sorriso de satisfação. — O que! disse o grande patriota. Se condecorais o mestre, mandai pendurar em sua Cadeira a vossa medalha; se condecorais o cidadão, o cidadão não precisa d'essas cousas! E a Cadeira do mestre e a casaca do cidadão ficaram limpas, como diz hoje o povo em sua sempre philosophica lingoagem.

Eu, que espero morrer, sem que governo algum me amarre uma fita ao pescoço ou ao peito, vou guardar o vosso presente como a minha segunda e talvez ultima condecoração, chamando muito para ambas a attenção dos meus filhos. . . .

Não vos agasteis, nem vos tomeis de ciumes. . . . Aos oito annos de idade, em uma escola publica, depois de um exame, e perante uma congregação de lentes de humanidades, pregaram-me ao peito uma medalha, que desde então conservo, com a mesma fita e com o mesmo alfinete; e desde então me reputo condecorado para sempre. Quererieis, que eu agora, porque me enriquecesteis, me desfizesse da pobre medalha?

Não acabaria, meus bons amigos, se me deixasse

levar pelo prazer de praticar convosco, assim em liberdade como iamós. Vou concluir.

Dentro em pouco, nos vossos lares, ou nos torvelinhos da vida publica, se vos lembrardes de mim, que aqui fico obscuramente a rolar este rochedo do magisterio no Brasil, só uma cousa vos peço: — Sêde francos. Nada de complacencias com a minha intelligencia; mas, toda a justiça com o meu coração.

Dizei: — Lá nos ficou um mestre pobre de saber e rico de vontade; uma palavra sem o fogo da eloquencia, e com a rigidez da convicção sincera: negou-lhe Deus muitos dotes; mas, deu-lhe o amor e a coragem do estudo.

Serei contente. E se alguma cousa mais me fosse licito pedir-vos, se me fosse dado incutir-vos uma fé, que vai sendo com razão negada a todos os homens do paiz, pedir-vos-hia, que accrescentasseis:

— Ha de morrer aquelle, nos arraiaes em que o vimos, liberal em todos os sentidos, procurando abranger em grande a patria, o futuro, a humanidade: assim lhe chegassem as forças!

Mas, porque confio em mim-proprio, porque espero em Deus, que o futuro não me desmentirá, faço n'esta hora solemne um protesto, e entrego-vos como um penhor:

— Serei sempre soldado das ultimas linhas; mas, na minha bandeira lereis sempre as duas palavras, que resumem o espirito das leis na America do Norte*; lereis sempre a divisa, com que me vistes no primeiro dia, e com que hoje me despeço, abraçando-vos:

— DEUS E LIBERDADE! —

Recife, 15 Outubro 1871.

* E. Laboulaye.

NOTA

Bem sei eu, que a minha divisa não póde salvar-me, perante os sub-pontífices de sacristia, até porque Voltaire também bradou um dia — Deus e Liberdade; até porque *God and Liberty* foi divisa dos primeiros povoadores da America ingleza, e é e será das mil seitas philosophicas e religiosas, que se cruzam nos Estados-Unidos, saudando-se reciprocamente (salvo um arrojo, aqui ou ali, da intolerancia catholica moderna).

Comprehende-se, que não poderia eu querer fazer aqui uma profissão de fé religiosa; mas, tenho motivos para apontar, ao menos, uma profissão de fé scientifica.

Graças a Deus, em minha consciencia (que deve governar-me embora *erronea*, como dizia S. Thomaz), estou muito distante da impiedade na sciencia: *Deus super omnia*, e o homem nas evoluções da sua liberdade subordinado sempre á Causa primaria; e assim, ou no estudo da materia ou no do espirito: — eis a minha fé.

E na fórma do meu cauteloso costume (e mesmo porque o espaço não chega para mais) subscreverei algumas linhas d'escriptor, que deve ser insuspeito para os monopolistas da fé catholica — Carlos Stoffels, na sua *Introdução á theologia da historia*:

“ Em quanto a sciencia não se purificar do seu fatalismo, em quanto não subordinar a materia ao espirito, em quanto desprezar as causas primeiras para só occupar-se das causas segundas, em quanto não fizer derivar de uma causa livre as causas materiaes, de uma causa livre — em Deus pela criação e governo do mundo, no homem por seus desenvolvimentos e transformações cosmogonicas e historicas — será sempre uma sciencia de consequencias materialistas, e permanecerá inconciliavel com a religião, cujos dogmas primarios são — *Deus e Liberdade*. ”

Em conclusão: posso não saber os caminhos, póde não chegar-me a intelligencia para os melhores, os verdadeiros enunciados scientificos; mas, perante Deus o digo, tenho horror ao materialismo, na sciencia como em tudo. Quererão pegar-me pela palavra, e fazer-me jurar a bandeira do *ascetismo infallibilista*? Não terei duvida, se vierem tomar-me o juramento *homens puros espiritos* . . .

Não cabe mais em uma simples nota.

NA MATRIZ DA BOA-VISTA, POR OCCASIÃO DE SEREM DEPOSITADOS
OS RESTOS MORTAES DE ANTONIO PEREGRINO MACIEL MON-
TEIRO, NO 1.º DE OUTUBRO DE 1870

Senhores,

Quatro palavras.

Venho confirmar a profunda admiração que sempre votei ao illustre pernambucano, cujos restos aqui nos congregam.

Em Junho de 1868, dias depois da morte de M. Monteiro, transcrevi eu, em folha de minha redacção, uma eloquentissima provocação aos brios e á generosidade da provincia: tratava-se de acudir á pobreza da viuva, de erguer na patria um jazigo, para os restos de um filho que tanta gloria lhe deu, e de colleccionar os seus trabalhos parlamentares e litterarios.

Vox clamantis in deserto!

Sabia-o eu, que antecedia a transcripção com as seguintes linhas:

“ Mais d’espaco occupar-nos-hemos do assumpto, se tudo não for baldado, se não dèrmos mais um ver-

gonhoso testemunho — de que estamos longe de ser o que já fomos . . .

“ Aliás, o maior tributo de respeito, de profunda veneração, será deixar em paz a memoria do illustre finado, á espera da justiça da historia, á espera da regeneração dos brios de Pernambuco . . .

“ Nunes Machado ainda não tem um jazigo condigno á sua memoria, elle que já é um martyr legendario da liberdade !

“ Francisco Jacintho Pereira escapou da valla commum, pela solitudine de um particular !

“ Joaquim Vilella e Mendes da Cunha só tiveram por si os seus discipulos !

“ E esses, e o visconde de Goianna, e o padre Miguel, e o vigario Barreto, e o visconde de Maranguape, e tantos outros, nem ao menos estão congregados em uma galeria de retratos na provincia, em algum publico estabelecimento !

“ Nem ao menos os justicados em nossas gloriosas lutas liberaes despertam os brios de uma terra, que tão briosa já foi !

“ O que se poderá esperar para a memoria de M. Monteiro ? ”

O dia d’hoje responde, ao que então perguntava o jornalista.

Vós todos sabeis : a viuva recorre á caridade privada ; o jazigo e o livro não passam ainda de pouco provaveis possibilidades ; e os restos de M. Monteiro . . . ei-los aqui, a tardio influxo de um frio officialismo, cercados d’estes poucos que ainda acreditam não viver o homem só de pão, que ainda sonham um futuro de glórias para a provincia !

Não importa ! Sejam poucos, embora ; mas poucos que não se rendem !

Não importa ! Descancem aqui ou alli esses restos : ha de um dia chegar a posteridade patriotica e agradecida, para memorar admirada o excellentę privilegio de quatro glórias em um homem só — medico distincto, orador sublime, litterato chefe d’escola, diplomata com todos os predicados intrinsecos e extrinsecos ! . . .

.....
E de tão illustre pernambucano, eis tudo o que resta !

Tudo? . . . Sim e não. . . .

Para os olhos do corpo, só esta urna.

Para os olhos do espirito, do espirito entusiasta e patriótico, o nome de M. Monteiro encerra thesouros, que só a posteridade saberá apreciar devidamente.

Os nossos netos, estudando a historia de hoje, acharão, entre os mais distinctos: na linha dos medicos, M. Monteiro; na linha dos oradores parlamentares, M. Monteiro; na linha dos poetas, dos jornalistas, dos diplomatas, M. Monteiro! Sempre grande! De cada vez uma gloria immorredoura para Pernambuco e para o Brasil!

Ao Creador a sua alma!

A' posteridade o seu nome!

NO CONSERVATORIO DRAMATICO DE PERNAMBUCO, AOS 3 DE MAIO
DE 1866

Meus Senhores,

Impressiona-me, muito mais do que podéra parecer-vos, esta reunião puramente litteraria e artistica, com referencia ao que as lettras e as artes têm de mais inebriante para a alma: a musica e o drama.

A musica, essa poesia inarticulada do sentimento, insuflando-nos, como que á puridade, os grandes affectos do coração, tangendo com dedo invisivel todas as fibras da alma.

O drama, essa historia articulada do viver humano, resuscitando epochas idas, figurando o dia d'hoje, batendo por vezes os caminhos das gerações futuras, e fallando, ou devendo fallar, como um moralista; mas, um moralista, que tem por si a grande alavanca do prestigio das decorações e effeitos scenicos, para atravessar pelas portas dos sentidos até aos scios do espirito.

Impressiona-me esta reunião, porque o jardim das

letras tem para mim o encanto da novidade, produz-me o enleio de um grande espectáculo, para quem não está com elle familiarisado.

O que farei no Conservatorio, meus illustres collegas? Que serviços poderei prestar?

Interrogações que me constrangem. . . . Muito de industria escolhi este momento solenne para desonerar-me d'uma responsabilidade, que a consciencia me diz — não devêra jámais ter assumido, nem pela acquiescencia do silencio.

Já amei as letras, como quem aos 20 annos ama tudo quanto falla aos grandes instinctos do coração. . . Fizeram-me sustos; fallaram-me em nome não sei de que *positividades*, e abandonei os jardins litterarios, dos quaes começára a ser humilde, porém sincero cultor.

Hoje não sou litterato (e talvez houvesse conseguido sê-lo), e não sei — o que sou.

Assim, o que posso fazer no Conservatorio Dramatico?

Installado este gremio, quando me achava fóra da provincia, tendo-o encontrado, na minha volta, como que asphyxiado, assisto hoje á sua resurreição.

Inimigo de associar-me, quando não sinto forças, embora pequenas, para o concurso, que de mim têm os consocios direito a esperar, venho dizer poucas palavras, que serão como que a profissão da minha obscura fé litteraria, com relação aos fins do Conservatorio: a conclusão d'essas poucas palavras, conclusão que a lealdade me impõe, será pôr á vossa franca disposição, meus illustres collegas, a cadeira, que tão indevidamente me destinastes.

A poesia, como disse o visconde de Bonald, depois de muitos, embora com a elegancia de poucos, é, como a pintura, uma arte de imitação; e, quer exprima sentimentos, quer celebre acções, quer descreva imagens, jámais pôde cantar, exprimir ou descrever, senão o que existe, ou simultaneamente em um mesmo sujeito, ou separadamente em diversos.

São os costumes o objecto da poesia dramatica, isto é, os pensamentos e acções do homem em sociedade. Os costumes começaram com o homem, e antes de toda a poesia dramatica, como os sentimentos existiram antes de toda a poesia lyrica, como as imagens e accidentes da natureza physica antes de toda a poesia descriptiva.

Conforme os dous estados do homem em sociedade, publico ou privado, são os dous generos de dramas: o tragico para os costumes publicos, o comico para os costumes privados.

Antecedendo os costumes, é visto — que estes influem sobre o theatro, e não o theatro sobre elles. A historia da litteratura dramatica ahí está para confirmá-lo.

E assim, o drama deve ser a expressão dos costumes, sob pena de ficar fóra da verdade, e de perder por consequencia a sua razão de ser.

Mas, uma cousa é o theatro, uma cousa é o drama, tragico ou comico, na qualidade de peça litteraria, como livro nos raios das estantes dos livreiros ou dos homens d'estudo; outra cousa, e muita diversa, é o espectáculo.

Todos nós temos ouvido e repetido a expressão *effeito scenico*, em relação a uma peça theatral.

O theatro, diz o visconde de Bonald, é o prazer, e pôde ser a instrucção do espirito; o espectáculo é o divertimento dos olhos.

Em geral, é o publico dos theatros composto de pessoas desattentas; de homens que vão procurar, não o ensino, e sim a distracção; do sexo que mais pensa com o coração do que com a cabeça. No espectáculo quasi que só entram em jogo os sentimentos physicos e moraes: nada de apreço ao modo de dizer, nada de entendedores das regras da arte, nada de critica litteraria. Agradou ou não agradou a peça — eis a questão.

E pois, pintura verdadeira dos costumes publicos; mas, sempre acompanhada de critica severa dos máos costumes — tal a verdadeira missão do drama.

Assim, quando empresarios e conservatorios dramaticos se dão as mãos e conspiram, para que uma criminosa condescendencia com a depravação moral, ou

um sordido calculo de especulação industrial, não façam do espectáculo um incendio dos sentidos, uma escola de familiarisação com o vicio, embora elegante, embora arrebicado com as tintas da moda, empresarios e conservatorios fazem o seu dever, bem merecem das lettras e da parte cordata e moralisada da sociedade.

Quando, porém, escravos d'uma escola chamada *realista* ou *moderna*, d'uma escola, que está sempre prompta a *interessar* o espectador pelo vicio, pela depravação do coração, cobrindo com uma falsa caridade as ulceras, para descobrir sómente o lado interessante da Messalina ou do Lovelacio, que lá teve o seu lucido momento. . . . então fazem das quatro taboas do palco um instrumento de corrupção, um veneno subtil, que infecciona pelos olhos a parte menos pensante da sociedade, que é a grande parte.

Esta escola *moderna*, esta escola das *camelias* e das *bohémias*, é uma chaga social. . . . Pouco falta, que vejamos no theatro o tripudio das bacchantes ou a nudez das bellezas paganicas. . . . E não seria d'espantar: seria *modernismo* e *realismo*, porque na *Bohemia* de hoje tambem ha bacchantes, tambem ha bellezas núas. . . .

Já o dizia o profundo pensador, que mais d'uma vez hei citado: " Ainda hoje é tal a ignorancia de todos os principios de moral privada e de conveniencia publica, que se não teme — apresentar em scena cortezãs celebres, e expor ao publico reunido pessoas infames, como personagens interessantes: desordem autorisada pela licença dos costumes paganicos; mas, que a dignidade severa da moral christã havia banido do theatro, e a administração havia desterrado nas sombras, para longe dos costumes publicos. "

Eis, Senhores, em rapidos traços, como entendo a missão do theatro; eis as idéas que trago para o Conservatorio.

Se me valerem ellas o anathema da *escola moder-*

na, da escola dos escandalos, da escola que exhibe os viciosos e os criminosos sempre pelo seu lado *grandioso*, tendo sempre á mão o manto esfarrapado da misericordia dos alcouces, da triste condescendencia de convivas que se embriagam na mesma taça, valer-me-hão o martyrio litterario por bem da moral do Evangelho, por bem da pureza dos costumes privados e publicos: estarei pago demais.

Bem entendida caridade com o vicioso; nunca, porém, com o vicio. E' preciso levantar uma barreira contra essa frouxidão de brios e integridade moral, que faz com que modernamente o criminoso e o vicioso sejam apenas *infelizes*. Não é caridade isto: é complicitade. O severo Donoso Cortés desenhou com sua mão de mestre esta phase da actividade social.

Ai da sociedade, em que o tablado do palco não supportasse o peso da moral christã!

Os conservatorios dramaticos em tal caso, ou deixariam de ser, ou se fariam complices.

Espero, meus illustres collegas, que este gremio, nem deixará de ser, nem pagará pela complicitade.

A MADRESILVA *

Assim o quizéstes, meus jovens amigos, assim o tereis.

Porque não procurastes algum director, que os temos tantos, muito mais competente do que sou ?

Simple litterato amator nas minhas primaveras, o que serei hoje no começo dos meus invernos ?

Porém, vá. Não sei resistir aos moços, que me pedem um esforço a bem de seu adiantamento intellectual: pobre, como sou, reparto sempre o meu pão.

De mais, honras não se pedem, e tambem não se recusam.

Apresento ao publico com todo o prazer a vossa mimosa *Madresilva*.

Que façais d'ella um lábaro de regeneração da litteratura, que em geral corre por ahi armando estafadamente a um idéal sem genero nem sexo, do que resulta o mais alvar materialismo da mentira e do paradoxo — eis o que desejo quanto aos homens.

Que façais d'ella um cofre de finissimas joias, como o coração de uma mulher *sensitiva*, cujas perennes pal-

* Carta aos redactores da folha litteraria, a que já tive occasião de referir-me. A *Madresilva* foi publicada em 1869.

pitagões traduzem a aspiração de um amor idéal como o dos anjos, cujas fibras estremeçam ao mais ligeiro contacto das brisas do mundo — eis o que desejo quanto ás senhoras.

E fio que podereis faze-lo, dos vossos talentos e da vossa modestia.

A modestia é o orvalho, sem o qual a arvore do talento não dará flores com perfume, nem fructos com sabor.

Alguns de vós conheço eu, e affianço sem receio; dos outros tenho a melhor noticia, e tranquillisa-me o vê-los na companhia dos primeiros.

Coragem, pois! E a mimosa florinha, a vossa *Madresilva*, achará muita mão de homem que a proteja, muito seio de mulher que a resguarde. Achará; que Deus ampara sempre os nobres e conscienciosos esforços.

Os autographos, que submettestes á minha apreciação, muito me fallaram a vosso favor.

Essas *Reflexões historicas*, descansando na Biblia, caryatide immensa, trabalhada pela mão de Deus, para sustentar as architraves do mundo;

Essa evocação de *Gilbert*, o genio baptisado no Jordão da desgraça;

Thecla, a primeira incarnação martyrisada do amor de Christo, sob a fórmula de mulher;

O admirado H. Heine, concorrendo com *A ultima Primavera*, uma das suas mais apreciaveis phantasias;

O enlace fraterno entre *A flor e a brisa*:

Eis, entre outros, seguros fiadores, de que terá sido uma honra para mim o haver apresentado ao publico a vossa *Madresilva*.

A mocidade, meus jovens amigos, é como a tocha do proverbio indiano, cuja flamma, por mais que se a volte, aponta sempre para o céo. Trabalhai, e contaí com o meu fraco esforço, ao menos para applaudir-vos.

E aos que vos dissérem, que aqui estais divorciados dos labores da sciencia, respondi, apoutando para Chopin, Pasquier, Camus, e tantos outros — respondi, que a sciencia é um jardim, que o jardim não encanta sem a flor, e que a flor é a litteratura.

Que seja a vossa *Madresilva* uma flor digna do jardim pernambucano, este o meu ultimo voto.

A FACULDADE E O POVO *

Convidado pelos jovens redactores d'esta folha para apresenta-los ao publico, algumas hesitações soffreu o meu espirito, sendo a minima d'ellas — poder-se dizer que dou a mão a movimentos de turbulencia, quando devo ser dos primeiros a dar lições de maxima prudencia á mocidade.

Apparece esta folha logo depois dos tristes acontecimentos de 26 de Abril. Espectador mudo d'essa tragi-comedia representada por agentes da autoridade e seus apaniguados, tragedia começada pelo espancamento de um moço inerme, e concluida pelo acutila-

* Folha politica, publicada por academicos em 1867, logo depois dos deploraveis acontecimentos de 26 d'Abril. Esta introdução, como a da *Madresilva*, aqui as incluo, não pelo que valem litterariamente, que é quasi nada; mas, pelo que demonstram: - que nas minhas relações com os meus discipulos, se me faltam as forças para ser-lhes util, sobra-me a boa vontade; e principalmente — que perante os meus discipulos nada faço ou digo, senão com intuitos elevados, ao menos conforme os dictames da minha cabeça e do meu coração. Infeliz de mim, que preciso d'estar sempre a acautelar-me, quando tanta gente por ahi vive em doce paz comsigo, com Deus, e com os homens! São sinas. . . .

mento do povo que pedia justiça, comedia iniciada pelos modos conciliadores com que apresentou-se a autoridade, e concluida pelos saltos furtados com que se negou o facto de uma prisão em flagrante, que maior sacrificio do que esse silencio poderia eu, na occasião do enraivecido conflicto, fazer á minha posição de mestre? Quando as victimas, e o povo que as cercava, estavam cegos d'indignação, quando eu proprio não me sentia bastante calmo para aconselhar a calma aos outros? . . .

De 30 de Setembro para cá, dentro de pouco mais de meio anno, é a segunda vez, que nas ruas d'esta cidade, sem que precedam as admoestações legaes contra as reuniões illicitas, o povo inerme é carregado pelas baionetas. Se agora as victimas não foram parar á cadeia, houve o progresso de levar-se a investida não só ao ponto da reunião, mas tambem ás ruas circumvisinhas, entrando-se até pelas casas, ferindo-se até os incautos transeuntes, como aconteceu a um estrangeiro, que aliás passava muito retirado do lugar da reunião.

N'esta conjunctura, entendo eu, todos devem erguer-se; todos os que sentem os impetos generosos da liberdade devem levantar-se contra uma autoridade, que, em tempos chamados liberaes, quer fazer-se valer á turca, ameaça a cada momento, espingardeia pela mais ligeira reclamação popular.

Voltando aos redactores d'esta folha.

Agora, que o conflicto está passado, agora que trata-se de expôr ao paiz os progressos d'uma autoridade, que abusa tanto da força material, porque sente faltar-lhe a força moral, agora que a victima acabou de enchugar o sangue, e que os seus collegas pedem ao mestre que lhes aponte o caminho para um justo desafogo no campo da imprensa, o que deveria eu fazer?

Recusar-me? — Seria perder a occasião de fazer-lhes um bem, dando-lhes alguns conselhos.

Dizer-lhes, que não fossem á imprensa? — A moços, que amanhã entram na vida publica, dizer que não usem do meio legal e pacifico da imprensa, seria conselho perdido e sem fundamento.

Quantos argumentos eu podêsse apresentar-lhes, para desvia-los da imprensa, seriam para mim—proprio outros tantos sophismas.

Assim, não tendo conseguido, que procurassem outro conselheiro, pois que a tarefa me assusta, sendo certo que — podem ser muitos os amigos com quem vivamos em paz, e nosso conselheiro um d'entre mil (Eceli. VI, 6), só me restava accèptar: era uma imposição da minha consciencia.

Por indole e por systema, inimigo das agitações mal inspiradas, não sou d'esses que pharisaicamente, em nome da ordem e do respeito á autoridade, querem reduzir as sociedades politicas a curraes de eunuchos. O conde de Ficquelmont, escriptor insuspeito do minimo peccado de liberalismo, diz o seguinte: — “ Ha um genero d'agitação, que produz a força; ha outro, que a aniquila. Ha guerras civis, que retemperam o character das nações; ha outras, que causam a sua perda. ”

Até as letras sagradas, a que recorri, não me consentiam aconselhar a abstenção da imprensa, e recusar o meu tenue auxilio para que o recurso da publicidade não fosse desaproveitado.

Justè quod justum est, persequeris (Deuter. XVI, 20). Procurar o desaggravo da lei, a desaffronta da moralidade publica, actuando sobre a opinião pelo meio legitimo da imprensa, é querer uma cousa justa por um meio justo.

“ Se vires, que se atropella a justiça em alguma provincia, não te admires. . . . A'cima do que está alto, estão outros. . . . E ha um rei, que impera sobre toda a terra (Eccles. V, 7 e 8). ” Ora, é precisamente afim de appellar para *os que estão mais alto*, que serve o meio legal da imprensa.

“ O Senhor detesta — mãos, que derramam o sangue innocente (Prov. VI, 17). ” O sangue innocente foi derramado; e nada mais coherente do que indigitar á reprovação publica as mãos que o derramaram.

“ Não disputes com o colerico, e com o atrevido não vás ao lugar solitario, porque elle nenhum caso faz de derramar sangue; e *como não tens quem te valha,*

elle te fará em migalhas (Eccli. VIII, 19). E' para que os atrevidos não acreditem, que ninguem valerá ás victimas incautas, que serve principalmente a imprensa; é para que outro joven esperançoso e morigerado não se veja em riscos de ser feito em migalhas na praça publica, que tudo deve ser trazido á luz da publicidade.

Tudo, porém, deve ser feito com toda a pausa e reflexão possiveis. Prometteram-m'o os redactores d'esta folha, e eu registro a sua promessa perante o publico.

A colera, todos o sabem, ou antes todos o sentem, é pessima conselheira. Conta José de Maistre o seguinte:

“ Platão teve por muito tempo o bastão levantado sobre um escravo seu, e isto, dizia elle, para castigar a sua propria ira. Archytas, sentindo-se contrariado pelas faltas dos lavradores de seus campos, disse-lhes retirando-se: — A vossa fortuna é estar eu encolerizado. ”

Sirvam tão bellos exemplos d'espelho aos redactores d'esta folha. Só domina os outros homiens quem domina a si-proprio.

Sahindo do circulo dos acontecimentos de 26 de Abril, e por ventura dissertando sobre outros publicos negocios, os redactores d'esta folha não esquecerão, eu o espero, que são jovens e inexpertos, e que não devem atirar muito longe a sua barra em caminho tão escabroso.

Tenho dito demais para justificar o apparecimento d'esta folha, e a assignatura do meu nome nas suas primeiras linhas.

Lembrem-se os que tratam de leve estas *historias d'estudantes*, que trata-se de uma corporação, a qual, além do que promete no futuro, tem no passado gloriosas tradições.

Não foi *historia d'estudantes* essa briosa e denodada arregimentação dos academicos d'Olinda, concorrendo para salvar esta capital das garras da anarchia em Setembro de 1831, apossando-se da fortaleza do Brum, e retomando o bairro do Recife.

Não foi *historia d'estudantes* essa valente caval-

laria, que em Novembro de 1832 fazia a guarda avançada do benemerito Francisco Jacintho Pereira.

E entretanto em 1848 (tanto impera nos moços o sentimento da lei e do dever!) a infeliz revolução praieira viu-os impassiveis, apesar da pronunciada sympathia d'idéas.

Não têm sido *historias d'estudantes* todos esses feitos dos academicos do Recife, organisando associações scientificas e religiosas, combatendo o bom combate, sem exclusão da luta fraternal das idéas, e contando sempre á sua frente muitos de seus mestres.

Finalmente, não foram *historias d'estudantes* os serviços d'esses moços, que ha pouco lá foram ter aos campos do Paraguay; e o offerecimento generoso d'esses outros, que em passeios triumphaes n'esta cidade tinham o nobre orgulho de ver á sua frente o seu futuro chefe, meu illustre mestre o Exm. conselheiro Dr. Trigo de Loureiro: *historia d'estudantes* essa, de tal magnitude, que o Exm. Sr. conselheiro Loureiro, symbolizando a mocidade academica, foi honrado, elle aliás já tão carregado de serviços, com a primeira condecoração, *por serviços prestados á integridade do imperio* . . .

Que agora censurem-me. . . Tocou-me *um dia máo*. São caprichos da sorte, que não me aterram . . .

Sinto, que incidentes inesperados viessem perturbar a mocidade academica na tranquillidade dos seus estudos; mas, já que me não é dado fazer parar o carro, comprehendam todos, que o meu desejo seria dar-lhe a direcção mais conveniente.

Que ao menos resulte um bem, de todos os males que estamos vendo: o compenetrar-se a autoridade de que todo esse castello de *força moral*, que de presente intenta levantar sobre a areia, é semelhante a essa pyramide de Cephrem, de que falla C. Cantu: ha de chegar o chronista, e como Belzoni, depois de muitos esforços, irá encontrar no bojo da enorme construcção o esqueleto de um boi.

Cousa grande e difficil deve operar-se em nossos dias, para que a dissolução social não seja completa: a regeneração do systema representativo, a moralisação das normas liberaes.

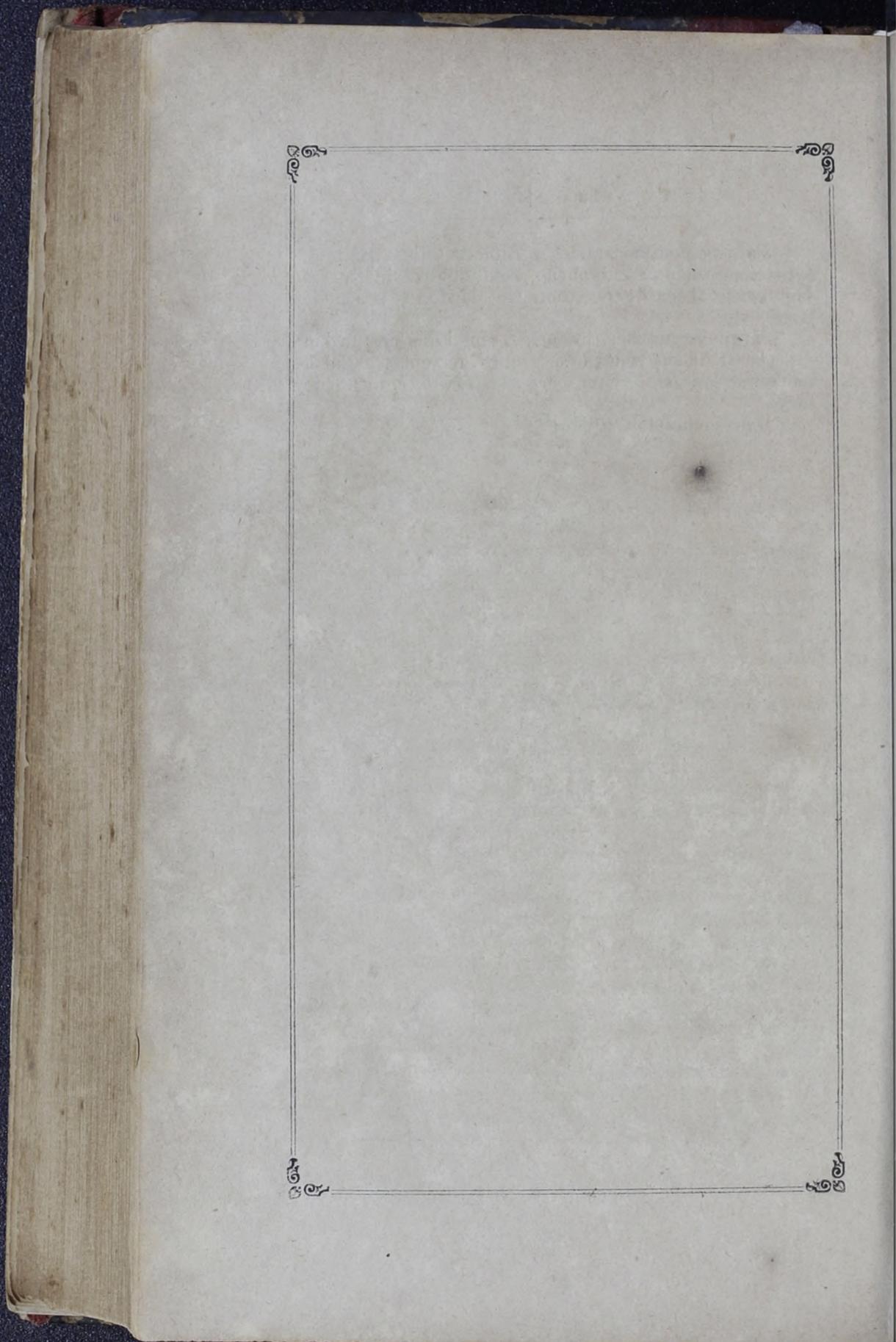
Para as cousas grandes e difíceis, disse Balmés, é preciso — lenta combinação, vontade decidida, acção vigorosa : cabeça de gelo, coração de fogo, braço de ferro.

Já que os actuaes timoneiros como que nos fazem desesperar de sua reflexão e vigor, deixemos fallar a mocidade, que essa, com certeza, tem o coração de fogo.

Deus completará a obra.

Lido-4-3-925

FIM



INDICE

	PAG.
DEDICATORIA	5
ADVERTENCIA	7
LINHAS DE PRECAUÇÃO	13

DISCURSOS

Na Cadeira d'Economia Politica, em 1859.....	41
Na Cadeira de Direito Publico, em 1864.....	51
No doutoramento do Sr. G. de P. Baptista, em 1866	80
No doutoramento do Sr. J. J. T. Belfort, em 1867	89
No doutoramento do Sr. A. C. A. Guimarães, em 1870.....	95
No Atheneu Pernambucano, em 1858.....	110
No Atheneu Pernambucano, em 1859.....	119
Na sociedade Onze de Agosto, em 1862.....	129
No Congresso Litterario Juvenil, em 1863.....	135
Na Arcadia Pernambucana, em 1869.....	141
No Gabinete Portuguez, em 1868.....	145

	PAG.
No Gabinete Portuguez, em 1869.....	152
No Gabinete Portuguez, em 1870.....	170
No Instituto Archeologico, em 1867.....	185
No Instituto Archeologico, em 1869.....	205
No Instituto Archeologico, em 1870.....	228
No Instituto Archeologico, em 1871.....	234
No funeral de Feitosa, em 1868.....	248
No funeral de Nunes Machado, em 1863.....	253
No funeral de Nunes Machado, em 1866.....	258
No funeral de Nunes Machado, em 1867.....	263
No funeral de Nunes Machado, em 1868.....	271
No funeral de Nunes Machado, em 1869.....	275
No funeral de T. Ottoni, em 1869.....	278
No funeral de T. Ottoni, em 1869.....	285
Na sessão funebre da Arcadia (T. Ottoni), em 1869	291

DIVERSOS ESCRIPTOS

RAZÃO D'ORDEM.....	303
A "Opinião Nacional" e o seu redactor.....	309
Brasil americano.....	346
A guerra do Paraguay.....	366
Sobre uma carta do conselheiro Saraiva.....	397
A idéa liberal no Brasil.....	417

APPENDICE

No Instituto Archeologico, em 1865.....	429
No Lycêo de artes e officios, em 1871.....	433
Perante os restos de Maciel Monteiro, em 1870	440
No Conservatorio Dramatico de Pernambuco, em 1866.....	443
A Madresilva (1869).....	448
A Faculdade e o Povo (1867).....	450

RECTIFICAÇÕES

Fiando que o leitor desculpará e corrigirá, no correr da leitura, alguns defeitos orthographicos e typographicos, e mesimo de redacção, rectificarei apenas as seguintes faltas mais notaveis :

— Na 4.^a pag. da *Advertencia*, linha 3.^a, em vez de *refundidos* lêa-se *retocados*. Com effeito, apenas retocados, e muito ligeiramente, foram os artigos da *Opinião Nacional* incluídos na segunda parte d'este livro.

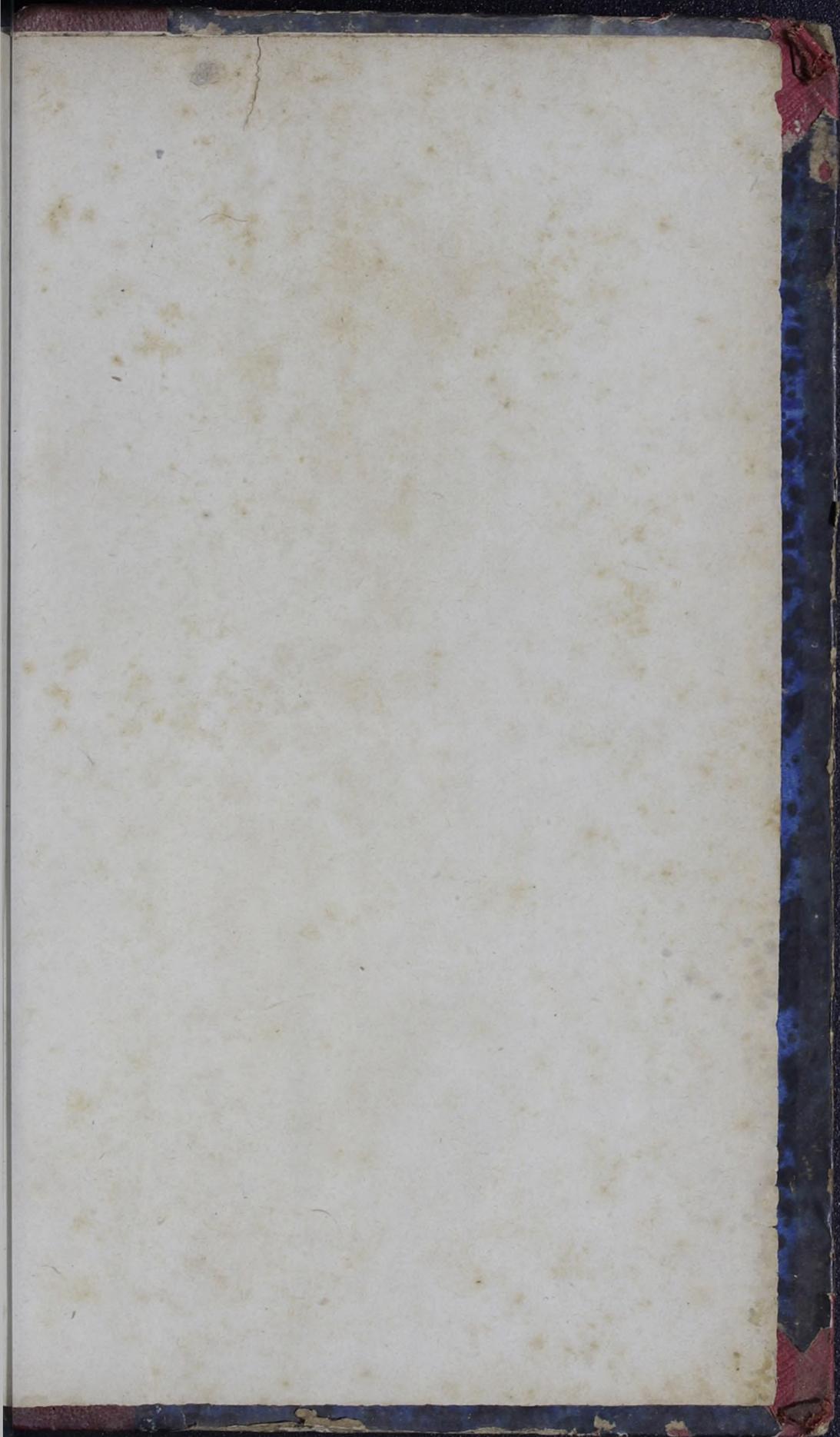
— Na pag. 27 foi invertida a ordem das duas notas.

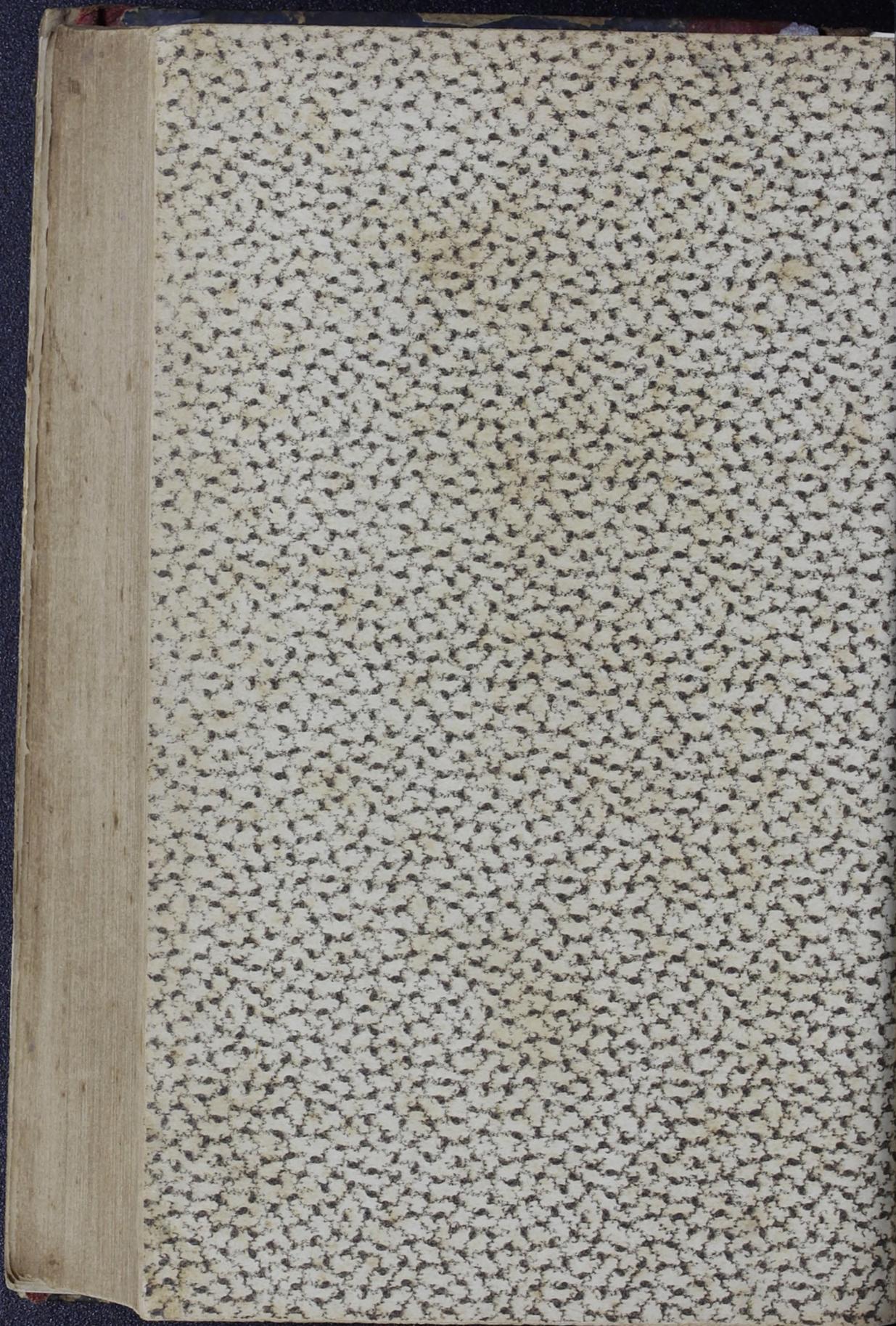
— Na ult. linh. da pag. 331, depois de *foram* lêa-se *em* 1840.

— Em certa pag., de que não tomei nota (e que não posso determinar agora) chamei de corrupto e corruptor o *deixar fazer* em politica. Referi-me á indifferença do povo, quando é *explorado* pelos governadores, e deixa-se na inercia, tudo esperando da acção do tempo: fallei só e só n'este sentido, o que aliás é evidente do contexto. No entanto, importava muito, que eu tomasse todas as cautelas contra as falsas interpretações; porque o *deixar fazer*, entendido como deve ser, é a minha maxima na sciencia economica, e na politica: leis e acção governativa de qualquer especie — na menor dóse possivel.

Em summa: creia o leitor, que não podia ser mais apurada uma revisão incetada, e em grande parte feita, por entre as lutas de gravissima enfermidade; a qual, ajudada pela minha pobreza e por instigações benevolas d'amigos, obrigou-me a pedir á assembléa geral uma licença com todos os vencimentos, o que me valeu uma tremenda *mercurial* do presi-

dente do senado. . . . A seu tempo analysarei o sublime rapto de zelo pelos dinheiros publicos, da parte de quem tão amplamente os dispende em bastões a Troplong, e em quadros e painéis para dar arrhas de cortezão ex-liberal, e encher as salas do senado de *mentiras historicas*, na phrase de Ch. Barthélemy. S. Exc. perdeu o direito ás minhas attenções, desde que, pondo em duvida as minhas allegações, e as asseverações dos meus amigos, confundiu-me na turba *dos que pedem por pedir*, e aliás nunca provocaram a sapiencia arithmetica de S. Exc., obtendo por ventura a sua acquiescencia. . . . Na hypothese, gemeria o presidente do senado com as suas, ou com alheias dores? . . . Molière ! Molière ! Quem te resuscitasse aqui no Brasil ! . . .





090
S58 d

